

EDIO RIEDI



**A GARGANTA
DO DIABO**

2ª Edição

Sara estava participando dum seminário em Foz do Iguaçu.

Ao conhecer as Cataratas, defrontou-se com misteriosa visão sobre aquelas revoltosas águas.

A Garganta do Diabo fez-lhe devanear num emaranhado amoroso com Paulo Sérgio.

Desse encontro surge o desenrolar do romance.

Paulo Sérgio, empresário, é membro de uma Organização denominada "Polvo de Fogo", a qual tem como cunho a contravenção, negócios clandestinos e envolvimento com crimes, cujas vítimas sempre descem nas correntezas das Cataratas.



EDIO RIEDI

Nasceu em Arvoredo, São João del-Rei, SC em 1969
Estudos primário - Xaxim, SC
Técnico em Agrimensura,
pela ETEFESC, Florianópolis, SC
Bacharel em Administração
de Empresas, Pato Branco, PR
Autor do Livro "Olhar Fruticolor".



A

Garganta do Diabo

**EDIO
RIEDI**

**A
Garganta do Diabo**

Título:

A Garganta do Diabo

Autor:

Edio Riedi

2001 - 2ª Edição

Todos os direitos reservados ao autor
inclusive os de reprodução integral ou parcial

Capa, Diagramação, Impressão e Acabamento:

GRAFIT - Artes Gráficas e Editora Ltda.

Fone: 46 524.5998

e-mail: grafit@wln.com.br

Francisco Beltrão - PR

Licença para publicação domínio público:

A GARGANTA DO DIABO by EDIO RIEDI is licensed under a Creative Commons Atribuição-Usos N  o-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License.

A GARGANTA DO DIABO

A névoa proveniente das Cataratas mal refletia a luz do sol, quando Sara aproximou-se da Garganta do diabo para admirar o colosso que a atraía. Parecia um gigante a querer seduzir, ora belo, ora rude, mas temível para seus olhos.

Sara participava dum seminário sobre a Estrada do Colono e Ecologia em Foz do Iguaçu. Como os debates recomençariam somente no período vespertino, ela aproveita para conhecer as Cataratas, tidas como uma das maravilhas da natureza. Primeiro visita o parque com suas árvores frondosas. Vê os quatis que se alimentam junto aos turistas. Sobre um galho observa um exótico tucano, pássaro político, e finalmente contempla a ita de águas que se precipitam sobre as rochas limosas num temível, mas maravilhoso estrondo.

Há em Sara o desejo de conhecer, tocar, poder descer, como a espuma que desliza mansamente. A névoa umedece os olhos e subjuga a alma. O arco-íris embala o sonho de quem ama a vida e se encanta com a natureza.

Subitamente Sara avista uma imagem de mulher andando sobre as águas, Vem à mente o mistério, a recordação das lendas indígenas. Os Caingangues acreditam que almas de índias, em festas, aparecem para contemplar a beleza e o encontro das águas em dias de cheia, aludem embevecidas pelo amor de Marte e Vênus. Então, Sara deixa-se envolver pelos mistérios, recorda-se dos contos de infância e vê tal imagem sumir no leito.

Quando Sara se volveu a contemplar nova paisagem, notou haver alguns rapazes a mirando. Dentre esses, destacou-se o mais próximo, vindo a seu encontro.

Sempre havia sido assim, toda vez que faz um passeio, aparecem homens querendo conhecê-la. Dessa vez um simpático cavalheiro.

- Gostando das Cataratas? Ofereceu-se ao diálogo, Paulo Sérgio. Demonstrando estar preocupado que Sara houvesse acompanhado a queda de uma pessoa na Garganta do Diabo.

- Muito bela! Parece-me mágica toda paisagem.

- Primeira vez que vens aqui? Retornou Paulo Sérgio, convencido de que Sara havia se interessado por sua companhia.

- Sim, estou passando por aqui uns dias e resolvi conhecer este lugar tão famoso, só não esperava encontrar

alguém assim interessante! Observou sem cautela, como de costume.

- O que vens fazer em Foz do Iguaçu?

- Eu e duas colegas estamos concluindo o curso de Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina. Como nosso trabalho de conclusão é justamente sobre as relações dos povos diante das mudanças climáticas, impacto ambiental, preservação de espécie, enfim assuntos que serão debatidos nesse seminário aqui. Aproveitamos o ensejo, e viemos participar.

- Que bom! Então gostaria de convidar vocês a conhecerem os demais pontos turísticos da cidade. Como Itaipu, por exemplo! Estamos iniciando um novo empreendimento. Táxi aéreo: Pequenas aeronaves, incluindo helicópteros.

- És empresário desse ramo?

- Bem, não posso dizer que sou o possuidor da empresa. Meu tio é o comandante. Mas posso afirmar que sou colaborador, então se te oferecer um passeio; é certo que tens que acreditar.

- Lógico que acredito! Estou vendo que tens intenção de me agradar. Só posso aceitar se levar minhas colegas também. Argumentou Sara, vendo que Paulo Sérgio facilitava deveras suas ofertas.

- Não há problema, desde que prometes que depois do passeio haverá um tempo para nos conhecermos melhor!

- É bom! Podes ficar tranqüilo que teremos todo tempo que desejares.

Um pequeno brilho surge no olhar, como se deseja afagar as mãos, abraçar no impulso posterior. Assim Sara gostaria que fosse começar aquela manhã.

*

Numa pequena mostra, Sara agradeceu-se diante às amigas. Sim um passeio apenas e logo encontrou um belo admirador para os dias de seminário. Havia em Sara o verdadeiro ímpeto do entusiasmo, nascera sob o signo da liberdade, gaúcha de Canela, desde pequena freqüentou as passarelas com sua esnobe beleza. Agora desfruta de invejável silhueta de modelo, seus olhos claros esmeraldinos, de origem italiana, sua pele adquiriu tonalidade morena, mantida sob cuidados extremos, tanto pela mãe, quanto por estilistas.

Estavam hóspedes do Foz Presidente Hotel. As três colegas preferiram o mesmo quarto, já que a permanência seria curta e as fofocas colocadas imediatamente em dia.

Rosana um pouco mais reservada, era a que se interessava pelos trabalhos, queria estar sempre atenta aos assuntos do seminário. Filha de açorianos, nascida na Ilha de Santa Catarina, levada sempre sob a égide familiar, a tranqüilidade da vida ilhoa. Os aniversários, as Missas, a praia, os passeios, o Colégio, a Universidade, o futuro emprego, o casamento e os filhos. Não seria o paraíso! Sim, alcançado pela bisavó, avó e mãe de Rosana. Por que ela não pode sonhar com esse futuro?

Por fim a bela e doce Mônica, alemã de Blumenau, a Vera rainha da October Fest, com todas as nuances da colônia; loura, olhos azuis, esbelta, caprichosa no vestir e delicada no falar. Bastava um olhar e conseguia as facilidades das conquistas amorosas, contudo as ofertas de passeios como esse seminário.

Sara saiu do banho envolta na toalha, cantarolava apenas para suas colegas perceberem que tudo estava se encaixando.

- Que tal o passeio? Perguntou Mônica.

- Uma maravilha as Cataratas! São mesmo bem diferentes que ver na televisão. Vocês deviam conhecê-las.

- Estou te achando alegre demais, não acredito que tenha sido somente pela paisagem, acho que algo mais aconteceu!

- As coisas estão dando certo, Mônica. Sabe, conheci um carinha, ele nos convidou a passear de helicóptero!

- O quê? Intrometeu-se Rosana. Helicóptero!

- Sim, a nossa colega já conseguiu um admirador. Retornou Mônica. Que bom, dessa vez lembrou de nos convidar.

- Mal agradecidas, sempre tenho ótimas opções, vocês que jamais me convidam.

- Sara tens certeza que esse cara vai nos levar só a passeio? Viste bem! Preocupou-se Rosana.

- Gostei do jeito dele. Acho até que vai rolar uns beijos! Brincou Sara, sorrindo meio a contra gosto.

- A mesma história de sempre, Sara. Dessa vez é pra valer! Sai com o cara algumas vezes e em poucos encontros, termina o romance! Refletiu Mônica.

- Que pena que pensas assim! Pareceu-me interessante, você vai conhecê-lo. Argumentou Sara.

- Então quando vamos voar? Retornou Rosana.

- Não podemos perder muito tempo. Marquei pra hoje à tarde.

- O seminário? Lembrou Rosana.

- É mesmo! Você acha que eu ia me lembrar? Posso marcar pra amanhã.

- Lembrou ao menos de pedir o telefone? Perguntou Mônica.

- Claro! Né! E vou ligar agora. Decidiu-se.

Em sua primeira conversa, Paulo Sérgio havia manifestado apenas seu modo afetivo e cordial. Tudo que tinha dito não passou de alguns galanteios à conquista. Como Sara poderia perceber, naquele instante, toda ladainha de preocupações que suas colegas lhe atribuíam? Por essas razões, Sara lembrava das poucas palavras e preparava-se à palestra da tarde.

O sonho só nos aproxima das nuvens em contos alusivos aos seres alados do universo infindo. Onde suas longas caudas beijam os astros perdidos na imensidão.

Esse sempre fora o verso que Sara lembrava-se ao pensar nos aviões. Agora estava diante ao ser alado, um helicóptero, que a levaria às nuvens. Seria o fim do sonho e o começo de nova experiência.

Com regozijo as três colegas adentravam no aparelho, eufóricas pela novidade e o medo que contrasta nessas horas. Todas se imaginavam, ao seu modo, como seria voar; os preparativos: a costumeira ligação à mãe, a máquina digital para o registro e por fim o sorriso que sai aos borbotões.

Para Sara voar sobre as Cataratas parecia-lhe retornar à infância e ver o verde das matas, as cores alegres das flores, o brilho das águas mansas do Caracol, em Canela.

Porém o medo, a falta do chão, as mudanças bruscas de direção mantinham-na presa às mãos das colegas. Então via o verde campo do Parque do Iguaçu com seus matizes e ao redor o vermelho chão do desmatamento. A agricultura do Oeste Paranaense, com toda tecnologia, avançando sobre as matas. Ao longe surge o rio Iguaçu caudaloso, com seus afluentes embebendo-o de poluentes, até perder-se naquele emaranhado de rochas mal definidas; formando as Cataratas.

O helicóptero alterou seu curso, então Sara pôde conhecer a famosa Usina Hidrelétrica Itaipu, que se apresenta como um gigante revestido de alvenaria atravessado sobre o leito do rio Paraná. Deixando um mar aberto a forçar-lhe, gerando riquezas com sua energia.

Por fim uma passagem rasante sobre a ponte da amizade, ligação entre Foz do Iguaçu e o Paraguai. Vê-se o fluxo de sacoleiros apressados às compras no país vizinho.

Paulo Sérgio em todo passeio percorreu sobre as paisagens, os pontos turísticos, suas aventuras junto a seu tio Ubaldo Oligari. Nesse último assunto deixou algumas arestas que não estavam dentro da análise preliminar das colegas.

Quando Sara preparava-se a fazer algumas perguntas notou que o piloto manobrava o aparelho para o pouso. Então o solo apareceu finalmente sob seus pés e a certeza de estar no heliporto a deixou aliviada.

- Chegamos! Que tal a nossa cidade, Sara? Sorriu Paulo Sérgio.

- Amei! Valeu a pena, o que mais posso esperar?

- Que bom! Agora quero deixar vocês no hotel, mais tarde combinamos um jantar.

Capítulo dois

Entre a dúvida de uma visão e a certeza do fato real, há o tempo, somente ele demonstra a verdade. Embora ninguém encontre a essência dessa fórmula, pois o ato poderá ser desvendado, mas a verdade sempre será contestada.

Ao embarcar no helicóptero, Sara notou haver algo estranho. O piloto: Sim, ele estava no grupo que observava diretamente às imagens que se formavam nas correntezas, no dia que esteve nas Cataratas. Um outro senhor gesticulava, apontando em direção às correntezas. Em seguida ordenou que saíssem. Sara notou que somente Paulo Sérgio restou do grupo.

Paulo Sérgio em todo passeio não se reportou ao piloto, parecia que seu comandante sabia os pontos que podiam sobrevoar. A cada pergunta; havia uma prévia resposta e não houve menção aos fatos. Discorreu sobre os mais diversos assuntos: os primeiros anos junto a Ubaldo no ramo madeireiro. A súbita ascensão junto a empreendimentos comerciais. Facilidades encontradas no comércio com os países vizinhos; principalmente com o Paraguai.

Sara decidiu-se não comentar com as colegas o motivo de sua preocupação. Deixar os fatos rolares e lucrar com os descuidos de Paulo Sérgio. Já que o considerou agradável, charmoso e prestativo, Homens similares costumam facilitar algumas conquistas, talvez encontre uma ocupação a seu lado.

Paulo Sérgio ao deixar as convidadas no hotel, antes das despedidas, convidou Sara a conhecer o escritório da madeireira onde trabalha.

A impressão de Sara era que Paulo Sérgio a levaria num daqueles escritórios conhecidos de madeireira. Um compartimento construído ao lado daquelas máquinas barulhentas cheias de pó, onde se pode observar a luz do sol pelas frestas, formando desenhos. Uma escrivaninha, um armário sem pintura, duas cadeiras, alguns blocos de papel, uma máquina de escrever e geralmente uma garota para o atendimento.

Todavia, Paulo Sérgio, após atravessar as ruas calorosas da cidade, chegou diante a luxuoso edifício e adentrando, com sua companheira, deixou-a esperando numa confortável sala, diante a Dejara; a secretária.

Sara permaneceu um pequeno instante observando a decoração. À parede, verde clara, alguns quadros retratando a paisagem da região; rios, pinheiros, as antigas moradias de madeira e árvores nativas. O teto branco com cimalhas de gesso. O assoalho de madeira encerado. Uma mesa contendo: computador, telefone, alguns papéis e um caderno para anotações. Duas cadeiras e um sofá onde Sara estava assentada.

Dejara atendia os telefonemas, que eram muitos. Sara mal podia entender os assuntos, mas o qual pôde ouvir, não havia referência à madeira. Dizia somente “carga entregue”, “brilhou na garganta do diabo”, “os nelores”, “as verdes”...

Sara, definitivamente, conheceu o meio que estava colocando seu interesse. Devia controlar-se a perguntas e deixar

as águas rolarem. Não há como negar que esse empreendimento não estava de acordo à explanação de Paulo Sérgio: primeiro os passeios, depois os acontecimentos, as aparições, as desculpas superficiais, contudo; o medo. Não seria uma aventura, compreendia que havia algo mais a descobrir.

Por que tudo acontece comigo? Perguntava-se Sara. Quando está diante alguém que pode lhe fornecer dados sobre a região, auxiliá-la no trabalho escolar. Surge um mistério. Um homem com todas as referências físicas do prazer: belo corpo atlético, alto, olhos claros, italiano moreno e simpático. Contradiz-se na comprovação da profissão. Muito mais quando quer agraciar. Muda o discurso conforme o telefonema que recebe de Ubaldo.

Finalmente, Dejara recebeu a confirmação, que Sara podia adentrar na sala, onde Ubaldo e Paulo Sérgio a aguardavam. Uma atraente decoração. Às paredes novos quadros, pinturas de galos do artista plástico catarinense, Maier Filho. Havia amplo sofá, uma grande mesa com cadeiras, ao centro para reuniões.

- Sara deixe te apresentar meu tio Ubaldo. Sorriu meio contraditório, Paulo Sérgio.

- Prazer! Sara. Ofereceu a mão e o rosto às saudações, Ubaldo.

- O mesmo posso dizer Ubaldo! Paulo Sérgio deu-me boas referências. Acredito que não seja exagero.

- Ele pode estar certo, não sei sobre o quê falaram?

- Nada importante. Apenas sobre meu trabalho de conclusão do curso. Então ocorreu que devido ao seu conhecimento, poderíamos obter informações importantes a enriquecer nossa pesquisa.

Ubaldo volveu-se prestativo. Há muito não via diante de si tamanho encanto. Sempre que apareciam tais beldades, seu coração ficava generoso. Não há como negar que Sara tenha um carisma superior às damas costumeiras.

- Sara está participando do seminário sobre a Estrada do Colono e a ecologia da nossa região, tio. O quê tem a dizer? Reportou-se Paulo Sérgio.

- Tenho alguns professores conhecidos, Sara. Vou mandar fazer uma pesquisa sobre esse assunto e entregar mastigado a você. Quando meu sobrinho disse que vinhas, logo tive uma idéia melhor. Há tempo penso abrir uma filial em Florianópolis, aliás, tenho alguns negócios, mas nada concreto. Como meu sobrinho discorreu sobre o seu trabalho, pensei que poderia ser útil conversarmos.

Sara inclinou-se ao homem que foi apresentada. Quando Paulo Sérgio referia-se ao tio, pela ansiedade representada, Ubaldo seria casmurro, imponente e intolerante com seus subalternos. Todavia esses conceitos ofuscaram-se repentinamente e a impressão foi contrária, além de ser

charmoso, em torno de cinquenta anos, aparência conservada; declinou-se associativo e atraente.

- Em que poderia ser minha participação? Demonstrou certa insegurança na pergunta Sara, mesmo para dissimular que não compreendia, pois assim poderia aos poucos obter todas as informações sobre a real função desse grupo.

- Pretendo mandar Paulo Sérgio a Florianópolis. Vou expandir meus negócios imobiliários na Capital de seu Estado. Preciso de alguém para auxiliar que conheça bem o povo, dê um charme especial ao escritório, represente bem nossa empresa. Que tal você! Penso que seria um bom começo.

- Se for do meu alcance, bem que gostaria, espero não decepcionar. Só que não entendo de vendas imobiliárias!

- Receberá um treinamento, Sara. É assim que funcionam as empresas. Tens capacidade, porque acabas de se graduar num curso superior, o restante é adaptação. Vou confessar: tão logo entraste na sala, e, pelas dicas que meu sobrinho havia dado sobre você, não tenho dúvidas que minha escolha seja certa.

- Estou lisonjeada com meu destaque, resta saber se Paulo Sérgio também pensa da mesma forma?

- Eu? Se meu tio garante a você! Posso apenas afirmar que vai dar tudo certo.

Por mais que Ubaldo tentasse representar, que estava tudo dentro do mais harmônico diálogo. Sara percebia que as preocupações não condiziam com a pura verdade. Os olhares, as afirmativas, os telefonemas; tudo pairava nublado. Confirmava-se, Ubaldo era o mesmo que dava as orientações, gesticulava preocupado, no dia que Sara havia presenciado a queda daquela pessoa na Garganta do Diabo. Não seriam sonhos, nem imagens de índias revoltas em vidas passadas; mas sim alguém se perdendo nas entranhas rudes das cataratas.

Sara não contrariou as afirmativas de Ubaldo, no início do diálogo, para que Paulo Sérgio confiasse que ela atinha-se perceber o verdadeiro emaranhado encontrado. Via o brilho intenso do olhar, as facilidades apresentadas referentes ao trabalho e a oferta de emprego imediato, tudo proposto de forma delineada. O impulso de Ubaldo não se diferenciava a qualquer outro, muitos haviam agido dessa forma. Sara estava acostumada com essas repentinas ofertas e facilidades, sentia que Ubaldo poderia atropelar as intenções de Paulo Sérgio somente para obter o amor. Para tanto, esses detalhes seriam meros subterfúgios a persuadir o sobrinho a continuar colaborando.

- Quanto a meu trabalho escolar, Ubaldo. Qual seria a opinião dos empresários? Pergunto a sua, por exemplo?

- Os empresários cansaram de reivindicar essa estrada. Houve uma reabertura, mas a população não soube desfrutar dessa lacuna encontrada para o caso. Começaram a depredar as margens da via, retirando madeiras. Foram encontrados diversos caçadores e focos de queimadas. Contudo, uma luta política de

anos dos defensores da reabertura da estrada do colono, perdida nas mãos desses arruaceiros, que se ocupam de alguns baderneiros para provar que o parque deve continuar sem a estrada.

- Pelo menos não é a opinião dos palestrantes! Segundo eles essa invasão ocorre devido à falta de conscientização da população. Portanto deve permanecer fechada.

- Analise primeiro quem são os palestrantes! Eles não convidam os que verdadeiramente sabem o que ocorre nesse parque, convidam “os pazes verdes”, alguns professores ligados a essa opinião. Talvez um “sem terra”. É isso.

Sara logo entendeu que devia por um ponto final na discussão. A opinião de Ubaldo não lhe interessava mais.

- Por essas razões considero muito difícil a mudança do quadro que aqui se apresenta. Opinou Paulo Sérgio querendo se levantar do assento.

- Muito bem amigos, isso tudo não vai mudar nossas vidas. Tenho outras preocupações, Paulo. Espero que nossa amiga entenda. Preciso definir suas próximas tarefas.

- Tudo certo, tio. Depois do almoço deixo Sara no hotel e retorno.

- Espero que venhas mais vezes Sara! Pense bem sobre seu novo emprego! Convidou amigoso Ubaldo.

- Podes ficar certo que vou pensar. Sorriu apenas o bastante a que pensassem que não era excessivamente esnobe.

Sara sempre se posicionava assim: deixava que seus pretendentes a conquistassem com suas ofertas, usufruía de seus pertences por algum tempo, até que a chatice do convívio a cansasse. Depois devolvia o que fosse possível à liberdade. Seguindo a novas aventuras. Todavia o momento que se apresenta parece uma salsa ainda mais fértil a seu coração indelével ao amor. Excita-se ao pensar em Ubaldo, porque o quer colaborando a seus caprichos. E demonstra certo carinho a Paulo Sérgio; porque o quer nesse empreendimento. Sente que ele está apaixonado.

*

Em se tratando de gastronomia, nada mais experiente é o povo da Serra Gaúcha. Sara conhece a culinária servida nos cafés das cidades, onde se prova o melhor prato com os deliciosos sabores.

Mesmo assim devido à escolha de ofícios que requerem cuidados especiais com a alimentação, Sara logo teve que se abster de guloseimas e procurar as comidas leves; as frutas e verduras às iguarias típicas da região.

Paulo Sérgio sabe desses detalhes que se deve dispensar na hora de agradecer as convidadas aos restaurantes de Foz do Iguaçu. Existem as churrascarias gaúchas. Os restaurantes da culinária oriental. Pizzarias e bares a gosto. Todavia preferiu levar Sara provar da comida Síria Libanesa que também faz parte dos roteiros turísticos das Cataratas.

Sara aprovou a escolha. A casa parecia uma típica cantina, inclusive o aroma do bom vinho advinha na mistura dos pratos. O ambiente bem decorado com pinturas e móveis rústicos, enfim charmoso e acolhedor. Havia diversos fregueses; percebia-se que alguns eram estrangeiros.

Paulo Sérgio serviu-se de pouca monta em seu prato, enquanto Sara mal percebeu os deliciosos pratos atendo-se apenas nas observações que ouvia das mesas circunvizinhas. Dentre os que miravam constantemente, eram três companheiros de seu acompanhante. Logo que adentraram na sala havia notado que os conhecia.

- Seus amigos também freqüentam esse restaurante? Jogou as palavras Sara; sabendo que Paulo não os via.

- Tens que se acostumar com alguns que possa aparecer. Temos colaboradores é possível que gostem desse ambiente.

- Noto Paulo, que há algo estranho em você! Sempre tem alguém o seguindo. Quando se refere a Ubaldo a preocupação aumenta. Agora estão aqui umas pessoas que estavam contigo nas Cataratas. Há algo que não posso saber?

- São conhecidos nada mais! Trabalham a meu tio e coincidiu estarem aqui, aos poucos vamos nos conhecer melhor, vais perceber que são bons amigos. Respondeu tocando a mão de Sara, como querer apaziguar o diálogo. Sabia que ela apenas podia entender de moda, de assuntos de seu cotidiano normal. O quê poderia pensar uma garota sobre envolvimento perigosos, com faturamentos altos e vidas em jogo?

- Está bem não quero ser intransigente em seus assuntos. Deixa para me contar em outra ocasião. Sorriu fingindo haver aceitado as explicações.

- Que bom Sara, acho que começamos a nos entender. Vou levar você ao hotel, tens o seminário a tarde. Vou tratar alguns assuntos referentes a meu trabalho e a noite se quiser poderemos sair.

Capítulo três

Sonhos são mundos que habitam a alma de quem ama. As aventuras são estímulos que nos levam a procurar a essência desses sonhos, que é o projeto da vida. Mas o desejo de amar é o néctar que nos conduz ao ápice da longevidade. Os lábios quentes que beijamos com paixão; os olhos se encontrando com ternura, os corpos provando do elixir da sedução são acentos do bem viver.

Paulo Sérgio apressava-se nos detalhes, suas saídas com Sara ainda não haviam sido agradáveis, devido à intromissão de Ubaldo. Decidiu-se por um bom ambiente onde tudo o que poderiam conversar não se referisse a negócios.

Após o jantar, foram conhecer a residência de Paulo Sérgio, construída sob o que ainda resta de natural na paisagem

da cidade. Ficaram alguns momentos livres dos compromissos e da espreita dos colaboradores.

Então sim, Sara envolvida pela meiguice dos agrados de Paulo, aceitou beber um copo de vinho suave. O calor envolvia-os e aproveitando o tilintar das taças, Sara ofereceu seus lábios ao longo e terno beijo.

Paulo Sérgio aproximou-se ainda mais de sua musa encantadora, que ora o beijava; ora bebia com voracidade seu vinho. Num instante não se opôs mais às carícias, o desejo de amar crescia a cada gesto, a cada afago. Então Sara finalmente entregou-se seduzida pelo encanto da primeira noite ao lado de seu novo amor.

*

Mônica acabava de se assear, penteava os longos cabelos, dando os últimos retoques na maquilagem, quando Sara entrou na pequena sala do apartamento.

- Hoje vamos conhecer as Cataratas, Sara. Gostarias de nos acompanhar?

- É bom! Preciso renovar meu ânimo, quero respirar bons ares, ando muito confusa.

- Noto que andas dispersa com a pesquisa, não estás tendo tempo às aulas. Quase estamos no fim do seminário.

- É verdade Mônica, eu me ausentei um pouco das atividades, fico perdendo tempo com homens confusos que me ocupam com ofertas de emprego, oferecem amor e vida boa e sabes como sou; adoro essas facilidades.

- E como foi essa noitada?

- Fomos jantar depois finalmente Paulo me levou a conhecer sua casa. Não agüentava mais aquelas conversas sobre negócios. Ele tentou ser agradável, na verdade é um homem que precisa ser lapidado ao amor. Sorriu Sara.

- Que exigente Sara!

- Mais tarde alguém vai te fazer entender esses detalhes do amor!

- Estava ouvindo a conversa de vocês. Intrometeu-se Rosana vinda do banho. Quer dizer então que a festa foi longa?

- Qual nada! Mal consegui ficar sonhando que a noite fosse longa e deliciosa, o telefone dele soou e sabe aqueles compromissos! Aquela correria costumeira porque Ubaldo precisa resolver negócios! Então garotas! Foi uma procura total de objetos e adeus noite. Nem boa despedida, nem mais carinho.

- Pena, existe esses contra tempos quando se quer homens compromissados. Mas nem tudo deve estar perdido, algo de bom ocorreu e o amor deve ser mesmo assim; conquistado aos poucos. Socorreu-lhe Rosana.

- Nossa Rosana, como andas romântica! Admirou-se Sara.

- Você acha que nosso coração é de pedra? Também amamos. Inclusive quero que saibas de minhas pretensões: Estou de olho no palestrante chileno.

- Será? Aditou Sara. Sabe que não me ateve a observar, mas prometo que na próxima aula vou dar meu parecer.

- A programação é essa: vamos ao passeio, depois ao curso. Senão ninguém participa e o dia do fim se aproxima. Concluiu Mônica.

Capítulo quatro.

Ouvindo músicas para dissimilar o sono. Atento às dificuldades do trânsito e dos entraves das estradas. O caminhoneiro, Giovani Gasparini Nesi, trafega sobre a BR277 com seu bruto, (Scania 95 – 143H). Transportando um container com mercadorias diversas. Carregamento no porto Paranaguá, destino Foz do Iguaçu.

Giovani desde os dezoito anos, quando pôde adquirir a habilitação, sonhara ser caminhoneiro. Filho de agricultores da linha Jacaré, não se ateve à lida campeira e preferiu estudar na sede do município de Francisco Beltrão. Próspera do Sudoeste paranaense. Na cidade sentiu pouco alento aos estudos, preferindo empregar-se numa empresa onde pudesse logo sair dirigindo caminhões pelo mundo afora. Apressava-se como a querer sonhar alto. Estudos iriam levar anos, ele precisava dirigir. Correr, comprar seu bruto e sair atravessando dias e noites transportando mercadorias para melhorar sua frota.

Quando o pai de Giovani faleceu, a mãe resolveu vender parte das suas terras para beneficiar os filhos. Giovani aproveitou seu quinhão na compra de seu primeiro caminhão. Com o internacional passou a transportar suínos da região sudoeste paranaense aos frigoríficos do oeste catarinense. Nessas incursões Giovani sempre comprava presentes que fossem novidades à mãe e aos dois irmãos. Sentia-se muito feliz agraciando a mãe com aquelas iguarias. Durante a semana fazia esses transportes. Residindo no bairro Vila Nova. Nos finais de semana estroinava-se nos bailes da região e geralmente aos domingos, se não houvesse outras festas, almoçava com a mãe no Jacaré. À tarde futebol, matinê e muita cerveja. O que sempre fora predileto a Giovani, as cervejas. Devido seu porte físico avantajado mal jogava bola, quando muito arriscava alguns chutes na equipe suplente. A boleia o transformara, em pouco adquirira uma propensa barriga, o que lhe causava certo desleixo junto às belas mulheres.

Seguindo o conselho da mãe, Giovani comprara uma casa na Rua Peru, com extenso terreno, onde podia guardar seu bruto e dispor de bela área para cultivar umas mandiocas e alguns frutos. Para regularizar esses bens, teve que ir à prefeitura. Local onde começara a mudar os rumos de sua vida amorosa.

Embora Giovani não demonstrasse aos colegas que sentisse afeição por alguma mulher. Ele sabia muito bem esconder um indelével amor platônico por sua vizinha de Rua Peru, Dianeis. Quando das passagens pela casa da amada, Giovani apenas dava uma pequena buzina e mal recebia um sorriso indefinido, nada agradável; mero cumprimento.

Todavia, Giovani, como vizinho, pesquisou os passos de Dianeis e sabe dos detalhes mais importantes de seus relacionamentos. Sabe que ela terminou seu último romance, o qual havia tido um filho.

No dia 14 de fevereiro de 1975 às dez horas, Giovani fora a Prefeitura e encontrara-se com sua musa, Dianeis. Ela é funcionária e ocupa essa pasta dos registros cadastrais de impostos público. Agora na prefeitura, Giovani mal balbucia as palavras. Treme ao pegar o carnê do imposto. Desencorajou-se a fazer qualquer pergunta. Sentia que estava diante a quadro estranho para sua experiência de homem dos negócios. Quando se tratava de compra e venda de cereais, suínos e demais mercadorias, negócios com seus brutos. Nesses encargos jamais sentira uma leve pulsação que não fosse costumeira. Mas aqui na prefeitura diante a seu amor houve algo estranho em seu proceder.

Dianeis notou toda descompostura de Giovani, logo entendeu que ele poderia estar perturbado ao se depararem assim pela primeira vez. Havia dias pensara em lhe convidar para tomarem um chimarrão, porém ele apenas passa buzinando e não para. Contudo decidiu-se o convidar.

Giovani após aquele breve encontro passou a freqüentar a casa de Dianeis aos chimarrões. Combinaram a bailar na Barra Grande no sábado. Tudo dentro das primeiras pitadas da amizade. Ele sabia que devia esforçar-se a agradar, pois na música havia o impasse a superar; já que ele apreciava as sertanejas; ela as populares. Inclusive as internacionais “Pink Floyd The Wall” e outras.

Em Princípio, Dianeis nem se imaginava estar dentro das pretensões de Giovani. Somente os olhos azuis e os cabelos louros destacavam-se neste caminhoneiro obeso. Ainda mais quando saía daquele caminhão cheirando a porcos. Todavia há sempre algo oculto nas pessoas, que superam as aparências e o que pode ser asqueroso, torna-se terno e atraente ao se conhecer. Os costumes, as características do comportamento e a simplicidade no trato com as coisas do coração; traçam a rica personalidade do ente que nos referimos. Assim no baile da Barra Grande, quando Giovani maravilhado com os afagos que Dianeis lhe atribuía comportava-se ao ritmo da dança. Atendo-se às iniciativas do romance.

Ela, porém, após bebericar um copo de cerveja, mudou seu comportamento. Quando Giovani a abraçou na hora da balada, ela encostou seu rosto fino e meigo na rechonchuda face de seu pretendente. Ao sentir o hálito doce e quente de Dianeis

roçando-lhe a face, Giovani não tivera mais dúvidas, oferecendo-lhe os lábios para o terno beijo.

*

O namoro fora somente dois meses. Giovani não tinha qualquer motivo a conhecer melhor sua amada, já que a queria a muito e sentia todos os prazeres possíveis. Tanto no amor, quanto ao saber que fora uma conquista inimaginável. Quantos dias, ele passou por aquela casa e gostaria que Dianeis lhe dissesse uma palavra que acalentasse o amor. Agora o dia chegara e combinaram o casamento.

A Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória estava ornamentada com a fina decoração dos artesões beltronenses. As flores no altar, arranjos adornando os bancos, ramalhetes nos corredores e a decoração das aras com suas belas Imagens. Presente das meigas colegas da Prefeitura, que agradeciam Dianeis com suas presenças. Havia muitos convidados, pois tanto Dianeis, quanto Giovani fazem parte de numerosa família nesse município e as cerimônias sempre de praxe são atrativos de confraternização.

À cerimônia o coral tradicional das Vitórias e à harmônica, o maestro Ivo dos Anjos, acompanhavam Frei Afonso na consagração.

Giovani sempre fora pontual em seus compromissos. Combinou com Dianeis que em seu casamento gostaria que não houvesse o costumeiro atraso da noiva, pois achava chata a espera, os convidados sofrem as agruras do calor nesse princípio de primavera. Seguindo as exigências da noiva, já que no quite do vestido havia o terno do noivo, Giovani vestiu o melhor terno com a gravata e os demais acessórios do fino traje matrimonial. Todavia a noiva não pôde chegar ao contento do noivo, devido aos atrasos que são inevitáveis nessas ocasiões: cabeleireiros, manicure, maquiadores; trânsito e demais fatores que se assomam nesses eventos. Então a impaciência e o calor aumentam a cada segundo que a noiva atrasa. O noivo começa a passar-se o lenço no rosto. Padre Afonso entra e sai do altar, com seu leque a esfriar-lhe a calva. Tio Ivo com seus cento e cinquenta e nove quilogramas abana-se feito louco, agoniado com mais aqueles acréscimos no tempo. Pedro Ernesto, o enteado, clama veemente pela mãe e põe em apuros a elegante avó materna.

Giovani transpirava, arrependia-se de haver escolhido um dia tão ensolarado ao casamento. Pensava em Dianeis; bem que ela poderia ser menos morosa como combinaram. Saber que suportar uma gravata sem o costume é sofrível.

Finalmente, quando todos os convivas ocupavam seus lugares e as conversas faziam-se ouvir pela extensão da Igreja, os fogos de artifícios anunciaram a chegada da noiva pondo fim à espera.

Tio Ivo repicou seu violão, e com o vozeirão que os deuses da noite o presentearam, abriu a cerimônia com o cântico Ave Maria.

Dianeis esbelta e simples aos olhos costumeiros dos conhecidos, transformara-se numa bela e surpreendente noiva. O vestido, tomara-que-caia, com simples véu a cobrir-lhe os ombros, uma maquilagem suave com contornos nos lábios, realce nos olhos e belo arranjo no cabelo adentrava donairosa no corredor que conduz ao altar.

Foi assim que Dianeis e Giovani receberam as bênçãos de padre Afonso para se amarem e conviverem com Deus até que o amor mútuo perdurasse.

Então a noite dos convivas foi agraciada por típica festa sulina. Uma churrascaria ao contento. Na sede do Clube Marrecas, Giovani ofereceu a grandiosa janta. Surtida a regalos de pratos e assados de reses e um excelente porco ao rolete, saladas e bebidas ao contento.

*

Giovani continuou viajando. Dianeis trabalhando na prefeitura e cuidando de Pedro Ernesto. Cada viagem Giovani trazia presentes ao enteado, mal acostumando o menino que o chamava de pai. Mesmo que Dianeis preferia que Pedro Ernesto só o chamasse de tio.

- Meu pai é um anjo, mãe? Perguntou o menino certa manhã a Dianeis. Após receber um carrinho.

- É! Teve que concordar a mãe, agradecida pelo carinho que Giovani dispensava ao enteado.

Havia dois anos que estavam juntos e Dianeis resolveu conversar com Giovani sobre o segundo filho. Sim, Pedro Ernesto sempre cobrava da mãe um irmãozinho. E ela prometia trazer outro anjo para alegrar a casa.

Giovani as voltas com novos caminhos, sobrava pouco dinheiro no orçamento com gastos familiares, Dianeis não sabia se o marido estava preparado à notícia. Todavia, de alguma forma ele ficaria sabendo e quanto antes lhe fosse comunicado, menos transtornos poderiam advir.

Então, quando Giovani retornou de viagem, Dianeis participou-lhe da novidade.

- Amor! Tenho uma coisa pra te contar! Não sei se vais gostar!

- Depende! Diga logo porque tu sabes como sou nervoso.

- Vamos ter um filho. Afirmou emocionada. Meio querendo desculpar-se por não o avisar.

- Minha fofa. Socorreu-lhe Giovani. Você tem medo de me dizer que vamos ter mais uma criança? Traga as que você quiser. Sempre serão bem vindas. Disse aproximando-se para beijá-la.

Giovani trocou o International por um Mercedes. Passou a viajar aos grandes centros, coisa nova nos planos da

esposa. Fretes com dias infindáveis de espera. A lugares distantes e cheios de más notícias, sobre roubos de carga, seqüestros, seguidos dos mais variados exemplos que amedrontam as mães e esposas.

Nasceu uma menina muito graciosa, olhos verdes e o narizinho perfeito, puxando à mãe. Giovani logo se encarregou de espalhar o fato a todos com orgulho. Filmou ainda no hospital os detalhes mais interessantes que lhe convinham. Chorou copiosamente ao vê-la pela primeira vez nos braços da mãe. Prometeu trabalhar ainda mais para dar tudo que os filhos precisassem a serem grandes doutores.

O nome a mãe escolheu: Dianês. Sendo que o pai aceitou imediatamente. Giovani gostava dos assuntos referentes aos caminhões; o gado, o milho, a soja, o feijão e demais mercadorias que transportava. Assuntos domésticos, Dianeis resolvia. Embora sempre com as notificações do marido.

Como Giovani aumentava seu capital na compra de novos e melhores caminhões. Dianeis expandia as construções. Aumentou a casa, comprou novos móveis e eletros domésticos, o terreno remanescente ao lado da casa, tudo com as economias de seu trabalho e as sobras do que Giovani dava às crianças.

Mais quatro anos e nova menina viera habitar aquele lar. Dessa vez Dianeis escolheu o nome: Nádia Sandra para homenagear sua irmã. Giovani procedeu como da primeira. Chorou, filmou os primeiros detalhes e depois fez novamente a mesma promessa.

Nádia tinha pequenas amostras paternas; olhos azuis e um nariz aquilino. Poucos cabelos e os furinhos apaixonantes na face. Pesou quatro quilos, demonstrando que devia ser dada a semelhança e a graça do pai.

Após esses anjos aparecerem e para cumprir as promessas, Giovani desdobrava-se em viagens para pagar seus caminhões. Quando os fretes eram até Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, Dianeis trabalhava tranqüila e divertia-se com a algazarra dos filhos. Mas com as mudanças de planos do marido em expandir sua frota e carregar mercadorias até os grandes centros; como São Paulo, Rio de Janeiro, algumas vezes ao Nordeste e o Norte. Quando ao Norte, a Manaus transportando frutas e trazendo mercadorias da Zona Franca, essas viagens longas põem medo ao pequeno coração de Dianeis. Giovani numa oportunidade levou Dianeis ao Nordeste. Uma bela viagem, conhecer as belezas e as agruras do sertão brasileiro. A alegria e a tristeza de um povo acolhedor e apaixonado pelo canto, pelo folclore e pela cultura. Nota-se que o nordestino demonstra mais simplicidade e alegria de viver. Diversifica espontaneamente a arte do convívio com todos os povos que os visitam.

Nas primeiras viagens, Giovani quase não telefonava, mas depois de alguns percalços amorosos com sua fofa, devido ao seu modo xucro de comunicar-se, ele passou a informar seu

paradeiro todos os fins de dia. Apesar desse pequeno contratempo, passaram-se os janeiros e conseguiram encaminhar os filhos a escola e o bom convívio social.

Pedro Ernesto com vinte e dois anos de idade está graduando em Direito na Faculdade de Chapecó. Desde pequeno dedicou-se com afinco aos estudos. Orgulho de Giovani. Muitos elogios ao enteado. Notas boas na escola; motivo de bons presentes. Quando passou no vestibular o padraсто deu-lhe uma moto, sob os protestos de Dianeis. Quando criança recebia também os beijos das meninas da Rua Peru. No começo da adolescência teve algumas namoradas na escola e nos clubes que os pais freqüentavam. Agora se dedica mais aos estudos e namora esporadicamente nos bailes; ficando, como dizem os jovens de hoje.

Dianês, como todos previam, transformou-se numa dama da beleza sudoestina. Esbelta, independente e personalidade forte. Contradiz-se às opiniões. Completou o ensino fundamental com pouco esforço; a mãe acabava fazendo muitas vezes as tarefas escolares, para não ver a filha repetindo o ano. Quis o destino, porém, que numa feira agropecuária que ocorreu no parque de exposições de Francisco Beltrão, Dianês fosse escolhida a rainha dos festejos. Como prêmio, uma viagem a Milão, na Itália. Subseqüente ao prêmio, convite a ser modelo naquele país. Orgulho de Giovani, que sempre sonhou em ver sua musa numa passarela, sofrimento ao coração de Dianeis, a saudade da filha distante.

Nadia ao contrário da índole de Dianês, fora uma criança pacata no comportamento. Mais apegada aos afazeres da mãe não acalentava muito afeto ao longínquo pai. Somente quando criança esboçava algumas graças aos presentes e carinhos que Giovani dispensava. Desde nova dedicava-se aos livros infantis e às bonecas. À escola, como consequência, foi o lugar que mais esperou ser matriculada. Agora com seus quinze anos é a mais assídua aluna do Colégio Mário de Andrade. Ama a leitura, lê livros de cunhos diversos: políticos, romances, científicos e aventuras. Devora os livros didáticos e faz questão de mostrar os conceitos altos à mãe. Ao pai pouco se refere, somente os beijos quando Giovani vem e vai a suas viagens. Volta e meia discute algum assunto político com o pai. Porém Giovani acaba cedendo ao esforço da filha. Sabe que será uma grande cidadã.

Dianeis está aposentada. Sente-se sufocada nessa nova vida doméstica. Algumas vezes Giovani a leva para lugares distantes, mas essas viagens a cansam devido ao calor do asfalto e as noites de insônia na cabina apertada do caminhão.

Giovani sempre inovando, acabara de comprar um novo caminhão. Scania 143H, equipando a carroceria ao transporte de container. Um frete mais rentável e de itinerário certo: Porto de Paranaguá a Foz do Iguaçu. Algumas vezes são veículos importados, outras é mercadoria sem o conhecimento da origem.

Confessara a Dianeis que seriam suas últimas cargas, até pagar o consórcio do novo caminhão. Depois iria se aposentar e colocar um outro motorista às viagens.

Mas, as viagens não cessavam e Dianeis passou a temer um triste fim a todo aquele esforço do marido. As notícias de acidentes nas estradas eram cada vez mais freqüentes. Quando ela tentava argumentar que ele devia deixar as estradas, já que conseguira pagar quase todo o banco, faltava somente uma prestação e Giovani tinha muito mais daquela importância, ele procurava disfarçar o mau pressentimento.

- Pode ser que a gente morra de dor de barriga em casa, se for pra morrer.

- Sim amor! Mas é menos provável e tens uma longa vida pela frente. Concluiu meio confusa Dianeis. Agradecida e conformada com os filhos, que provavelmente não estarão dispostos todo instante a esses percalços que o trânsito proporciona.

*

Detentor de grande prestígio social, movido por impulsos empreendedores de renome na região oeste paranaense. O empresário Ubaldo Oligari destaca-se como líder do comércio de madeiras e produtos portuários, tanto em Foz do Iguaçu, como nos países vizinhos.

No escritório da madeireira, Ubaldo traça seus planos com o colaborador Paulo Sérgio. Todas as tramas, os negócios, as informações referentes às tarefas que o grupo irá executar; partem deste escritório. A ordem precisa ser bem estudada e as operações são levadas a cabo mediante pesquisa dos detalhes, dos riscos e suas conseqüências.

Com o crescente comércio da região e aproximação de empresários estrangeiros que vêm se instalar com suas indústrias nas imediações, Ubaldo sentiu-se na obrigação de recorrer à associação, formando um grupo, um legítimo cartel que domina o comércio dos produtos e serviços. Assoma-se a esse empreendimento grande comércio de fumo e derivados, com tabacarias no Paraguai e distribuição no mercado brasileiro. Inclusive detém alguns colaboradores dentre as autoridades aduaneiras e portuárias.

Paulo Sérgio, por conseguinte, exerce a função de mediador entre os colaboradores. Todos os executores de tarefas precisam estar cientes de que Ubaldo é apenas o responsável pelo empreendimento, Paulo Sérgio assume todas as responsabilidades por contratos e pagamentos por serviços prestados.

Dentre os colaboradores há sempre três que se podem dizer braços direitos e homens de confiança. Sabem o bastante sobre quase todas as operações do grupo. São esses os executores das principais tarefas. Contratados sob o mais sigiloso signo.

Mantidos a distância dos olhos da lei e irreconhecíveis aos membros do grande cérebro que comanda as operações. Ocultos a alguns, necessários ao extremo a Paulo Sérgio. A dedicação é tanta, que a situação financeira alcança pontos preocupantes a Ubaldo. Todavia a companhia que atribuem às horas de folga e as constantes festas de promoções que a madeireira oferece aos três funcionários, dissimula toda desconfiança das pessoas mais próximas.

Otávio Mytrivic, alcunha: polaco, andava as voltas com a lei. Havia concluído um curso preparatório a comandante. Piloto treinado a desenvolver os trabalhos nos helicópteros da companhia de turismo administrada por Ubaldo. Jovem e com espírito aventureiro não sabia ainda organizar os impulsos a conseguir um bom dinheiro. Foi convidado por outros dois colegas de curso a fazerem uma incursão ao Mato Grosso. Lógico que a informação lhe havia chegado, que era um grande carregamento de drogas advindas da fronteira com o Paraguai. Gilberto de Assis, um dos colegas, conhecia a rota. Francisco Nascimento da Costa, principiante, foi quem fez o convite e combinou os termos da operação.

Gilberto era profissional independente de uma pequena companhia aérea. Quando necessitavam de seus préstimos, ele escolhia dois outros voluntários e combinavam o preço da carga entregue. Coube a Francisco, nessa oportunidade, o convite com promessa de um quinhão bem respeitável do acerto final. Como Gilberto necessitava de mais um colaborador, Otávio foi contatado.

Houve um leve brilho nos olhos aventureiros do instrutor. Otávio com apenas o segundo grau de aspirante, conseguiu dominar a aeronave. Decolou com todos os instrumentos sob controle e em pouco atingiu o ponto culminante da rota. Havia meia hora os controladores de vôo ansiavam por uma bela aterrissagem. Todavia o plano dos tripulantes não eram os mesmos. Uma manobra calculada pela organização renderia muito mais que um simples passeio sobre Foz do Iguaçu, como de costume.

Ponta Porã, bela como as margens dos rios quentes do Mato Grosso. Possui a base para os vôos da companhia Oligari. As coordenadas surgiam no painel de controle e Otávio preparou-se para seu primeiro poso sem o comandante a lhe instruir. Foi perfeito como a um veterano, monitorou por alguns instantes o funcionamento da aeronave e sorriu sarcástico aos outros ocupantes nervosos; Gilberto e Francisco.

No heliporto o carregamento da droga foi controlado pelo forte esquema da companhia e nada pôde ser notado de anormal pelas autoridades que acompanhavam o desdobrar da operação. Apenas as alegações costumeiras da comunicação e mudanças de destino preocupavam as autoridades aéreas que acompanharam a decolagem. Problema que apenas um telefonema de Ubaldo pode solucionar.

Novamente Otávio decolou e não esperavam os colegas, que haveria questões jurídicas por um longo período ao aterrissarem em Foz.

Paulo Sérgio notou a reação imediata de Ubaldo, quando desligou o telefone e esmurrou a mesa em sua frente.

- Algum problema? Meu tio.

- Estamos em apuros, sobrinho. Ligue imediatamente a seu comandante e diga que desça a Céu Azul.

- Não tenho lugar disponível para esconder a droga.

- Mexa-se homem, faça o que estou mandando, deixe que as conseqüências posteriores se resolvam por si só. Temos que salvar nosso empreendimento.

- Vou tentar salvar nossa carga e nossos amigos de outra forma. Sugeri Paulo Sérgio. A estrada do colono.

- Céu Azul! Por que não? Nesse instante devem estar procurando nessas imediações. Se teus capangas não forem interceptados no ar, a única saída é o nosso depósito.

- Está bem, sei que o comandante poderá levar um grande susto. Afinal é seu primeiro vôo. Espero que tenha condições de mudar de coordenada.

- Prefiro perder o aparelho, mas tenho que me livrar da droga antes de tudo.

- Custou para esse carregamento. Quantas noites nós trabalhamos, procurando as pessoas certas? As despesas com o pessoal de campo! Os perigos do transporte. Isso tudo se assoma na hora de tomar uma decisão. Vou resolver da melhor maneira possível. Espero que o rádio funcione nessa hora.

- Dê teus pulos! Você sabe como eu consigo me livrar desses impasses, quer evitar o nosso nome! Se eles forem pegos; tu vais arcar com tudo. Não tenho que colocar minha empresa na berlinda

Depois de algumas tentativas, Paulo Sérgio manteve contato com Otávio e pôde transmitir a nova rota. O aparelho já se aproximava da área onde as comunicações combinadas seriam tomadas. Por um pequeno instante conseguiu livrar-se das manobras de busca e pousar com segurança, antes da abordagem.

Os códigos passaram a se diferenciar, tão logo surgiram gritos e comandos conhecidos dos controladores. Foram minutos infindáveis até que a carga fosse totalmente armazenada.

- Já estamos na caminhada final, Patrão. Problema do aparelho foi resolvido. Tentou persuadir Otávio.

- Faça tudo como manda a ordem da aviação que recebeu de seu instrutor, comandante. É pra isso que recebeste os planos de vôo. Há muitos esperando no heliporto, mas o importante são as vidas. Tenha calma que vai dar tudo certo. Mantenha a torre informada, é isso que devias ter feito. Ficamos muito preocupados. Espero que seus motivos sejam convincentes.

As palavras de Paulo Sérgio pouco ou nada convenceram as autoridades. O aparelho seguiu ao hangar e os

tripulantes à delegacia. Pendência nada agradável a Ubaldo e aos Advogados da organização.

Neste parâmetro Paulo Sérgio teve que se aproximar mais dos três colegas e depois de julgamentos e dias cumpridos na prisão, os colaboradores incorreram em acúmulos de funções. Saíram-se muito bem de outras manobras perigosas e encaminham-se a incumbências cada vez mais perigosas e lucrativas.

*

Paulo Sérgio mais uma vez ocupava-se de planos junto a Ubaldo. Dessa vez o carregamento de um container no porto de Paranaguá. Uma encomenda recheada de mercadorias com promessa de grandes lucros.

- Esta ciente que o caminhão já carregou a mercadoria? Sobrinho.

- Já providenciei. O Francisco cuidou de todos os detalhes do carregamento. Deve chegar a Cascavel por volta das vinte e três horas. O motorista é um velho conhecido do grupo. Ele faz diversas paradas. Otávio está esperando, acompanhou algumas viagens e certificou-se do local onde será possível deter a carga sem nenhum transtorno.

É o jugo da profissão, carregar as economias e fazer o progresso andar sobre rodas. Giovani sente o mesmo prazer nesses derradeiros anos, que no início da escalada. Sorri aos percalços e a lembrança da família. Atem-se aos segredos da estrada; condições de tráfego, movimento e por fim os cuidados com seu bruto.

Uma parada no posto em Cascavel para os reparos nos pneus, o nível do óleo e o costumeiro cafezinho. Sim, os companheiros! Esses sempre estão estacionados para o descanso. Poucos trafegam a noite, somente as cargas controladas continuam viagens, assim como esse container com produtos perecíveis, os quais Giovani pensava estar transportando. Não sabia que seria um grande carregamento de entorpecentes que se fossem interceptados lhe proporcionariam um final melancólico e uma aposentadoria desdenhosa para seus anos trabalhados.

Enquanto Giovani descuidava-se ao retardar sua volta ao caminhão. Francisco, Gilberto e Otávio planejaram o seqüestro repentino longe dos olhares dos guardas que assistiam a uma partida de futebol na televisão.

Giovani destravou, como de costume, a porta de seu bruto sem tomar as devidas precauções. Ao tentar subir no primeiro degrau, sentiu uma fina lâmina roçar-lhe o pescoço. Volveu-se sem o saber para vislumbrar melhor o ato que o surpreendia, tentando encontrar uma razão a tamanho espanto. Foi a deixa para que seus seqüestradores pudessem silenciá-lo

- Nada de barulho! Ordenou Otávio encapuzado. Desferindo-lhe um golpe violento contra o encéfalo do caminhoneiro, atordoando-lhe momentaneamente.

Antes que Giovani começasse a articular alguma reação, Gilberto e Francisco apresentaram-se ao derradeiro ato. Imobilizando-o com cordas, e sob a mira de revólveres o conduziram até o carro que o esperava. Otávio incumbiu-se da boléia do caminhão ao destino final. Enquanto Gilberto e Francisco selariam o destino de mais uma vítima inocente dessa organização.

O rio Iguaçu serpenteia livremente o progresso do sudoeste paranaense. É o manancial de vasto campo agrícola e se ele pudesse discorrer sobre os benefícios que proporciona, enumeraria seus grandes feitos históricos. Choraria as angústias de sua ocupação por toneladas de poluentes, suas feridas abertas por grandes hidrelétricas, mas nada mais lúgubre que receber uma alma perdida na imensidão noturna e ter que persentir aos murmúrios. Água, pedra e vozes perdidas em seu corrente leito.

Gilberto é brasileiro, forte como um Zumbi, delineador de todos os males; frio e calculista. Opositor do escravo da libertação que fora o ódio ao opressor e dádiva aos perseguidos. Gilberto vê somente a luta por melhores bens, nada de feitos, nem filosofia de vida. Roubo, seqüestros e mortes. Impiedoso fruto soerguido do novo mundo.

Francisco, cafuzo, possui o néctar dos guerreiros oriundos das entranhas do mestre Tefé, porém seu incauto sofrimento em terras devolutas por descaminhos e angústias maternas, o desviaram de tamanho exemplo contemplativo. Alimentou-se de sonhos, ser ele mestre aviador. Assim cresceu, freqüentou a escola com dedicação compulsiva. Mas a quê atribuições saberia usufruir de tais virtudes? Se não lhe fora ensinado conviver com homens virtuosos! Seus coleguinhas apenas o ensinavam sobreviver de atos ilícitos junto aos turistas que compravam em “Ciudad Del Leste,” no Paraguai. Sacolas e caixas de cigarros jogados no rio Paraná para ludibriar os guardas aduaneiros. Quando chegou a palpitar-lhe o feito glorioso de pairar sobre o vasto céu, novamente os amigos apareceram a desvirtuar seu caminho. Seria o encontro de novas perspectivas e até o momento haviam surtido: Capital respeitável e belas mulheres.

Há uma ponte sobre o rio Iguaçu, que liga os municípios de Capitão Leônidas Marques e Realeza. Este é o ponto onde são jogadas as vítimas da organização. Deste local os corpos demoram em média oito horas para descerem na Garganta do Diabo, a mais donairosa queda, nas Cataratas do Iguaçu.

Gilberto encostou sua Mitsubishi L 200, próximo ao centro da ponte. Não havia movimento por volta das três horas da madrugada, mesmo assim deviam agir rapidamente. Francisco abriu o compartimento traseiro do veículo, retirou com sofreguidão o corpo pesado de Giovani, arremessando-o violentamente sobre a mureta de contenção da ponte. Ouviu-se o estrondo, quando o caminhoneiro chocou-se na água e assomou-se no encontro às rochas pontiagudas. Ainda sobrou-lhe força a

gritar por socorro uma vez, depois se calou entremeadado à correnteza.

Capítulo Cinco

Há o brilho nos olhos de quem procura conhecer lugares exóticos. A simples menção das Cataratas desdenha encanto, desejo de vislumbrar essa paragem desenhada sob rochas limosas e cursos de água revoltosos.

As três colegas decidiram dar um passeio às compras no Paraguai, depois seguiriam às Cataratas.

Desde cedo os moradores encaminham-se ao comércio, nota-se o movimento contínuo de veículos percorrendo esses corredores que levam à ponte da Amizade. Fluxo repetitivo de sacoleiros num ziguezaguear de funções.

Mônica sugeriu que fossem às compras, afinal o roteiro a quem vem a Foz é sempre esse: as compras depois Itaipu e por fim às Cataratas.

Enquanto asseavam-se, escolhendo os melhores trajés ao passeio, discorriam sobre os assuntos pertinentes ao seminário.

- Rosana dava opinião sobre a possível reabertura da Estrada do Colono.

- Está sendo elaborado um projeto para uma estrada modelo. Os ecologistas em conjunto com o governo estudam algo especial para o Parque Nacional do Iguaçu. Parece muito interessante, com total aprovação à vida que existe dentro dessa área. Vão ser construídos, ao longo do trecho, passadouros protegidos, lugares para os turistas. Serão edificadas, ao longo da Estrada do Colono, túneis a cada depressão do terreno servindo de passagem aos animais, sem que o trânsito de veículos interfira no habitat, nem os atropеле. O problema maior: são os pássaros. É difícil imaginar-se segurança para quem pode voar sobre as telas de proteção! Se bem que se pode diminuir o tamanho da malha!

- Por esta razão temos que pensar bem, antes de fazer qualquer coisa que prejudique a vida do Parque. Concluiu Rosana.

- Por outro lado. Continuou Sara. A Estrada é importante para a economia do povo da Região. Nestes tempos tão difíceis, ligar essas duas regiões importantes do Estado, facilita o progresso. Há diversas alternativas. Pode-se construir a Estrada do Colono e reduzir a velocidade do percurso, colocando guardas de trânsito, quebra-molas, semáforos controladores de velocidade, enfim, soluções múltiplas. O que falta é a boa vontade da população, a sensatez dos ecologistas e do Governo Federal.

- Ta bem garotas, o papo ta bom, mas temos um passeio. Vamos? Sugeriu Rosana.

- Vamos! Concordaram.

Resolveram apanhar um táxi até o Paraguai, sofre-se menos com alguém que conhece o trânsito.

Da Rua Xavier da Silva, passando a Avenida Juscelino Kubitschek até a Br-227, que dá acesso à Ponte da Amizade havia congestionamento, filas em ambos os sentidos. São os ambulantes com suas barracas pelo passeio, fluxos de carros, ônibus de turistas e o movimento do comércio. Quem vai às compras pela primeira vez surpreende-se com a pressa que o povo dispensa. Requer muita paciência e tempo para esperar nas filas.

Finalmente, o táxi estacionou numa ruela distante, com péssima conservação. Elas pagaram o fretamento e seguiram pelo fluxo maior de compradores, sedentas por novidades.

As lojas se parecem a um grande mercado público, sem “Lay Out”. As mercadorias ficam entulhadas nos balcões. Algumas lojas oferecem as mercadorias de qualidade e com bom atendimento, outras, pelo fluxo desordenado da procura, não conseguem manter a ordem nas gôndolas. E vendem muito. Os fregueses parecem não se importarem com o atendimento. Compram o que desejam e correm alucinados a seus ônibus e carros.

Rosana mal passou pelas primeiras barracas e já estava com uma sacola cheia de pequenos brinquedos para presentear seus sobrinhos. Comprou também algumas coisas de uso pessoal. Perfumes franceses dos mais raros, uma bolsa de couro que a muito desejava, um fino relógio de pulso. Anéis, correntes e pulseiras de ouro. Gastando suas poucas economias.

- Cuidado com a fraude, orientou Sara. Pois na ocasião em que esteve comprando pela primeira vez, havia sido enganada por um camelô, ao comprar meias-calças. E eram rabricós. Dessa vez aproveitou a comprar uma câmara digital, algumas jóias e perfumes.

Visitaram diversas lojas, de artigos importados. Os Dvds foram os mais procurados. Por fim, Mônica agradou-se dum modelo e resolveu comprá-lo colocando junto à sacola cheia que portava: brinquedos, modas do vestuário e alguns cosméticos.

- Isso daqui é uma verdadeira academia de doidos! Comentou Rosana, com sua natural extroversão. Parece que todos têm o mesmo objetivo. É um corre-corre, ninguém perde tempo, há pressa nos negócios. Vê-se ônibus lotados esperando por vagas nos estacionamento e ao abrirem-se as portas, saem as pessoas ávidas por comprar. Quando retornam trazem caixas e sacolas cheias e várias delas retornam para novas aquisições.

- Temos que vim num dia para pesquisar e noutro para comprar, comentou Mônica.

- Engana-se minha cara, hoje você olha, amanhã não está mais aqui, afirmou Sara. É por esta razão que os balconistas não se importam se um freguês deixa de comprar pelo mau

atendimento. Sabem que se você não levar, em seguida outro leva.

Ciudad Del Leste transformou-se num imenso mercado de importados. As instalações variam, há lojas bem estruturadas que oferecem o que há de melhor no mundo. Outras que vendem artigos de uso ocasional, perdendo com a sazonalidade e há também as lojas que se ocupam com artigos momentâneos, ou seja, brinquedos da moda. Têm vida útil muito reduzida, porém encontram muita saída, principalmente para sacoleiros brasileiros. Ciudad Del Leste, juntamente com Foz do Iguaçu são pólos turísticos de grande importância. Cidade que têm como atração o comércio, as Cataratas e a Hidrelétrica de Itaipu Binacional.

Após as compras as colegas resolveram finalmente visitar as cataratas.

Havia em Sara, sempre que lembrava das Cataratas, algo estranho. Reconhecia que gostava da paisagem, das quedas de água, dos animais, mas aquela aparição da mulher descendo ao abismo com vestuário nupcial, desviava seu pensamento da beleza do lugar. Revia sempre aquela imagem, da mulher caindo lentamente e sumindo entre a espuma. Poderia ser exagero, mas sentia que algo a impulsionava a meditar sobre aquelas aparições. Não conseguia acreditar que aquilo fosse imaginação, ao seu ver um corpo havia caído nas águas turbulentas e nunca mais alguém comentou sobre o assunto. Agora a caminho, junto com suas colegas, Sara não quis demonstrar sua apreensão quanto ao assunto.

Seguir pela Avenida das Cataratas sempre será novo e natural devido às nuances do clima da região. Há o inverno rigoroso secando as folhas de alguns espécimes de vegetação, assim como há o calor intenso do verão, com períodos secos e chuvosos.

A cada instante avistavam-se animais e pássaros ao longo da estrada. Como aconteceu com Sara, na primeira vez que esteve ali, agora Rosana e Mônica também podiam desfrutar daquele ambiente natural. Cada qual tinha uma forma particular de observar as coisas.

Rosana encantava-se com as flores, as árvores e os arbustos. Assim como fotografava os animais.

Mônica, além de preocupar-se com os quebra-molas da Avenida das Cataratas, também se atinha nos detalhes encontrados na paisagem e as construções: o heliporto e o centro turístico.

O pensamento de Sara vagava pelas recordações do trapiche, do mirante, das quedas onde viu aquele corpo descer, o primeiro encontro com Paulo Sérgio naquele lugar perigoso e o carinho recebido, posteriormente.

As Cataratas são maravilhosas, tudo é belo e grande, não há quem as veja sem se emocionar. As três desceram a encosta do rio Iguaçu e posicionaram-se rente à escadaria. A

umidade era intensa e uma fria neblina caía sobre elas, juntamente com o murmúrio provocado pela queda da água nas rochas.

Sara conduziu-as até o mirante. Havia uma fila enorme de turistas querendo entrar nas escadarias para ficar perto da Garganta do Diabo, uma das quedas mais impressionantes. Naquele transe as três conseguiram ficar juntas ao local mais próximo possível para melhor visualização do panorama. Há sempre os adjetivos, as exclamações, as interjeições e prosopopéias voltadas para aspectos que chamam a atenção. Porém como se todos os ocupantes daquele mirante estivessem esperando por aquele momento, uma voz direcionou os olhares para um vulto que despencava na garganta do Diabo.

- Um homem! Exclamou Rosana, vendo que um corpo acabava de descer violentamente naquele despenhadeiro com sessenta metros de altura e sumir no emaranhado de rochas e espuma.

- Dessa vez não foi visão mística, Mônica? Cobrou Sara, pois suas colegas fizeram pouco caso da outra vez que ela havia presenciado uma queda.

- Essas Cataratas são violentas demais e os homens aproveitam para cometerem seus crimes aqui, horrorizou-se Rosana. Dessa vez, Sara, pude ver até as cores do vestuário: uma camisa do Grêmio e uma bermuda bege.

- Vamos sair daqui, sugeriu Sara. Temos que comunicar os bombeiros. Há um homem sob as rochas. Dessa vez todos vimos aquele corpo com cores azul, preta e branca descer a Garganta do Diabo.

Para o espanto maior, Sara encontrou-se novamente com aqueles mesmos homens que apareceram na vez passada, inclusive Paulo Sérgio.

- Você aqui?

- Sim, soube que vocês estavam nas cataratas, resolvi vir também, respondeu Paulo Sérgio, um pouco confuso.

- Seus colegas também quiseram acompanhar?

- Coincidiu, eles gostam das quedas. Falar nisso me deixe apresentar meus amigos a vocês!

- Estamos lisonjeadas, Paulo Sérgio! Disse Mônica com desdém. Seus amigos devem ser inseparáveis!

- É verdade, Mônica. Afinal trabalhamos juntos. É lógico que a probabilidade de nos encontrarmos é grande.

- Paulo Sérgio, você não me disse que passaria dois dias trabalhando sem me visitar? Perguntou Sara.

- Resolvi dar uma volta contigo, por isso te procurei.

- Nós vimos mais uma pessoa descer as Cataratas! Interveio Rosana, preocupada com o tempo. Temos que comunicar aos bombeiros.

- A lei tem que cuidar deste assunto, Rosana. Nós devemos nos manter distantes desses acontecimentos. Quanto menos procurar ajudá-la, melhor.

- Não se trata de ajudar a lei, Paulo Sérgio. É um ser humano que está desaparecido e nós o vimos cair!

- A família, Rosana, a família enlutada vai procurar seu ente querido, concluiu Paulo Sérgio, dando-lhe as costas.

- Acho que devemos procurar alguém que possa ajudar a família, decidiu-se Rosana. Há uma pessoa descendo o rio, alguém tem que fazer alguma coisa!

Rosana não gostava de Paulo Sérgio. Ouviu quando ele se dirigiu a seus três amigos e, pela saudação, sentiu algo estranho no semblante daquele grupo.

- Sara, quero ir embora daqui desse lugar. Não estou me sentindo bem, vens com a gente?

- Sim, hoje vou assistir às palestras. Não quero sair com você agora, Paulo Sérgio! Depois te ligo!

- Tudo bem! concordou ele. Estava visivelmente nervoso com o clima gerado pelas desconfianças e os desagradados de Rosana.

Fora sempre assim, quando Otávio, Francisco ou Gilberto atiravam alguém na ponte do Rio Iguaçu na PR-182 de madrugada, eles sabiam que na manhã seguinte o corpo, após atravessar todo o Parque Nacional do Iguaçu, cairia nas cataratas. Por esta razão sempre vinham conferir sob as quedas.

JORNAL DE BELTRÃO

Foi encontrado o corpo do caminhoneiro Giovani Gasparini Nesi, populares que viram sua queda nas Cataratas, comunicaram ao Corpo de bombeiros de Foz do Iguaçu. A polícia não tem pistas do caminhão, nem do assassino...

Capítulo Seis

Os principais palestrantes vindos ao seminário faziam suas últimas conferências. Dentre eles, visando uma maior divulgação do evento, foi convidado um estudioso conhecido no mundo da Geologia e Meio Ambiente. Trata-se do Biólogo boliviano, radicado na França e membro do Grupo Green Peace, Dr. Eduin Garcia Salvatierra. Em suas pesquisas pelos parques ecológicos do mundo e trabalhos desenvolvidos sobre o aquecimento global, comportamento climático, em consequência dos grandes lagos construídos para hidrelétricas e desvio de cursos de rios nos principais pontos dos países onde visitou, havia formulado uma tese, a qual o fizera conhecido mundialmente.

A expectativa em torno desse acontecimento trouxe a Foz do Iguaçu autoridades e líderes dos movimentos em prol da reabertura da Estrada do Colono e também os ecologistas que ainda defendem o atual tombamento do Parque Nacional do Iguaçu, inclusive com a permanência do embargo da Estrada do Colono.

Dr. Eduin havia preparado uma aula com duração aproximada de duas horas, incluindo um documentário sobre o assunto. Parques ecológicos com estradas devidamente sinalizadas, proteções com telas, estações e vielas. Ao contento dos turistas.

Rosana, Sara e Mônica ocupavam a segunda fila, nas cadeiras que compõem o anfiteatro da Faculdade de Foz do Iguaçu.

Sara apenas havia assistido às palestras, mas não rascunhara sequer o início de seu trabalho.

Rosana, por sua vez, participava nos debates, fazia muitas perguntas e anotava os principais tópicos.

Mônica acompanhava com sacrifício, muitas vezes desinteressava-se pelos assuntos e para espantar o sono ia ao banheiro, ao bar recorrendo a cafés. Pelos corredores lia alguns cartazes.

Parque Nacional do Iguaçu.

Área: cento e setenta mil e oitenta e seis hectares.

“As Cataratas do Iguaçu, com seus duzentos e setenta e cinco saltos. Sessenta e cinco metros de altura em média: é o grande pólo de atração do parque. Mas existem também algumas trilhas, em meio às matas que merecem visita. Elas podem ser percorridas com funcionário do parque. A floresta que cobre a área tem muitos exemplares de araucária, cedro, angico, cajarana, açoita-cavalo, peroba, marfim, grápia, palmito... Nela vivem mais de 200 espécies de aves como: araras, tucanos, gaviões, beija-flores e jaburus... Há também jaguares, suçuaranas, cervos mateiros, antas, raposas, gatos-do-mato, capivaras e pacas”...

Eduin demonstrava preocupação com a qualidade da água. O tema de sua palestra abordava a necessidade de racionamento mundial no uso da água potável. Segundo suas pesquisas o uso de água tem que ser avaliado com cautela, com programas alternativos de controle e utilização dos recursos hídricos, pois o manancial de água potável existente na maioria dos países pode durar somente trinta anos. Transtorno enfrentado pelos países que transformam a água marinha para potável. Para piorar, a poluição dos rios é elevada, com todo o lixo que recebe das indústrias e resíduos das cidades.

A conservação das reservas florestais torna-se evidente que precisa ser ampliada, focalizava Eduin. As existentes são mínimas em relação ao que há de área devastada. O desmatamento é um processo vertiginoso em todo mundo, principalmente no Brasil, onde a pecuária e a agricultura ocupam

espaços gigantescos, causando desequilíbrio e incontrolláveis consequências sobre o meio ambiente. Não se preservam as margens dos rios e a cultura mecanizada está bastante avançada. Convém sempre lembrar esses fatos e fiscalizar essas agressões à natureza.

Quanto à estrada do colono, Eduin teceu um comentário com poucas ressalvas. - Não vejo o porquê do fechamento da estrada. Há um projeto para a pavimentação e reabertura dessa via. Recebi uma cópia para ser analisada. Trata-se de uma via ecológica de qualidade técnica aplicável com estudo do comportamento dos animais da área, inclusive dos pássaros. A estrada teria telas de proteção em toda sua extensão, túneis sob seu curso para a passagem dos animais, evitando com isso os atropelamentos. Acho uma ótima idéia e uma solução para esse impasse.

Sara, a princípio prestou atenção às explicações, mas com o passar do tempo foi perdendo a concentração e perdeu-se na cadência do linguajar do orador, que dominava oportunhol falado na fronteira.

Rosana, por sua vez, encantou-se a pronúncia do professor. Ela que foi uma das mais interessadas e assíduas assistentes, apaixonou-se pelo palestrante. Quando ele ligou o computador para a exibição do filme, ela já estava se imaginando por entre aqueles lindos parques naturais, embalando-se nos braços de Eduin. Por essa razão manteve-se atenta o tempo todo nas palavras proferidas. Tão logo Eduin começou sua aula, Rosana sentiu-se fisgada e os assuntos foram se encaixando de tal forma que aos poucos as opiniões se acasalaram.

A conclusão de cada palestrante gera diversas arestas a serem discutidas, não há um consenso, quando se trata de discussões sobre assuntos dessa natureza. Dependendo da profissão do palestrante e qual interesse o trás a esses eventos, vê-se novas opiniões. Assim resguardados esses pormenores, algumas ressalvas puderam ser sugeridas à sociedade. O quê pode representar uma estrada nessa região? Até que ponto seria interessante sua reabertura? A alternativa existente dificulta muito o progresso? Há certo isolamento de cidades?

Ainda faltam dados para saber se é realmente o melhor para a vida do Parque. Afinal, se está tombada a área e interrompida a passagem pela estrada, é porque alguém denunciou irregularidade no uso de tal via. Cabe saber se sua reabertura não irá aguçar a gana dos caçadores que outrora usufruíam da mata.

Opiniões iguais possuíam Rosana e Mônica: se o povo da região quer a reabertura da estrada é por questão de desenvolvimento e integração e não para depredar o patrimônio ecológico. São a favor de uma causa que traria benefícios econômicos para diversos municípios do sul do Brasil, que precisam integrar-se com as demais cidades do Oeste Paranaense e com o Paraguai.

Com a exposição de Eduin encerrou-se o Congresso de Foz do Iguaçu sobre ecologia e a reabertura da Estrada do Colono.

Capítulo sete

Dejara, a secretária de Ubaldo, lia um livro de Paulo Coelho quando Paulo Sérgio entrou na sala de recepção.

- Bom dia, Paulo Sérgio! Disse ela a seu modo.

- Tudo bem, Dejara?

- Tudo!

- Ubaldo?

- Disse que está te esperando. Pelo jeito parece preocupado.

- Não há motivo, meu amor, tudo deu certo.

Dejara, embora trabalhasse há anos com Ubaldo, não sabia que seu patrão estava envolvido a contravenções. Para ela, o grupo somente possuía a madeireira, os hotéis e as lojas em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este. Em sua pequena e linda cabeça, acompanhada de belo e esbelto corpo, ela nem sonhava que o grupo se envolvia a crimes. Por esta razão amava seu emprego. Ubaldo tratava-a bem, juntamente com todos os que lhe prestavam serviço.

Dejara sentira, logo que conheceu Paulo Sérgio, uma paixão repentina. De início ele ia buscá-la na Faculdade onde cursava Administração de Empresas. Alguns beijos no carro e na despedida. Depois alguns programas nos finais de semana.

Nos momentos que Dejara desejava encontra-se com Paulo Sérgio, numa festinha de colegas da Faculdade, ou em algum aniversário, ele sempre inventava compromissos para aquelas ocasiões, deixando-a sozinha.

Dejara esperta o bastante, sentiu logo que não havia amor. Paulo Sérgio lhe era sem futuro, resolveu acabar com o romance. Continuou no trabalho como de costume e passou a tratá-lo só profissionalmente, como colega, desinteressando-se por seu amor.

*

Paulo Sérgio teve com Ubaldo, para tratarem de assuntos profissionais e sentimentais.

- Bom dia Paulo, como foi? Sente-se.

- Tudo como planejamos. Um espetáculo. A encomenda já está entregue, a salvo.

- Não me parece que está bem! Observou Ubaldo, sentindo certo constrangimento na expressão do sobrinho.

- Como assim?

- Estou vendo certa ressalva nesta afirmação, me conta o que houve? Interferiu Ubaldo, taciturno.

- Bem, a princípio deu certo. A operação, a execução da tarefa, a entrega da encomenda, o valor da carga,. Os

insignificantes videocassetes e o montante do desmanche do caminhão. Acontece que ao visitarmos as Cataratas, na hora que a vítima desceu, nossas colegas estavam presentes.

- Colegas, Paulo Sérgio? Sobressaltou-se Ubaldo. Quais e por que estavam juntos?

- Sara e suas duas colegas foram passear. Eu não havia combinado o encontro.

- Sabe, Paulo, que hoje algo estranho aconteceu comigo! Meus cabelos. Ao pentear-me notei que o redemoinho atormentava-me, mantinha-se rebelde ao pente. É o aviso de que algo não vai dar certo. Contudo, suas colegas não causam tanto risco. Deixe-as comigo, Paulo. Sinta-se tranqüilo e feliz por haver executado uma obra que renderá um bom capital para você, Paulo Sérgio Oligari, e seus três companheiros, que, diga-se de passagem, são eficientes, perigosos e calculistas.

- Desdém? Rosnou Paulo Sérgio.

- Palavra! Afirmou Ubaldo, emocionado e grato. Quanto a isso estamos conversados!

- Não consigo entender, explique melhor, Ubaldo.

- Estou passando para seu nome, Paulo Sérgio, um apartamento de cobertura em Florianópolis, no Edifício Parati, perto da Avenida Beira Mar Norte, mobiliado, com carro importado do ano na garagem.

- Mas por que em Florianópolis?

- Sim, porque quero que você doe à Sara como prova de seu amor por ela. Você não a ama?

Paulo Sérgio subitamente perdeu todo seu entusiasmo. Recuou seu corpo contra o encosto da poltrona. Sentiu-se frio, cego e mudo. Onde estava? Com quem falava? De que tratava? Por que Ubaldo queria agradar Sara com um presente tão valioso? Não disse nada sem antes refletir. O sangue ferveu.

- Ficou nervoso, sobrinho?

- Um pouco, respondeu com fadiga, contendo a fúria.

- Estou tomando esta resolução, sobrinho, para encerrar o assunto sobre o caso das Cataratas. Não achas que é uma maneira inteligente de impedir que ela se ocupe de querer abrir aquela linda boca e denunciar teu descuido e de teus comparsas! Atirou-lhe a resolução Ubaldo.

- E as outras?

- Sara tem domínio sobre elas. Com a euforia do presente, o reconhecimento que você quer mesmo que Sara seja tua mulher. As aparições ficarão esquecidas pela conveniência. E Sara aproveitará o ensejo para fazer as colegas esquecerem o episódio. Além do que, tenho um presente para cada. Você e os companheiros estarão livres de qualquer prejuízo.

- Pelo que entendi, todo nosso lucro com a operação será transformado em presente para encobrir esse deslize. Mas, e se meus amigos não aceitarem?

- Nem tudo sobrinho! O lucro foi estrondoso é claro. Não vou ser louco de equiparar o grande feito, mas temos que

repartir as despesas e os prejuízos! Senão vamos todos à breca, vamos nos entregar às algemas, felizes! Eles vão aceitar porque sabem que a operação não deu certo. E parte do lucro que teremos será a presentes! Respondeu soletrando cada sílaba

- Não vão aceitar. Tio eles vão nos matar. Querem o dinheiro combinado. Sugiro que os paguemos assim mesmo e fiquemos com o prejuízo. Damos um presente menor a Sara e estamos conversados. Se for assim, tudo bem. Senão estou fora. Não quero mais lucros com assassinatos. É a minha decisão.

Ubaldo pensou melhor. Na verdade o presente a Sara fora um exagero seu. Queria cativá-la. Não só o apartamento, como também já havia contratado um professor para elaborar um trabalho de conclusão de curso para Sara, assim como prometera a ela. E a idéia do apartamento surgira tão logo Paulo Sérgio disse-lhe do imprevisto.

- Não, Paulo Sérgio, o presente já está em seu nome. Já adquiri o imóvel, o carro e os moveis, é fato consumado, mentiu. Aceito sua sugestão. Vou pagar o combinado a todos vocês. Fico com o prejuízo.

Não fosse Sara. Ubaldo não seria toa benevolente. Em circunstancias diferentes, Ubaldo poderia alegar que os três colegas de Paulo Sérgio, ficariam com o prejuízo por serem maníacos, o porquê preferir jogar suas vítimas nas águas frias do Iguaçu e assistir a queda nas Cataratas. Já havia comentado com Paulo Sérgio sua discordância, mas os três preferiam continuar a correr o risco e assistir ao espetáculo. Coisa de gente que mata, amor de bandido, amor por violência, interesse por dar cabo da vida e apreciar o desfecho.

Por Sara, Ubaldo é benevolente com os colaboradores. Porém desencadeia dúvidas a Paulo Sérgio. A atitude foi mesmo para encobrir a desconfiança das mulheres? Ou se o tio o quer agradar? Tudo para continuar alimentando esperanças com relação a Sara.

Capítulo Oito

O bar é o lugar ideal para se conhecer o povo duma cidade, dum bairro, ou país... Em Foz do Iguaçu existem diversos. Porém Sara, Mônica e Rosana sentem-se melhor num barzinho simples chamado “Cantina da Lurdinha”. Nele, além da variedade de drinques e cervejas bem geladas, há música ao vivo. Dois cantores, o Marcelo e o Pedrinho animam as noites com um repertório bem variado a gosto dos fregueses, os quais também podem cantar.

Nota-se que os homens bebem, em geral, cervejas. Alguns degustam uma variedade pequena de vinhos. Enquanto que as moças preferem bebidas doces e licores de frutas da região. A grande pedida é campari com guaraná ou água tônica.

Sara, Mônica e Rosana apreciam cerveja. Dependendo da ocasião e do clima, talvez um vinho.

Haviam combinado uma noitada com os conferencistas, dentre eles Eduin.

O ambiente é simples, As paredes são de madeiras roliças entrepostas com tapume de costaneira, o teto é coberto de telhas estilo colonial, sem forro, com treliças. A luz candeia, meio fusco agradável para quem gosta de conversar e bebericar.

Foi Rosana quem sugeriu a Eduin a Cantina da Lurdinha e, visto que ali estava é porque aceitou sua sugestão.

Dai a pouco Eduin aproximou-se das três, saudando-as cortesmente, com seu modo característico.

- Olá! As meninas responderam em coro.

- Estou com alguns amigos, disse ele.

- Traga-os para cá. Unamos as mesas, sugeriu Rosana.

- Sentem-se, disse-lhes Mônica, prestativa.

- Eu ouço e enriqueço meu conhecimento sobre as maravilhas do Brasil. Além dessas preciosidades de mulheres.

- Nós estávamos comentando sobre nossa visita às Cataratas, Eduin. Permita-me que assim o chame.

- Pois não, autorizou gentil.

- Se uma pessoa aparece nas mesmas condições, em episódios iguais, num mesmo local e toda vez demonstra estar nervoso ao ser interpelado sobre o assunto, tem algo a ver com o acontecimento?

- Bem, como é seu nome mesmo? Havia esquecido.

- Rosana! Respondeu-lhe.

- Rosana, depende da situação. Analise os fatos. O seu colóquio com a pessoa foi logo após o ocorrido. Que tipo de impressão o fato causou em vocês? Espanto? Admiração? Nervosismo?

Então Sara contou-lhe que nas duas vezes que vira os corpos na cachoeira, encontrou o mesmo grupo de pessoas. Omitiu os nomes. Discorreu sobre as impressões das pessoas.

- Neste caso há duas interpretações: se eles precisavam cerificar-se do crime estariam ali para assistir o desfecho. E a coincidência. O que é mais provável e melhor.

- Sim, disse Rosana. Que bom se fosse coincidência. Estaríamos livres de conhecermos os culpados. Para mim está claro que há envolvimento do grupo. Isso me perturba e não posso ficar tranqüila até que veja esses bandidos na cadeia.

- Acho que você esta sendo um tanto precipitada. E depois, as investigações seriam perigosas para uma garota indefesa. Acredito que seu testemunho possa ajudar a desvendar o caso. Seja cautelosa, pois eles sabem que as únicas que suspeitam deles são vocês. Cautela! Sugeriu Eduin.

- É! Não havia me tocado, obrigada! Sorriu Rosana, conformando-se.

- Vamos beber? Disse Sara, chamando o garçom.

- Sim, aceito.

- Pode ser cerveja? Perguntou Sara.

- Acompanho vocês. Adoro conhecer novas pessoas. Hoje com certeza estou com as mais graciosas flores da cidade.

- Bondade sua Eduin. Aqui em Foz do Iguaçu há muitas mulheres bonitas. Nós somos apenas turistas! Respondeu Rosana, sorrindo.

- Você, pode exemplo, Rosana, tem os olhos graciosos. E bom olhar para eles. A gente se sente atraído!

- Bondade sua. Meus olhos são normais.

- Então a França se parece com o Brasil, Eduin? Interpelou Mônica, contando a troca de elogios.

- Em certos aspectos há afinidade com o Brasil. A cultura musical brasileira é agradável aos franceses. Os costumes, a liberdade do povo brasileira e a hospitalidade atraem todos que aqui vêm.

- E a Bolívia? Atreveu-se Sara.

- A Bolívia é minha pátria, a qual eu amo e luto para vê-la grande e justa. Não a abandonarei jamais. Moro temporariamente na França, mas não esqueço minhas origens, meus amigos, meus parentes, os irmãos, os pais. Tenho cinco irmãos e duas manas. Uma irmã é casada com um americano e lá reside. Os demais moram em Cochobamba.

- Casado? Voltou Rosana a interessar-se pelo assunto anterior.

- Descasado. Sorriu. Foi um amor-paixão. Galanteios iniciais, amor nos parques, motéis e por fim um casamento inseguro. Ciúmes exagerados e cobranças banais.

- De ambas as partes? Perguntou Sara, vaidosamente.

- Certamente que não. Apenas por parte de Lílían. Ela acabou com nosso amor devido a suas crises de ciúmes. Resolvi então largar tudo e fui morar sozinho. Lílían é italiana. Hoje está com outro homem, um médico romano bem mais simples que ela. Pelo que sei vivem muito bem.

- Foi bom? Perguntou Rosana.

- De certa forma foi triste. A separação é tão chata que nos primeiros dias quase não se consegue agüentar. Por qualquer motivo estamos emocionados e as lágrimas nos dominam. Só lembramos das coisas boas, das horas felizes, do amor, do carinho e principalmente dos beijos e delícias nas viagens. Das noites que ficamos trocando idéias, juntos na cama. Dos passeios. Enfim, das coisas boas. Por outro lado tinha que acontecer. Lílían achava muito importante, agradar a família, trabalhar, somar capital. Seu lema era idêntico ao de uma cidade que visitei que agora não me recordo o nome, um povoado japonês, Assai, norte do Paraná, agora me lembrei: **Lealdade, Nobreza, Riqueza e Poder**. Agora conheceu um homem que procura dar tudo isso a ela. Eu procurava dar-lhe conforto, tínhamos uma vida que muitos casais gostariam de ter. Quanto a mim, depois da separação tive tempo para aprofundar-me nos estudar e dediquei-me mais aos trabalhos de pesquisa. Passei a

ministrar minhas aulas com mais interesse e consegui chegar até aqui em Foz do Iguaçu, Brasil. Quem diria?

Os instantes que Eduin permaneceu em companhia das amigas foi o suficiente para o início da amizade. Talvez o que Rosana esperava para conhecê-lo, dizer-lhe que o admirava muito desde o primeiro instante.

- Bem, pessoal, foi um grande prazer. Acontece que tenho uns compromissos para essa noite. Fico devendo uma noitada mais longa.

- É pena, Eduin! Disse-lhe Rosana.

- Sentido estou eu, Rosana. Mas gostaria de deixar meu endereço e meu telefone para continuarmos essa amizade.

- Que bom, pode acreditar que vamos telefonar.

As horas restantes foram dedicadas a comentários sobre Eduin e seus amigos.

Capítulo Nove

Como a Chuva pode cair em horas impróprias. Os momentos felizes são tão raros, que quando acabam deixam um profundo vazio. Assim foi o último dia de Rosana, Mônica e Sara em Foz do Iguaçu. As três regressariam a Florianópolis.

Para Rosana aqueles dias foram inesquecíveis. Ela já amara alguns rapazes da capital, por ora paquerava um colega da Faculdade. Agora sentia uma leve paixão. Após o primeiro encontro, Eduin sugeriu que fosse conhecer a França. Eduin não deseja que sua decisão seja repentina, mas o convite aguçou o sentimento de Rosana. Assim após a conclusão do curso e a colação de grau, ela poderá fazer um estágio nesse país. Possivelmente embalada nos braços de seu novo amor. Conhecer as noites parisienses e assistir aos famosos espetáculos teatrais. Talvez Eduin a leve nos bares típicos e queira que ela troque o hábito da cerveja pelo vinho, bebida mais romântica para se degustada a dois.

Isso são sonhos e, quase sempre quando perseguimos, eles se realizam. Precisamos fixar os objetivos com fé, persistência e amor. Evoluindo nosso conhecimento através do estudo, da pesquisa e principalmente da ousadia. Abrindo novos caminhos e perspectivas.

Rosana e Mônica seguiram no mesmo dia para Florianópolis, enquanto Sara, a pedido de Paulo Sérgio, ficou para acertar alguns detalhes pendentes.

As meninas receberam muitos telefonemas de despedida e visitas das colegas de seminário.

No saguão do hotel para desejarem um breve retorno, entre os amigos estava o apaixonado Eduin, com um ramallete de rosas.

- Vim para desejar-lhe toda felicidade, Rosana.

- Obrigada, Eduin, jamais vou esquecer este momento, estou feliz com sua gentileza.

- A você também, Mônica, desejo felicidades!

- Obrigada, Eduin, boa sorte.

Ubaldo também compareceu.

- Vim para comunicar que estou à disposição. Dessa vez não foi possível oferecer meus préstimos a vocês duas, Mônica e Rosana, somente conheci minha futura sobrinha. Sorriu olhando em seguida a Sara. Mas quero dizer que em breve estarei inaugurando uma imobiliária na cidade de vocês e não faltará oportunidade para nos encontrarmos.

- Obrigada Ubaldo, foi um prazer conhecer-te. Disse Rosana, oferecendo a mão para a despedida e o rosto a três beijos.

- Prazer, Ubaldo, também repetiu Mônica, acompanhando o gesto de Rosana.

Sara havia se preparado para as despedidas, porém Paulo Sérgio a impediu. Quis que ela permanecesse mais um fim de semana na cidade. Oferecer-lhe os passeios que Sara reclamara nas outras ocasiões e desse-lhe sobre o presente que Ubaldo havia oferecido a eles, como prova de gratidão aos serviços prestados por Paulo Sérgio.

Toda vez que Ubaldo referia-se a Sara, Paulo Sérgio sentia-se inseguro, todavia não podia deixar de comunicar a Ubaldo sobre o fim das palestras e a hora que as moças iriam viajar. Por esta razão, Ubaldo havia comparecido ao hotel naquele momento.

Após as despedidas, com o ritual no aeroporto, pequenas manifestações de carinho e futuro correio-eletrônico, Ubaldo, simplesmente, convidou Sara a conversar no escritório. Havia certa desconfiança no semblante da estudante, isso intriga a qualquer membro de uma organização. Não pode haver pendengas quando se trata de negócios.

- Sara! Referiu-se, Ubaldo. Sentado atrás de sua escrivaninha, apertando a bituca no cinzeiro, Soltando a última baforada, desviando os olhos da fumaça. Tenho uma ótima notícia para te dar.

- Sim! Consentiu Sara, querendo demonstrar interesse pela oferta.

- Sua tese está prontinha. Ficou de um jeito que seus professores vão elogiar.

- Não estou entendendo, Ubaldo!

- Conforme ficamos conversados, sobrinha, combinei contigo que mandaria um especialista organizar uma pesquisa sobre o assunto que tínhamos discutido e prometi que aqui em Foz do Iguaçu, não tinhas que desenvolver trabalho algum.

- Mas eu queria fazer à minha maneira.

- Qual nada, aceite o nosso trabalho, é do coração. Terás só a incumbência de lê-lo e depois defender junto à banca examinadora, não é mais fácil?

- Lógico que é, mas tem a questão do desenvolvimento.

- Menina! Tens muito a aprender. Aceitar que os outros nos prestem auxílio, poderá ser tão apreciável quanto produzir, já que seu trabalho sobre a Estrada do Colono não exige vasta pesquisa são apenas alguns dados sobre a região, a origem do povo, sua cultura, espécimes existentes, caminhos a percorrer, lei de criação do parque, conjunto de resoluções tomadas no seminário, opiniões cabíveis e algumas horas para escrever.

- O senhor está por dentro! Admirou-se Sara.

- Eu sei pouco, sobrinha, quem forneceu esses dados foi o professor que fez a pesquisa para nós.

- Espero que seja aprovada.

- Com certeza, aprovação garantida! É só ler e entender e, qualquer dúvida procure esclarecer com o autor, que estará a sua disposição.

- Não tenho palavras, Ubaldo!

- Aceite, sobrinha, não vais se arrepender, mesmo por que: a maioria dos trabalhos diferencia-se pouco uns dos outros. Precisa servir-se de idéias anteriores. São poucos os alunos que conseguem desenvolver trabalhos, sem o auxílio de outrem. Geralmente toma-se como base um trabalho aprovado, copia-se alguns itens e acrescentam-se uns poucos dados. É assim que funciona, sem que, contudo deixe de possuir valor, desde que os acréscimos sejam convincentes.

- Está bem, vou aceitar. Tenho que ler. Depois apresentar à Rosana que faz parte da equipe. Se ela concordar, então vamos aprovar e nos preparar para a defesa.

- Ótima, sobrinha, assim se acerta os negócios. Sabe! Tenho idéia de contratar vocês para meus negócios em Florianópolis.

- Gostaria de saber se vocês se interessam, e comunicar que as perspectivas de sucesso são boas.

- Que espécie de trabalho seria?

- Relações públicas, sua especialidade, mercado de imóveis e turismo.

- Mônica e Rosana? Retornou Sara, preocupada com as colegas.

- Agentes!

- Não sei se elas pensam assim!

- Vocês farão estágio na área, sobrinha, e terão grandes probabilidades da ascensão profissional. Mercado aberto e segurança financeira.

- Por que em Florianópolis?

- Elo. Capital do Estado, turismo e crescimento do mercado imobiliário.

- Interesse pessoal?

- Como assim?

- Posso notar certo interesse de sua parte.

- Confiança no seu modo de ser. Você é a mulher ideal para auxiliar nos negócios de Paulo Sérgio. É isso. Notei na primeira vez que nos encontramos. Confio em você.

- Quanto a isso não tenhas dúvida. Serei muito mais prática e perspicaz que imaginas.

- Solista!

- Com toda certeza.

- Onde aprendeste?

- É meu maior sonho. Ser líder e comandar meu próprio negócio.

- Estou surpreso!

- Não devias. Sei o quanto desprezas teu sócio, mas quero que saibas que eu o amo e não misturo sentimentos com compromisso.

- É muito esperta garota! Vamos ver até onde vais com essa história.

- Amor!

- Larga mão, mulher! Conheço este teu jogo.

- Ele é perigoso, eu conheço Paulo Sérgio. É competente, calculista e imprevisível. Quer que diga tudo que sei sobre seu empreendimento?

- Não complique a coisa, Sara! Ubaldo mudou de comportamento. Que insinuações são essas?

- O senhor sabe. Paulo Sérgio sabe. E seus colaboradores sabem que nós não somos ingênuas. Mas pode ficar tranqüilo, seu Ubaldo. Decidimos não nos intrometermos.

Ubaldo suspirou.

- Sara, não pense nada de mal contra o meu empreendimento. Somos de inteira confiança e minhas empresas não estão envolvidas com negócios ilícitos, o que vocês viram nas Cataratas não é fruto de nosso trabalho. Sei que ficou certa desconfiança, mas já conversei com Paulo Sérgio e vamos por uma pedra nesse assunto. Não faz bem a vocês, nem a mim, muito menos Paulo Sérgio e seus amigos.

- Ubaldo! Sorriu Sara. Já disse que não queremos prejudicar. Estamos certas que há algo estranho no comportamento do senhor, de Paulo Sérgio e dos outros três, mas como disse, aceito seu convite para o trabalho.

- Tens inteira confiança em relação as suas amigas, Sara?

- Certa liderança. Não comungamos muito com as idéias políticas, mas sempre notei que posso esconder algo, talvez possa usá-las no empreendimento e mantê-las fora da real situação. O que Paulo Sérgio e seus colaboradores tentaram comigo, mas não foi possível.

- Estou mais calmo agora, Sara. Muito feliz. És muito mais experta que Debara e Paulo Sérgio. É a filha que procurava.

- Mulher?

- Mulher! Seria complicado.

- Insegurança?

- Talvez! Haveria incompatibilidade, temos gênios fortes.

- Qual é a sua oferta para minhas auxiliares?
Desconversou.

- Há seu tempo. Ainda temos que estudar. Mantenha-as informadas das atividades.

- Estou preparada para iniciar.

- Muito bem, quando chegar a Florianópolis pode mudar para o endereço que Paulo Sérgio te fornecer. É o primeiro presente do tio. Use-o, tenha cuidado com a língua e cuide de tuas amigas, que serão felizes enquanto durar as colaborações.

- E depois?

- Vocês é que vão decidir se quiserem continuar, terão toda a chance de progredir.

- Temos que comunicar os demais que nossa reunião acabou, senão Paulo Sérgio pode esquecer do passeio, concluiu Sara.

- Só mais umas dúvidas, Sara!

- Sim.

- Conhecem o Eduin?

- Creio que não. Rosana manterá um romance à distância, nada que possa interferir. Talvez uma saída para o futuro deles seja o caminho da Europa, é o sonho de Rosana. Viajar, conhecer outros países, novas conquistas.

- Não comentaram sobre ligações com Brasil, Estrada do Colono movimentos ecológicos?

- Sim, mas tudo relacionado com o seminário. Eduin é muito culto e conhece profundamente o assunto. É doutor em ecologia.

- Mandei um professor fazer uma investigação sobre vocês na Universidade, Sara. Além, é claro, da incumbência que “teve” para desenvolver o trabalho. Sei que Rosana teve alguns namorados e é menina de boa índole. A Mônica paquerou inclusive alguns professores, mas você...

- Sim transei alguns, mas não foi por notas, como fazem as outras. Por prazer! Havia uns gostosos e não me contive, sorriu.

- Coitado do Paulo Sérgio!

- Depende. As coisas mudam. Esse é um assunto meu, por enquanto, está bem. A sua insegurança não se refere ao que sentimos. Paulo Sérgio está sempre preocupado com o senhor.

- Mania dele, sua ocupação é mínima, não há razão para tanto nervosismo. É provável que seja preocupação com a mulher. Isso é o que dá quando se quer uma dama como você!

- Fazer o quê? Retorquiu Sara. Sorrindo sarcástica.

Neste pequeno diálogo, Sara conseguiu retirar de Ubaldo informações que jamais obteria se fosse com Paulo Sérgio. Pelas facilidades oferecidas por Ubaldo, não havia dúvida que o grupo estava totalmente envolvido em todos os episódios das Cataratas. A impulsividade de Sara, novamente foi aprovada e conforme planejou, ao ingressar na Universidade,

caiu-lhe do céu a oportunidade de comandar um empreendimento rentável.

Sobre os riscos que poderiam ocorrer, Sara pensava durante as noites em seu quarto. Porém sempre que imaginava uma parceria com Paulo Sérgio, vinha-lhe a idéia de haver algo estranho. Desde o princípio, quando ele quis esconder seu envolvimento com seus amigos e a conexão entre esses e Ubaldo, Sara desconfiara que embora alguns setores do empreendimento fossem regulares, havia algo estranho.

Quando Rosana e Mônica se certificaram que o grupo estava envolvido com os acontecimentos das Cataratas e comentaram com Eduin, Sara já havia decidido calar-se e, com a certeza, poder usar Paulo Sérgio e Ubaldo para seus fins.

Agora que Ubaldo sabe que Sara inteirou-se do assunto, cabe a ele dar-lhe as oportunidades e sabendo de antemão que ela está disposta a colaborar, mantendo suas colegas caladas, poderia colocar sua empresa imobiliária para funcionar em Florianópolis e usá-la para as demais ações do grupo.

Capítulo dez

A Ilha de Santa Catarina vista do alto é mesmo “um pedacinho de terra perdido no mar”. Suas cores diversificam-se conforme a variação do tempo.

Dentro desse contexto, a paixão desmedida de Ubaldo por explorar tudo que há de mais rentável em cada lugar, volta-se para a indústria do turismo e a exploração imobiliária.

Se os caminhos para se chegar a um bom lucro fossem alcançados somente com o trabalho e, a aplicação dos recursos na expansão do setor bastasse para Ubaldo, ele, certamente, ficaria apenas com seus negócios em Foz do Iguaçu.

Todavia a idéia principal fora sempre conseguir lucros cada vez maiores e da forma mais clandestina possível, para dar possibilidade de sobrevivência a todo grupo.

Florianópolis, por ser capital e cidade voltada para o turismo, devido aos inúmeros atrativos, pode ser usada para diminuir os riscos do enriquecimento de Ubaldo.

Em seu plano estão: passeios com pequenos aviões e helicópteros, somando-se ao comércio de carros, cigarros e drogas, tudo sob registro de uma imobiliária com poucos negócios e bons funcionários. A garantia ele obtém por contar com três dos mais competentes profissionais da arte criminosa: Otávio, Francisco e Gilberto, além de seu melhor parceiro, Paulo Sérgio, e por último, a estagiária Sara.

- Paulo Sérgio, eu não preciso sair de Foz do Iguaçu para saber como andam os negócios. Ditava as ordens Ubaldo, sentado em sua poltrona no escritório, enquanto Paulo Sérgio recebia as chaves do apartamento.

- Sempre estará bem informado, repetia Paulo Sérgio, sabendo que os negócios seriam administrados com sigilo e as introduções seguidas à risca sob os olhos do gavião.

- Comprei boa frota de helicópteros e a concessão de explorar os pontos turísticos dos Estados do Sul, portanto esta área pertence a nossa empresa. Porém faço questão de frisar que aqui em Foz do Iguaçu não me pertence. Vou colocar algumas unidades no litoral do Paraná e Santa Catarina. Você sabe qual é o meu maior interesse?

- Sei! Refletiu confuso Paulo. Arriscou comentar: aumentar a vigilância de nossas ações.

- Então estejam preparados. Paulo Sérgio. Procure seus três amigos e comunique-lhes que a nossa próxima ação será em Florianópolis.

- Foi pra isso que resolveu montar um empreendimento lá?

- Justamente. Seus amigos, você e suas colegas estagiárias têm um bom tempo para adaptação. Mantenha sempre o Otávio, o Gilberto e o Francisco informados e sempre alertas nas manobras das moças. A espreita nos olhos de Sara, mas mande-os ficar atentos em seus relacionamentos e, de vez em quando, traga-as para Foz do Iguaçu.

- Sim, para cá. Principalmente Sara.

- Não entendo! Por que essa insinuação agora?

- Estou confuso, Ubaldo!

- Conversei um longo tempo com essa mulher, Paulo Sérgio. Ela esta ciente de todo nosso envolvimento. A garota é experta e descobriu parte da ação das Cataratas. Resolvi concordar e acabar de vez com as desconfianças. Ela vai aceitar nosso jogo, foi melhor assim.

- Então estamos nas mãos delas. Qualquer deslize e seremos entregues. Vão nos usar para enriquecer!

- Calma! Sara sabe que não estamos sós, então a conversa foi formal, inclusive confessou-me que te ama e, estava disposta a dizer para as colegas esquecerem o episódio.

- Será difícil. Rosana e Mônica têm pensamentos diferentes. Sara não tem controle sobre o que elas pensam que acontece conosco. São irredutíveis em certos pontos de vista.

- Sara me garantiu que o estrangeiro, fez com que elas não se intrometessem.

- Então pode ser. Estou me convencendo.

- Paulo Sérgio! Quero, quando chegue a Florianópolis, contrate um corretor de imóveis e dê a ele um salário razoável para treinar as três meninas. Vamos comprar a imobiliária mais conceituada da Capital.

- Por que a melhor?

- Para uma empresa que possui status como a nossa, chegar a capital e comprar uma imobiliária fajuta não fica bem. Não esqueça, temos aviões e helicópteros!

- Por quanto tempo temos que atuar nesse ramo?

- Até eu perceber que posso confiar em Sara.
- O que essa mulher despertou em você para admirá-la tanto?

- Coragem, beleza, esperteza e autoconfiança.
- Para gastar tanto?
- Sim, espero bom retorno. E mais, se der certo, dar-lhe-ei uma construtora.

- É amor, afirmou convencido, Paulo Sérgio.
- Já disse sobrinho, que ela te ama. Não misture as coisas.

- E qual é minha função nessa história?
- Nenhuma! Afinal nós só entendemos de crimes. Vamos planejar o melhor momento, para atuar. Por enquanto é sol e mar.

- E meus companheiros?
- Eles são pilotos! Vão trabalhar nos vôos panorâmicos. Quando eu terminar meus planos, aviso a hora do trabalho.

- Então terei a minha vez?
- Justamente. Será o teu trabalho!
- Quanto a Sara, quem vai orientá-la?
- O corretor!
- Mas e a administração?
- A administração da imobiliária, meu caro, será a mesma. Só vai mudar o dono. Os funcionários serão os mesmos, os corretores também!

- Qual é a função de Sara?
- Aprendiz! E no futuro, dona. Gostou?
- Não sei o que dizer! Tens tanto dinheiro para jogar fora?

- Nós temos como ganhá-lo fácil, sobrinho!
- E Mônica e Rosana?
- Agentes de turismo! Quem é que vai marcar as horas dos vôos?

- As coisas estão cada vez mais confusas, nossos pilotos estarão em contato com as agentes!

- É verdade, meu sobrinho, tens razão! Parece que você não entendeu direito? Levantou a sobrancelha. Questão para Sara resolver!

- Mais uma parte do jogo em ação?
- Justamente, Mônica e Rosana vão ter que aceitar a amizade de nossos bandidos. Questão profissional!

- Para o senhor é tudo muito fácil!
- Elas sabem que somos perigosos e estão envolvidas até o pescoço!

- E a questão da moradia?
- Vocês vão se casar, sobrinho. Tens que morar com Sara no apartamento da Beira Mar, como já falei. Mônica e Rosana moram em Florianópolis, não há razão para se preocupar com isso. E nossos companheiros? Parou para pensar o que faremos?

- Eles não se dão Ubaldo, só trabalham juntos, mas não se acertam como parceiros.

- Então cada qual terá seu apartamento mobiliado e distante um do outro. Por que não casam?

- Dinheiro fácil, Ubaldo, mulheres idem!

- Engraçado! Será que o meu ganho é fácil, sobrinho, ou é arriscado?

- Tem seu preço, mas ganha bastante!

- Também já me casei três vezes!

- E continuas separado.

- Verdade!

Há algo a combinar com Sara. Até o momento não houve diálogo com suas colegas sobre todo o emaranhado das operações. Por enquanto Ubaldo apenas atribui tarefa a Sara. Rosana e Mônica estão à margem do assunto. Sara ainda continua em Foz do Iguaçu. Rosana e Mônica encontram-se ocupadas com a formatura.

- E Sara? Paulo Sérgio!

- Passeando.

- Chame-a. Precisamos combinar sobre a função dos rapazes.

- Precisa ser assim urgente?

- É bom, antes que as colegas resolvam abrir aquelas lindas bocas e soltar a língua para os jornalistas.

- Que tal se nesse momento elas já resolveram antecipar a festa!

- Nem imagine. E saber que depois que saíram daqui de Foz do Iguaçu, talvez, nem mesmo Sara entrou em contato com elas.

- Mas eu posso ligar e mandar Sara intervir.

- Ótimo, Paulo Sérgio, seja rápido.

Sara comunicava-se com celular. Paulo Sérgio, por conseguinte, não a deixava em paz pela cidade.

- Amor! Exclamou ela.

- Sim, espero você aqui no escritório, estamos preocupados com suas colegas.

- Está bem, já passo por aí.

Ela estava passeando com o carro importado com que Ubaldo a presenteara, além do apartamento no Edifício Parati.

Dejara lia o mesmo livro de Paulo Coelho, quando Sara chegou ao escritório.

- Oi, Dejara!

- Sara! Tudo bem? Estão esperando, vou comunicar.

- Doutor Ubaldo! Sara chegou.

- Pode mandar entrar.

- Oi, amor! Saudou a Paulo Sérgio, dando-lhe um beijo. Como estão?

- Preocupados, Sara. Interferiu Ubaldo.

- Ora! Comigo? Estava apenas rodando pela cidade, o carro é ótimo, amor. Já liguei pras garotas, chegaram bem e estavam a caminho das praias.

- Das praias? Pensei que fossem pra cama!

- Em Florianópolis, Ubaldo, quando se chega de uma viagem e faz calor, vai-se à casa de praia, para quem possui. Quem não, tomar um banho e deitar-se na areia. Quer mumu?

- Nada como nós pensamos Paulo Sérgio! Essa gente sabe mesmo curtir a vida, descansa na praia, enquanto nós ficamos aqui preocupados com negócios.

- Também não é tanto assim, né, Ubaldo! Há ocasiões que não se têm tempo para praia. Então se toma um banho em casa, cama e os afazeres. Afinal elas merecem um passeio, depois de um seminário desses, discutindo sobre política, reabertura de estrada, ecologia, etc. Precisa-se de uma pausa.

- Que há certa lógica eu sei, concordou Ubaldo.

- Depois elas são bonitas e fogosas, precisam dar uma paquerada na praia, conhecer um gato e relaxar, sorriu.

- Amor, nós resolvemos conversar contigo sobre uma série de itens que precisamos acertar, sabes que tudo entre nós vai ficar esclarecido. Segundo Ubaldo, vocês combinaram formar uma parceria no setor imobiliário e turístico. Tudo bem, nisso está tudo certo. Mas o que você precisa saber, amor, é que existe uma organização nossa, da qual vocês não devem fazer parte. Achamos melhor você saber. Fica a teu critério contar a tuas colegas, ou somente você saber. Mas há algo que pode comprometer. Então é melhor ficar de fora. Começou Paulo Sérgio.

- Nossa organização precisa continuar obtendo lucros regulares com nossos empreendimentos os quais vocês sabem: madeireira, helicópteros com vôos panorâmicos, lojas, aviões, cassinos e agora imóveis. A isso terão acesso. As demais ações ficam sob nossa responsabilidade. Digamos, não dá para você trabalhar pensando nesses itens? Continuou Ubaldo.

- Tudo bem. Concordou, Sara.

- Não gostaríamos, amor, que tuas colegas procurassem perder tempo matutando sobre os assuntos referentes ao resto do nosso empreendimento, entende?

- Depende da conversa que terei com elas!

- Sei, mas tente explicar que somos obrigados a colocar nossos amigos trabalhando ao lado delas. Haverá toda segurança. Será somente por questão profissional. Eles são pilotos das nossas aeronaves. Não podemos abrir mão deles.

- Não vejo problemas!

- Sara, Rosana naquela manhã meio que discutiu comigo e, vi quando ela se referiu com meus colegas...

- Eu cuido desse detalhe. Deixa que acerto essas pendengas. O que importa é o lucro e a aprendizagem. Não creio que elas queiram complicar.

- Pois bem, diga à Rosana que iremos construir um heliporto na Lagoa da Conceição. Elas vão marcar os horários de decolagem, cobrar a tarifa e organizar escala dos pilotos.

- Mas, são três pilotos?

- Poderemos contratar mais! Um fica no avião, esse faz parte do nosso jogo, é a outra face do negócio, sorriu.

- Começo a entender! Esse trabalho é temporário?

- Não, a princípio os vôos panorâmicos podem sofrer algumas paralisações, conforme a escassez de turista na baixa temporada. Intrometeu-se Ubaldo. Acredito que mesmo fora das promoções e nos fins de semana, podemos manter pelo menos uma aeronave disponível. Todavia a imobiliária continuará funcionando e, nesses intervalos, tuas colegas serão remanejadas.

- Não conheço o comportamento dessas garotas, espero que elas não queiram complicar, quando souberem que vocês participaram diretamente naqueles episódios das Cataratas...

- Aí entra tua malandragem, amor. Faça-as se desinteressarem e mude de assunto. Afinal, que lucros elas obteriam? Estaríamos na mesma canoa. Talvez as águas frias das Cataratas sirvam para um futuro mergulho, não achas? Piscou Paulo Sérgio.

- Mesmo assim Paulo Sérgio. Acho um pouco complicado. Há uma probabilidade enorme de Rosana não aceitar negociações, afirmou Sara.

- Por que essa dúvida agora?

- Algo me diz que Rosana está mais preocupada com um estágio fora do Brasil, mais precisamente na França.

- É o estrangeiro, Sara? Perguntou Ubaldo.

- Sim, ela pode ter receio de iniciar um trabalho em Florianópolis e depois transferir-se à Europa.

- Mesmo assim vale a tentativa, não é mesmo, amor?

- É evidente que tentarei convencê-la, porém quando souber dos colegas de trabalho será certamente um caso perdido.

- Será que não poderíamos complicar o lado dela, Ubaldo! Sugeriu Paulo Sérgio.

- Seria pior, não obteríamos nenhum retorno para nosso empreendimento. A tentativa seria perigosa. Através de Sara, saberemos muito melhor como Rosana vai se comportar.

- É uma opção dela, Paulo Sérgio, nós não podemos obrigar nem Rosana, nem Mônica a aceitarem tais propostas. Há o direito de escolha. É claro que se elas quiserem colaborar, para mim é melhor, mas não se sabe quanto às ambições delas. Pelas conversas notei tratar-se de moça decidida, é inteligente e prática. Já Mônica é mais romântica, deixa-se levar pelas coisas do coração, concluiu Sara.

Capítulo Onze

Na Rua Quintino Bocaiúva, próximo ao Shopping Center e a Avenida Beira Mar, encontra-se o Edifício Parati.

O apartamento que Sara e Paulo Sérgio receberam de Ubaldo, foi uma ordem de devolução de empréstimo que Ubaldo obrigou-se a receber a título de dívidas. Não é um apartamento novo, já está na terceira ocupação.

O primeiro morador foi o engenheiro, contratado por Ubaldo para construir um bloco de apartamentos em Foz do Iguaçu. Um empreendimento que servira para os primeiros tempos de trabalho do grupo. Um dos edifícios é o que deu a Ubaldo um título honorífico, responsável pelo destaque que ele detém entre os empresários de Foz de Iguaçu.

Foram alguns anos de muito comércio, principalmente as vendas de imóveis da cidade. Marcos André tornou-se famoso pelo padrão e bom gosto das obras, deixando a marca de seu estilo em diversos municípios do Oeste Paranaense.

Ubaldo obteve de Marcos André este apartamento, notável na época, por ser um dos mais bem edificadas.

Marcos André, engenheiro contratado por Ubaldo, colaborador nos primeiros tempos das ações do grupo. Residiu nesse apartamento por alguns anos, administrando obras em Foz do Iguaçu e coordenando outras em Florianópolis, preferindo os costumes açorianos aos gaúchos. Alternando as semanas, até que as obras se aproximassem do acabamento.

Marcos André, de origem italiana criado no meio-oeste de Santa Catarina, tinha formação religiosa e cursos de Engenharia Civil em Curitiba, com especialização nos Estados Unidos. Como profissional, gozava de bom conceito entre os empresários do ramo.

Ubaldo o conhecera somente quando o contratou para seus empreendimentos. Boa pinta, pouca conversa, trabalhava com afinco e, dessa forma ensinava a seus subordinados tais especialidades. Marcos André coordenava os cálculos e a parte prática da construção até seu acabamento. Cabia aos proprietários somente a incumbência do comércio e a administração dos imóveis.

Na hora de folga, Marcos André dedicava-se a decorar seu apartamento, às compras e às visitas às praias. Muitas vezes, esticava as noites na beira mar. Gostava de conhecer novas mulheres, principalmente as belas que sempre aparecem nesses locais. Não raro, a ilha de Santa Catarina agracia-se com as belezas. Na cidade de Foz do Iguaçu, a princípio, ele conheceu muitas mulheres, belas também. Noites agradáveis. Bares com atrações até madrugada. Tudo andava maravilhosamente bem.

Surgiu então um problema: a chegada de Paulo Sérgio a Foz do Iguaçu. Ubaldo deu a seu sobrinho o controle sobre as construções e a serraria. Os negócios para Ubaldo começaram a aumentar e havia necessidade de delegar alguns poderes a alguma pessoa de confiança.

Marcos André sempre fora prático, trabalhador, bom profissional, mas incapaz para o comércio, tinha pouca habilidade para vendas.

Paulo Sérgio, por sua vez, sabia negociar e em pouco passou a receber certa confiança por parte de Ubaldo. Causando certo constrangimento a Marcos André. Iniciando uma intriga difícil de ser digerida.

*

Numa dessas incursões a bares de Foz, Marcos André conheceu uma estudante. Fora como se a química separasse a perfeita combinação. Numa dessas repentinas paixões e cansado de pequenos namoros. Depois de poucos encontros, Marcos André convidou Adriana a conhecer a capital catarinense e subsequente: o apartamento.

Adriana é do Sudoeste do Paraná. Alta, elegante, olhos claros e cabelos castanhos. Estudante e estagiária. Enquanto sua índole extrovertida a faz o centro das atenções. O contrário parece atribuível ao casmurro engenheiro que a quer apaixonado.

Num desses caprichos do amor encontraram-se e bebericando copos de vinho, após as apresentações, surgiu à amizade, em pouco a paixão e seqüente os beijos.

Adriana combinava em grande parte das idéias com seu amado. Gostou do apartamento, da capital, das praias e da topografia da ilha. Isso tudo incorreu ao pedido de Paulo ao casamento.

No início, tudo era maravilhoso. Paulo Sérgio fazia de tudo para agradar, noites nos bares, dias de praia, passeios pelo litoral do estado. Um mês de férias encantador, alongado com muito amor. Ato que mais combinava no relacionamento. Esse impulso que ambos sentiam, toda vez que chegavam ao apartamento, ou passassem por motéis na beira da estrada.

A mudança veio quando recomeçou o trabalho, então Adriana ficava em casa, enquanto André viajava a serviço. Ela permanecia ora no quarto lendo os livros que Marcos André havia comprado, ora nos afazeres do novo estágio.

Em dia de sol passeava aproveitando as esticadas até o mar, outros às lojas, o mercado, o shopping. No mais à beira da solidão.

Muitas vezes Marcos André ficava semanas fora, cuidando das obras em Foz do Iguaçu. Adriana começou a sentir-se só e passou a reclamar e querer viajar também.

Quando estava na capital, Marcos André a levava ao teatro, ao cinema, aos restaurantes da beira mar norte. Nas noites em que não havia cálculos, nem plantas para conferir, ou negócio para verificar; eles saíam para tomar cerveja e comer alguns pratos típicos da Ilha.

Às vezes Adriana Fechava o apartamento e acompanhava Marcos em suas idas a Foz do Iguaçu. Faziam o caminho que em pouco poderemos denominar A Ponte Aérea do Turismo do Sul: Foz do Iguaçu - Florianópolis.

Ubaldo agradou-se de Adriana, assim como sempre agraciava todas as mulheres de seus subordinados, razão de suas separações com as mulheres com quem contraíra matrimônio.

Marcos André, confiante apresentou Adriana a Ubaldo numa de suas visitas ao escritório da madeireira Oligari, assim chamava-se o escritório. Simpático, Ubaldo beijara três vezes o rosto doce de Adriana e oferecera-lhe a poltrona para assentar-se.

- Muito bonita e elegante sua esposa Marcos André! Elogiou Ubaldo, enquanto de soslaio mirava as pernas de Adriana.

- Obrigado, Ubaldo, ela realmente agrada muito, por isso casei-me logo e estou muito feliz.

- Agrada-me muito saber que formam um casal feliz. Não pude ser assim com minhas companheiras; casaram-se por interesse e, tão logo nos conhecíamos, passavam a querer dominar e gastar, que é o maior mal delas: gastar, passear, comprar e reclamar. Separei-me três vezes e agora as tenho apenas como companheiras. Damos-nos melhor assim, mas continuam com gastos.

- Coisas de empresário, seu Ubaldo! Disse Adriana.

- Pode ser! Minha cara! Se paga por aquilo que se é. Vejam vocês, enquanto Marcos tem essas obras por aqui, tudo bem. Tem os apartamentos para as estadias, as viagens são curtas, o tempo é bem aproveitado, não há crianças, casal novo, tudo combina. Agora, quando começarem a aparecer os filhos, obras distantes, as coisas complicam, não é mesmo?

- Sim, mas meu marido já me prometeu que ao término desses prédios em Foz do Iguaçu, ele vai dedicar-se ao trabalho somente na capital, não é mesmo, amor?

- Já prometi desde que haja boas edificações na Ilha.

- Pronto! Argumentou Ubaldo, está começando a primeira encrenca.

No pensamento de Ubaldo, Adriana tão logo recebesse um convite, acataria a idéia de trair Marcos André, e para esse fim dedicaria o resto das perguntas, enquanto Marcos insistisse a trazer Adriana para suas reuniões.

- Sabe, meu caro Marcos André, que tenho idéia de colocar uma imobiliária em Florianópolis e quem sabe, vocês administrarem?

- Não seria de jogar fora a proposta! Respondeu Marcos, mas não tenho habilidade com vendas, talvez se expandíssemos nosso ramo e montássemos uma construtora e incorporadora.

- Requer muito. É um risco elevado e a concorrência pode nos derrubar.

- Depende! Temos todos os quesitos necessários, é só uma questão de transferência de equipamentos e pessoal. O que temos aqui pode ser aproveitado lá e, talvez com lucro maior, devido ao crescimento do setor habitacional.

- Vou estudar o caso, mas em minha opinião uma imobiliária está mais perto dos lucros, do que uma construtora, concluiu Ubaldo.

- Estude Ubaldo! Eu continuo preferindo a minha opção, questão de base, tenho mais segurança e domínio nessa área.

- Vejo que seria um empreendimento garantido. A segurança profissional na construção e a minha garantia de vendas! Sorriu conformado, Ubaldo.

Todas as vezes que concordava, Ubaldo olhava para Adriana em busca de um sorriso, dum gesto de carinho, um aceno de cordialidade.

Logicamente que uma construtora e incorporadora seria do agrado de Marcos André, porém Ubaldo não queria construir nada em Florianópolis, já havia adquirido e estava em andamento um empreendimento em Foz do Iguaçu. Na capital queria apenas uma imobiliária e somente de fachada, para manter seus negócios clandestinos e poder comercializar ao longo do litoral sul, fazendo conexão com o interior dos Estados.

O convite foi feito a Marcos André, embora Ubaldo soubesse que o engenheiro não era do ramo, mas na perspectiva de conquistar a princesa Adriana, que não é a Diana da Inglaterra, que veio conhecer e adorou as Cataratas. Ubaldo estava disposto gastar um pouco e poder desfrutar de mais uma dama da sociedade imobiliária.

E foi assim, Marcos André deixou-se levar pela lábia de Ubaldo. Adriana sentiu-se atraída pelo capital do empresário e, como que se o feitiço a enfraquecesse, perdeu o encanto pelo engenheiro sentindo-se indiferente quando estava em sua companhia, tanto em viagens, quanto ao seu lado no apartamento na capital e, muito mais nas horas de lazer e passeios às praias.

Marcos André dedicava-se com afinco a seu trabalho. Aqueles momentos que antes dedicava ao amor, os pequenos instantes que se deitava com Adriana e apreciava-lhe o corpo, beijando-a com todo carinho antes de cada transa, foram-se substituindo por poucos afetos, menos carícias e a hora do amor, uma corriqueira transa para manter o casamento.

Adriana poderia continuar afetuosa, ao Marcos André, não lhe custaria procurar dialogar com o marido sobre a mudança em seu comportamento: que fim levou os seus bons momentos, por que Marcos André fechou-se para o amor? Colocando-a em segundo plano, dedicando-se ao trabalho profissional. Não, não queria manter diálogo com Marcos André. Pensara por noites seguidas sobre que dia, que assunto fora o culpado por tal desordem no seu casamento, mas nada.

Marcos André, naturalmente, conformou-se com a situação. O prazer, o amor, as carícias, os beijos pelo corpo inteiro, os suspiros, a busca do clímax, o gozo delicioso, não lhe convinha mais.

- Outra! Pensou Adriana. Sim, há sempre o dia em que se desconfia que alguém queira nos importunar, mas não precisamos nos desesperar. Não há razão para brigas. E não fazia restrições, estava tudo bem, tão logo Marcos André pudesse,

ficariam juntos, comprariam uma casa e abandonariam aquele apartamento, pensara Adriana.

Marcos André não fazia nada para melhorar, nem levar adiante seu casamento. Chegava a casa, dava um beijo leve na esposa, tomava banho, ligava a televisão, assistia aos programas e conversava somente o necessário com Adriana.

As incógnitas eram cada vez maiores e mais difíceis de serem decifradas. Então o que Adriana já esperava: o fim irreparável de seu afeto por Marcos André, aproximava-se. Não fora o que os dois planejavam, mas apresentou-se de maneira destrutiva a separação.

Ciúmes são mesquinhas que nos fazem perder a altivez, não há razão de sermos nobres quando amamos alguém, mas também não podemos ser nobres quando assumimos certos comportamentos que nos escravizam e, nos roubam paz e a segurança. Quando expressamos os nossos sinceros sentimentos e dedicamos todo amor, não há distância que possa desvirtuar tudo o que plantamos. Para que haja segurança é preciso confiar sempre em quem amamos, mesmo quando nos atingem as adversidades. Mostra, imediatamente, o certo e o bem. A desconfiança atrapalha e desencanta, a garbosidade pode cansar. A fidalguia de procedimentos perpetua o amor.

Adriana lia calmamente esses pensamentos e tal qual uma flor molhada, seus olhos verteram lágrimas penosas.

Ela estava certa em pensar com mesquinhez em relação a seu marido. Não fora assim que havia sido criada, mas as circunstâncias trouxeram as adversidades e as dúvidas debilitaram-lhe as forças. Adriana certificou-se que Marcos André a faz sentir ciúmes e eles estão descaracterizando seu relacionamento. Mesmo assim ela tenta de algum modo, conservar seu amor: um sorriso ao vê-lo entrar; um beijo voluptuoso, com a língua a roçar-lhe os lábios; um sussurro frenético, na hora de dar-lhe amor, uma última tentativa à reconciliação.

Agora parece que Adriana lembra-se vagamente do instante que Marcos André começou a mudar sua conduta. Antes dedicava a ela todo carinho, passeava, comprava-lhe jóias caras, colares de brilhante. Ficava hora admirando seu lindo e esbelto pescoço, comprava-lhe os melhores perfumes, beijava-a com ternura toda vez que chegava do trabalho e a levava nas viagens. Depois, passou a sair sozinho e a desprezá-la.

Então houve a ocasião em que tudo começou a dismantelar-se. Fora após a viagem a Foz do Iguaçu, quando Ubaldo ofereceu-lhe o apartamento onde residiam e a companhia para uma empresa imobiliária.

Marcos André não gostava da atitude de Ubaldo, muito menos de Adriana haver aceitado trabalhar em tal empreendimento. Para ele, Adriana poderia fazer outra opção

profissional, talvez em sua companhia, a haver aceitado acompanhar os impulsos de conquista de seu empregador.

Foi dia temível, Adriana pensando fazer-lhe o bem, agradava-lhe com todos os préstimos, que sempre Marcos André adorava e ele divagando pelos cantos do apartamento, como que se algo estivesse por acontecer.

Mesmo no clima de indiferença, Marcos André, numa sexta-feira à noite, após o expediente, convidou sua companheira para um passeio na Beira Mar.

Diversas pessoas bebiam nos bares que compõem a orla norte. Fazia calor e havia muitos turistas aproveitando a temporada na ilha. Como de costume aproveitavam para bebericar nos bares e principalmente assentarem-se ao longo da encosta para namorar.

Nas imediações da Boate Dizzi, num desses bares, onde as mesas são dispostas ao longo da Avenida, Marcos André decidiu tomar uma cerveja.

Para Adriana havia algo especial, seu marido parecia disposto a agradar. Assentou-se em companhia dela e discorria sobre assuntos corriqueiros, mesclados com algumas observações sobre as lindas mulheres que cruzavam a Avenida.

Em pouco, Adriana notou que os olhos de Marcos André não buscavam os seus, havia certo desvio e um brilho diferente. Muitas vezes o disfarce era grande e ela percebeu que seu marido não mais bebia pensando nela, mas sim em alguém que assentara-se em frente a ele e, atrás de si.

- Preciso ir ao toalete, meu amor, disfarçou Adriana. Então viu que estava ali uma morena graciosa, com os olhos negros e um pouco mesclados de azul marinho, uma verdadeira manequim querendo conquistar seu marido. Adriana sentiu um leve fio de dor a tocar no seu peito e a respiração faltar-lhe por segundos.

“Só pode ser ela a razão dos atrasos nas chegadas das viagens de meu homem. Não são olhares estranhos, são pessoas muito conhecidas”! Reclamou Adriana.

- Não estou me sentindo bem Marcos! Podemos ir? Decidiu-se Adriana.

- Como assim, meu amor! O que houve?

- Nada, não estou disposta!

- Pena, meu amor, estava tão gostoso!

- Eu sei, mas não me fez bem o aperitivo, preciso descansar.

- Faz tão pouco, meu bem, agora que estava agradável, vamos fazer o que em casa?

- Desculpe Marcos, só queria deitar, já disse que não estou bem!

- Eu notei Adriana quando ficaste assim tão sem jeito. Não é o que estás pensando. Agora queres proibir que olhe para outra?

- Estava mesmo esperando esse dia Marcos! Sabia que um dia iria descobrir a razão de sua mudança.

- Não precisa brigar, não tenho intenção de trair, foi só um olhar.

- Já disse que não me importo, sabia que alguma coisa estava acontecendo.

- Nada!

- Então está bem, não se fala mais nisso!

- Já que é assim, podemos ir!

- Agora sou eu que fico com a culpa?

- Pode ficar, estragaste tudo! Disse e levantou-se.

- O que querias que fizesse! Aceitasse?

- Não vamos fazer escândalo.

- Combinamos, podes me levar, depois voltar!

Marcos André não teve ação, Adriana levou-o ao ridículo. Precisava levá-la e não comentar mais sobre o assunto. Na verdade a mulher tinha razão, a moça a que se referia, realmente usava olhá-lo toda vez que vinha aos bares. Qualquer uma poderia reagir dessa forma, pois não eram olhares discretos, eram pidões e provocantes capazes de reações.

Foi isso, agora Adriana tinha certeza que a moça da Beira Mar havia confundido a cabeça de Marcos André. “É ela”!

“Então foi aquela mulher? Ou será que minha desconfiança foi exagerada?” Enfim turbilhões de idéias perturbavam o relacionamento.

Por último: Adriana foi mais uma vez a Foz do Iguaçu em companhia de Marcos André.

Neste tempo Marcos André havia entrado em discórdia com Paulo Sérgio sobre o andamento do empreendimento. Qualquer problema que surgisse em relação aos peões, Marcos André atribuía aos deslizes do encarregado de vendas, o assistente Paulo Sérgio.

Discordando desse impasse, Ubaldo convidou as partes para uma reunião.

Fora nesse ínterim que Adriana conheceu Paulo Sérgio e, como da primeira vez que vira Marcos André, apaixonou-se.

Ao contrário das reclamações do marido sobre Paulo Sérgio, Adriana logo sentiu ser ele muito elegante, belo e uma voz grave. Acreditou ela tratar-se de homem culto e muito comunicativo, embora não demonstrasse a responsabilidade do marido, dava-lhe a impressão de ser muito astuto e, por conseguinte um bom amante.

Fora uma paixão repentina e incontida. Tão logo Marcos André distanciou-se para o trabalho, Adriana procurou Paulo Sérgio.

Capítulo Doze

Há os caminhos que nos aproximam, assim como há os ventos que afugentam as nuvens nas tempestades. Como o

embate das ondas, nas rochas agudas dos oceanos. Os deslizos podem causar tiranias nos relacionamentos, amores avassaladores e destrutivos.

Adriana descobriu que Marcos André passava fins de semana em companhia da mulher que havia conhecido na noite da Beira Mar. Em suas idas a Foz do Iguaçu ele conheceu Sara, a morena clara, que seus olhos não puderam esconder de Adriana. Foram simples observações, e Adriana certificou-se que seu marido amava aquela graça de mulher.

Havia meses que Marcos André chegava tarde. A princípio as desculpas do trabalho, seus afazeres na construtora, reuniões com engenheiros, cálculos e correções das estruturas, encaminhamento de licitações, problemas com os corretores enfim, assuntos correlatos à profissão.

Porém o constante descaso com o amor, ele que desde o início demonstrara todo carinho, o contínuo mau humor, levou Adriana à desconfiança e descoberta da infidelidade.

Marcos André conheceu Sara numa daquelas suas idas ao shopping. Sem o querer, ao subir na escada rolante, viu Sara dirigir-lhe o olhar. Não se conteve, aproximou-se da jovem e a convidou para tomar um sorvete, no que foi prontamente atendido.

- Meu nome é Marcos, e o teu?

- Sara!

- Faz dias que te vejo, mas nunca pude conversar.

- Sempre te encontro acompanhado, deve ser a esposa!

- É Adriana, minha esposa, acertaste.

- Muito bonita! Parabéns!

- Obrigado, és muito linda e feliz.

-Feliz? Que engraçado! É interessante, Marcos!

- Marcos André!

- Sim, prazer Marcos André, tenho todas as informações sobre você, minha colega sabe onde trabalhas, és engenheiro.

- Isso mesmo Sara! Só que não sei nada sobre você.

- Sou gaúcha de Caxias do Sul. Estudo aqui.

- Não me parece tão jovem, ainda estudas?

- Terminei o segundo grau, dei um tempo, então resolvi viajar um pouco e, agora, estudo Serviço Social.

- É bom! Uma boa idéia, moça bonita servindo a sociedade.

- É difícil encontrar alguém que goste dessa minha escolha.

- Mas tem, minha esposa fez administração de empresas em Foz do Iguaçu e hoje quer continuar seus estudos aqui, talvez uma pós-graduação na área de relações humanas. Aqui na capital, voltada ao turismo, precisamos muito de bons profissionais na área.

- Tua esposa cuida bem de você?

- É serviço dela, ler, cuidar do apartamento e de mim!
Sorriu.

- Mas hoje libertou?

- Estou aproveitando o intervalo, sorriu novamente.

- Minha colega contou-me que tens uma construtora.

- Sou sócio, tenho obras aqui e em Foz do Iguaçu, é claro que prefiro as daqui!

- Imagino! Esse mar, mulheres, praias...

- Poucas coisas diferem, em Foz do Iguaçu há muita gente bonita também e o turismo é maior que aqui, porque a temporada de visitação é o ano todo. O povo sabe como lidar com turismo, depois transações com o Paraguai e Argentina, aumentam o fluxo de pessoas.

- É verdade, Florianópolis depende muito do verão, porque o negócio está voltado para os atrativos do mar, concordou Sara.

- Por esta razão   que precisamos desenvolver o turismo na Capital, para preencher a lacuna deixada pela temporada. A Universidade, com cursos de especialização, poderá contribuir para esse campo, afinal, nossa Ilha e nosso litoral são de grande encanto.

-  ! As pessoas procuram o litoral nas temporadas para descansarem do trabalho anual. Parece uma questão lógica, todas as pessoas que trabalham nas cidades do interior sentem uma atração pelo litoral, quando chega o verão.

- É um ciclo que já está no sangue, somos como andorinha, chega o verão imigramos para o litoral.

- Além das compras, da Beira Mar e da esposa, mais algo de importante?

- Tenho pouco tempo até para essas pequenas horas extras, mais tarde pretendo viajar, conhecer lugares, etc. E você?

- Andei muito pelo país, conheci o Nordeste, a seca e as enchentes. O litoral brasileiro, as chapadas e os vales. Juntei-me a um médico de Porto Alegre. Nos fins de semanas íamos  s praias distantes. Depois fiquei no Rio de Janeiro um ano com um carinha que conheci na cidade de Porto Seguro. Paulista, vendia artesanato. Fomos pro Rio, ele viajava, havia dias que estávamos em Vitória, depois Campos, nos feriados em Saquarema e em Copacabana, uma vida bem diferente da que vivi com o gaúcho.

- Trocar um médico por um artesão?

- Pra se ver o que é a vida. Quando as coisas não combinam, as procissões não definem a felicidade!

- Não vai querer me contar com quantos homens andou, pule essa parte, interferiu Marcos André.

- Está bem! Sorriu Sara Rodrigues. Essas histórias cansam?

- Não, mas podemos conversar sobre coisas mais importantes, não achas?

-   verdade! Respondeu Sara e silenciou.

- Chateada?

- Não, desculpe, acabei os assuntos.
- Pena, não queria magoar você, perdoe-me.
- Capaz, estava apenas esperando alguma história tua.
- Bem! Já vou. Uma hora dessas a gente se vê.

Foi um encontro casual e sem graça. Sara em pouco esteve perto de desistir deste homem; pareceu-lhe o médico que havia conhecido nas viagens: pouca prosa e aplicado à profissão, referia-se bastante à esposa. Quanto a isso Sara deu-lhe crédito. Por que perturbar um homem casado? Mas lembrava-se Sara que esta era a sua especialidade: separar casais, principalmente quando os homens apresentavam-se fortes e graciosos. Disputava-os até conseguir conquistar, depois, com o tempo, desinteressava-se.

Marcos André após o expediente sempre se encontrava com Sara. Um bar, outra vez para outro e, outro, até Sara estar certa que Marcos André estava apaixonado.

A chuva precipitou-se durante as últimas horas do dia, não estava frio, mas ainda soprava o vento sul, quando Marcos André aproximou-se do bar da esquina da Avenida Beira Mar e a Otto Gama Deça para uma cerveja. Não esperava encontrar-se com Sara naquele instante, beirando a dezenove horas, horário de verão.

Tão logo estacionou o carro sentiu que alguém o estava seguindo. Deixou para certificar-se quando estivesse sentado à mesa.

Sara graciosa e disponível, aproximou-se de Marcos André. Não tinha costume de beijá-lo nos encontros, apenas uma breve saudação, algumas histórias, uns copos de cerveja, alguns galanteios e logo chegava a hora da despedida, porque Marcos não podia se demorar muito a voltar para Adriana.

Neste, porém Sara ansiosa por seus carinhos, logo que se aproximou, deu um beijo no rosto e, esperou a reação de Marcos André.

Fitaram-se um instante. Impetuoso Marcos beijou-lhe a boca, resvalando à língua nos lábios, querendo acabar de vez com a agonia. Havia dias esperava por um momento de ternura, mas Sara evitava seus impulsos com viagens e outros amores. Quando tudo parecia encaminhar-se, Sara mencionava a esposa, então serenava os ânimos e, Marcos André despedia-se.

Desta vez foi diferente. Com o carinho vieram as palavras ternas. Depois o abraço e o convite ao amor.

Daí por diante, transformou-se o sentimento de Marcos André em relação à esposa. Sara parecia-lhe mais graciosa, delirante, atraía-lhe pela formosura. Adriana fora uma amante terna, impecável, ardente e ansiosa, mas começou desprezá-lo por ausentar-se, cobrando-lhe sempre mais afeto; em seus devaneios, Adriana sonhava com um homem que a merecesse por completo e cada vez mais, assim pensara quando contraiu matrimônio. Sonhava com o marido chegando alegre, para depois fogueiramente a possuir.

A princípio sim, o sonho parecia realizado. Marcos André a possuía com ternura e seus atos amorosos prolongavam-se durante horas, desejando que a noite não findasse. Mas os afazeres, as novas companhias, o casamento, a mudança de cidade, aquela prisão no apartamento diminuíram o prazer, o amor sucumbiu, deixando um vazio entre a dor e a incerteza.

Marcos André, apaixonado por Sara Rodrigues, não se importava que Adriana quisesse separar-se. Apenas não havia comentado com a esposa o assunto, porque Sara não lhe parecia mulher confiável. Dadas às incógnitas queria esperar mais um tempo. Sabia que Adriana ao saber de seu envolvimento com Sara, não suportaria. Por essa razão tentou esconder ao máximo seu sentimento.

Todavia Sara aproveitou-se para ocupar-se de sua nova conquista e na oportunidade oferecer toda sua experiência para cativá-lo.

Como empresário Marcos André gabava-se de poder levar Sara ao melhor lugar da Ilha. Queria que sua princesa fosse coroada e que seu encanto cedesse lugar à perfeição. Um motel à altura da dama que o acompanhava.

O corpo da caxiense poderia ser discutido a versos. Ela andando na Beira Mar em pleno vôo dos olhos simbolistas de Cruz e Souza, que comporia algumas páginas, totalmente a mercê de seu encanto. Fora assim que Marcos André a recebeu, sob o signo da força e da sedução, caprichosa e ávida, mágica e ardente.

Afável, Sara encostou seu rosto contra o corpo quente de Marcos André e, quando ele recebeu aquela doce flor, exalando o perfume dos deuses, não houve gratidão maior que fazê-la sentir o mais salutar e desenfreado prazer. Nascera a paixão que muitas vezes relutara em fazê-lo feliz.

Capítulo Treze

O capricho alastra seus ramos, incluindo a discórdia e o apetite da vingança, dissolvendo sonhos e criando fantasias.

Adriana queria encontrar-se com Paulo Sérgio, já que seu marido a desprezou, sua intenção era conseguir colocar os dois em situação de desconforto.

Marcos André desconfiava, que Paulo Sérgio e Ubaldo tramavam sua queda. Notou haver algo estranho. Onde se vendia tanto? Como Paulo Sérgio em pouco possuía uma das melhores mansões de Foz do Iguaçu? A constante visita de homens estranhos, cordiais ao vendedor? Misteriosos, sempre discutiam em reuniões a portas fechadas. Ninguém sabia ao certo os assuntos e quando saíam sempre festivos, podia-se esperar um carro novo, um helicóptero, um terreno, um cassino, uma loja, tudo com o registro “Oligari”.

Empreendimento imobiliário, serraria, comércio, indústria, sob as ordens de apenas um homem e o auxílio integral do sobrinho.

- Estranho, pensou Marcos André, será que estou envolvido em alguma empresa suspeita?

Dessa forma, o engenheiro começou a matutar sobre a possibilidade de pesquisar a quem pertencia toda a rede, se Ubaldo agia por conta própria, ou se um grupo maior estava envolvido por detrás desses negócios.

Se fosse antes, Marcos André poderia contar com o auxílio de Adriana para dialogar e procurar checar algumas informações, mas agora a mulher não lhe inspira mais confiança.

Depois que ele havia conhecido Sara, Adriana falava pouco e seu jeito resignado não convinha ser incomodado. Marcos André sentia-se como um beduíno perdido no deserto. Talvez se Sara houvesse conhecido Adriana em outra circunstância, as duas poderiam ajudá-lo. Pensamento complicado, amante e senhora auxiliando nessa difícil função. Se conseguisse descobrir o início da trama, em pouco o emaranhado poderia ser desvendado. Mas a que serviria? Talvez a nada, mas se o empreendimento fosse honesto, então, poderia aumentar o raio de ação e também compartilhar de mais lucros.

Paulo Sérgio havia dias desconfiava de Marcos André. Este se ocupava muito em assuntos fora da função, intrometendo-se a perguntar a seus subordinados sobre assuntos relacionados às demais áreas. Essas desconfianças fizeram de Paulo Sérgio um observador direcionado ao engenheiro e, em pouco, Ubaldo ficou inteirado das intenções de seu engenheiro construtor.

- Não vou dar à sua esposa, Marcos André, a imobiliária que planejamos em nossa reunião, informou-lhe Ubaldo, quando se encontraram no escritório.

- Mais uma arte daquele seu sócio, que teima em querer que rompamos nossas relações!

- Não, Marcos André, no momento acho precipitado o empreendimento.

- Estranho Ubaldo! Quando falei que não era bom, naquele momento, uma imobiliária, o senhor reclamou, dizendo que minha esposa compreendia melhor porque havia se graduado em Administração de Empresas, que agora o importante é ser empreendedor, etc.

- Sim, meu caro, na época, daquele encontro, tinha em mente um projeto para Florianópolis. Acontece, Marcos, que a concretização do esquema planejado requer um estudo mais detalhado. Quero confessar a você que acredito sermos amigos e posso contar com sua confiança. O que comentarmos aqui, morre entre nós, não gostaria que comentasse com a esposa. Quando montamos qualquer empreendimento, sempre por detrás desse, estudamos a possibilidade do andamento de atividades que envolvam o crescimento de toda rede, entende?

- Como assim? Questionou Marcos André.
- Acredito que durante esse tempo todo que trabalhaste aqui, já tenhas entendido o funcionamento da casa! Piscou Ubaldo.
- Como o senhor pode notar, sou um profissional meramente técnico, não me ateno a observar os pormenores que envolvem as demais áreas do setor, mas é notório que existe alguma coisa que gera lucros elevados.
- Bem, amigo não são tão elevados assim, digamos que temos um movimento razoável, no entanto, é preciso que se tenha todo cuidado. É aí que entra aquela questão inicial. Por enquanto não tomei as providências necessárias para envolver Florianópolis nos negócios.
- Está certo, Seu Ubaldo, concordo com seus cuidados, com todo andamento de sua empresa, só não consigo entender porque Paulo Sérgio merece todo seu apreço, enquanto os demais não detêm sua confiança.
- Marcos André. Tenho a maior admiração por você! Bom profissional, eficiente nos cálculos, responsável na execução das obras, caráter intocável, moço bem quisto, quer mais alguns adjetivos? Não vejo o porquê dessa insegurança! Eu te admiro muito e jamais vou criar caso com você.
- Mas tudo isso não basta, o que todos reclamam é a falta de segurança que se tem, quando os assuntos são delegados por Paulo Sérgio.
- O que tem ele? Interessou-se, Ubaldo.
- É tudo o que o senhor sabe! Rancoroso, discordante, bedelho; intromete-se em tudo. Meu setor, por exemplo, quer dominar minha equipe, reclama da construção, mas o mais funesto são suas investidas nas nossas vidas particulares.
- É muito grave, meu caro Marcos André, reagiu Ubaldo, meu sobrinho não pode e, nem deve se envolver com tais assuntos. Pode deixar, é bom que eu saiba. Tomarei providências relacionadas a esse rapaz. Contudo, não quero que pensem que ele faz isso a meu mando. Preciso que venha sempre discutir sobre isso, assim acabam as divergências e as coisas andam melhor.
- Ele anda bisbilhotando, diz que quero descobrir alguma coisa da empresa, o que não é verdade.
- Terei uma conversa com ele. Fique tranqüilo.

*

“Querendo pesquisar sobre o empreendimento”. Sim, Ubaldo ficou por alguns instantes cismando essas palavras de Marcos André, quando o engenheiro saiu do escritório. Nesse caso teria que tomar algumas providências. As reclamações referentes a Paulo Sérgio são fatos posteriores a muitas conversas que o sobrinho vinha tendo com ele. Marcos queria saber das

ações do grupo, havia avisado Paulo, mas para que? Para fazer parte e poder chantagear, em possíveis favores.

- Paulo Sérgio há umas reclamações de Marcos André que precisamos esclarecer. Decidiu Ubaldo, convidando o sobrinho para o escritório.

- O que descobriu! Tio?

- Há algo grave. Marcos anda acusando você de bisbilhotar a vida de todos, inclusive dos peões.

- Claro! Quero saber o que anda conversando, afinal foi para isso que o senhor me trouxe para o canteiro de obras.

- Garoto, você não sabe ser discreto? Vá lá, disfarce, ouça o que dizem na hora de descansar, mas não se intrometa nos andamentos das obras, isso compete ao engenheiro e sua equipe, mestre de obra! O quê nós sabemos fazer? Matar, roubar, traficar e gastar, nada mais! Então obedeça ao tio, vai, não crie caso com aquele engenheiro! Foi mais ou menos isso que planejamos. Agora, bem, temos que dar um jeito em Marcos André. Ele é muito estranho, além disso, se faz de mal entendido, no fundo é muito inteligente e para colocar tudo a perder é só continuar pesquisando!

- Vamos abrir mão do andamento das obras? Preocupou-se Paulo Sérgio.

- Não, meu caro, vai acontecer um acidente, a imobiliária, troca de engenheiro e continuamos vivendo!

- Logo agora que conhecemos aquela jóia de esposa.

- Ela entra no mesmo barco. Infelizmente não podemos poupar, são duas almas curiosas que nos afligem.

- Mas ela não precisa saber, poderíamos poupá-la, eu terei o prazer de encaminhá-la novamente ao bom caminho!

-Se fosse assim, sobrinho, quem tem o direito de agradá-la sou eu, a mim pertenceria à primeira conquista.

- Será um salve-se quem puder. Tio! Só sei dizer que é pena, uma mulher linda e graciosa como Adriana, pagar pelo marido.

- É a lei, com quem andamos seus pecados: também pagamos.

- Se eu mudasse minha conduta, passasse a agradar o engenheiro, será que ele levaria adiante seu projeto?

- Correr contra o vento, sobrinho, não adianta, ele voa e nós por mais que sejamos rápidos, nos alcançará e, consequentemente nos arrastará ao abismo. Melhor fecharmos a casa, então ele não terá força suficiente para nos derrubar.

- Sinto muito por Adriana, bem que podíamos poupá-la!

- Bandido não poupa sobrinho, lembre-se disso!

*

Adriana, a moça singela, estava marcada. Se o marido a traía, seu amante há de traí-la. Paulo Sérgio havia deixado o escritório com esta incumbência e ela ali no corredor a esperá-lo.

Paulo Sérgio! Saudou-o com meiguice, tens um tempo para me ouvir?

- Todo o tempo de sua vida, meu anjo, por que a aflição?

- Não há aflição, sinto uma coisa estranha quando vejo você! Minha mãe falou-me que isso é premonição.

- Seu marido, Adriana, onde se encontra?

- Nas obras, eu queria aproveitar para conversar contigo, agora.

- Podemos ir a minha casa, não precisa se apavorar, então trocaríamos idéias sobre seu medo.

Adriana, impulsiva, naquele estado que se encontrava, não oporia nenhuma resistência, muito menos a Paulo Sérgio, o homem que estava esperando.

- Não é medo, Paulo Sérgio, é certeza que algo vai nos acontecer, só que nada pode fazer.

- Você é mística?

- Não, desenvolvida. Minha mãe, Viviane, sim. Ela consegue prever o futuro das pessoas, principalmente coisas ruins, por isso não gosto de mexer com essas forças sobrenaturais.

- Também não! Já imaginou sabermos que vamos morrer dentro de poucos dias!

- Deus me proteja. A vida não é muito boa, mas tem momentos gostosos, não acha?

- Se pudéssemos salvar as pessoas, não é mesmo Adriana, seríamos mais felizes! Disse Paulo Sérgio colocando as palavras de forma afirmativa.

- As pessoas que amamos aquelas por quem daríamos a vida?

- Você acredita no amor, Adriana?

- Acredito que ele esteja dentro de algo que não podemos imaginar. Quando me casei com Marcos André pensei que o amava. Depois ele passou a sair com alguém. Não tenho certeza se ele ama outra pessoa, nem se ele realmente namora, ou melhor, sai com outra mulher, mas esta desconfiança tirou-me um pouco o amor.

- Serias ainda capaz de sacrificar-se por ele?

- Certamente, inclusive sonho com momentos iguais aos nossos. Não sei o quê houve no nosso mundo!

- Então no momento não estarias disposta a morrer por nenhum homem, muito menos pelo engenheiro?

- Por que tanta pergunta sobre o mesmo assunto?

- Ora, não foi você que começou com esse negócio de prever a morte?

- Está bem, vamos conhecer tua casa.

- A residência pouco importava, o que havia em Adriana era um místico dilema. O que atraía tanto, quando se aproximava de Paulo Sérgio e por que ele dificultava as coisas? De tal forma que Adriana pensava no pior: ele repudiava sua

companhia, também devia odiar seu marido, como consequência toda sua fúria dirigia a ela.

- Eu estou atrapalhando, Paulo Sérgio?

- Pelo contrário, eu é que não estou agradando.

- Há, você sabe Paulo. Por isso quer dificultar. Não vez que estamos numa guerra. Queres saber? Estou afim!

- Anjo, se pudesse decidir! Mas tens que entender, Há coisas que não podemos atropelar. Que direito temos de julgar nossas vidas? Estamos alheios aos nossos desejos. Nem sonhas com as vidas que confias. Sabes com quem está? Qual sua idéia sobre mim? Achas que sou capas de trair uma ordem de meu superior?

- Falas como se eu estou à beira de um julgamento! Por acaso cometi algum delito? Estou sendo julgada por algum crime?

- Não! Adriana! Apenas o sonho pode acabar! Eu gostaria imenso de compartilhar de todo seu mundo amoroso, mas acho que não faz parte de minha escolha. Isso não deixa uma lacuna em sua cabeça?

- Estou mais confusa ainda! O que queres dizer, contudo?

- Que pode acontecer coisas impensadas. Já está decidido. Você não vai mais ver seu marido, Pode ser que quando pensar nele mais uma vez, ele possa estar descendo as Cataratas. Se você aceitar nosso jogo, viverás! Senão, o seu fim estará próximo. Tens coragem de enfrentar nosso grupo?

- Tenho medo! Por que isso?

- Decisão do grupo! Marcos André tornou-se inimigo. Tens idéia do que possa estar acontecendo nesse momento?

- Não! Por favor, Paulo. Marcos André luta por essa empresa. Não merece ser julgado. Dedicar a grande maioria de seu tempo a esse trabalho. Se algo acontecer com ele eu não vou perdoar.

- Mas, o quê pode fazer?

- Vou há justiça! Alguém tem que entregar esse grupo!

- Eu sou o único meu anjo, que poderia intervir, mas será que Ubaldo vai entender? Há só uma saída, anjo! Você se calar.

- Como? Paulo! Meu marido está em perigo!

- Mas você estaria comigo! É a vida! Por que não comentar com ele e tentar um acordo com Ubaldo?

- Você mesmo disse que talvez não o veja mais!

- Estava supondo! Queria saber a quanta anda sua ligação com Marcos.

- Ai! Que alívio! Sorriu beijando-lhe em seguida.

Então Paulo Sérgio devia falar com Ubaldo.

Adriana não demonstra nenhum sentimento em relação ao marido e caso fosse tramado um fim conveniente a ele, não deixaria Adriana acompanhar seu destino. Afinal, que mal ela podia causar, além de requerer seus direitos?

Paulo Sérgio agora a tem como protegida, não quer imaginar um fim trágico a Adriana. Seria destruir parte de um futuro promissor, uma mulher aproveitável em alguma ação do grupo, nada de casual desperdício.

Não acataria toda a ordem de Ubaldo. Faria o possível para agradá-lo: os homens, bandidos e bons profissionais, mas para esta mulher não, crime grosseiro e banal, sem necessidade.

O que poderia comentar Adriana? Nada, ela não se envolvia nos assuntos do marido, somente o acompanhava nas viagens e agora demonstrava interesse em separar-se.

Se dependesse de Paulo Sérgio cabia compaixão e Adriana era merecedora desse sentimento. Lembrava-se das primeiras palavras que ela proferiu “Quem ama salva a vida e doa a sua”. Será que o amor poderia ser momentâneo, ou a covardia impedia a atrocidade? Ele sabia de antemão que tais atos de violência ficavam aquém de suas mãos. Mesmo se Ubaldo quisesse levar o fim à determinação, os companheiros seriam orientados a convencer Adriana dos perigos.

Como se um redemoinho houvesse entrado na cabeça de Adriana, ela tão logo se aproximou daquela mansão onde Paulo Sérgio residia começou a dizer palavras jamais dirigidas a seu marido. Mesmo porque sua paixão por Marcos André havia sido pouco arrebatadora, fora mais um sentimento secundário, pois seu marido demonstrava afeto, amava-a, fazia-lhe carícias, os beijos, a língua amorosa, mas as palavras não lhe saíam tão afáveis e excitantes.

A caminho da casa, no silêncio gerado pela ausência de assunto, Paulo Sérgio arriscou-se a perguntar sobre o amor.

Adriana discorreu sobre seus últimos dias de espera, a ausência de carícias e a frieza com que Marcos André lhe tratava. Disse-lhe da amante que possivelmente havia conhecido, e por fim mencionara a beleza da mulher que por certo a traía.

Neste íterim Paulo Sérgio teceu-lhe os melhores elogios, discorreu sobre seus olhos, tratou-lhe a boca com doces e longos beijos, acariciou-lhe os seios, mordendo os mamilos rijos com carinho, analisando com ternura o corpo que Ubaldo queria o fim.

Quando na casa, a paixão crescera e com ela a certeza que Adriana era a mulher mais deliciosa que adentrara naquele recinto, não pela beleza física, mas pelos traços e o calor de seus delírios no momento da entrega e volúpia.

Talvez os copos de vinho tenham completado os acordes finais. Então os corpos se procuraram ardentes, cálidos, ressonantes; libertos. Não havia dúvidas do prazer. Tudo fora impulsivo, sem cálculo, nem planos.

Adriana precisava deliciar-se com um amor sem promessas, sem cobranças e sem ressentimentos. Entregar-se ao delírio de um corpo gostoso que lhe agradasse sem promessas e nele encontrar o prazer que a tempo estava perdido na penumbra de seu quarto.

Acreditava ser a única vez, não supunha iniciar um romance com Paulo Sérgio. Tudo poderia ser um sonho, assim como lhe aparecera na imagem do anjo, dando-lhe o sinal que em breve a levaria para outro plano. Via-se leve dentro de vestes alvas a descer sobre águas correntes e, mesmo no fervor da alegria, sua alma sentia uma brisa fria sobre seu encontro.

O prazer, sim. Paulo Sérgio foi aquilo que sempre buscou em seus dias de angústias, mas não podia durar. Foi um sonho e eles, nunca retornam, mesmo que os procuremos incessantemente, são raros e quando voltam não são os mesmos e então, estamos à mercê da liberdade e prestes a partir.

Um beijo e o retorno para encontrar com Marcos André.

*

Uma suave brisa soprava naquele crepúsculo, contrastando com as tardes de Foz do Iguaçu, que na maioria das vezes são quentes no verão, sem contar o mormaço contínuo dos dias.

Marcos André já havia retornado ao apartamento onde residia quando estava em Foz do Iguaçu.

Adriana entrou cansada, deu um leve beijo no rosto do marido e dirigiu-se ao banho.

Não houve palavras, Marcos André não estava sabendo o que aconteceu naquela tarde. Sua mulher nunca saía sem avisá-lo. Mas naquele dia preferiu comentar sua primeira investida contra os caprichos dele.

Marcos André não sabia como reclamar, a princípio acreditava na mulher, era-lhe fiel, servia-o com todo carinho e quando estava disposta a ir às compras, comunicava.

Neste dia saiu sem palavras e ao retornar deu-lhe um beijo a contra gosto, aumentando a certeza de Marcos André de que precisava conversar com Adriana e expor os motivos que estavam prejudicando o relacionamento.

- Vamos sair para jantar, Adriana?

- Estou indisposta! Respondeu-lhe ela, desmotivada.

- Fiz um convite como amigo, Adriana, nós precisamos conversar sobre nosso silêncio. Eu não gosto dessa situação, afinal existe solução para nosso caso!

- Está bem, vou trocar de roupa. Concordou resignada.

Desta vez foram a um restaurante, sempre ia a bares, Adriana não costumava jantar e para acompanhar, os bares agradavam mais, algumas cervejas e uns petiscos.

Marcos André preferiu jantar e para tanto escolheu um bom restaurante.

- Adriana o que está mesmo acontecendo com nossas vidas? Perguntou Marcos após fazer o pedido.

- Acho que a pergunta devia ser minha, Marcos?

- Pois é, depois daquela noite que saímos à Beira Mar, cismaste que aquela mulher estava de olho em mim!

- E não estava certa? Perguntou ela, ainda com a mesma postura.

- Está bem, trocamos olhares, mas foi só aquilo, coisa comum quando se está num bar, na praia, no shopping, enfim em lugares que tenha gente.

- Sim, meu bem, mas eu não estava acompanhando? Devias demonstrar atenção somente a mim. Podias olhar normalmente para a mulher, mas várias vezes sorrindo, pareceu-me que querias agarrá-la.

- Ui, ciúme! Tolinha!

- Não é ciúme. Eu te dava todo carinho, te amava, dedicava todo meu dia para te fazer feliz. Você me desprezava! Como consequência, perdi a confiança!

- Continuo o mesmo! Adriana. Não é por uma bobagem dessas que vamos terminar!

- É, mas estou chateada e indisposta.

- Veja bem, Adriana, vamos dizer que estamos vivendo uma crise conjugal, ou seja, precisava acontecer essa viagem para podermos discutir os rumos de nossas vidas. Noto que estou acostumado com tua companhia, assim como penso que também és interessante e amiga. Por isso cheguei à conclusão que vamos parar de brigar e continuar nossa união.

- Agora você chegou à conclusão que devemos continuar? Refletiu ela. Estou imaginando Marcos, que algo de grave deve ter acontecido hoje.

- Foi, afirmou Marcos. Hoje algo me alertou que devemos ficar juntos e sermos fortes, porque existe algo capaz de destruir tudo o que construímos, estamos à beira de perdermos a nossa mútua confiança.

- Não entendo! Marcos queira ser mais claro!

- Adriana! Posso contar contigo, mesmo que estejas magoada?

- Estou ouvindo!

- Adriana, esta empresa onde trabalho é parte de um empreendimento bem maior, não tente nem imaginar sobre quantas atividades atua. Pois bem, a maioria das atividades é clandestina. Geram lucros elevados e para encobrir os ganhos extras é que mantém esses ramos que atuamos. Acontece, meu amor, que nada se pode provar, por essa razão, não podemos comentar esse assunto com ninguém!

- Mas em que gostarias que eu contribuísse?

- Na especulação! Pestanejou.

- Será que tenho capacidade para espionar Ubaldo e Paulo Sérgio, depois usufruir alguma parcela de lucros nesses negócios?

- Lógico! Paulo Sérgio adoraria uma parceria contigo.

- Não estou gostando, Marcos, quero ficar fora dessas suas tramas.

- Então que tal obter informações sobre a empresa! Coletar dados, aplicações, movimento, atividades...!

- Quanto a isso posso fazer, já que através de Paulo Sérgio posso chegar aos arquivos do escritório.

- Assim é que sempre pensei! Uma mulher ativa me auxiliando.

- Mas, são só as informações! Quanto à divulgação dos dados e, tomada de decisões? Não caberá a mim e se caso encontre algum que possa prejudicar, vou lavar as mãos.

- Dê-me as informações, meu amor, que em pouco estaremos ricos e longe daqui!

- Tem que fugir? Interpelou Adriana.

- Ou se esconder!

- Então é arriscado?

- Não, fazendo as investigações com cautela, poderemos obter as informações sem que haja desconfiança e se eu conseguir descobrir o emaranhado do empreendimento, tenho condições de enriquecer sem eles saberem. Questão de informática, meu amor!

- Cuidado, Marcos André, estamos num campo desconhecido, terias condições de associar-se a Ubaldo?

- Com os dados em mãos, meu amor, Ubaldo não teria outra escolha! Ou meus préstimos, ou o fim do empreendimento!

- Será que a empresa tem seus arquivos clandestinos? As atividades perigosas devem ser independentes e tais informações não devem constar nos disquetes armazenados.

- Mas para termos certeza disso é preciso que entre na memória da empresa. Se não constar nada, ficaremos certos de que há atividades clandestinas, então em pouco, descubro e seremos um casal feliz.

- Espero que dê tudo certo, Marcos André. E que na hora eu esteja livre de qualquer envolvimento.

- Não há como, eles sabem que estamos juntos, o que nos resta é participar e obter lucros.

- Vejo que tens certeza que vai dar certo!

- Tenho, faz tempo que espero a oportunidade de entrar no negócio, meu amor, um empreendimento desses é garantia de riqueza que para os dias de hoje tornou-se uma necessidade.

- Penso nos riscos, esses são tormentos.

- Devem estar ao lado do empreendedor, sem eles não se constroem edifícios, nem grandes capitais, comentou Marcos André.

- Marcos André, eu confesso que não sirvo para ser grande empreendedora, falta-me o tato. Contento-me com pouco, isso tudo não me atrai. É pena que ainda queira continuar contando comigo, por isso vou coletar os dados que precisas e, depois vou seguir meu caminho. Então, você terá a oportunidade, já que serás muito rico, de encontrar uma companheira que ame tais aventuras.

- Adriana! Quero que continue minha esposa. Esses medos essas bobagens de querer só que os outros tenham grandes somas, esses dogmas, que nascemos para sermos da classe

média, assim para baixo, é não pensar grande. Temos que pensar alto, obtermos as quantias mais elevadas possíveis, que os outros vão sentir inveja. Sabes por que temos inveja? Porque somos incapazes de pensar alto, pensar grande. Então colocamos o olho grande sobre o que possuem. Mas aqueles que têm são mais fortes e é por essa razão que não se preocupam.

Adriana notou que o garçom havia trazido os pratos e que Marcos André antes de comer já havia bebido alguns copos de cerveja.

- Coma um pouco, Marcos, assim a conversa pode continuar.

- Você não quer? Pesava-lhe a língua.

- Vou só experimentar, já se faz tarde para jantar.

- Adoro a comida de Foz de Iguaçu.

- Estranho, porque quando eu queria que jantasse, no tempo que namorávamos, dizias que só a comida da Ilha era saborosa!

- Os frutos do mar, Adriana! Corrigiu-lhe Marcos, enquanto continuava saboreando chuleta ao molho italiano.

Noite de acertos, noite de sonhos, noite que se finda...

Capítulo Quinze

A inquietação faz do tempo um infortúnio para a alma que guarda minutos e requer horas para o gozo da eterna abundância.

Para a execução dos trabalhos que Ubaldo recomendava, Paulo Sérgio precisava incorrer a seus homens, não somente homens que praticassem as ações, mas que fossem inteligentes e hábeis. Munido desses dados o sobrinho chegou a três parceiros, por indicação de um ex-policia de Capanema.

“Bandidos dos mais frios, de confiança”. Essas foram as palavras.

Então Paulo Sérgio conheceu Gilberto, Francisco e Otávio. Não precisou apresentação esse policia havia dado uma entrevista a um repórter sobre uns crimes que ocorreram em Foz do Iguaçu e como conhecia os autores indicou que se fizesse uma investigação sobre os três companheiros. Paulo Sérgio antecipou-se à polícia e ofereceu seus aposentos para o trio. Foi nesse episódio que começou a amizade e como resultado a confiança no trabalho.

Em pouco o trio executava as mais difíceis tarefas e aprendia tramas que envolviam muita astúcia e dedicação. Desde a condução de carros, caminhões e máquinas agrícolas, até barcos, aviões e helicópteros. Verdadeiros artistas a serviço da subversão. Sem falar nos crimes que por ventura ocorriam para o bem do empreendimento “Oligari”. Todos eles com a marca registrada, o local do despacho devia ser sempre a ponte em Capitão Leônidas Marques para o espetáculo da Garganta do Diabo.

Paulo Sérgio passou a noite em claro procurando uma saída para o caso de Adriana. Definitivamente, precisava existir uma saída, um jeito qualquer de afastá-la desse cálice. Ela foi a mulher que deixou sua tarde feliz e não queria fazer-lhe mal. Seu marido sim, Ubaldo podia afastá-lo. Havia de ser um acidente, de preferência automobilístico, mas Adriana sairia ilesa, para seu bem.

Porém Ubaldo nega-se aceitar que Adriana permaneça, quer que ela siga o destino que ele lhe traçou: cair brandamente nas águas frias da Garganta do Diabo, juntamente com o homem que escolheu para marido.

Ubaldo temia que Marcos André, de posse dos dados coletados no escritório da empresa e com as informações recebidas de possíveis colaboradores, aumentasse seu poder de barganha, pois conforme o dado obtido poderia programar uma segurança garantida para seu futuro, além do que se tais dados fossem divulgados, comprometeria a vida de todo grupo. Por isso, não restava outra solução, senão o desaparecimento do engenheiro.

Paulo Sérgio, então, colocou-se diante a Ubaldo como um verdadeiro adversário. Tinha como objetivo salvar Adriana, ponto difícil e complicado de obter.

- Tio Ubaldo! Estou disposto a deixar a empresa, pois não concordo na questão de dar um fim nessa mulher. Decidiu-se Paulo Sérgio, quando do encontro no escritório.

- Paulo Sérgio! Acalmou-o Ubaldo. Combinamos que os dois deviam seguir o mesmo destino. O que está lhe deixando assim perturbado?

-Ela, tio. Não vejo maldade nenhuma, é um anjo.

-Eu sei, mais chegou a hora do anjo partir, afinal, os anjos devem estar no céu a nos proteger. Quem sabe nós ainda vamos precisar de guia para o bem no futuro?

-Penso que Marcos André não seja assim tão capaz de nos ameaçar.

-Que engraçado, sobrinho, quão sublime é teu coração! Quantos outros mandaste matar por razões bem mais simples? Agora que estamos diante de um inimigo inteligente e sagaz, deixas transparecer toda tua fraqueza.

-Homens, Ubaldo, homens espertos! Respondeu com afeição, Paulo Sérgio.

-Sobrinho! Ubaldo puxou a carteira de cigarros. Você está apaixonado por Adriana. É perigoso! Está certo. Vou deixá-la sob a tua responsabilidade, o que achas?

-Não se trata de paixão, mas gosto mesmo da mulher e farei tudo para protegê-la.

-Decidido?

-Se o senhor permitir!

-E, se após os problemas que vão ocorrer com o marido, ela continuar a idéia do mesmo?

-Então, vou entregá-la com as minhas mãos à Garganta do Diabo.

-Tem coragem, sobrinho! Observou Ubaldo.

-Irei buscá-la.

*

Quando Marcos André saiu de seu apartamento para o trabalho nem quis acordá-la para a despedida. Talvez se soubesse que fosse seu último olhar, ofereceria a ela um último beijo, uma última palavra, mas nada, somente um triste olhar, observando seu sono tranqüilo e profundo. Restava-lhe o consolo de haver dito a ela que precisava de sua companhia, que estavam unidos para sempre.

Ao voltar do restaurante, Adriana não quis o amor, demonstrara cansaço. Havia tido o amor de Paulo Sérgio, e o marido chegara tarde. Marcos André não insistira, estava sob o efeito alcoólico.

Que sonhos haviam de passar pela cabeça de Adriana naquele instante: os momentos que Marcos André a convidou para saber das tramas de Ubaldo, e, então obter lucros e poder passear por todos os lugares lindos do mundo. Somente um instante, no escritório da madeireira, a coleta de todos os disquetes e com eles as informações que Marcos André precisava. Seria um pequeno espaço, um vacilo qualquer, tanto de Ubaldo, quanto de Paulo Sérgio e os dois estariam sob o domínio de Marcos André. Poderia ser que Adriana estivesse sonhando com seu apartamento luxuoso, como Marcos mencionara. Ou talvez o sonho de sua salvação. Ela indefesa no colo de Paulo Sérgio e com os desejos impetuosos do amor, ficaria na cama feito um felino a rosnar.

Marcos André nem colocou o carro a funcionar. Tão logo desceu de seu apartamento para a garagem. Otávio estava a sua espera no canto do prédio. O porteiro não seguiu Marcos André, por isso, a ação do marginal foi rápida e o engenheiro teve que entregar as chaves.

Não houve palavras, ao alcançar a primeira esquina Gilberto e Francisco acompanharam o carro que levava Marcos André. Otávio fez algumas manobras, para a vizinhança não notar. Os colegas o seguiram por alguns quarteirões, até chegar a BR-227 que dá acesso à ponte do Rio Iguaçu.

Estava tudo programado, depois da conversa com Ubaldo, Paulo Sérgio procurou seus três companheiros e deu todas as coordenadas do crime. “Esperar o engenheiro, se ele estiver sozinho, trancá-lo no próprio carro, sair pelas ruas e provocar um acidente. Deixar o veículo com Marcos André dentro e fugir”. Resolução não aceita.

Então, melhor: “Fugir com o carro, executá-lo a caminho da Ponte Maldita e jogá-lo no Rio”. Resolução não aceita.

“Marcos André desceria do apartamento, seria abordado, as chaves seriam deixadas ao lado do carro, tomaria um carro não conhecido, do grupo, e seguir rumo a Realeza, local onde o grupo executa suas tarefas mais comumente. Depois seria atirado na correnteza e esperariam o espetáculo da queda na Garganta do Diabo”. Resolução aceita, resolução executada.

Marcos André foi colocado no banco, ao lado de Otávio. Tão logo chegaram ao lado da ponte seu corpo estava todo trêmulo.

- Já ouviu dizer dos corpos que descem nas Cataratas? Doutor Marcos André. Perguntou Francisco.

- Já! Mas você não vai fazer isso comigo?

- Calma! Queremos saber se tua mulher sabe de alguma coisa, ou seja, da empresa?

- Não sei do que estão falando! Adriana é igual a mim, acho que sou a pessoa errada.

- Como assim! O teu nome não é Marcos André? Perguntou Otávio.

- Sou, mas não sei de nada sobre a empresa, nem quero saber, sou apenas funcionário.

- Então, a mulher está fora? Sorriu Gilberto.

- Não sabe de nada, não sei o que viemos fazer aqui, acho bom irmos embora!

- Seria bom doutor, mas não podemos! Neste instante Marcos André tentou desvencilhar-se de Otávio, mas este lhe deu uma estocada com uma adaga, entre o abdômen e o tórax.

- Desculpa-me Doutor, esta é minha profissão, sorriu Otávio de esguelha, ao ver o sangue escorrer-lhe nos braços.

- Marcos André deitou-se sobre o seu opositor, mal balbuciando algumas sílabas.

- Vamos jogá-lo no rio, antes que alguém apareça! Preveniu Francisco.

- Os três depois de jogarem Marcos André na correnteza, tiveram o cuidado de se lavar, apagar os vestígios e então seguiram para a conferência na Garganta do Diabo.

Capítulo Dezesseis

As chaves ao lado da porta do carro serviram de alerta à Adriana.

“Por que Marcos André deixou o carro?”

“Alguém jogou as chaves de ignição e o levou?”

Adriana ficou um instante, parada em frente ao carro. Surpresa, olhando ora para as chaves, ora para o porteiro.

-Tens idéia do que pode ter acontecido? Perguntou Adriana, iniciando o período de aflição.

-Não vi nada, senhora, teu marido passou e não disse palavra alguma! Respondeu o porteiro (um senhor calvo, alto, de origem italiana, com voz grave, saindo-lhe com sotaque).

Adriana decidiu telefonar ao escritório e comunicar o fato a Paulo Sérgio. Precisava tomar as providências para localizar Marcos André, afinal seu marido não iria deixá-la assim abandonada no apartamento, mesmo porque haviam combinado ações conjuntas.

-Paulo Sérgio, meu homem desapareceu, deixou o carro, estou preocupada, você pode me ajudar?

-Como assim, desapareceu? Demonstrou-se surpreso, Paulo Sérgio.

-É! Ele não costuma deixar o carro. Eu verifiquei. Ele não está nas obras, nem no escritório!

-Vai ver que ele foi para Florianópolis, talvez uma emergência nas obras!

-Ele teria me comunicado. Nunca me deixou assim.

-O bom seria você vir aqui para o escritório que tomaremos as providências.

Adriana chegou ao escritório, muito nervosa, mal podia falar, reconhecia haver sentido algo estranho quando telefonou.

-Vocês sabem de tudo o que aconteceu com Marcos André. Disse afirmativamente, quando adentrou a sala onde estavam Paulo Sérgio e Ubaldo.

-Se soubéssemos onde teu marido se escondeu Adriana, não chamaríamos você aqui para conversarmos! Respondeu Ubaldo, calmamente.

-Isso mesmo, Adriana, meu tio tem razão, estávamos mesmo tentando descobrir uma forma de sairmos à procura de Marcos André. Afinal, ele é um ótimo profissional e precisamos dele aqui conosco.

-Marcos André havia discutido contigo, Paulo Sérgio, por isso você pode ter alguma razão em querer que ele desapareça!

-Adriana, não queira levar as coisas para esse lado. Que vantagens será que teríamos em ficarmos aqui nos acusando, levantando suspeitas entre nós? Precisamos esperar o decorrer do dia. Talvez ele esteja por aí, aproveitando para fazer alguns negócios. Serenou Ubaldo.

-Que negócios? Marcos não era de negociar sem primeiro consultar vocês. Sempre daqui saíram os principais negócios.

-Mesmo assim, Adriana, não é hora de se apavorar, essa briga não leva a nada vou ainda esta tarde dar uma busca pela cidade, se você quiser posso te levar!

-Levar onde, Paulo Sérgio? Não somos a lei. Temos que comunicar às autoridades.

-Autoridades, Adriana! Comentou Ubaldo.

-Sim, quero que a lei procure Marcos André, afinal meu marido está desaparecido!

-Pode deixar Adriana, eu vou procurar as autoridades. Agora mesmo vou telefonar para a delegacia. Disse-lhe meio a contra gosto Ubaldo.

-Faça isso, Ubaldo, quero estar certa que a lei esteja a par, ligue agora, quero ouvir.

-Vou atender seu pedido, minha querida, pode ficar tranqüila.

Em seguida Ubaldo discou um número qualquer e, antes que atendessem, começou a falar como que se estivessem ouvindo.

-Alô, é da delegacia? A sim, aqui é Ubaldo, sou o proprietário da madeireira Oligari, quero fazer um pedido urgente. Um colaborador meu chamado Marcos André foi seqüestrado, ou melhor, sumiu. O que?... Endereço?... Sim..., Não... É Marcos André. Hoje de manhã. É alto corpo atlético, italiano, mas não muito branco, meio amorenado, engenheiro civil... Até Logo.

-O senhor desligou Ubaldo? Não forneceu o endereço, nem o nome do prédio!

-As autoridades, Adriana, sabem quanto mais sigilo, mais fácil para se chegar ao local, precisamos saber onde está e não onde ele reside. Fique tranqüila que teu marido será localizado ainda esta tarde, custe o que custar.

- Obrigada, Ubaldo, não tenho como lhe agradecer. Dirigi friamente o olhar direção a Ubaldo. Certa de que ele estava fingindo. Sentiu um leve tremor no corpo. Então as lágrimas começaram advir em seu lindo rosto.

Paulo Sérgio resolveu levar Adriana para assistir a queda de Marcos André nas Cataratas. Segundo seus cálculos, o espetáculo seria em torno das dezessete horas.

Adriana! Vamos sair, talvez mais tarde ele apareça, vamos até as cataratas.

- A questão das cataratas que Marcos André sempre mencionava? Afirmou ela sarcástica. Lembrando-se das palavras do marido.

- O que Marcos comentava? Interessou-se Ubaldo.

- Que há um grupo, que quando executam suas vítimas, jogam nas Cataratas.

- É bobagem, mulher, até hoje todos que apareceram mortos, constatou-se que foi suicídio e, no caso, pessoas que comprovavam insanidade. Esse povo cria mistério para ter com o que se ocupar. Acalme-se.

- Você matou meu marido Ubaldo! Não queira me enganar que não sou tola! Marcos André sabia de toda sua trama. Queixou-se Adriana.

- Você não tem provas menina! Melhor calar-se. eu não tenho nada contra seu marido.

- Porque você agora que defender seu marido Adriana? Disse que estavam para se separar? Disse-lhe Paulo Sérgio.

- Disse, mas não tinha coragem, depois se nos separássemos, ele estava aqui para resolver os negócios. Agora, dessa forma, fica difícil.

- Nós temos Advogados, Adriana, fique tranqüila que tudo vai dar certo e é claro ainda não está certo que ele desapareceu. Acalmou-lhe Paulo Sérgio.

- Espero que ele volte Paulo Sérgio, senão eu terei que ser forte para lutar e conseguir justiça.

Adriana estava, através de algumas perguntas formuladas, descobrindo o emaranhado que Marcos André tanto mencionava em suas conversas. Algumas informações ela já havia apurado, realmente tudo que Paulo Sérgio dizia, Ubaldo confirmava, pois ao tentar desmentir certos passos do grupo, Ubaldo dizia as coisas de forma ingênua e pouco convincente e, quando ela concordava, os dois lhe davam razão.

“Por que Marcos André resolveu desaparecer assim, sem avisá-la? Agora que estava tudo certo!” Pensou desapontada, enquanto olhava atentamente o movimento dos dois.

Foi um pequeno instante, mas um pensamento surgiu-lhe, Adriana que havia pouco sofria, via-se agora numa posição de ofensiva e quando formulava algumas perguntas, tanto Ubaldo, quanto Paulo Sérgio entreolhava-se para responder.

- Paulo Sérgio tu tens coragem de matar alguém?

- Todos nós temos Adriana! Dependendo das circunstâncias, só que é claro, em último caso.

- Adriana, você precisa se acalmar. Vou mandar a secretaria esquentar uma água, vai tomar um chimarrão, aliás, você toma chimarrão?

- Umas cuias. Ultimamente não tenho tomado o Marcos não gosta. Eles são acostumados com café.

- Você precisa conservar nossa tradição gaúcha, Adriana, o chimarrão acalma os nervos e a nossa cabeça raciocina melhor! Sugeriu Ubaldo.

Todos concordaram, no tocante ao chimarrão, findo este, Paulo Sérgio levou Adriana passear.

*

Paulo Sérgio percorreu algumas ruas da cidade em companhia de Adriana. Formulou pergunta a guardas, para certificar-se que a Polícia não estava ciente do ocorrido. Na verdade o fato estava totalmente oculto aos olhos da lei.

Adriana a caminho das Cataratas, lembrava-se do dia que sua mãe havia dito sobre algo estranho que estava para acontecer.

Mãe Viviane residia em Foz do Iguaçu. Numa das visitas que Adriana lhe fez, ela preocupada com as constantes viagens da filha, resolveu tirar uma base com seus Santos para ler o futuro da filha.

Mãe Viviane não gostava que nenhum membro da família entrasse naquela pequena sala, onde fazia suas consultas. Nessa ocasião levou Adriana para a sala de adoração. Havia uma pequena mesa com uma toalha branca rendada, um prato com um

médio círio queimando e muitas imagens de santos. São João Maria de Agostinho, São Pedro e Paulo, Santo Antônio de Pádua, Santa Catarina clara e digna, Nossa Senhora Aparecida e o Buda estavam sobre a mesa, juntamente com uma coroa e um vaso de flores. Os demais santos estavam à direita e à esquerda da pequena sala. No centro da mesa havia um pires, nele um incenso queimando.

Mãe Viviane sentou-se em frente à filha, que de costume dava suas escapadas até a sala para ver o andamento dos trabalhos.

Adriana, embora devota, depois que passou a estudar não se submeteu mais aos cuidados da mãe, preferindo inclusive deixar de visitá-la seguidamente. Depois que casara com Marcos André, contra a vontade da mãe, raramente a visitou.

Mas, diante dos maus tratos do marido e das indefinições da sua vida, Adriana obrigou-se a procurar a mãe para uma consulta.

Mãe Viviane retirou de uma gaveta um crucifixo. Primeiro mandou Adriana fazer o Sinal da Cruz e colocar as duas mãos sobre a mesa. Passou o crucifixo sobre as mãos em sinal de cruz e balbuciou um louvor.

“Em nome de Deus e da Virgem Santíssima, retire todos os males que atrapalham”. Diga amém Jesus, filha.

-Amém Jesus! Respondia Adriana.

-Agora dê um beijo no crucifixo. Apontou-lhe Mãe Viviane. Adriana trêmula beijou.

-Tem fé, filha?

-Sim, senhora!

-Agora, filha, você põe uma moedinha qualquer. É pra dar força pros guias apontarem todos os males que estão te atrapalhando.

Adriana retirou uns centavos da bolsa e colocou sobre a mesa.

-Deu de coração, filha?

-Sim, mamãe! Respondeu Adriana, querendo sorrir.

-Não deturpe as minhas palavras! Interpelou Mãe Viviane.

Em seguida tomou o crucifixo, fez a filha colocar novamente as mãos sobre as moedas e abençoou:

“Em nome de Deus e da Virgem Santíssima que retira todos os males que atrapalham”.

-Responda amém Jesus.

-Amém Jesus!

-Dê um beijo no crucifixo.

Adriana beijou.

-Agora retire as mãos da mesa filha, e leve seu pensamento para Deus.

Mãe Viviane retirou a imagem de São João Maria de Agostinho e colocou sobre a mesa, em seguida passou a fazer

suas previsões. Após algumas aspirações, começou a olhar fixamente para a filha.

-Você demorou muito para visitar tua mãe, filha!

-O que a mãe ta vendo aí?

-Um animal muito feio, filha!

-Um dragão, mãe? Um pouco risonha.

-Filha quer que mamãe derrube?

-Não, pode continuar mamãe, perdão.

-Agora baixa a cabeça e reza uma Ave Maria, pedindo perdão à mamãe, castigou-lhe, Mãe Viviane, resignada.

-Vejo um animal com bastantes pernas atrapalhando a vida da filha e do marido!

-Que animal mamãe vê?

-Um grande polvo de fogo, filha, ele está devorando o marido, depois quer devorar a filha também!

- O que mamãe pode fazer para afastar esse bicho?

-Trabalho muito forte, filha, você quer?

-Mamãe falou que Jesus disse pra não cobrar pra fazer cura?

-Sou obrigada a fazer uma pequena oferta para os guias do bem, filha, não vai custar muito!

Mas Adriana não quis atender a mãe e saiu.

Agora, a caminho das Cataratas, Adriana começou a enxergar o polvo, que sua mãe queria afastar com trabalhos e rezas.

“Paulo Sérgio, seu condutor havia de ser uma das pernas do grande animal. Ubaldo outra. A empresa, o grande corpo. Mas, cadê as demais pernas?”

Adriana arrependida de haver deixado a mãe indignada, mal podia conter as lágrimas que aos poucos a cegavam. Sabia que Paulo Sérgio queria mostrar-lhe a hora que seu marido descesse sobre a Garganta do Diabo.

- Estamos indo confirmar a queda de Marcos André, Paulo Sérgio?

-Pare de falar bobagens, mulher! Vamos obter algumas informações. Já não te disse que estamos ambos ansiosos?

- Poderia me deixar fora de tudo, Paulo Sérgio. Eu não tenho culpa de nada, para onde você está me levando?

- Eu não sei por que tanto espanto? Adriana, como posso desejar que te aconteça algo de mal?

- Você mudou todo teu comportamento. Vejo tudo escrito nos teus olhos, tens coragem de acabar com minha vida?

- Tantas vezes a mesma pergunta! Exclamou ele, começando a se preocupar.

- Paulo Sérgio as coisas são tão evidentes, você não pode negar que meu marido vai descer na Garganta do Diabo, eu ouvi a conversa no escritório.

- Que conversa? Perguntou Paulo Sérgio, quase parando o carro.

- Vocês discutiam sobre dar fim em alguém que estava atrapalhando, só que não consegui ouvir o nome da pessoa. Também que iria acontecer um acidente. Só que esse acidente já aconteceu.

- Adriana, disse, Paulo Sérgio. Eu gostaria de fazer um acordo contigo, mas não posso. Você insiste em querer incriminar gente inocente. Vamos primeiro coletar os dados que precisamos, antes de chegar a conclusões precipitadas.

- Eu não estou sendo precipitada!

- Talvez nossa conversa no escritório tenha sido sobre algum acidente que aconteceu e poderíamos estar comentando.

Diante de tal quadro, Adriana resolveu encerrar a discussão e espera a queda do marido. Se caso fosse confirmado, sabia que devia procurar a mãe, “se desse tempo”.

As águas das Cataratas haviam aumentado duas vezes a vazão normal. O sol contrastava com o azul do céu e o arco-íris brilhava contra a queda d'água. A Garganta do Diabo ressoava com maior intensidade. Quando estava para descer alguém, ela apresentava-se mais donairosa, mais revoltosa e feliz.

Adriana mal abriu os olhos, foi ela quem primeiro identificou as cores do vestuário de Marcos André, no momento que se aproximou da queda. E, como se os olhos sofressem grande atração, acompanhou o deslizar, a queda e o embate contra as rochas. Fechou os olhos e esperou que Paulo Sérgio a acompanhasse.

Capítulo Dezessete

Este ato doloso não pode causar incertezas, mas sim, dor e constrangimento.

A certeza de que as decisões tomadas tão logo aconteçam os fatos são precipitadas, fez com que Adriana pensasse antes de agir contra o grupo que, supostamente, havia cometido o homicídio.

Não faltavam provas, nem havia meios de Paulo Sérgio querer negar seu envolvimento. Procedeu como um verdadeiro cúmplice e, como tal, encontrou argumentos para convencer Adriana a dar-lhe tempo para encobrir toda a trama.

- Adriana, estou te comunicando que haverá uma reunião no escritório com Ubaldo. Veja que tudo foi como previmos. Temos certeza que seu homem está sob as Cataratas e sabemos que o local onde ele caiu é o pior possível. Sempre que alguém cai naquele ponto, jamais é encontrado. Aquelas rochas trituram suas vítimas, portanto, é melhor comunicar as autoridades.

- Agora você concorda que alguém tem que encontrar um vestígio? Como consequência dar o atestado de óbito. Só assim poderei obter os seus bens!

- Marcos André possui muitos bens, Adriana, mas a única herdeira é você, por isso não entendo por que desconfiar que vá tomar seus pertences.

-Paulo Sérgio, eu li muitos documentos quando estava em companhia de meu marido e em todos encontrei Ubaldo como proprietário, inclusive o apartamento de Florianópolis.

- Não queres que eu enumere todos os bens que Ubaldo possui em parceria com teu marido, Adriana. Já comentei que é uma fortuna e que tu és herdeira enquanto não for encontrado o corpo.

- E quando encontrarem?

- Ubaldo passará ao domínio dos bens. Mas é uma questão de conforto saber que a lei ampara a esposa da vítima. Portanto, ainda que seja encontrado seu marido, Ubaldo depende da tua decisão.

- Então a próxima a descer a Cataratas sou eu?

- Não diga bobagens, Adriana, isso só vai acontecer caso eu vá junto. Estou aqui para te proteger!

- Esforço em vão, Paulo Sérgio. Minha decisão não inclui homens perigosos e comprometidos. Quero distância de pessoas envolvidas com crimes. Por isso, Paulo Sérgio, aquilo que aconteceu conosco está acabado.

- Se eu disser que pretendo continuar sonhando com teu amor?

- Esqueça!

- Como assim?

- Estou disposta a não interferir nos negócios de vocês, quero sossego. Paulo, onde vocês pretendem chegar com tantas mortes? Riqueza, poder?

- Adriana, eu preciso que fiques do meu lado, senão Ubaldo pode cometer outro ato impensado, necessito proteger-te.

- Por que você acha que eu não vou procurar a lei?

- É muito mais arriscada, Adriana. Não se trata de um só homem que determina as ações e também não é só um que executa. Nós, Adriana, estamos envolvidos com grupo internacional e tomamos parte em todas as transações.

- Contudo, quem entra por qualquer motivo na organização, não pode pensar em denunciar?

- Pode! Todos podem tentar. Acontece que não se tem segurança do fim de todo o grupo e, comprar uma briga dessa sozinha é sujeitar-se à sorte.

- Por essa razão tantos vão perdendo a vida?

- Questão de sobrevivência, qualquer rumor que possa comprometer o andamento do empreendimento é, imediatamente, debelado.

- O que aconteceu com Marcos André? Ele também fazia parte da organização?

- Diretamente não, mas com os lucros que obtive com a construtora e incorporadora, Marcos André pela sua desenvoltura em construções, tinha lucros elevados e partes dos prédios

construídos são seus. Com a soma de capital, ele vinha conversando com Ubaldo sobre maior participação nas decisões da empresa, e, como consequência: algumas mudanças no quadro administrativo haviam de ser efetivadas.

- Que mudança poderia desfavorecer a organização?

- Marcos André pretendia chegar aos arquivos da organização. Se conseguisse era óbvio que tinha força para desarticular boa parte do grupo e das operações. Nós tínhamos que nos curvar a seus mandos e caprichos. Seríamos seus servos e comprometidos a seus atos.

- Através de seus colaboradores, Adriana, Marcos André havia comentado com operários sobre possível envolvimento da construtora e incorporadora com grupos subversivos. O que ele não sabia é que Ubaldo tem sempre, em qualquer setor da empresa, espiões. Marcos André pecou ao referir-se com tamanha confiança a um subordinado.

- Por exemplo: a quem Marcos André pretendia substituir na administração?

- A mim! Marcos André não simpatizava com minhas constantes visitas às obras, queria sempre manter-me distante dos operários e suas decisões, por isso, desejava que Ubaldo desse outra incumbência a mim.

- Nas conversas entre você e Ubaldo, alguma vez houve colocações sobre mim?

- Adriana! Não tenho nada a comentar sobre você! Houve referência com relação a tua beleza, mas ninguém comentou sobre envolvimento.

- Marcos André deixou os bens em nome de Ubaldo, mas comprovadamente eu sou a legítima esposa, o que o grupo pretende fazer comigo?

- Que fique quieta minha cara!

- É sugestão tua?

- Minha, acertou!

- Será que posso pensar melhor, Paulo?

- Não vejo saída, Adriana!

- Que engraçado, Paulo, meu marido sofreu um atentado, atiram-no às águas, mesmo assim querem que fique calada e, para não ser atirada à Garganta do Diabo, tenho que aceitar um homem igual a você, Paulo? Estou desapontada!

- É a melhor saída, meu amor, afinal, eu gosto de sua companhia e como já disse, quero viver contigo.

- Francamente, Paulo, você não deve mesmo possuir artérias, nem coração. A morte para você é consequência lógica e o amor, articulação de pequenas chantagens. Eu confesso que gostei do teu amor, foi bom, mas não faria mais. Não vejo futuro algum amar um homem como você, comprometido e perigoso.

- Ainda que esteja sendo benevolente contigo, Adriana! Digo mais uma vez, dou garantia a você, não quer que aconteça nada, a menos que pretendas continuar com tuas pesquisas.

- O que você acha que uma mulher como eu, que perdeu seu marido, encontro à porta da causa, que é a empresa, tenha que fazer?

- Calar, Adriana!

- Calar diante dos fatos?

- Procurar Ubaldo e tomar como decisão acertada, tudo o que ele sugerir.

- Quem Ubaldo acha que é?

- É ele que detém a chave de todos os teus bens, Adriana, portanto não custa aceitar a proposta dele!

- O que ele tem a me oferecer?

- Segurança, meu amor, e se depender de seu bom senso, os caminhos serão tão promissores quanto os rumos do empreendimento.

“JORNAL DE FOZ”

Os bombeiros de Foz do Iguaçu encontraram o corpo de homem desaparecido nas águas turvas do Rio Iguaçu. O mesmo mal pôde ser identificado, pois havia sido tragado pela Garganta do Diabo.

Supostamente, trata-se ser o mesmo, engenheiro da “Construtora e Incorporadora Oligari S.A.”. Marcos André Paviotelli, desaparecido desde a última quinta-feira.

A polícia não tem pista do assassino.

Capítulo Dezoito

Embora a avareza pudesse ser notada em Ubaldo, ao referir-se à Adriana, não usava flertes para conseguir ser ouvido. Eram como almas imantadas, ora repeliam-se, ora procuravam-se em busca do complemento.

Ubaldo quer que Adriana o visite sem a presença de Paulo Sérgio. Há um complô, trazendo risco ao destino do empreendimento. Adriana, simples e imatura para exercer funções de comando, faz Ubaldo curvar-se diante à situação criada pelo pensamento de Marcos André. Tudo começou no momento que Paulo Sérgio não quis incluir Adriana na mesma trama e ser eliminada com o marido.

Findo o trabalho, resta ainda à mulher para recomeçar todas as agruras da insegurança, com a presença viva de Adriana em Foz do Iguaçu, procurando a todo instante voltar ao mesmo assunto, aguardando o desejo de punir os culpados. Ubaldo não pode pensar, Adriana ocupa a maior parte de seus pensamentos. Ele teme que ela tenha acesso à máquina operacional da empresa e ameace destruí-la.

Não há esperança de mudar os sentimentos de Adriana. Ela quer o fim de todos. Mostra-se nervosa e ciente de conhecer os mandantes do crime. Quer a lei investigando os dados e a

comprovação da participação de Ubaldo e Paulo Sérgio na elaboração de todas as ações. Em síntese: quer julgar os suspeitos dando-lhes o prêmio mortal “Queda nas Cataratas”.

Diante das circunstâncias Ubaldo precisa trazer Adriana ao escritório, dizer-lhe da sua preocupação e oferecer-lhe um bom capital para que ela tenha tranquilidade financeira. Pretende também fazer-lhe uma oferta de estágio remunerado em qualquer cidade, seja do Brasil ou do estrangeiro a critério de sua oponente.

Não foi uma visita de praxe, foi uma reunião à altura da situação, onde as partes determinam o futuro do empreendimento.

Adriana, consternada com a perda de seu marido, mal pôde comparecer à reunião. Estava determinada a não aceitar qualquer provocação, muito menos ameaças e oferta de grandes somas. Estava preste a adoecer pela fraqueza, desnutrição e início de depressão em razão dos sucedidos.

Ubaldo esperava recebe-la como a conheceu: bela, vibrante, com o olhar atrativo, cortês e disposta; mas a encontrou resignada, aborrecida, transtornada e distante. Usava um vestido verde abacate que a empalidecia, embora seus traços fossem impecáveis. Óculos escuros encobriam as olheiras.

Um funeral sempre deixa essas marcas em quem fica: uma profunda tristeza e um vazio infundo na alma. Para quem vai, o alívio de poder tocar na mais alva bruma da imensidão, beijar os orbes que iluminam os nossos caminhos e bailar na leveza do vácuo sereno.

O ânimo de Ubaldo se contrastou com o desalento de Adriana.

Até mesmo a secretária sabia que se tratava de ato não costumeiro. Tão logo Ubaldo a informou da reunião, foram tomados todos os cuidados para o assunto não vazar.

- Adriana! Espero que possamos tratar alguns assuntos de nosso interesse. Disse Ubaldo, após lhe estender a mão para o cumprimento.

- Vim pra isso, seu Ubaldo! Respondeu Adriana, sem o mínimo esforço por demonstrar interesse.

- Quanto às circunstâncias sobre seu ex-marido, não há mais o que comentar! Paulo Sérgio já o fez.

- Está bem, mas para que então eu precisei vir aqui?

- Adriana! Vamos combinar o nosso futuro. Tenho alguma proposta a fazer. Se aceitar, será de grande valia, mas primeiro vamos tomar o nosso chimarrão! Sorriu Ubaldo, oferecendo-lhe a cuia.

- Depende! Se for algo agradável, podemos pensar! Respondeu Adriana, após tomar um gole.

- Sabe minha amiga, que tens um bom capital para administrar. Tudo bem, é herança do marido, tudo certo. Acontece que terias que passar por um estágio, até conhecer bem os negócios. Essa noite estava pensando: O que será que vou

fazer para ajudar? Vieram-me então algumas idéias: Eu continuo administrando todos os bens, afinal, nada que seu marido deixou é totalmente teu. Há alguns prédios que está em nome de Marcos André, está certo. Não quero negar que devo muito a ele, portanto vou pagar a dívida contigo.

- Sim, mas eu poderia contratar um Advogado e ele saberia o que fazer com o que me toca.

- Ótimo, Adriana, boa idéia, um Advogado! Sorriu Ubaldo, depois serenou. Para que, se estou te propondo um acordo?

- Ora, tenho que saber o total dos bens de Marcos André! O que me pertence? Como posso fazer para obter tudo e com segurança?

- Estou dizendo que não precisa! Que posso te fornecer a relação de todos os teus bens de direito e, que ainda quero lhe dar bens não declarados, que Advogado nenhum tem condições de descobrir!

- Mesmo assim Ubaldo! Prefiro constituir um Advogado, tanto para solucionar o caso dos bens, quanto para o crime contra meu marido.

- Adriana, não queira comprar uma briga dessas, é muito bonito de tua de sua parte querer punir o possível assassino de teu marido. Acontece que há outros meios para solucionarmos esse impasse: eu, por exemplo, posso te oferecer quantos Advogados você precisar!

- Ha! Se eu aceitar um Advogado seu! Não me faça rir nesse momento tão triste, por favor! Respeite minha situação. Vou procurar meu direito sim! Se não fizer isso, Ubaldo, quantas pessoas ainda poderão descer as Cataratas?

- Não sabemos! Talvez nenhuma, depende! Isso não quer dizer que vão acabar os acidentes de trânsito, de aviões, de trem, quem sabe?

- Alguém tem que fazer alguma coisa, eu estou certa. Custe o que custar, vou enfrentar.

- Volto a frisar minha cara, vamos encontrar uma solução mais adequada, quero ser teu amigo e para tanto é preciso que você me ouça. Veja bem, há uma solução favorável a todos nós. Eu cuido de seus bens, você vai fazer um estágio no estrangeiro, tudo livre de despesas, inclusive com um bom salário para passear, estudar e para as compras, tudo como as rainhas sonham. Que tal!

- Com isso, a memória de meu marido, a minha liberdade, meu sossego e segurança, ficam atrelados a seu grupo.

- Sem nenhum problema, basta que você controle a língua. Vamos, viva alegre, pode amar, sorrir, cantar; só não pode casar pela lei, por enquanto, senão vai acarretar mais problemas e problemas temos muitos!

- Caso contrário?

- Eu não gostaria de fazer isso Adriana. Confesso eu adoro estar contigo. És muito atraente, não que seja um primor

em beleza, mas a tua presença me anima. Por isso, quero que saibas, a minha preocupação redobra. Porém, não sou só eu que faço parte desse grupo. Há outros que poderiam tratar-te de forma diferente! Disse-lhe, Ubaldo.

- Vou pensar! Recuou no assento, querendo dar mostras que aceitaria. Só para ter tempo de estar segura que Ubaldo iria cumprir com sua palavra.

- É por aí! Pensei muito, e a melhor solução encontrada para seu caso foi essa. Isso por que achei seu comportamento até então, exemplar e digno de merecer minha confiança. Adriana, seja um pouco inteligente, aceita a nossa proposta, eu juro que o que desejo para meu pai, desejo para você! Segredou-lhe Ubaldo. Acho até que estou apaixonado.

Foi nesse instante que Adriana esboçou um pequeno sorriso.

- Então, Ubaldo, não se trata mais de proposta, nem de proteção. Além de me calar, ainda quer que seja tua amante! É isso? Perguntou-lhe de forma sarcástica, fingindo não haver entendido o sentido da frase.

- Em absoluto. Entendeste mal. Muito me agradaria poder amar e ser amado por uma mulher tão meiga e graciosa quanto você, mas sei que não tenho chance, querida. Estava apenas brincando. Quero proteger-te e utilizar teu conhecimento no futuro, para dar continuidade àquele projeto que havíamos combinado para Florianópolis.

- Por que não abrimos agora aquele empreendimento? Ela sugeriu. Um pouco mais serena.

Ubaldo procurou sobre a mesa o maço de cigarros, ofereceu a Adriana e acendeu outro para poder acalma-se.

- Meu projeto, Adriana, ainda não está acabado. Florianópolis necessita uma gama de profundos estudos. Faz parte de um empreendimento que requer tempo para os testes. Quando tudo estiver programado, meu amor, nossos olhos estarão voltados àquela ilha maravilhosa. Então chegará o momento de retornar dos estudos preliminares, como lhe recomendo e assumir o comando da imobiliária.

- Seu Ubaldo, não dava para me deixar de fora desses seus projetos se eu aceitasse ficar calada. Gostaria de viver minha vida, sem me envolver com seu grupo. Sim, levar uma vida pacata, como se nada houvesse acontecido, lutar apenas para sobreviver, sem ambição e encrascas. Se eu desse minha palavra que não ia prejudicar, o senhor poderia dar a minha parte e estaria tudo certo!

- Não estou negando a tua parte Adriana, mas a minha preocupação não é acertar assim e deixar você com os bens. Acontece que pensar em viver sem ação, sem progredir, seria regredir. Nós sabemos que nossa ambição é outra, Adriana. De que adiantariam os teus anos de estudos? Se fosse para ser mãe de família e levar uma vida simples, não havia necessidade de tanto esforço para chegar onde estás! O que quero entendas é que

quando notamos potencial em alguém, temos o dever de auxiliar, mostrar-lhe que o mundo precisa desses poucos que sabem usar a inteligência. É raro encontrarmos pessoas que atingem um grau de conhecimento e quão difícil é podermos contar com essas cabeças. Vejo o sucesso em você. Não fique pensando pequeno, lute pelo grande, pelo fabuloso, pelo máximo, assim darás tua contribuição. Tenho certeza que tu és capaz, o que te falta são alguns anos de prática, e é por essa razão que vou te enviar à França, para que tenhas um período de auto-afirmação, confiança e controle de todos os teus atos.

- À França?

- Sim, minha cara, tudo programado e certo. Você escolhe o que pretende cursar. Talvez uma pós-graduação na Administração Imobiliária ou de vendas, à tua escolha.

- Quer mesmo que suma de Foz do Iguaçu?

- Por pouco tempo, meu anjo. Aqui é perigoso você ficar. Sabe, há um prédio em que as investigações são intensas e temos que evitar estarmos embaraçados com a lei. Então você vai pro apartamento de Florianópolis, passa essa temporada. Enquanto isso, daqui eu posso tratar da transferência, algumas questões necessárias à viagem.

- É só o que me resta?

- Não, como já lhe disse, aqui tens as pessoas amigas, tua família, ex-amores, mas também tem as inconveniências, não preciso mais citá-las! Podes é claro, com o tempo voltar, visitar a mãe, teus amigos, mas evitar a conversa sobre os fatos aqui discutidos.

- Quantos a Paulo Sérgio?

- O que tem ele?

- Vai saber do conteúdo de nossa conversa?

- Não, Adriana, se eu quisesse que Paulo Sérgio soubesse do assunto, eu teria o deixado participar. Acontece que é bom mantermos os assuntos aqui discutidos em sigilo. No futuro ele saberá de tua viagem, então não terá mais tempo para saber de nosso acordo.

- Paulo Sérgio me ama.

- Estou sabendo, Adriana. Sofreu muito quando soube que ias acompanhar Marcos André. Estás aqui graças a sua interferência.

- O senhor queria meu fim?

- Jamais, meu anjo. O grupo analisou que isso seria melhor, mas sempre há o diálogo e assim, graças a Paulo Sérgio, estás conosco.

- O senhor teria coragem de matar alguém?

- Sim, inclusive você, Paulo Sérgio, e os amigos dele, desde que as circunstâncias nos obriguem, não é? Não é mesmo? Respondeu Ubaldo, sem levantar os olhos.

- Posso pensar melhor antes de aceitar a proposta, Ubaldo?

- Acho que estamos combinados, Adriana. Quem determina o rumo de tua vida de agora em diante é você. Se tu queres continuar amiga e boazinha, está muito bem, tudo o que te ofereço, já expus.

- Caso contrário, arriscou-se Adriana.

- Não me deixe nervoso, mulher. Nem um pai faz o que fiz por você, e ainda pretendo fazer. Quer saber de uma coisa? Seria o fim, se não quisesse colaborar não me responsabilizo por mais nada que venha acontecer. Lavo minhas mãos.

- Vou pensar! Qualquer decisão eu comunico.

- A mim não precisa. Estou certo de sua decisão. Sabes que não estamos sozinhos nessa sala. Têm ouvidos por toda parte. Todos os contatos de agora em diante deverão ser através de Paulo Sérgio. Disse resoluto e levantou-se para abrir a porta.

- Tudo bem, Ubaldo, foi um prazer estar aqui!

- Passe bem! Respondeu Ubaldo, sem dirigir-lhe o olhar.

Adriana entrou naquela reunião forçada pelo medo e decidida a desafiar Ubaldo. Cheia de perguntas e disputa a queixar-se. Saiu satisfeita com a atitude de Ubaldo. Pela primeira vez sentiu que a força do grupo não podia ser tão grande, seu marido tinha descoberto.

A próxima investida de Adriana seria desafiar Paulo Sérgio. Ubaldo recomendara-lhe que procurasse Paulo Sérgio para dar seu parecer.

Adriana ainda pensava em denunciar a empresa, procurar um Advogado e contar com a lei para punir, pelo menos os culpados. Realmente trata-se de uma organização internacional. O polvo referido por sua mãe, passava das cidades próximas a Foz do Iguaçu e a cabeça do animal pode ser Ubaldo. Foi ele que acabou de confessar que seria capaz de matar a todos, inclusive a ela também. Paulo Sérgio interferiu a sua condenação.

*

Todavia Adriana não teve tempo de sair do escritório e chegar a seu apartamento.

Ubaldo deu ordens imediatas a Paulo Sérgio Deviam agir as investidas de Adriana. Quando ela estava a caminho do apartamento, Paulo Sérgio já sabia do conteúdo da reunião.

Antes de voltar para casa, Adriana um pouco aliviada com o teor da conversa que tivera com Ubaldo, resolveu passear pela cidade de Foz do Iguaçu em busca de uma roupa mais clara e leve para enfrentar o verão, que estava prestes a mostrar sua graça.

Dentre as roupas que experimentou uma somente caiu-lhe no agrado Adriana resolveu trajá-la, assim como comprou, guardando no pacote o vestido com que acabou de sair da reunião.

Em sua memória ainda surgiam alguns trechos da conversa de Ubaldo. Gostava de recordar do ponto onde referia-se ao amor que Paulo Sérgio, possivelmente, estava sentindo por ela. Este sentimento de Paulo não podia ser tão grande quanto o pensar que se sente quando se perde alguém, mesmo que este sentimento não seja o mais verdadeiro, o mais profundo, mas sempre deixa alguma marca.

Adriana não conhece a profundidade do verdadeiro amor. Aquele que é capaz de nortear nossas ações. Este amor Adriana somente pensava existir nos contos e poesias. Ela conhecia apenas aquele amor prazer, que sentia nos atos sexuais, primeiro com seus ex-namorados, depois com Marcos André durante o casamento e finalmente, com Paulo Sérgio.

Porém o amor sentimento surgiu mesmo, foi com a perda de Marcos André. Amor por um homem indomável em suas convicções, amor por um homem determinado a lutar pelo que acredita.

Ver Marcos André descer aquela cascata violenta foi o ponto que transformou o modo de Adriana agir e aqueles dias de espera para encontrá-lo foram torturantes. Quando o trouxeram, ela mal pôde reconhecê-lo, devido ao estado em que se encontrava. Nem seu rosto e a imagem de seus olhos as rochas deixaram intactos, para que Adriana ainda pudesse vê-los pela derradeira vez.

A falta que nos faz pensar que não podemos mais tocar, não podemos mais trocar palavras, tanto afáveis, quanto rudes, no dia a dia. Somos obrigados a esquecer. Saber que houve dias em que brincamos, sorrimos e passeamos: trocamos elogios e carícias e, agora este amor silencia, mansa e gradativamente, até que o tempo se encarregue de apagar de nossa mente.

Para Adriana, despir-se de veste escuras e colocar um vestido de cor alva, seria recomeçar. Esquecer as fantasias e seguir, como havia recomendado Ubaldo, jogar fora os ressentimentos e as amarguras, tomar novas decisões e voar para a alegria da vida. Deixar os remoinhos, procurar a brisa leve e fresca do bem estar. Sentia-se a caminho do apartamento como uma crisálida prestes à metamorfose. A alegria surgia e como criança, cantarolava pelas ruas. Vou à França! Decidiu-se.

Quando Adriana estava a duas quadras do apartamento, os companheiros de Paulo Sérgio a abordaram. Seu carro foi trancado por outro quando ela preparava-se para arrancar, no semáforo. Gilberto encostou seu revólver na cabeça de Adriana e ordenou-lhe, que tomasse o assento do passageiro. Em seguida, Gilberto ocupou-se do volante para conduzir o carro até a Ponte do rio Iguaçu, local onde Adriana já sabia de antemão que seria seu destino final.

Gilberto deu algumas voltas por ruas pouco movimentadas, num local fora da cidade onde não havia habitação. Otávio e Francisco esperavam o veículo.

A noite já havia caído. Não se ouvia o barulho da cidade, somente alguns pássaros e animais manifestavam-se.

Paulo Sérgio recebeu as ordens de Ubaldo. Dessa vez não podia perdoar Adriana. Ela representava uma voz ativa contra toda a organização, qualquer descuido e um bom Advogado e tudo estava perdido. Não poderia ter piedade. É claro que Ubaldo recomendou uma ação sem tortura e muito menos atos violentos contra o pudor da mulher.

Paulo Sérgio a princípio implorou. Não queria que Ubaldo tomasse essa decisão. Afinal, estavam arriscando-se a ceifar quantos? Paulo Sérgio negava-se a dar as ordens a seus companheiros, seria uma falta de palavra. Prometera a Adriana que daria sua vida para mantê-la feliz ao seu lado.

Porém Adriana não quis agradar seu tio Ubaldo, ameaçando entregar os assassinos. Não restava mais acordo.

Ubaldo chamou Paulo Sérgio e determinou que Adriana devesse desaparecer ainda naquela noite, que fosse comunicado imediatamente ao grupo. Ubaldo não podia mais conviver com pessoas que se tornavam verdadeiras minas de informação.

Otávio, Francisco e Gilberto não estavam acostumados com crimes envolvendo mulheres. Adriana seria a primeira.

- Você acaso sabe nadar? Perguntou Otávio à Adriana, antes de executá-la.

Adriana estava com uma mordaca, por isso só respondeu, com a cabeça, negativamente.

- Então vou te dar uma oportunidade. Rapazes! Vamos jogar esta graciosa flor, viva, no rio. Se Deus ajudar, ela poderá se salvar.

-Desculpe meu amor! Não posso fazer nada, é minha profissão! Sorriu sarcástico, Paulo Sérgio.

Em seguida retirou o pano que tampava a boca de Adriana, e sob reclamações, a arremessou contra a correnteza.

Ouviram-se alguns gritos após a queda, depois o murmúrio do rio silenciou a voz.

Capítulo Dezenove

Sara conhecia bem o Edifício Parati, inclusive uma ocasião que Adriana havia viajado a Foz do Iguaçu, Marcos André a convidou para passarem uma noite em seu apartamento.

Diante do Edifício, neste instante em companhia de Paulo Sérgio. Sara não lembrava ser o mesmo apartamento de Marcos André.

Quando Paulo Sérgio tocou o interfone e o número do apartamento coincidiu com o de Marcos André, surgiu uma dúvida repentina na mente de Sara. Que envolvimento tinha Marcos com Ubaldo? Como Marcos desapareceu? E cadê a mulher? E este apartamento!

Mistério que Sara não podia perguntar a Paulo Sérgio. Prometera calar-se diante dos fatos, mas sabia que no futuro, com o envolvimento, obteria toda confiança do grupo e quando dispusesse de dados suficientes para entender o emaranhado do empreendimento, teria que contratar um bom Advogado, contar com a sorte para entender todas as ações e, se possível, descobrir até onde o grupo pretendia chegar. Agora sabia que o empreendimento realmente dominava muitos setores. Não sabia que Marcos André havia desaparecido assim. Para Sara, depois da briga na beira mar. Marcos André resolveu desaparecer de sua vida para não ter que se separar da esposa. Não imaginava que eles fossem ter ligações com as mesmas pessoas que acaba de conhecer. Será que a esposa também fazia parte do esquema? Marcos André disse-lhe que naquela naquele fim de semana viajaria a compromissos. Nunca mais telefonou. Nem apareceu nas noites.

Dúvidas! Realmente é um mistério, tudo acontecer assim. Tão aos nossos olhos. O mundo parece cada vez menor e ver como as coisas se encaixam. Isso tudo amedrontava a Sara.

-O que foi, Sara? Perguntou Paulo Sérgio, confuso com a repentina mudança de conduta.

-Desculpe meu amor! É que quando você tocou o número do apartamento, lembrei-me de umas bobagens e me distrai.

-Você vai adorar meu amor! Do apartamento vê-se toda a beira mar e parte do continente.

-Deve ser muito interessante, balbuciou Sara, assim meio a contra gosto, pois havia divisado todo aquele panorama nos braços de Marcos André.

-Aqui vai ser a tua residência e domicílio por um bom tempo, meu amor!

-Que bom, espero viver aqui por muitos anos. Eu adoro Florianópolis.

-É e este apartamento fica perto de tudo. E não se esqueça, Ubaldo fez questão de passar a escritura para teu nome!

-Este apartamento estava em nome de Ubaldo? Admirou-se Sara.

-Faz anos, meu amor! Havia um engenheiro morando aqui. Ubaldo cedeu o apartamento até ele concluir umas obras. Agora o inquilino e a esposa foram para a Europa e devolveram o apartamento. Feliz com nossa união, meu tio resolveu passar este para você. Eu tenho meus bens e vamos casar em regime de separação, Sara. Por isso é bom que tenhas bens.

-Acho ótimo, Paulo Sérgio, assim cada um faz a sua parte.

-Foi o que pensei, já que em Foz do Iguaçu eu estou mais acostumado e não se sabe até quando vou ficar trabalhando por aqui. Enquanto isso você cuida do que é teu.

-Com todo carinho, meu amor, espero que goste daqui e que nunca precise deixar este apartamento, afinal vamos nos casar, não é mesmo?

-Você está certa que quer Sara?

-Estou Paulo Sérgio, vamos trabalhar juntos, desenvolver a profissão e levar a vida!

-Que sonho bom! É difícil imaginar que isso seja verdade, meu amor, mas tudo pode acontecer na vida, até mesmo nosso casamento dar certo!

-Por que tem dúvidas, Paulo?

-Pela insegurança de tuas decisões, Sara. Mas isso pode ser normal quando não se conhece bem a pessoa que amamos.

-Então não vamos mais pensar nisso, vamos conhecer a decoração nova do apartamento.

Sim, Paulo Sérgio havia tirado todos os móveis e utensílios, deu nova pintura e ornamentou tudo como se fosse à primeira ocupação, para que Sara ao entrar, tivesse a impressão de ocupar um novo apartamento.

-Entre! Disse Paulo Sérgio, após abrir a porta.

-Que interessante! Tudo novo!

-Gostou?

-Estou feliz, parece a primeira vez que alguém entra aqui!

Depois que reformarmos, é! Apressou-se a comunicar Paulo Sérgio.

Era diferente daquele ambiente familiar que Sara encontrou na primeira visita. Paulo Sérgio soube decorar todos os cômodos com móveis e utensílios simples e de bom gosto, deixando a amada feliz.

-Você tem ótimo gosto, Paulo Sérgio. Amanhã vou trazer minhas colegas para conhecerem meu apartamento!

-Faça isso, Sara, e aproveite para tratarem os assuntos que combinamos com Ubaldo. Afinal, não podemos perder tempo. Nossos amigos também já estão na cidade e a imobiliária precisa funcionar.

- Sei!

-Quando se imagina que algo precisa acontecer, pode ficar ciente que Ubaldo já tomou as providências sobre todos os detalhes. É bom você ir acostumando com a idéia!

-Puxa, Ubaldo é mesmo um homem imprevisível, disse Sara imaginando o poder deste homem.

-Estás admirada?

-Deveras, meu amor, mas bah tchê! Capaz que ele sabia de tudo e não quis contar?

-Só para a surpresa, meu anjo!

-Estou louca para contar às meninas, elas não vão acreditar que isso tudo pode dar certo, assim de uma hora pra outra!

-Faça isso, amor. E não se admire tanto. A empresa é capaz de muito mais!

-Começo a acreditar que as coisas são mesmo bem organizadas e rápidas!

Na viagem entre Foz do Iguaçu e Florianópolis Sara pensou muito sobre suas colegas. Faria o possível para mantê-las fora da real situação da empresa. Tratariam do emprego, suas funções no estágio e, quando o assunto recaísse sobre as demais atividades, sempre que fosse mencionada, ela deveria conversar desviando-as para as rotinas do trabalho, ou afazeres ilhéus.

Tudo estava sob seu controle. Paulo Sérgio podia confiar na esposa e Ubaldo em pouco, se sentiria orgulhoso da colaboradora que escolheu para suas atividades. É lógico que Sara nem sonhava que Paulo Sérgio deveria trabalhar somente como olheiro e pesquisador da atividade mais lucrativa, ou seja, a possível rota de drogas, através do aeroporto de Florianópolis e desmanches de carros, vindos de diversos centros que circundam a BR-101. Que seria vigiada pelos helicópteros e aviões do grupo que se instalara na Capital. Para Sara, Paulo Sérgio estaria envolvido com a imobiliária e a organização dos vãos panorâmicos. Além, é claro, após seu trabalho, tratá-la como deve, nos diversos lugares afrodisíacos da Ilha.

O problema maior seria aproximar Rosana de Gilberto, Otávio e Francisco. Essa mulher realmente era o motivo maior de preocupação. Se pelo menos ela aceitasse a companhia deles para o trabalho, sem intervir em suas demais atividades. Era só tratá-los profissionalmente como colega, e tudo ficaria nos conformes. Quando Eduin aparecesse, a graça de Deus cairia sobre o projeto de Sara. Conquistaria a confiança do marido e posteriormente providenciaria a derrocada do grupo, principalmente, Ubaldo. Devia estudar a fundo seu envolvimento com os crimes.

Por enquanto Sara tinha conhecimento superficial das ações do grupo. Mas ficou surpresa com a rapidez das ações e a qualidade dos métodos empregados. Isso a deixava um pouco preocupada, muito mais agora que tomou conhecimento que também Marcos André e Adriana haviam desaparecido. Essa história que haviam ido à Europa não a convenceu. E deveria pesquisar também.

Em pouco tempo o apartamento estaria totalmente decorado, pronto para morar. Sara até então, não temia pelo destino de suas duas colegas, porém com os fatos entrando pelos olhos, a facilidade de aproximação e execução, aumentava cada vez mais seu pavor. Uma conversa esclarecedora com as colegas fazia-se urgente, devido ao risco de haverem presenciado uma ação do grupo.

Sara olhava Paulo Sérgio a seu lado, em profundo sono. Via somente alguns detalhes devido à escuridão do quarto. O que pensar de um homem cheio de problemas, que dorme como se o mundo fosse assim mesmo?

Por que ela a tempo esperava também adormecer, mas a noite teimava mantê-la acordada. Será que o pesadelo e a tortura

das mulheres casadas, abateram-se sobre ela, deixando-a mãe, senhora e madura apenas em uma noite de união.

Não, Paulo Sérgio não podia passar a noite sem acordar. Afinal o sono não foi concedido apenas para um dos amantes. Sara encostou seu rosto com carinho ao de Paulo Sérgio e com o calor do seu corpo, Paulo Sérgio acordou. Sonolento procurou os lábios de Sara e beijou-a com ternura.

Apesar da angústia, Sara buscou no amor a cura para sua longa noite de insônia, e neste ato derramou tudo que havia de calor, desejo e volúpia, para receber de graça o prazer que Paulo Sérgio sempre lhe dava nas noites de afeição.

Embora fizesse todo esforço para amá-lo, o que mais a atraía era a busca de algo estranho escondido naquele corpo atlético, que jamais lhe despertaram os demais homens. Para os demais havia sido uma busca mecânica do amor já alcançado, do gozo já obtido na maioria de seus atos. Foram fantasias realizadas sem o menor esforço. Mas com Paulo Sérgio havia um mistério, ora medroso e melancólico. Era amor desejo, amor medo, amor delícia, amor divertido, amor jubiloso, amor inacabável.

Paulo Sérgio pensava que Sara não devia amá-lo, pois escolhia momentos certos para conseguir abordá-lo e dele arrancar segredos. Era alguém sempre a interrogá-lo e por mais que ele se esforçasse, não obteria a certeza do amor de Sara.

-Sara! Exclamou Paulo Sérgio, após haverem concluído aquele ato. Sabe que eu não acredito em teu verdadeiro amor!

-Notei isso desde a primeira vez, confessou Sara, Segura.

-Será que vamos continuar inseguros por muito tempo?

- Acredito que aos poucos vamos encontrar o ponto que poderá nos unir.

- Como assim?

- Quando tudo o que pensarmos poderá ser dito, quando tudo o que fizermos poderá ser visto!

-Será que um dia poderemos contar o que pensamos?

- Não sei, pestanejou Sara.

- Talvez um dia seja forte para nos amarmos.

- Você tem medo, Paulo?

- Não, medo de que?

- Que eu saiba tudo sobre você?

- Por quê?

- Quem pode confirma que você não está me vigiando?

Qual a razão de aceitar tudo como Ubaldo previu?

-Fica no ar, como você mesmo sugeriu. Quero que saibas Sara: gostaria de contar contigo nesse trabalho, preciso de alguém que tenha coragem para me ajudar a alcançar meu objetivo, a justiça e a riqueza.

Que interessante! Paulo Sérgio queria justiça. Justiça de que? Será que tudo havia sido apenas obra de Ubaldo? Somente o patrão era o culpado pelos crimes e os acúmulos de bens?

Paulo Sérgio por apenas planejar os atos, talvez julgasse inocência e por esta razão atribuía a culpa somente àquele que detém a soma maior dos lucros. Mas claro que sua intenção era levar Sara a culpar somente Ubaldo, a ele Sara devia atribuir todos os advérbios de acusação. Paulo Sérgio queria o perdão e a piedade como oprimido e indefeso. Ele lava as mãos e se julga cheio de virtude.

Quando Ubaldo determina uma ação, Paulo Sérgio logo procura seus companheiros e com cinismo e horror, planeja com toda crueldade o fim das vítimas, até mesmo da mulher que o amou. Maldoso e calculista, não mediam esforço para executar friamente as tarefas.

Otávio, Francisco e Gilberto, por mais bandidos que sejam, recebem dicas de como pôr em prática as ordens do mandante e ainda assim, abreviam as torturas impostas às suas vítimas.

No caso de Adriana, contrariando as ordens de Ubaldo, para que seu afogamento fosse rápido e sem torturas, Paulo Sérgio, embora a princípio contra o crime, na hora final, havia ordenado estupro horrendo e sessões de tortura até a mais cruel das mortes. Mas Otávio discordou.

Assim Paulo Sérgio tratava todas as vítimas e sorria freneticamente quando as indefesas almas desciam as Cataratas.

Visto que Ubaldo queria manter estreita amizade com Adriana, foi Paulo Sérgio quem primeiro a seduziu em sua mansão, com palavras de ternura e carinho, na hora que a mulher estava insegura quanto ao amor que sentia pelo marido. Mas ao ver seu marido descer as águas violentas das Cataratas, Na hora que notou toda crueldade de Paulo Sérgio, querer trazê-la para assistir, confessou sentir o mais profundo ódio pelos seus opositores. Não desejava mais o amor de Paulo Sérgio sentia-lhe asco pela frieza de seus atos.

Paulo Sérgio somando a repulsa de Adriana e seu descaso ordenou que sua pena fosse medonha. Porém ele, covarde, jamais utilizava suas mãos para ferir alguém.

Cruel, deitado ao lado da mulher, sonha fazer-se de inocente. Ele tenta disfarçar sua culpa com palavras meigas e interjeições de desentendido. Para levar adiante uma união que se apresenta ambígua ferindo o sonho de Sara, que o ama inconsciente e o deseja apaixonada. Cega como uma crisálida, mas que pode, com o passar do tempo, utilizar-se de estratégias para conhecer o antro a que está ligada. Eis aí a ferida que o amor pode deixar.

CAPÍTULO VINTE

Límpido, o dia amanheceu com ele a ânsia de se banhar nas ondas do mar.

Rosana preparava-se para mais um dia de sol na praia, mas foi surpreendida com a inesperada visita de Sara.

- Olá! Cedo, minha cara! O que houve?
- Tudo bem, Rosana?
- Estou indo à praia, quer dizer, podemos ir juntas!

Sugeri Rosana.

- Hoje não posso. Vim para mostrar meu trabalho sobre da Estrada do Colono e te convidar para conhecer meu apartamento.

- Levo sempre as anotações pra ler, Sara. Sabe! Acho que vai sair um bom trabalho! Estou quase me convencendo, depois com Mônica me auxiliando! Fica mais fácil, não é mesmo? Dirigi-lhe o olhar de preocupação.

- Oh! Estamos diante de uma transformação. A radical Rosana concordou em defender um trabalho conjunto. Mas minha amiga! Tenho uma monografia especial que um amigo me entregou. Acho que somado a esse seu trabalho. Vamos apresentar a melhor já apresentada à banca julgadora com alguns dados alterados. Não foi assim que você se referiu a ela?

- Pois é, mas estamos muito próximo à formatura, e na falta de um trabalho melhor, temos que nos contentar com esse mesmo. Só que se a tal estrada, a que está na tese sair, poderemos acabar com o Parque Nacional do Iguaçu.

- Menina não li ainda o trabalho, tenho que encontrar tempo para nossas reuniões!

- Você continua envolvida com aquele povo?

- Quero que venhas comigo, conhecer meu apartamento, Rosana. Deixe de bobagem isso não vai aumentar nem diminuir seu modo de pensar. Tens que pensar em contribuir para melhorar o relacionamento. Ubaldo gostou de nós sim!

- Mas és metida, mesmo! Quer dizer que o velho está louco, e resolveu doar um apartamento para a rainha do Serviço Social!

- Diríamos que seria uma troca de favores. Eu faço um favor e ele colabora com outro.

- Você tem mesmo coragem, garota!

- Já tive muitos desses. Mas é só até eu me cansar.

- Feliz aquela que for tua amiga, Sara!

- Como assim?

- Pois é. Já conseguimos um trabalho completo para nossa conclusão do curso. Pode ser que, no futuro, alcancemos algo mais!

- Estou aqui para isso, garota! Oferecer trabalho, ou seja, um estágio remunerado para você e Mônica!

-Oba! Estou de acordo, que estágio?

- Por esta razão precisamos sentar para discutir. Que tal deixar a praia para outro dia?

- Sugestão aceita! Vamos a teu apartamento, mas com uma condição! Primeiro você tem que me explicar melhor essa história! Não venha me dizer que seu namorado vai morar contigo? Tenho que conviver com essa gente? Levantou o dedo.

- Sei. Que Paulo Sérgio não esteja? Antecipou-se Sara.

- Acertou!

- Não se preocupe Rosana, Ele saiu cedo. Está equipando a imobiliária e cuidando dos detalhes. Terás que ser tolerante. Ele e os amigos vão estar por perto, mas independe de nosso trabalho.

- E, Mônica?

- Vou convidar também. Será que ela poderia trabalhar conosco?

- Perguntei o que vai dizer? Depois dos acontecimentos! Eu confesso estar confusa e preocupada. Por você até poderia aceitar.

- Então aceite, meu anjo! Tenhas certeza que preciso de você. Por favor, me ajude!

- Lógico, dependendo do que vai ser feito!

- É marcar vãos panorâmicos e serem guia turístico O povo geralmente procura esses serviços, Rosana. Por isso não se preocupe. Tenho certeza que todas as dúvidas serão resolvidas.

- Está bem, vamos ao apartamento. Concordou Rosana.

- Meu carro! Indicou Sara, mais uma vez surpreendendo a colega.

- Também! Olha menina que aí tem coisa!

- Não, Rosana, é como te falei, Ubaldo precisa de alguém de confiança para atuar aqui em Florianópolis e como Paulo Sérgio está comigo, o velho resolveu dar um carro. E cá pra nós, Rosana, o que representa um carro a Ubaldo?

- É mesmo gatinha! Só que eu, Sara, vou colaborar com você, mas se perceber qualquer coisa! Serei a primeira a incorrer. Sabes que estou sempre pronta para avisar!

- Ótima Rosana, faça isso, pode ser que a gente esteja em perigo. É bom contar com a amiga!

- Estava com saudade, sabia? Abraçou-a Rosana.

- Obrigada, minha cara, estou feliz por você.

- E Mônica?

- Pois é, né, que tal passarmos na casa dela?

- Estamos no caminho, não custa!

Rosana residia na Trindade, Mônica na Agrônômica. Agora, Sara estava no final da Trindade, ponto de início da Agrônômica, caminho certo pela Lauro Linhares. Quando Sara começou a freqüentar as praias de Florianópolis, era bem garotinha e não havia a Via de Contorno Norte. Então o caminho à Trindade era pela Rua Lauro Linhares.

- Imaginou o trânsito da Lauro Linhares Sara, se não houvesse a Beira Mar?

- É louca, menina! Florianópolis não está preparada para tantos carros. Estamos quase num caos.

- Mesmo! Não sei o que vamos fazer com tantos carros em nossas estradas, essa Ilha já foi muito mais natural; alegre e bonita. Hoje com todo esse barulho e trânsito engarrafado. Sem falar das habitações nos morros que eram tombados para a

preservação, como os da Lagoa e da Cruz. E os edifícios e loteamentos na beira da praia?

- É mesmo, Rosana, isso é triste. Mas todos querem morar nesses lugares, por mais que os órgãos de preservação insistam em proibir as habitações, existe sempre alguém que consegue construir!

- Oh! Que saudade da nossa Ilha no tempo em que a Lagoa era azul durante a maior parte do dia e, à tardinha o verde dominava sua margem.

- É o progresso, meu amor. Não estamos andando num carro moderno? Está aí. Há muita população, há muito carro, todos queremos nos locomover, então!

- A natureza paga, Sara. Temos que admitir que o barco seja enorme, enferrujado e a maioria dos navegadores são recrutas.

- Ainda bem que fomos privilegiadas por conhecer isso daqui quando havia muito mais natureza viva. É pena, mas ainda assim a Ilha é maravilhosa, bela, gostosa de ser habitada. Reserva muitas praias naturais e limpas.

- Isso é verdade, Sara. As areias de nossas praias ainda são alvas. Mas temo pela enorme demanda de turistas e imobiliárias, querendo explorar a orla marítima da nossa Ilha. Temos que preservar aquilo que é mais atrativo na Capital, as áreas naturais, deixando áreas que cabem às habitações serem ocupadas, apenas com planos de construção, finalizou Rosana.

Mônica escolhia o biquíni, quando Rosana tocou o telefone.

-Suas duas amigas! Intrometeu-se Rosana.

-Quem?

-Abra essa porta, coleguinha de Foz!

-Oh, cachorras, logo agora que estou disposta a tomar um bronze.

-Trepe no telhado! Sorriu Sara, contra a parede fria do prédio.

-Ah! Que bom! Vieram me convidar para uma onda? Perguntou Mônica, abraçando Sara, feliz.

-Talvez, mas primeiro vamos conhecer meu apartamento.

-Olha só! Rosana. Sua amiga quer mostrar seus pertences!

-E o carro! Mônica!

-Carro também! Quer dizer que o negócio tem ouro, Sara?

- Faço o que posso né! Mas não te meta a besta guria. Apura, vamos conhecer meu apartamento, tomar um chá com torrada e conversar sobre um bom empreendimento.

Rosana e Mônica se entreolharam.

- É! Mônica! Vamos trabalhar na empresa de Sara, quer patroa mais careta?

- Trabalhar! Ah não, garotas, estava mais a fim de curtir uma praia. Deixem de ser tão desmancha prazer, sorriu.

- Papo sério, um estágio, Mônica. Vamos! Depois pode ser até que almoçemos numa praia.

- Está bem, vou colocar uma roupa.

Em pouco estavam no apartamento onde Sara queria tratar das novas funções.

- Garotas sentem por aí, vou abrir a janela pro Norte entrar. Tomamos um chá e depois, à praia.

- Sara estás gostando da companhia de Paulo Sérgio? Perguntou Rosana.

- Eu gosto dele. Sabe, é um pouco estranho ficar assim com um carinho como ele. Mas vou levar até que der pé. Por enquanto tudo bem!

- Quanto ao nosso trabalho?

- Bem, é o seguinte: Eu vou estagiar numa imobiliária, uma espécie de aprendiz sendo dona da casa, entende? Depois vou cuidar da quantidade de imóveis vendidos, suas espécies, coisas que os corretores sempre fazem.

- Eu? Apresentou-se, Mônica.

- Vocês duas vão trabalhar na Lagoa, Beira Mar e São José. De início os pilotos ficam orientando os turistas e vocês observam. Quando tudo for conhecido e as funções estiverem claras, então é marcar os vôos, determinar os horários, cobrar e esperar os próximos. Precisamos de vocês duas, primeiro por que confio: depois as escalas de trabalho e por fim quando estiverem habituadas com os rapazes, vou trazê-las ao escritório. Uma vai trabalhar de manhã, outra à tarde, como preferirem.

- Qual seria nosso lucro, ficaríamos também nos fins de semana? Perguntou Mônica.

- Na temporada, Mônica, como é uma experiência, temos que nos revezar em turnos. É claro que se houver necessidade, iremos em busca de outras colegas, podemos ir pensando nisso.

- Sara levantou-se, foi até o fogão apanhou um bule e o colocou na mesa, juntamente com as xícaras e as torradas.

- Garotas o assunto mais sério, que me fez trazê-las até aqui, não foi só para discutirmos sobre nosso relacionamento. Não, parece que vocês já sentiram que houve uma conversa minha com Ubaldo. Tudo bem, ele deu-me este apartamento, um carro, a imobiliária. Está certo! Calou-se um pouco, Sara.

- Sim, começo a entender, Sara.

- Calma Rosana! Houve aquele episódio das Cataratas, tudo bem, nós estávamos juntas. Eu discuti com Paulo Sérgio, então Ubaldo resolveu esclarecer de uma vez por todas a situação.

- Sim, Sara, ele acredita que nós podemos colaborar? Intrometeu-se Rosana.

- Calma Rosana, me deixa eu expor a questão, depois vamos às perguntas. A empresa, garotas, é enorme, possui oito

ramificações. Uma na França, outra no Paraguai, outra na Argentina alguns países da América e no Brasil. Nós não vamos prestar nenhum serviço direto a esses setores. Vamos apenas estagiar, trabalhar e pesquisar. O que eu quero minhas colegas! É garantir que nossas funções sejam apenas profissionais. Iremos nos manter independentes das demais ações do grupo. No futuro talvez, quando nós obtivermos provas concretas e tivermos certeza que podemos dismantelar todo o emaranhado, então constituiremos um Advogado.

- Sara! Nós não podíamos ficar de fora? Sugeriu Rosana.

- Pai! Afasta de mim este cálice, pai! Sara invocou as palavras de Jesus. Certamente que podemos, mas achei uma boa oportunidade para uma ocupação.

- Sei, Sara. Já demos a nossa palavra.

- Não é só isso. Seria muito fácil se as coisas fossem assim. Acontece! Que os pilotos dos helicópteros e dos aviões são Gilberto, Otávio e Francisco, os três colegas de Paulo Sérgio!

- Oh não, Sara! Estou fora! Antecipou-se Rosana.

- Então estamos todos perdidos. Vamos à breca, sem dinheiro, sem trabalho, sem formatura, é a ruína! Desanimou-se, Sara.

- Como assim? Não entendeu Mônica.

-Gurias, vocês estavam nas Cataratas, discutiram com Paulo Sérgio, tudo bem. Acontece que para o resto do grupo, nós já sabemos de toda a trama, o que resta então?

- Entregá-los à justiça!

- Mas quantos e quais são? E como sustentar a palavra diante de fatos não comprovados!

- Achei melhor dizer que estou colaborando e, no futuro fazer minha pesquisa detalhada. Enquanto isso, garota, eu poderia conseguir um carro para vocês duas e muitas mordomias, basta só fingirmos que estamos colaborando, né!

- Ficar com aqueles rapazes, Sara?

- Não custa! Eles sentirão profundo orgulho de estar conosco. São rapazes simples do interior, só agem quando são mandados para as funções do grupo, caso contrário, ficam a distância.

- Você já teve contato Sara, com aqueles rapazes?

- Não, apenas os vi naqueles dias em que estávamos juntas, porém é fácil conhecer as pessoas, é só observar!

- Você é um pouco ingênua, Sara. Aqueles rapazes são assassinos perigosos e, como tal poderão enfrentar qualquer obstáculo!

- É preferível colaborar, Mônica, a ficar apavoradas pelo resto dos nossos dias. Eles sabem que estávamos nas Cataratas. Estão expostos a que tenhamos testemunhado diversos crimes. Nós estaríamos a caminho do fim.

- Nossa! Como ela é dramática!

- Façamos um trato. Eu dou a minha palavra por vocês e ninguém vai se arrepender!

- Podemos tentar, Sara, mas aqueles bandidos estarão sempre na mira, se não conseguirmos levar a cabo nosso projeto, eu me encarrego de entregar o grupo. No mais, tudo certo!

- Que ótimas garotas! Estou feliz por vocês. Farei de tudo para agradar e beneficiar vocês em todos os momentos, concluiu Sara, emocionada.

- Agora podemos ir à praia? Perguntou Mônica.

- Ótima! Vamos inaugurar nosso carro na areia, exclamou Sara.

Capítulo Vinte e Um

Que desejos estranhos são esses, que nos atraem para o calor ardente da areia e nos conduzem ao deleite pleno ao tocarmos as águas rebeldes do mar?

As três amigas escolheram a praia do Santinho para o costumeiro banho. Sabiam que perto do horário do almoço, poderiam dar um pulo até os Ingleses, para alguns frutos do mar.

Não havia para o grupo uma praia específica, dependia do estado e do momento. Quando Sara estava a fim de umas compras escolhia Canasvieiras e Jurerê. Banho rápido: Joaquina e Barra da Lagoa. Quando queria um passeio e um panorama ameno escolhia às do Sul da Ilha. Afora as demais praias do litoral, incluindo as de vãos naturistas.

Com a proximidade do almoço, resolveram passar pelas praias do norte da Ilha e encontraram um bom prato nos Ingleses.

Quando se espera aquele clima para um suave descanso, muitas vezes encontramos alguém para nos fazer companhia. Mudando o planejamento.

Paulo Sérgio e seus colegas encontravam-se no mesmo lugar, onde as garotas queriam beliscar algum petisco, para depois irem a Santinho se banhar.

-Não, garotas! Será mesmo que estamos condenadas às más companhias? Reclamou Rosana.

- Talvez tenham nos seguido para saber quais são nossas pretensões, disse Sara.

- Que saco! Rosnou Mônica.

- Sabe de uma coisa garotas? Foi bom encontrá-los aqui. Assim, nos conhecemos melhor e acabamos com esse clima chato. Animou Sara.

- Vamos sentar numa mesa independente. Se eles vierem iniciar amizade a gente senta junto. Sugeriu Mônica.

As três sentaram-se numa mesa bem em frente à praia, meio ao sol, meio à sombra, com uma sombrinha a balançar.

- Vamos começar tomando cerveja, disse Rosana ao garçom, depois traga o cardápio.

Enquanto bebiam e beliscavam, sentiam o contato da brisa e a proximidade das ondas.

- Paulo Sérgio falou que Otávio, um dos rapazes não bebe, confabulou Sara, imagine a frieza na hora das ações!

- Com certeza, Sara! É mais perigoso e deve usar outras saídas, por isso não se importa com as bebidas, analisou Rosana. Também, não temos nada a ver com as atitudes deles.

- É verdade garotas, precisamos deixar essa praia, enquanto eles se banham. Para nosso passeio no Santinho. Indicou Mônica, vendo que tudo estava monótono.

- É verdade, combinamos um bronze. Aqui já vi que será só para beber e conversar. Gostou Rosana.

- Então, combinado, vamos tomar um sol. Concordou Sara. Indo ao encontro de Paulo Sérgio para avisá-lo que o passeio devia-se a questão do trabalho. E de esguelha disse que mais tarde teriam oportunidade a saírem juntos.

Uma leve brisa havia na praia. O calor mesmo assim convidava ao banho. As três estenderam suas toalhas sobre a areia, deixando as esculturais formas à luz dos raios do sol, que encantado, iluminava cada corpo, segundo os matizes do bronzeado.

-Tem recebido notícias de Eduin, Rosana? Interessou-se, Sara.

- Ligou um dia desses, estava num congresso sobre naturalismo em Berlim, inclusive disse-me que expôs umas amostras do Parque Nacional do Iguaçu e suas fontes.

- Como anda esse homem! Admirou-se Mônica.

- Quando liga, ele pergunta como estamos? Argüiu curiosa, Sara.

-Principalmente sobre o projeto, Sara, veja bem! O interesse dele ao invés de ser o meu amor. É a nossa monografia! Então, disse-lhe que havíamos terminado a parte teórica, e estávamos estudando para a defesa. Lógico que fui obrigada mentir, que o trabalho foi todo nosso!

- Puxa! Rosana, como ele é maçante! Gosta mesmo de participar e conversar sobre o mesmo assunto! Sobre vocês nada?

- Sabe, Mônica, Eduin parece gostar mais da amizade de que do amor. É lógico que se preocupa em saber como estou. O que estamos fazendo? Mas aquele clima romântico ainda não pintou.

- Quer dizer que tua viagem a Europa, a que ele prometeu em Foz do Iguaçu, não está mais nos planos?

- Acredito que sim, Sara. Mas por enquanto, ele está envolvido com uma série de encontros, por isso a impossibilidade da viagem.

- Será que se ele estivesse aqui agora e encontrasse você assim, tão bela e bronzeada, resistiria?

- Não sei Mônica! Eduin deve encontrar milhões de garotas por esses lugares onde anda!

- Ah! Mas especial como você, Rosana!

- Você acha, Sara! Que ele pode pensar em mim?

- Neste instante, tenho certeza que ele pensa em ti, deixa-me ver. Oh! Naquele frio alemão, no mínimo, deve estar pensando: Que saudade de minha gatinha lá do Brasil!

- Que bom! Você é mesmo um amor, Sara! Por que não ligamos hoje?

- Ligue minha cara! E diga que estás com saudade. Quando ele começar a falar sobre Berlim, fale sobre nossas praias, de teu bronzado, da paixão. Deixe-o maluco! Sorriu Sara.

- E você Mônica, não amas? Perguntou Rosana.

- Amo, mas por enquanto ando pesquisando.

- Em Foz do Iguaçu não encontrastes ninguém?

Retornou Rosana.

- Conheci um carinha que estava no seminário, nas horas que eu saía para fumar. Estuda em Chapecó, um gato. Vi-o assim, meio quieto e interessei-me em saber de onde era. Então, disse-me que cursava Direito e residia na cidade de Francisco Beltrão. Inclusive me contou que seu pai também havia sido atirado na Garganta do Diabo.

- Como você não comentou Mônica, nem apresentou o rapaz? Surpreendeu-se Sara.

- Resolvi guardá-lo para mim! Gracejou. Confidenciou-me que conhece um desembargador aqui em Florianópolis e quer estagiar no Fórum.

- Interessante este papo, Mônica! Curvou-se Sara. Um Advogado, talvez a pista de mais um tentáculo. Por que seu pai foi assassinado?

- Disse-me que seu pai era caminhoneiro e que o caminhão não tinha sido encontrado, até o dia que conversamos. Que o corpo do pai havia sido localizado no Rio Paraná.

- Só agora, Mônica?

- Achei melhor deixar para comentarmos aqui, Sara. As coisas andavam complicadas em Foz do Iguaçu e isso não ajudaria em nada!

- Como não? Recriminou-a Rosana. Era o momento.

- Que razões levam Ernesto Pedro a manter este Silêncio? Refletiu Sara. Será que espera a formatura, para depois, buscar os dados que precisa para resolver a questão do pai? Ou será ingênuo a ponto de contentar-se com os fatos e continuar seus estudos sem preocupação?

- Incógnitas, Sarar, ainda vamos encontrar muitos que estarão envolvidos com aqueles episódios. Cada qual dono de uma história, todos lesados por aquele grupo. Espero que quando os fatos forem decifrados, a culpa seja somente do grupo que comanda a empresa.

- O que estão comentando, meu amor? Antecipou-se Paulo Sérgio, ao chegar perto das três moças.

- Comentávamos sobre a formatura, meu bem!

- Não quis ficar na outra praia? Perguntou Paulo Sérgio.

- Havíamos combinado essa, Paulo. Na passagem decidimos tomar uma cerveja e comer um pouco, por isso deixamos vocês. Queríamos também pegar uma cor, tentou explicar Sara.

- Como vão? Dirigiu-se às colegas de Sara.

- Tudo bem, Paulo! Respondeu cordial, Mônica.

- Bem! Falou Rosana, sem muito esforço para ser gentil.

Os amigos? Interpelou Sara, notando a falta dos demais.

- Resolveram ir antes do engarrafamento e cuidar de alguns detalhes do heliporto. Vim só para conferir amor. Fiquei preocupado. Vamos nos encontrar só no apartamento.

- Está bem, Paulo, fique a vontade! Vais ter que se acostumar com meu modo de vida.

As três colegas retornaram ao mar para outro banho, mais uma hora de caminhada na areia e por fim, os últimos detalhes do passeio.

Os dias vindouros seriam de muitos preparativos. O início das atividades na imobiliária, a instalação dos vãos panorâmicos e a festa da formatura na Universidade.

O passeio serviu para marcar uma nova aproximação de Sara e as garotas. Também delas com Paulo Sérgio e seus colegas. Tudo foi propício à amizade.

Capítulo Vinte e Dois

Além dos vãos normais do aeroporto Hercílio Luz e os treinamentos da Base Aérea, agora também, os panorâmicos do De São José e dos helicópteros de Ubaldo, cruzam os céus da Capital.

Gilberto e Mônica coordenam o hangar e a pista de pouso e decolagem do aterro da Baía Sul, enquanto Francisco e Rosana atuam na Lagoa da Conceição.

Otávio, aviador, faz pequenas rotas de São José até aeroportos da Região Sul, distribuindo algumas encomendas e taxiando alguns aviões no Aeroclube.

Sempre havia sido o sonho de Otávio. Quando recebeu a ordem em Foz do Iguaçu de ir às aulas de instrução para pilotar, ele sentiu que poderia, no futuro, pôr em prática este conhecimento, para realizar seu sonho: a compra de uma fazenda de gado no Pará e pôr fim à vida de crimes.

Com a oportunidade iminente, meditava nas horas em que se preparava para os vãos.

“Não cometeria mais nenhum crime para Paulo Sérgio e seu patrão”.

Sim, tinha intenção de agir contra os colegas Gilberto e Francisco. Depois descobrir todos os demais envolvidos no empreendimento. Havia dúvidas quanto aos verdadeiros chefões.

Em meio às dúvidas traçava todos os caminhos para chegar ao âmago da questão. Sabia de antemão que, com o tempo, poderia contar com Sara e suas duas colegas. Ouvira-as dizer que sabiam de tudo, principalmente Sara.

Arrepiava-se Otávio, de haver executado Adriana.

Devia ter escondido aquela mulher. A necessidade de seu desaparecimento provava que alguma coisa de importante ela sabia. Arrependimento bandido.

Lembrava-se ele, que Adriana antes de ser amordaçada, implorou pelo nome da mãe, chamando-a “Mãe Viviane que me ilumine o caminho”. Otávio poderia procurá-la.

Porém, antes de tal visita, Otávio devia analisar com frieza as principais tarefas que Paulo Sérgio o determinasse. Afinal ainda faltava a Otávio, a compra da fazenda no Pará e as medidas contra seus companheiros.

Paulo Sérgio acertava com Ubaldo uma tarefa importante para Otávio. Talvez o piloto não precisasse ficar muito tempo na capital catarinense. Afinal, haveria para Otávio uma viagem ao Centro-Oeste do Brasil, mais precisamente, Corumbá. Um carregamento de alcalóide devia chegar da Bolívia e Ubaldo estava acertando para que seguisse uma rota até então desconhecida: Corumbá – Goiânia – Florianópolis – Foz.

Otávio havia participado de inúmeras rotas através de Campo Grande, porém a contínua fiscalização do tráfego aéreo na região fez com que Ubaldo estudasse uma nova trajetória de navegação aérea. Por essa razão escolheu São José para marcar os vôos e os contatos com os demais centros envolvidos com o consumo do produto transportado.

Algumas viagens eram feitas para não deixar pistas. Ubaldo transportava mercadorias de comércio legal. Embutida em algum compartimento as ilegais. Sempre às claras com a fiscalização. Se bem que cargas transportadas por caminhões sempre foram mais seguras. Ubaldo aproveitava para recomendar entre as caixas, alguns quilos de produtos de grande valor.

Sempre que se aproximavam as eleições para cargos executivos no país, Ubaldo determinava auxílio no transporte de candidatos. Assim, nas eleições para Presidente da República, quando os presidenciáveis chegassem aos aeroportos do Sul, sempre haveria uma aeronave da empresa Oligari a postos, para seu transporte a qualquer região, sem ônus à caixa de campanha. Assim foi quando da eleição para Presidente da República e Governador, com raras exceções.

Com isso a empresa “Oligari” detém a concessão e o reconhecimento de honra e consideração para atuar e manter linhas de transporte.

Houve momentos inglórios nas primeiras viagens em busca de ouro na Bolívia. Um helicóptero desapareceu na fronteira, com ele um piloto e todo o carregamento. Meses depois, outro helicóptero sofreu avarias em pleno vôo, caindo nas

estepes. O piloto, na ocasião, salvou-se. Eram as primeiras cargas que Francisco transportava.

Otávio desde o início executava as tarefas com grande audácia, dispensando plano de vôo minucioso. Uma carta cartográfica da região, um GPS a bordo, as coordenadas cartesianas das principais cidades e pistas de pouso e, lá estava Otávio, livre como um pássaro para aterrissar. Com esse equilíbrio, o piloto conseguiu levantar o caixa da empresa.

Paulo Sérgio, inicialmente pagava o resgate. Assim chamava-se a participação dos pilotos, pois se considerava que cada viagem representava uma missão de perigo para se conseguir chegar com a encomenda ao local determinado. Então se pagava conforme o lucro obtido com cada carregamento. Acontece que devido à dificuldade para se obter a carga, e os locais de carregamento ser vigiados por agentes cada vez mais equipados, o sucesso nos carregamentos passou a ser pago por Paulo Sérgio, por viagem, independente do valor da mercadoria. Com isso, Otávio e seus parceiros aumentaram os seus lucros.

Foram apenas algumas horas de vôo, com instrutores contratados por Ubaldo, para a aprendizagem dos três rapazes de Paulo Sérgio, no que tange aos helicópteros. Uma fazenda da empresa no Mato Grosso, com pista de pouso e decolagem, foi o ponto onde os três bandidos terrestres, passaram a agir em missões aéreas.

Otávio não acreditava na amizade dos outros dois rapazes.

Desde o início Francisco parecia ser camarada quando bebia nas festas, mas nas horas de trabalho, mantinha sempre as rédeas das ações presas ao seu comando. A parte mais perigosa cabia a Gilberto e principalmente a Otávio.

Fora assim em todos os seqüestros, seguidos de crimes. Francisco, calculista, demonstrava sempre estar ciente de suas tarefas. Inclusive havia trabalhado em países diferentes, depois que começou a colaborar com o grupo de Paulo Sérgio. Porém, na hora de atirar em alguém dar fim a alguma vítima, esperava que Gilberto ou Otávio concluíssem.

Com essas observações, Otávio começou a perceber que Francisco resistia à amizade, conseqüentemente não merecia afeto, muito menos confiança. Sendo ele peça importante no esquema de Paulo Sérgio, portador de informações. Otávio resolveu mantê-lo como colega, mas sempre alternando a conduta. Por essa razão, nem Otávio, nem Gilberto querem dividir alojamentos, preferindo cada qual residir em locais separados.

Gilberto também não merecia a confiança de Otávio. Não foram poucas as ocasiões que Gilberto negara-se a executar tarefas de fundamental importância. Na hora, sobrava tudo para Otávio. Isto determinou o afastamento entre eles.

Desde que nascera a divergência, Otávio traçara o rumo de suas atitudes. Colocaria Francisco em seu primeiro plano de

ação. Cuidaria dele em todos os detalhes como seu maior inimigo e, quando a obra de Florianópolis findasse, no retorno a Foz do Iguaçu, Francisco conheceria a Garganta do Diabo internamente.

Concluído esse negócio, Gilberto, o homem a quem sempre ajudara. Lembrava-se Otávio que seu parceiro, quando criança, procurava-o em todas as dificuldades. Quando jovem tratava de namorar todas as gatinhas que porventura o colega conquistava e, como se não bastasse, o dinheiro que Otávio conseguia através da venda de algum produto agrícola, dava sempre um pouco a Gilberto para as putarias.

Ultimamente, Gilberto passou a regular a remuneração de Otávio, fazendo pouco caso na hora da divisão das receitas, ficando com parte não merecida do total. Contudo, Otávio quer apagar todos os vestígios que o impedem de ter uma vida tranqüila no Pará, motivo do descaso diante as tentativas de amizade de Gilberto.

Enquanto pensava, Otávio realizava suas tarefas com afinco e, nas folgas, dava algumas voltas por praias e boates da Grande Florianópolis.

Sua presença com os colegas de trabalho no banho dos Ingleses aumentou as dúvidas quanto ao romance entre Paulo Sérgio e Sara.

Para Otávio, Paulo Sérgio não tem certeza que Sara o ama. Viu no tratamento a ele dispensando. Sara não demonstrou nenhum interesse em ficar na praia com seu namorado, preferindo as amigas. Segundo as deduções, Sara precisa de um tempo para certificar-se de alguns itens. Faltam-lhe pequenos detalhes para entregar o grupo, razão pela qual deixa o namorado mórbido para seu jogo de amor, mas com perspectiva de grande futuro além-se nesse enlevo. Futuro que, Otávio tem certeza, Sara terá que compartilhar com outros amantes, pois Paulo Sérgio não lhe serve. É a ele Otávio, que ela deve penhorar suas noites mal dormidas, o grande fazendeiro de gado do Pará. Porque Paulo Sérgio está comprometido ao grupo e certamente não terá tempo de cuidar dessa bela princesa. Bastam somente alguns dias para executar uma tarefa e com esse lucro obter a fazenda tão sonhada.

Paulo Sérgio insistia em omitir os verdadeiros chefões do empreendimento aos colegas. É ato de contínua busca de Otávio, pois a fazenda do Pará seria bem mais saudável, com a garantia da queda de todo o grupo.

Capítulo Vinte e Três

Como um pirilampo, que sem o saber, reluz, Sara brilha diante o quadro de funcionários. Observa aquele entra e sai de corretores e compradores, segue com atenção algumas conversas, tenta entender o gosto dos fregueses. Estuda a parte técnica das edificações. Aos poucos vai se inteirando das atividades.

A ocupação predominante está ligada aos preparativos para a formatura. Sara ainda precisa conhecer o conteúdo da monografia e a leitura do texto ocupa sua atenção.

Paulo Sérgio pouco aparece. Dá-se ao luxo de correr entre a imobiliária, o aeroporto, o Aeroclube e as pistas panorâmicas. Gruda-se a maior parte do tempo ao telefone, instrumento inseparável, pois precisa manter-se em contato com Ubaldo e seus sócios, e mais, aos companheiros espalhados pelas rotas onde os aviões têm que buscar as mercadorias.

Sara não consegue acompanhá-lo. Esporadicamente Paulo Sérgio aparece no apartamento sem tarefas a serem encaminhadas. É comum Sara atravessar as noites esperando, e Paulo Sérgio ocupado em planejar atividades para Otávio, esquece-se da atenção à companheira, deixando-a sozinha.

Quanto a Otávio surgiu uma incumbência a deixar temporariamente Florianópolis. Sua viagem a Corumbá está acertada. Ao retornar a Foz do Iguaçu, se a carga for toda salva, sua vida alcançará a desejada transformação. A fazenda do Pará lampeja-lhe as mãos.

Otávio não quer separar-se das três meninas. Elas poderiam fornecer-lhe pistas das ramificações que compõem a empresa. Sozinho em Foz do Iguaçu, Otávio não poderia obter informações, pois o único canal estaria cortado. Ubaldo nega-se a conversar. Portanto sua ida a Foz do Iguaçu está na dependência de outrem para descobrir tudo o que precisa para o desfecho de seu jogo. Mesmo assim a viagem o seduzia. Poder carregar com segurança, decolar sem a devida fiscalização, aterrissar em Foz com a pequena fortuna apagava a angústia das noites mal dormidas; por causa de planos de vôos e pormenores que envolvem tal façanha. É preciso calma e coragem para as manobras em aeroportos clandestinos e estradas improvisadas, ladeadas por plantações rasteiras e fazendas de gados.

Somando-se a renda da viagem a outros bens, incluindo casas, terrenos e apartamentos em Foz do Iguaçu, Curitiba, Cascavel, Florianópolis e Chapecó e deduzindo-se algumas despesas, Otávio pode comprar uma grande fazenda de gado no Pará e viver o resto da sua vida longe dos olhos de Foz.

Surgiu então uma idéia, Otávio sentiu um tinir em sua mente. Sara parece querer investigar a empresa. Antes de ocorrer à derrocada, por que não procurar a princesa e propor-lhe a venda dos seus bens? Pode ser precipitado, mas com a experiência de envolvimento com mulheres de diversos temperamentos, nas oportunidades em que as dúvidas assemelhavam-se, obteve resultados convincentes. Decidiu-se então procurar Sara e colocar seus bens aos cuidados da nova corretora, marcando assim, o primeiro contato com aquela flor primaveril, que segundo Otávio, perderia suas pétalas se Paulo Sérgio descobrisse a trama de sua amante.

Otávio não se deixa iludir pela calma de Sara e a complacência das colegas para com o grupo. Por detrás daqueles

rostinhos delicados e daquela beleza infantil e doce, há um ninho intocável, escondido numa corbelha estonteante, um pequeno réptil com picada fatal e traiçoeira, que reside naquelas entranhas sedutoras. Porém Otávio excita-se ao pensar em Sara e a certeza de haver malícia, detectada por ele, o põe a gosto. Seu desejo é poder contribuir para o sucesso dela. Todavia espera primeiro conseguir a distância necessária para não ser incluído no julgamento. Se elas demorarem a descobrir detalhes, ficarão atônitas com o noticiário vindouro.

Na Avenida Osmar Cunha, centro de Florianópolis, localiza-se a Imobiliária Cunha, uma das mais conceituadas da Capital.

Sara ocupava-se em ler uns lembretes sobre a monografia, quando lhe anunciaram a visita de Otávio.

- Otávio! Exclamou incrédula.

- Tudo bem Sara? Lamento interromper sua leitura, mas preciso conversar um pouco contigo.

- Sente-se. Alguma coisa de grave? Perguntou assustada.

Otávio assentou-se, tranqüilo. Esse gesto aumentou ainda mais a preocupação de Sara.

- Sara, disse Otávio medindo-lhe o corpo com o olhar. Importa se fumar?

- Não! Aqui dentro não seria correto porque temos o local próprio aos fumantes, mas não vem o caso agora. Pode dizer a que veio?

- Vim negociar contigo. Assentou-se folgadoamente, dando uma longa tragada em seu cigarro.

- Negociar? Não estou entendendo! Fez-se de entendida.

- Sim, Sara, tenho alguns imóveis e quero vender, por isso achei que a pessoa certa para tratar dos meus negócios é você!

-Otávio, eu já tenho complicações com o grupo todo. Paulo Sérgio ainda me é estranho, agora só me falta você querer-me por em perigo.

Não se preocupe, Sara. Sei aonde quer chegar. Acontece que meus imóveis são de boa qualidade e registrados, não há complicação nenhuma. Minha gratificação para as suas vendas será a melhor possível e, Paulo Sérgio não precisa ser comunicado. O negócio deve ser nosso.

- Por que Paulo Sérgio não precisa saber?

- Porque ele não deve saber que tenho intenção de pôr a venda meus imóveis. É um projeto totalmente meu.

- Com outras intenções?

- Sara, você tem alguma idéia sobre nosso grupo?

- Olha Otávio, sinceramente estou por fora!

- Mas está chegando a hora de abrir o olho! Temos que aproveitar a oportunidade de levantarmos algum capital Sara!

- Eu posso até aceitar colocar teus imóveis à venda, mas se Paulo Sérgio não deseja o negócio, por que não procura outra imobiliária?

- Confio no teu prestígio, Sara, e, gostaria também que fosse colocado à venda aqui nessa empresa. Afinal tu és a gerente e precisas aprender a negociar!

- Está certo, vou colocar uns anúncios nos jornais e veremos se aparece algum interessado.

- Sara, quero que saibas que meu negócio não vai prejudicar o teu, eu assumo toda responsabilidade e ainda vou pagar acima da cota que cabe à imobiliária.

- Paulo Sérgio vai tomar conhecimento através dos jornais.

- Será tarde Sara, até ele tomar as providências, meus imóveis serão vendidos.

- Por que vender teus bens?

- Como já lhe disse, tenho um projeto Sara. Estou dizendo só a você, ninguém pode saber.

- Quem vai fazer parte desse projeto?

- É meu Sara. Ninguém vai saber da conclusão desse plano.

- Trata-se de fuga?

- Sara todos estamos envolvidos nessa fuga. Vai chegar o dia que este empreendimento não poderá mais existir, então devemos estar preparados para outras atividades. Você, por exemplo! Quanto tempo acha que vai durar este serviço aqui em Florianópolis?

- Não sei! Ubaldo me garantiu que esta imobiliária continuará funcionando enquanto eu estiver disposta.

- Disse isso? Sorriu Otávio.

- Você tem dúvidas?

- Muitas, minha cara. Trate de juntar um bom dinheiro e guarde-o muito bem. Este grupo é capaz de tudo.

- O que você quer dizer com isso?

- Que já abriram lojas num dia para um negócio. Quando consumado, fecharam.

- Então por que foi adquirida essa imobiliária?

- Não sei! Pergunte a Paulo Sérgio. Ele talvez saiba qual a razão desse empreendimento. Posso apenas adiantar que eu estou terminando minha participação por aqui. Amanhã estou viajando.

- Seu trabalho já terminou? Ela surpreendeu-se mais uma vez.

- E dos meus colegas não vai demorar, depende do sucesso de minha viagem.

- E as garotas?

- As garotas, meu bem, elas são inteligentes o bastante para saberem que as coisas não são tão fáceis assim. Elas também podem muito bem levar uma vida feliz trabalhando na

profissão em que estão se formando, não é mesmo? Considere esse serviço como um bico de verão.

- Puxa! Como você é sincero Otávio!

- Sou, Sara, quero dizer mais. Já que vamos ser sócios, toma cuidado com Paulo Sérgio, este homem é estranho.

- Mas, vocês não são tão conhecidos?

- Minha cara, Paulo Sérgio poucas vezes fala comigo e, quando conversamos é sobre assuntos relacionados ao trabalho. Nunca pude descobrir qual é seu mundo. Poucas vezes nos encontramos em bares ou em festas e, se há esses encontros, apenas comentamos algum fato ou coisas profissionais.

- Engraçado! Impressionou-se Sara. Paulo Sérgio é muito misterioso!

- É muito esperto, perigoso e vingativo. Não se esqueça desses detalhes. Mantenha-se sempre de olho aberto em seus negócios. Nunca deixe desconfiar que queiras traí-lo ou saber de algo mais que possa prejudicá-lo.

- Como você me diz que não o conhece bem e depois vem com essa história que é perigoso e sabe até detalhe da sua vida?

- Quer dizer, eu conheço a forma que ele age quando está diante de um fato, acontece que nunca se sabe o que está tramando.

- Obrigada Otávio por querer ajudar. Vou tomar cuidado.

- Sim, e quanto aos bens está aqui a lista. Entregou-lhe uma pasta contendo as escrituras dos terrenos e os registros dos imóveis que lhe pertencem.

- Está certo. Vou colocar o anúncio combinado e designar um corretor para tratar das vendas.

- Lembre-se Sara, vamos ganhar um bom dinheiro. Faça o negócio sem comentar com Paulo Sérgio. Diga que não participou dos detalhes caso ele venha a descobrir.

- Paulo Sérgio me disse que você não é estudado, Otávio! Mas você parece entender muito.

- Eu estudei muito mais que esse seu namorado, Sara. Você acha que um analfabeto torna-se aviador? Tenho curso superior! Se quiser ainda posso dar aula a esse senhor que pensa que não sou estudado.

- Não precisa se alterar Otávio! Estava só fazendo uma observação! Porque é difícil encontrar um rapaz como você, daquela região, que não tenha o estrangeirismo.

- Eu trabalhei no Mato Grosso e Curitiba. Lá fui obrigado a aprender a falar melhor.

- Está certo Otávio. Fiquei contente em receber sua visita, espero que tenha êxito em Foz do Iguaçu.

- Não diga a Paulo Sérgio que vim aqui, gostaria de fazer o negócio só com a imobiliária.

- Vou cuidar desses detalhes.

Capítulo Vinte e Quatro

O anúncio dos bens de Otávio saiu nos cadernos imobiliários dos jornais da região sul.

Por mera curiosidade nas páginas do “A Notícia”, Ubaldo inteirou-se do assunto. Chamou-lhe a atenção o item colocado em realce: “Tratar com Sara”, contendo o telefone para contato.

- Sara! Falou Ubaldo, tão logo o colocaram em linha com sua subordinada.

- Pois não! Atendeu distraída, ocupada com outros assuntos.

- Ubaldo! Informou-lhe.

- Ubaldo! Que Surpresa!

- Estou feliz por você, meu amor, encontrei o anúncio no jornal e interessei-me pelos bens.

- Quer dizer que os jornais já deram o anúncio e caíram em tuas mãos!

- Sim, vejo que tens tino, estou prevendo uma futura comerciante em potencial.

- Surgiu este negócio, fui procurada por um senhor aí do Paraná que pretende vender seus bens, quer comprar terrenos no Norte do Brasil e, para tanto colocou tudo que lhe pertence à venda.

- Pelo que li são diversos terrenos e apartamentos, como faríamos para adquiri-lo?

- Ele passou a relação dos bens, todos registrados e entregou-me uma procuração para que possa efetuar o negócio dentro do preço proposto.

- Sim, meu amor, que ótimo esta questão da procuração, tenho interesse em conhecer a essência dessa questão. Você pode me informar quem é esse senhor?

- Bem! Preocupou-se Sara. Ele me disse que ninguém poderia saber, entregou-me todos os documentos e confiou na minha discrição profissional, questão familiar, alegou.

- Sei, mas é lógico que Paulo Sérgio já está informado sobre este senhor e a questão do negócio!

- O senhor acha que eu devia informar a Paulo Sérgio?

- Meu Deus, Sara! Não sejas tão ingênua. Todos os negócios devem passar por mim e Paulo Sérgio, nada deve ficar sob teus cuidados. Esse homem para te propor um negócio dessa monta, assim com tamanha confiança e proibir-te de nos informar, é gente que nos conhece e quer nos manter distantes de seus negócios. Veja bem, Sara, por que será que esta pessoa te procurou?

- Não sei Ubaldo! Preocupou-se trêmula.

- Por isso, Sara, agora quero que passe todos os imóveis desse senhor para meu nome. Vou entregar um cheque no valor dos bens em tuas mãos, mas a condição é que antes de efetuar o pagamento, informe a Paulo Sérgio que deve estar presente na

hora que o negócio for fechado. Mantenha o anúncio nos jornais até aparecerem novos compradores e acrescente cinquenta por cento sobre o valor.

Incrédula, Sara estava diante de um obstáculo jamais imaginado. Antes o máximo que poderia fazer ao defrontar-se com alguma dificuldade: desistir e partir para um novo objetivo, pois não havia ninguém enérgico a querer impor regras. Apenas uma pequena discussão bastava para jogar todo problema para o alto. Mas agora estava envolvida em negócios e assuntos cada vez mais complexos e difíceis de resolver. Quando tudo parecia se encaminhar para o sucesso sentia que a dificuldade apresentava-se acrescida de temor e incertezas. Bastou um telefonema e as nuvens escuras tomaram o lugar do límpido céu que se apresentava sobre seus negócios. Será que Otávio sabe que Ubaldo e Paulo Sérgio, tão logo tomassem conhecimento do conteúdo do anúncio, a procurariam para comprarem os bens? Será que não havia sido planejado por Otávio? Ele sabia que Ubaldo detestava estar por fora dos assuntos e que Paulo Sérgio estaria pronto a cumprir suas determinações. Então procurou Sara, pois sabia que ela venderia seus bens muito mais rápido que qualquer outra imobiliária.

Sara compreende como Otávio é astuto, e até mesmo a preocupação com o sigilo poderia ceder lugar à euforia, quando Otávio soubesse que ela havia vendido seus bens a Ubaldo.

Todavia Otávio não pôde ser informado, pois estava viajando a Corumbá. Sara precisa colocar os rumos dos negócios nas mãos de Paulo Sérgio.

Havia tempo para informar Paulo Sérgio. Ubaldo disse-lhe que entregasse o cheque, no momento propício. Sara poderia fazer Paulo Sérgio esperar, então no decorrer desse intervalo, voltaria a conversar com Otávio e trataria todos os detalhes para não se envolver ainda mais com a questão. Sara lembrou-se que Otávio prometera livrá-la de todos os contratemplos. Confortava-se sabendo que Otávio previra a fúria de Paulo Sérgio e no momento de fechar o contrato, antes que Sara entrasse nos detalhes posteriores à venda, Otávio adiantou-se, atraindo para si a responsabilidade do assunto, tamanha a certeza da venda dos bens.

Se por outro lado, Otávio não quisesse que Paulo Sérgio soubesse do negócio e como Sara devia informar ao namorado, contra a vontade do aviador; restava à incógnita que mais amedrontava Sara. Sabia ela o quanto Otávio era perigoso? Não tinha certeza se ele é o executor dos crimes do grupo, mas sabia que Otávio é o braço direito de Paulo Sérgio. Poderia ser também uma das jogadas do namorado, para desviar o interesse de Sara sobre um colaborador nos crimes encobrindo outro, através de redobrado cuidado quanto a Otávio. Pensando nesses detalhes, Sara esperava o regresso de Otávio para o bem do empreendimento.

Capítulo Vinte e Cinco

Encerrado o assunto com Sara, Ubaldo tão logo desligou o fone, tornou a ligar, dessa vez a Paulo Sérgio.

- Paulo Sérgio! Tens lido os jornais nestes últimos dois dias?

- Andei ocupado com os detalhes do carregamento para Corumbá, não tive tempo suficiente para a leitura.

- Como? Você devia reservar um tempo para saber sobre os anúncios da imobiliária, ou nem passou para ver como estão os negócios?

- Como já disse, estive ocupado.

- Você não pergunta nada à mulher?

- Não estive com Sara, passei as noites com Otávio.

- Ora essa, meu caro, então compro um apartamento, ponho uma mulher para morar contigo, adquiero uma imobiliária, encarrego você de tomar conta e tens coragem de deixar Sara fazer negócios sem teu conhecimento? Gritou.

- Foi o que tratamos!

- Como você pode confiar naquela mulher, Paulo Sérgio? Por causa da tua comodidade, sabia que Sara realizou um negócio sem nos informar e tal transação pode trazer certos transtornos à imobiliárias?

- Sara não seria capaz de nos prejudicar, não acredito nessa hipótese.

- Mas se não fosse minha interferência, a mulher iria concluir um negócio e manter-se quieta, levando um bom lucro sem a participação da imobiliária!

- Quem estava vendendo as propriedades?

- É o que você deve descobrir! Ela, segundo o contrato que firmou, não pode informar a identidade do vendedor. Possui uma procuração para tratar das documentações. Você deve estar presente no fechamento do negócio e exigir de Sara que apresente o proprietário. Eu adquieri todos os bens. Desconfio que seja alguém querendo dar o golpe.

- Será que pode ser alguém dos nossos colaboradores?

- É justamente o que eu penso. Todos os bens são oriundos de antigos negócios nossos. Aqueles apartamentos de Chapecó!

- É fácil descobrir, foram comprados na época que Otávio viajou à Bolívia e o carregamento deu aquele enorme lucro.

- Sei, mas sabe como eles são: vendem e compram bens sem se importarem com documentos, nem com compradores.

- Pois é! Não conheço direito meus companheiros quanto a esses detalhes. Estão sempre sem nada, vivem pedindo dinheiro, até para os cigarros!

- O que fazem com o que lhes pagamos?

- Pois é! Algumas vezes me preocupo. Eles reclamam e exigem muito na hora de executar uma tarefa, depois de alguns dias me procuram precisando de ninharias.

- Bem, neste caso fico mais tranqüilo. Deve ser alguém que adquiriu os bens. Talvez, Sara tenha feito um bom negócio. A questão é que a transação foi independente da imobiliária, isso pode prejudicá-la diante dos corretores. Por isso mandei-a colocar à venda novamente à luz da empresa.

- O senhor acha que ela é perigosa?

- Paulo Sérgio abra olho com Sara!

- Puxa! Não pensei que precisasse desconfiar dessa mulher, desde que a conheci sempre procurou dar todo afeto, todo carinho. Eu estava aprendendo a amá-la.

- No entanto, há certo comodismo teu! Por que não acompanhar os primeiros negócios da mulher? Por que não resolver teus problemas com Otávio com certo tempo e passar as noites com ela?

- Ela faz muitas perguntas, tio!

- Ora, ela é tua companheira! É lógico querer saber sobre o homem que dorme a seu lado!

- Vou descobrir tudo o que se passa. Que negócio Sara andou fazendo e quem é o homem que lhe mandou vender seus bens?

- Isso mesmo, Paulo Sérgio, faça isso e, procure amenizar as coisas com Sara, não a deixe pensar que estamos querendo vigiá-la.

- Meu Deus, não se pode mais confiar nem na própria companheira. Vou mandar executá-la!

- Calma! Foi um pequeno descuido nosso. Deixe chegar o dia da entrega dos bens e exija que o interessado na venda esteja presente.

- Mas ela tem uma procuração!

- Tente Paulo! Pode ser que ela consiga nos ajudar.

- Hoje mesmo vou obrigá-la contar quem é o proprietário.

- Vá com as boas! Concluiu o assunto Ubaldo, aproveitando para informar-se sobre Otávio, mudando de assunto. Fale-me sobre o vôo?

- Bem tio! Chegamos à conclusão que o Francisco também devia acompanhar.

- Não entendo! Por que dois aviadores se a carga está certa? É só o transporte.

- O Francisco conhece melhor os guardas e as trilhas. Foi Otávio que sugeriu que o amigo fosse com ele!

- Resolução de última hora Paulo Sérgio. Estou ficando preocupado. Quantos dias passaram discutindo esse vôo se está tudo controlado. Por que tomar uma decisão dessas e arriscar a vida dos dois melhores colaboradores?

- Não há nada de arriscado, está tudo certo, foi uma questão de conforto e segurança para Otávio!

- Você pode pensar assim, sobrinho, mas teu tio sabe que alguma coisa deve haver nessa questão. Confesso não estou tranqüilo e, quando isso me palpita, pode contar com transtornos.

- Bem, quanto a isso pode deixar que estou em contínuo contato, qualquer problema eu informo aos dois.

- O que, por exemplo?

- Mandá-los retornar e fazer o Francisco desistir da viagem!

- Não é um raciocínio correto para um homem que tem em mãos um empreendimento como o teu, Paulo Sérgio! Pare de agir como iniciante! Um homem experiente com a vida sob sua responsabilidade não toma decisões precipitadas. Usa a razão!

-Agora mesmo é que estou confuso!

- Você deve retornar a Foz do Iguaçu, esperar pelo regresso dos dois e torcer para que tudo dê certo. Depois fique de olho nos dois.

-Meu tio pode dizer o que está pensando?

-Prefiro guardar apenas para mim. Estou sentindo, meu rapaz, que certos detalhes estão me direcionando para uma contagem lógica. Começo a antever os passos de uma bela estratégia, mas um executor um pouco precipitado no encaminhamento do projeto.

- Meu tio quer uma informação?

-Não Paulo Sérgio! Quero apenas te informar que tomei uma decisão drástica. Vou mudar meu proceder em relação a meus subalternos. De hoje em diante vou tratar pessoalmente de todos os detalhes que surgirem, relacionados aos três bandidos.

-Mas o senhor não queria que eles soubessem de tua interferência.

-Estou convencido que me conhecem e sabem até a forma como trato os assuntos, isso está muito claro e é perigoso.

-Então o problema está neles, o tio acha que Otávio quer vender seus bens, acabar com todo grupo e desaparecer?

É por aí! Só que vai se quebrar. Minha esperança é que ele chegue em Foz do Iguaçu com a carga e Francisco a bordo, então é só agir para não deixá-lo concretizar seu primeiro passo.

-Seria o Francisco?

-Justamente! Ou você acha que ele alegaria qualquer outra desculpa para levá-lo a Foz do Iguaçu?

-As cataratas!

-Certo.

-Então é esperar e ficar de olho!

-Depois deixe comigo, não vou contratar ninguém para essa tarefa, eu mesmo vou cuidar de jogá-lo na Garganta do Diabo. Ou você acha que esse hábito tenha sido inaugurado por esses bandidinhos?

-Tio Ubaldo!

-Sim, somente os especiais, aqueles que merecem a minha atenção.

-Estou surpreso!

-É só para o sobrinho saber com quem anda, e trate de compreender melhor as pessoas que vivem a teu lado.

-O que posso fazer! Se não tenho o olho clínico do tio?

-Se ligar nos detalhes, não ficar pensando que todo mundo é amigo e todo mundo pensa como nós. Alguém sempre pode estar querendo nos prejudicar.

-Muitas vezes é aquele em que mais confiamos!

-Geralmente, porque esse está usufruindo de nossa bondade. Quando menos se espera vem à ação.

-Então tenho que me cuidar inclusive de Sara?

-Principalmente, ela poderá colocar tudo a perder. Conhece muitas pessoas e faz amizades com facilidade.

Capítulo Vinte e Seis

Valendo-se da folga que a noite proporcione e do calor da Capital, Paulo Sérgio, ao invés de passar a noite no apartamento da Beira Mar, resolveu convidar Sara para jantarem na Lagoa da Conceição.

Entre a praia Mole e a Lagoa há o bar do Rogério, local onde a beleza e o encanto descartam complemento.

Da sacada, vê-se o sedutor entardecer. As cores da Lagoa e o pôr-do-sol fascinam pela mescla, matizes que se originam do morro esverdeado e do azul do céu refletido na água do oceano.

Sara esperava que Paulo Sérgio fosse repreendê-la pelas trapalhadas cometidas com a venda dos bens de Otávio. Porém com as palavras de Ubaldo, Paulo Sérgio resolveu ser ameno.

Receosa, Sara apenas abriu-lhe a porta, quando o interfone foi acionado.

-Tudo bem, meu amor? Cortou o silêncio Paulo Sérgio, ao vê-la amuada.

-Um pouco cansada, hoje foi um dia e tanto!

-Imagino! Além do calor, os negócios!

-Ubaldo já te ligou?

-Na hora! Mas não te preocupe, conversei com o velho. Houve um descuido meu com relação aos fatos e, Otávio se prevaleceu de tua inexperiência.

-Quem falou que os bens são de Otávio?

-As evidências, mas vamos deixar para discutir mais tarde. Agora vou tomar banho e depois vamos jantar na Lagoa.

Sara não precisava mais discutir, esperava que Paulo Sérgio a repreendesse pelo negócio, mas ao invés, convidou-a para saírem.

- Está bem, Paulo Sérgio, enquanto você se banha, vou me arrumar!

Um vestido verde claro com um pequeno decote, curto, não exagerado. Sandálias brancas de saltos combinando com sua

altura. Uma leve base, o batom e uma correntinha de ouro. Requite. Foi o que pensou Sara para aquele passeio.

Uma camiseta com estampa, uma bermuda de casimira e um tênis, o traje de Paulo Sérgio.

Ao cair da noite o bar não tinha muitos fregueses. Horário de verão, calor, os casais esperam fechar o shopping, diminuir o movimento do calçadão, para depois encaminharem-se aos bares da Beira Mar e do interior da ilha.

Para conversar e bebericar. O ambiente do bar do Rogério apresentava-se com todos os requisitos necessários.

Sara escolheu uma mesa na ala externa do bar, a que dá uma visão panorâmica da Lagoa.

A Bete trouxe-lhes o cardápio. Paulo Sérgio pediu uma cerveja, enquanto Sara escolhia o prato.

- Sara, como combinaram a questão, quanto Otávio te ofertou?

- Não sabe se foi Otávio, meu amor!

- Cá entre nós, Sara! Não precisa ir muito longe para sabermos que Otávio quer dar um grande golpe. Se ele conseguir vender todos os bens, pretende acabar com o grupo. Só que na primeira pedra lançada houve uma interferência de Ubaldo e agora o cara vai se dar mal.

- Foi pra me dizer isso que me trouxe aqui?

- Também! Mas para dizer que não vai te acontecer nada. É só passar os bens em nome de Ubaldo, já que tens a procuração, depois efetuar as vendas no valor que Ubaldo estipulou.

- E minha parte no primeiro negócio?

- Vais querer comprar briga com Ubaldo, Sara?

- Fiz minha parte, Paulo Sérgio, e se não for Otávio o proprietário? Tenho direito a dez por cento sobre o valor pago por Ubaldo, além da percentagem da venda relativa à nova negociação!

- Otávio, Sara, não vai mais aparecer para repassar os bens. Aquele cheque que Ubaldo disse mandar, ele resolveu deixar que eu entregue na hora do negócio. Tua percentagem será a que a imobiliária receber com a nova negociação.

- Então não vou efetuar o negócio? Vou procurar a justiça para que se cumpra o contrato que tenho com o vendedor.

- Sara! Você não precisa deste dinheiro, deixe de sonhar! Meu tio não quer atrito contigo, ele quer que você esqueça o negócio. No futuro tudo vai ser teu mesmo!

- Paulo Sérgio, diga a Ubaldo que o homem vai estar presente no dia da entrega dos bens. Eu vou querer o cheque no valor dos bens e conseqüentemente, minha parte. Senão, vendo os bens a outro, tenho outras ofertas. Depois saio desse empreendimento.

- É bobagem Sara! Como já te disse nunca se sabe o que Ubaldo poderá fazer se souber que tens interesse na continuidade do negócio.

- Azar é o dele, eu quero minha parte, caso contrário não há acerto!

- Amanhã, Sara, vou esperar Otávio no aeroporto de Foz do Iguaçu. Se ele for louco e quiser botar tudo a perder é só não aparecer na hora marcada.

- Problema dele, meu amor! Não tenho negócios com Otávio! Mentiu Sara, contando com um telefonema do aviator.

- Tem certeza Sara! Que este dinheiro é tão importante, até mesmo para colocar em risco as nossas vidas?

- É! Teimou Sara. Afinal, faz parte do meu trabalho e o próprio Ubaldo disse-me que os negócios são situações que testam nossa capacidade, se fugirmos de seus lucros, a sorte também nos abandonará! Estou seguindo a idéia do seu patrão!

- De certa forma tens razão. Mas neste caso, meu amor, o lucro poderá ceder lugar ao prejuízo. O desemprego e o descrédito, o que seria um lapso, sem precedentes, de tua parte.

- Então tenho que dar esse lucro tão grande a Ubaldo? Ou pior, promover um acerto que lhe dê bens roubados?

-É a vida deles, Sara. Um logrando o outro. No futuro, depois que Ubaldo tiver confiança, não te faltará capital.

- Não posso compartilhar com essas artimanhas. E trate de conversar com seu patrão sobre o que discutimos aqui, Paulo Sérgio!

- Sara! Eu não gostaria que isso fosse assim. Tens a responsabilidade do bom andamento da imobiliária, mas os negócios devem andar de acordo com as ordens de Ubaldo, caso contrário, aproximamo-nos do fim.

- A minha parte do negócio na minha conta, Paulo Sérgio, os bens em nome da imobiliária e o sigilo sobre o proprietário. Essas são as minhas exigências. Caso contrário, saio daqui mesmo de táxi e abandono tudo, inclusive o apartamento onde moramos e você!

- Não vamos brigar Sara! Não leve as coisas para esse caminho. Será que não poderíamos conversar como amigos e me deixar resolver este caso amanhã? Apavorou-se, Paulo Sérgio.

- Então não se fala mais nesse assunto! Sugeriu ela, risonha e realizada. Mais uma vez compreendeu que Paulo Sérgio e Ubaldo, quando em dificuldades, cediam espaço, embora contrariados.

Sim, uma cartada para ganhar tempo. Sara sabia do potencial de recursos que Ubaldo dispunha para desvencilhar-se de qualquer situação embaraçosa. Acontece que enquanto Otávio não telefonasse, autorizando que ela confirmasse ser ele o proprietário em jogo, ela ousou utilizar de argumentos para que Paulo Sérgio se acalmasse, dando tempo à ligação de Otávio.

Notou friamente que Paulo Sérgio perdeu todo poder de reação quando ela ameaçou abandoná-lo. Foi um golpe para testar até que ponto seu homem poderia suportar a separação. Obteve de imediato a confirmação esperada.

O medo e o brilho nos olhos de Paulo Sérgio foram intensos. Perder Sara, afora todas as perdas que a vida lhe impusera, nesse tempo de contravenção? Ele se firma como sucessor de Ubaldo nos negócios, mas a que sacrifícios havia ainda de se submeter para manter-se fiel e subserviente? Este propósito o havia exposto muitas vezes ao ridículo diante das amantes.

Não, perder Sara seria o fim. Lembrou-se de Adriana. Mais um deslize basta, para que Sara deixe a merecer o amor.

Capítulo Vinte e Sete

A noite foi longa, houve o amor esperado, porque Paulo Sérgio viajaria a Foz do Iguaçu.

Todavia a maior preocupação incidia sobre o telefonema que Otávio prometera dar, tão logo decolasse de Corumbá.

Sara prestou bem atenção nas palavras de Paulo Sérgio, quando da despedida no apartamento, logo que amanheceu o dia.

- Sara! Estou partindo, não sei quando volto. Saiba que te amo muito e espero que tudo dê certo.

- Também te amo, Paulo Sérgio, pena termos que lidar com circunstâncias tão estranhas. Será que um dia teremos uma vida melhor, sem ninguém a se intrometer em nosso caminho?

- Não sei se um dia teremos este privilégio, meu anjo. De uma coisa estou certo, sempre estarei pensando nesse momento. Quando der, eu volto. Beijou-a e saiu, deixando-a sozinha sobre a cama.

Agora Sara espera que Otávio ligue. Como é triste esperar que alguém nos ligue e nada. Essa agonia perdura, e Sara ameaça entrar em desespero, A seu lado o telefone calado. A cada segundo espera que Otávio chame, mas ele insiste em fazê-la sofrer.

Capricho de Otávio, ligar somente para saber se Sara efetuou o negócio. Disse que quando saísse de Corumbá ligaria e assim o fez.

Sara esperava tanto a ligação que no primeiro tinir teve um sobressalto.

- Sara! Disse Otávio.

- Sim, Otávio, onde você se enfiou neste mundo, homem?

-Fazendo meus negócios, meu amor. As coisas saíram todas maravilhosas. O que tinha que ser feito deu certo e agora estarei decolando para Foz do Iguaçu.

- Você está feliz, Otávio?

- Faceiro, Sara, mas me conte, vendeu os troços?

- Você nem imagina a facilidade Otávio!

- Imagino, a notícia chegou a todos os cantos. Eu sabia que ia aparecer um comprador.

- Sabe quem se interessou pelos teus bens?

- Pode dizer!

- Ubaldo!

-Já sabia! Ele me ligou, Sara! Como aquele velho descobriu?

- Leu no jornal e nem esperou Paulo Sérgio confirmar, ligou logo para a imobiliária. Começou a me elogiar, depois queria obrigar-me a contar quem era o proprietário.

- Preciso pensar melhor, Sara. O velho quis saber sobre o vendedor? Mas é lógico que ele sabe que sou eu! Os apartamentos de Chapecó! Que pena, meu amor, agora tenho que negociar com eles.

- Ubaldo mandou depositar um cheque em tua conta bancária, mas quer que você esteja presente na hora da entrega. Acho que ele não tem certeza que é você o proprietário. Só ficou furioso quando soube que Francisco viajou.

-Tem razão, Sara! O velho manjou minha estratégia. Deixei um peão e um cavalo sem proteção e minha dama ficou a perigo. Preciso de um lance para me recuperar. Eu tenho que inventar alguma coisa para me livrar deles.

- Não diga que eu contei a você! Preocupou-se Sara.

- Prometi que nada iria lhe acontecer e, foste muito bacana, pode acreditar. Sara, nunca vou deixar que alguém faça algum mal a você! Sei o quanto é difícil proteger alguém como eu da fúria daqueles dois homens. Mesmo que o negócio não tenha dado certo como eu queria, a tua parte está garantida. Vou depositar na tua conta a quantia prometida.

- Parece que Ubaldo não quer te pagar!

- Eu já imaginava, eles estão acostumados a matar as pessoas, depois de as fazerem assinar procurações. É o que vai acontecer. Vou deixar o velho concretizar o negócio para te livrar da condenação, Sara!

- Como assim?

- Veja bem, se eu não aceitasse que você desse a eles os bens através da procuração, eles saberiam que você estava ligada a mim. Assim é melhor deixá-los adquirirem os bens.

- Como você vai deixar eles te lograrem?

- Eu preciso dar um tempo a eles, para poder me recuperar.

- Quanto ao Francisco?

- Esse se foi!

- Você o matou?

- Fiz o que tinha que ser feito. É uma longa história, por essa razão demorei a ligar. Só para adiantar, nesta hora já desceu as Cataratas e a Garganta do Diabo já o engoliu, feliz.

-Como vocês são frios, Otávio!

- É o jogo, meu amor. Não se esqueça que o homem que tens na cama, aquele a quem prometestes viver sempre ao lado é mais bandido, mais frio e muito covarde.

- Vais levar a carga para Foz do Iguaçu?

- Certamente que não, Sara, preciso vendê-la para compensar a perda dos meus bens. É a lei da reação. Não diga que liguei e se perguntarem por mim, mantenha-se serena. Seja a empresária que tanto sonhou.

- Como você mudou seu plano? E como pensas que me sinto, de repente me colocas contra meu namorado! Tenho que defender você! Vais-me por louca! Ai de mim quando Ubaldo souber que a viagem de Paulo Sérgio não salvou Francisco. Você foi antes a Foz?

- Como és inteligente Sara! Sim, fiz o trabalho; visitei as Cataratas decolei numa boa. Atendi o telefonema de Ubaldo quando acabei de estrangular Francisco, aí já não havia o que fazer!

- E o avião?

- Um avião nada custa para Ubaldo, esse grande polvo, que representa a empresa. Vou vender a carga e depois tacar fogo nesse aparelho. Ele precisa correr muito, para conseguir me agarrar. Sara, acredite que eu te amo, é a primeira vez que digo isso a uma mulher. Você salvou a minha vida com esse telefonema, por isso te amo ainda mais, mesmo sabendo que não nos veremos mais.

- Não diga isso, Otávio! Lógico que você pode pensar melhor e talvez negociar com Paulo Sérgio!

- O que se pode fazer, Sara? Estou na rua, tenho apenas essa carga e esse aparelho, pois meus bens, Ubaldo acaba de surrupiar.

- Talvez ele não queira que a lei saiba do verdadeiro objetivo da empresa. Qualquer testemunha que houver será um perigo a todos.

- Eu não posso provar nada, Sara. Estaria me entregando também.

- Você não tem um amigo de confiança a quem passar esta procuração?

- O que quer dizer com isso, Sara?

- Que se passassem os bens em nome de outro, eu poderia dizer que os bens são de outra pessoa, essa pessoa então, passaria outra procuração para Ubaldo. Aí eu me livro de dizer que é você o dono, e você não se esconde, podendo levar a carga até Foz do Iguaçu e receber teu dinheiro pelo trabalho.

- Agora eu estou longe, Sara. Não tens um amigo que possa fazer esse favor a você?

- Vou pensar Otávio. Talvez aquele garoto que Mônica está paquerando aceite!

-Então, não perca tempo, Sara! Consiga esse favor. Cuidado com as datas das procurações. No fim eles têm que me procurar para assinar as escrituras. Então o lance está faltando para salvar minha dama e meu rei do xeque-mate será esse!

- Pode decolar tranquilo para Foz do Iguaçu que eu não disse a Ubaldo quem era o vendedor.

- Tudo certo. Mande o rapaz comparecer no ato da entrega dos bens. Depois você deposita o cheque em minha conta que eu me viro com Ubaldo.

- O que você vai inventar com relação ao Francisco?

- No caminho eu terei que bolar uma desculpa, mas o mais importante é que estou sabendo que Ubaldo quer o meu fim. Então vou chegar preparado para me defender. Mais uma vez obrigado pelo aviso, Sara.

- Otávio, gostaria que você descobrisse tudo sobre Ubaldo e seu grupo e mantivesse sempre contato comigo.

- Tudo certo, Sara. Quando descobrir as cabeças da organização, eu telefono para informar. Até lá tenho que dar o fora.

- Você tem medo do grupo, Otávio?

- Não é isso, Sara. Acontece que decidi comprar uma fazenda de gado no interior do Pará e largar mão de colaborar com Paulo Sérgio e o grupo.

- Você quer destruir Paulo Sérgio?

- Sara, você ama este homem, sei que tens interesse nele. Dependendo das circunstâncias, eu posso relevar a pena por você, porque te amo muito, como já te disse.

- Poderia haver um acordo entre você e Paulo Sérgio para destruir Ubaldo?

- Impossível, Sara, é muito mais fácil nós dois conseguirmos este objetivo. Paulo Sérgio ama o tio, por ele é capaz até de matar você!

- Eu?

- Sim! Ele não tem coragem, mas mandaria!

- Paulo Sérgio só sabe mandar?

- Exatamente, Sara. Ele planeja todas as ações do grupo. É muito cruel, mas encarrega outro para levar cabo às determinações. É muito covarde.

- Será que não poderiam acabar com essa vida e trabalharem honestamente?

- Nunca mais, Sara. Paulo Sérgio respira, come e bebe pensando em riquezas e, principalmente, servir Ubaldo.

- E Ubaldo tem coragem?

- Muita, tive pouco contato com esse homem, mas acredito ser muito corajoso e capaz de matar.

- Agora então a briga é com Ubaldo?

- A princípio não penso em entrar em atrito com ele, mesmo por que minha intenção é sumir e viver independente deles. Mas se for preciso, tenho que recorrer a tudo, até mesmo enfrentar Ubaldo.

- Está certo, Otávio, desejo que teus sonhos se realizem. Não se esqueça da gente.

- Não, Sara, sempre vou recordar e, de vez quando, vou mandar um presente a você.

-Estou feliz por aceitar minha sugestão de retornar a Foz do Iguaçu.

- Faça aquilo que combinamos e telefone a Paulo Sérgio informando o nome do proprietário dos bens. Tenho certeza que Ubaldo ficará mal súbito, pois não conta com a perda de todo aquele capital.

- Eu imagino Otávio. Depois disso, eles terão de reconhecer que meu trabalho foi bem realizado e a recompensa será maior.

- Um abraço, Sara! Adeus. Desligou Otávio.

Sara obtém de Otávio a confirmação de que a empresa gira em torno de Ubaldo. Há talvez alguns outros empresários que se ocupam das vendas e colocação das mercadorias e outras transações, mas Ubaldo deve ser a cabeça, articulador de todo grupo.

O que era obstáculo para Otávio, no tocante aos contatos com Ubaldo, transformava-se em facilidade para Sara. Já que ela mantinha estreita relação com o chefe da organização.

O que poderia pensar Ubaldo, ao saber que Sara havia recebido uma procuração em nome de Ernesto Pedro, namoradinho de Mônica, ao invés do nome de Otávio na linha do contrato? Poderia ser uma cartada perigosa de Sara, pois Ubaldo além de desconfiar da validade de tal procuração, também deixaria de receber os imóveis. Havia outra questão pendente. Será que Mônica conseguiria convencer Ernesto Pedro da importância do negócio? Será a garantia de emprego de ambas as moças e continuidade de seus estágios tranquilos em Florianópolis.

É claro que Mônica utilizaria os argumentos de Sara para persuadir Ernesto Pedro a emprestar o nome. Assim, livraria Sara e Otávio de perderem os lances utilizados naquele quebra-cabeça.

Foi assim, depois que Otávio desligou o fone, Sara ligou a Mônica para formular-lhe a proposta, antes que Otávio pousasse em Foz do Iguaçu e fosse recebido por Ubaldo e Paulo Sérgio com regozijo.

Capítulo Vinte e Oito

Ernesto Pedro tão logo chegou a Florianópolis para o aperfeiçoamento em Direito com estágio no Foro da Capital, resolveu telefonar à Mônica, comunicando sua chegada.

São momentos que antecedem os amores, aqueles instantes entre rodoviárias e residências. Havia todo clima de espera. Ambos sofreram nesses dias após o seminário. E o convite a estagiar em Florianópolis é o maior presente que Ernesto Pedro poderia imaginar.

Quando Sara fez contato com Mônica a respeito de Ernesto Pedro, Mônica se perguntou por que Sara não pensou num homem mais experiente para tanto?

Todavia, Sara precisava de Ernesto Pedro, pois ele também tinha interesse em envolver-se, visto que seu pai, Giovani, foi vítima do grande polvo.

Ernesto Pedro havia graduado em Direito pela Faculdade de Chapecó. Faltava-lhe apenas a experiência. Neste ínterim, havia ido a Florianópolis para os preparativos que antecederam a mudança de residência.

- Mônica? Disse Sara.

- Sara! Como vais? E a encrenca com Ubaldo?

- Você ficou sabendo! Como?

- Paulo Sérgio passou por aqui e disse que você está numa enrascada com Ubaldo. Por isso teve que viajar a Foz.

- Gostaria de saber se eu posso contar com empréstimo de teu homem para um negócio.

- Emprestar meu homem pra você? Sorriu Mônica. Não sei se devo!

- Tenho um negócio para Ernesto Pedro e gostaria de contar novamente contigo.

- Depende, né, Sara! É capaz de querer colocar meu homem em alguma encrenca!

- Não, Mônica, assunto sério mesmo. Quero conversar com Ernesto Pedro sobre uma procuração e, gostaria de saber se eu posso contar mais uma vez com tua compreensão, minha gata loira!

-Ah! Lá vêm os elogios! Estou sabendo que realizou um grande negócio, Sara.

- Quem te contou?

- Gilberto comentou um pouco.

- Mônica! O Gilberto não está sabendo de nada sobre o dono dos bens?

- Não! Parece que foi o Paulo Sérgio que comentou ser o Otávio!

- Estão todos enganados, não foi o Otávio. Aqui pra nós, minha cara, posso dizer, não tem ninguém por aí?

- O Gilberto está voando e os outros são fregueses.

- Quem está vendendo é um gato muito gostoso de Francisco Beltrão, Ernesto Pedro!

-Sua puta, como vai acreditar numa coisa dessas? Ele não tem tanto capital!

- Claro que não tem, nem eu tenho, nem você! Acontece que tenho uma procuração e vou passá-la em nome de Ernesto Pedro! Você vai prepará-lo para colaborar.

- Então começo a entender! Com isso, você livra tua pele e salva a vida do Otávio?

- Sim, minha loira, e o futuro de todos nós!

- Está certo, mais uma vez vou colocar meus préstimos a seu dispor. Cuidado Sara, eles podem descobrir!

- Eu sei, estou preparada para enfrentar a todos, tenho tanto argumento que consigo colocar até Paulo Sérgio a brigar com Ubaldo.

- Duvido, aqueles dois não se separam nunca. Como vai teu romance com aquele bandido?

- É pena, Mônica, que tens que se referir a Paulo Sérgio dessa forma, eu o amo, infelizmente.

- Então todo nosso esforço para chegar ao conhecimento dos assassinos será vão? No final você será a primeira a recusar-se a comprometer aquele homem!

- Vamos ver se precisamos desses argumentos, tenho medo de comungar com Paulo Sérgio. Apesar de amá-lo, não o conheço bem, ainda me é estranho. Não vejo sinceridade, mas tenho atração, seu corpo me fascina.

- Você está enfeitiçada, isso sim. Tens que procurar uma cartomante e fazer um trabalho.

-Sei lá Mônica, aprendi a gostar desse homem assim, loucamente. Não é só você, Otávio também me disse que ele é perigoso, mas não vejo maldade nele. É capaz de chorar toda vez que digo que vamos nos separar.

-Fazer o que?

-Pois é, fico quieta e quando ele me procura sou a que mais quer o seu amor.

-Não posso dizer nada! Tomara que o amor supere todas as diversidades, Sara!

-Eu que nunca acreditei, chego até a rezar para que Paulo Sérgio deixe dessa vida de contravenções e eu viva tranqüila, com uma atividade honesta.

-Deus que te ouça, Sara, pode ser que um dia aconteça algo muito impressionante e ele se redima dos males praticados.

-Reconheço ser mesmo difícil, Mônica. Chego a me perguntar como fui entrar na vida desse homem. Acontece que agora estou embebida pelos negócios e as aventuras dele.

-Tentação, Sara! Praga, carma pesado!

-Pois é Mônica, vamos aproveitar para viver bem enquanto é possível. Para tanto, conto com Ernesto Pedro, está certo?

-Eu sei Sara! Está bem. Vou convencê-lo a colaborar, mas não tente seduzi-lo sua puta despudorada!

- Sabe que gostaria de ensinar umas técnicas para seu garoto, Mônica? Você adoraria!

- Pode ser que ele já saiba minha cara, e deseja aplicá-las somente à sua loirinha!

- Muito egoísmo teu, anjinho, pode ser que ele precise de catecismo e, as putas velhas adoram ensinar-lhe as primeiras orações do amor!

- Sara! Você me deixa excitada, pare com essa conversa, senão posso pedir que me ensine a primeira ladainha! Sorriu com rubor.

- Está certa! E Rosana?

- Na praia, minha cara, desde que Francisco viajou, ela teve folga.

- Não vão substituí-lo?

- Francisco disse a Rosana que comunica quando chegar.

- Acho que não, Mônica! Sabe o que me parece. Que eles estão por aqui até conseguir alguns negócios por fora. Depois deixam a atividade, ou vendem os helicópteros.

- O Gilberto já me orientou nesse sentido, disse-me para não me iludir com um salário desses por muito tempo.

- Deu continuidade ao assunto?

- Não, Gilberto é muito fechado, comenta poucas as coisas.

- Otávio disse a mesma coisa no dia que conversamos! Eles sabem como funcionam as coisas!

- Tudo bem Sara! Fazer o que? Não tendo mais atividade por aqui a gente consegue outra com menor remuneração, mas vive!

- Antes de acabar vou dar um grande presente a vocês duas, Mônica, disso pode ter certeza!

- Obrigada Sara. Saiba que tanto eu, como Rosana amamos muito você e torcemos para que consigas vencer na vida e tenhas um grande amor!

- Paulo Sérgio para sempre?

- Talvez, Sara, mas que ele seja terno, sincero e aberto em todos os sentidos.

- Parece uma despedida, Mônica?

- Não, Sara, é o desejo de duas colegas que te admiram e torcem para que teus sonhos se realizem.

- Posso contar então com Ernesto Pedro?

- Vou apresentá-lo à noite!

- No meu apartamento?

- Pode ser, onde você preferir!

- Então te espero no apartamento. Depois poderemos ir a um restaurante da Beira Mar.

- Não sei se Ernesto Pedro estará disposto!

- Ele é jovem, vai adorar sair com duas gatas para jantar!

- Tudo bem chefe, nós estaremos ao seu dispor!

- Obrigada, posso contar contigo?

- Pode Sara, até logo.

Sara havia dado o primeiro passo para levar Ubaldo a pensar no pior. Otávio tinha pouco tempo para certificar-se que Sara havia conseguido passar a procuração a outro vendedor.

Um jogo fácil para Sara e Otávio, mas não convincente para Ubaldo, que exigiu a participação de Paulo Sérgio em todos os passos da negociação.

A falta de Francisco na hora do pouso, poderia ser o detonador da cólera de Ubaldo. Para convencer Paulo Sérgio, Otávio precisava de argumento muito bem preparado e pensado, talvez até contar com algum testemunho falso de colaboradores no carregamento em Corumbá.

Otávio havia planejado. Quando chegou ao destino pagou um peão para informar que Francisco havia fracassado na hora de negociar com os traficantes e sucumbido no outro país.

Sara cuidaria dos detalhes das transferências dos bens, Ernesto Pedro aceitaria a incumbência e Sara o treinaria para as respostas.

Capítulo Vinte e Nove

A vida passa pelo tempo, assim como as naves sobrevoam os oceanos. Traçamos objetivos que podem tomar outras direções e pousar em campos distintos dos rumos traçados.

Enquanto Paulo Sérgio planejava o vôo de Otávio e acertava todos os detalhes com os colaboradores da fronteira entre Corumbá e Bolívia, gastando dias e noites nos zelos da navegação aérea. Otávio formulava sua própria rota e tratava dos detalhes de uma aventura que poderia concretizar todos os seus sonhos.

Havia em Otávio um objetivo desde que decolou de Foz do Iguaçu: trazer Francisco em sua companhia para concretizar seu primeiro ato.

Foi somente sugerir a Paulo Sérgio que incluísse Francisco no vôo, para que o sonho se realizasse. Paulo Sérgio, sem o saber, atendeu Otávio, deixando Francisco a mercê da ação do aviador da morte.

Otávio afiou bem sua adaga, escondeu-a em sua sacola, esperando que Francisco o seguisse prestativo.

De Florianópolis, Otávio tomou a rota de Foz do Iguaçu, dizendo a Francisco que precisava daquele pouso para guardar seu carro, que deixara estacionado nas proximidades do aeroporto. Segundo ele, Paulo Sérgio estava sabendo de tal manobra e que tudo havia sido discutido.

Aterrissaram com todos os preparativos de segurança no Aeroporto de Foz do Iguaçu. E como pilotos conhecidos junto às autoridades, suas bagagens mal foram revistadas, pois inúmeras vezes aquela aeronave foi alojada naquele mesmo aeródromo.

Francisco segue Otávio em todos os caminhos, como se tivesse recebido ordens para o término daqueles passos.

Antes de embarcar no carro, Otávio foi ao toalete e retirou da sacola a adaga de aço, guardando-a sob a camisa, preparada para o uso definitivo.

- Tome a chave do meu carro Francisco! Vou tirar um tempo para descansar do vôo.

- Se você preferir! Aceitou Francisco. Amante da velocidade, dirigir era seu prazer maior.

Otávio possui a frieza e a destreza de um felino. É capaz de agir sem que suas vítimas desconfiem. Age sob o efeito

da malícia e quando tudo se encaminha para o objetivo final, ele toma para si as incumbências mais perigosas.

Francisco dirigia, com o pensamento voltado para os transtornos do trânsito, deixando Otávio livre para agir com toda perfeição.

Foram anos de amizade bandida. Assaltos, crimes, lucros e enrascadas. Apesar de compartilhar dos sucessos e dos fracassos, a amizade foi se consumindo aos poucos.

Otávio notou que o fim daquele companheirismo chegou primeiro a seus sentimentos. Assim decidiu levar a obra adiante, sem pestanejar diante dos colegas.

Resolveu então, terminar com todos os sonhos e aventuras que o grupo proporciona, começando com seu adeus a Francisco.

Com a adaga brilhando-lhe nas mãos, Otávio deu um golpe certo em Francisco, entre o abdômen e o tórax, de través. Francisco apenas debruçou-se imóvel sobre o volante, sem emitir palavras. Otávio pisou no freio, puxou Francisco para fora do carro, colocou-o no bagageiro e dirigiu-se para a ponte do Rio Iguaçu.

Após toda cerimônia costumeira da ponte. Levou o carro até a casa. Na cidade de Capitão Leônidas Marques e lavou, retirando todos os vestígios do crime. Tomou banho e deixou a noite passar.

No outro dia, ao amanhecer, foi às Cataratas para conferir a queda de Francisco na Garganta do Diabo.

Certificando-se, conduziu seu carro de volta para o estacionamento do aeroporto. Por coincidência deixou-o no mesmo lugar onde havia estado antes do crime.

Realizado, após verificar se a adaga estava sem vestígios, colocou-a na mala, pediu permissão e decolou para Corumbá.

Capítulo Trinta

Às vezes o amor demora a enraizar-se, mas ao aflorar, faz-se grande e duradouro.

Mônica sem querer conheceu Ernesto Pedro. Não houve profundo encanto. Um desejo simples de conhecer-se, nada de tanta afeição.

Depois do seminário não houve mais contato entre ambos. Ficou apenas o telefone e a promessa de encontrarem-se na época do estágio de Ernesto Pedro.

Com as palavras de Sara sobre o amor aparente dos dois, coisas até então impensadas por Mônica, houve nela uma reação e a loirinha sentiu o primeiro impulso afetivo.

Colaborar com Sara, introduzir Ernesto Pedro num negócio do qual o destino tentou deixá-lo fora, seria justo? Todavia, o abandono à família causado pela morte do pai e a

formatura em Direito, dará a Ernesto Pedro a oportunidade de investigar as causas e o culpado.

Inicialmente Sara havia marcado o encontro no apartamento da Quintino Bocaiúva. Sendo assim a primeira visita de Ernesto Pedro à Ilha. Sara sugeriu que o papo se desse à noite. Para isso nada melhor que uma cerveja à Beira Mar.

Há os cantos e os encantos. Mônica precisa ainda de impulsos para adquirir a alegria que habita em Sara.

Sara, por sua vez, tem brilho, sabe dosar a graça e o prazer, com lugares apropriados a todas as ocasiões.

Como era um encontro amistoso com assuntos importantes a serem tratados, não podia ser um bar muito grande, nem um local com muito barulho. Um bar discreto, como os que existem no centro da Capital ou nos arredores da Ilha.

Foram a um bar propício aos negócios. Local calmo e aconchegante á beira mar: Itaguaçu.

Havia uma suave brisa, mas o calor da tarde ainda continuava, por isso Sara sugeriu aquele local, tão logo Mônica e Ernesto Pedro chegaram ao apartamento.

- Ernesto Pedro! Que bom você aceitar meu convite!

- Oi, Sara! Como vai?

- Estou bem! Obrigada! Respondeu, Sara dirigindo-se a Mônica.

- E você?

- Tudo bem, meu amor, que bom você por aqui nos esperando!

- Claro! Mônica. Eu estava ansiosa pela visita, já decidi que vamos beliscar alguma coisa num bar bacana.

- Estamos de acordo! Disse Mônica, olhando a Ernesto Pedro.

- Está certo, concordou ele.

- Escolhi um lugar agradável, para colocar as coisas bem definidas a Ernesto Pedro.

- Se soubesse que vocês estavam interessadas nesse assunto teria entrado em contato antes. Comentou o Advogado.

- Temos um plano, amor!

- Sei, devem ter descoberto o caminho para se chegar aos chefões.

- Não tentes adivinhar Ernesto Pedro, quando estivermos no bar, Sara te informará da real situação.

- Está bem, garota! Dependendo de mim eu estou pronto!

Ao chegarem, Sara foi logo pedindo uma cerveja.

- Não sei o gosto de Ernesto Pedro, Mônica, mas eu adoro cerveja.

- Eu acompanho, Sara, é a bebida que mais aprecio, disse Ernesto Pedro.

- Mônica, escolha um prato ao seu gosto!

- Obrigada, Sara, mas tu sabes que não sou boa na escolha. É sempre sequência de camarão.

- Seria uma boa escolha a sequência! Mas para jantar!
Vamos escolher outro prato! Que tal uma pizza?

- Está bem, uma ao gosto de Ernesto Pedro.

- Isso mesmo! Um ao agrado do visitante.

- Prefiro uns bons petiscos. Sugeriu Ernesto.

- Ernesto Pedro! Estou recebendo você para tratarmos dum assunto delicado.

- É bom, assim começo meu trabalho com algo interessante.

- Estou administrando temporariamente uma imobiliária. Surgiu um negócio meio complicado. Um sujeito quis vender seus bens. Meu patrão comprou esses bens e depois, deduziu que um de seus sócios estava querendo dar um golpe na empresa. Exige que eu passe para seu nome todos os direitos, sem repassar o valor. Com isso eu perco a minha percentagem de venda e ainda fico em situação difícil. Então gostaria que você me emprestasse seu nome para lhe passar uma procuração, livrando-me desse transtorno.

- Sara, você acha que na transferência da procuração, estarias livre do comprador?

- Sim, Ernesto Pedro. Logo em seguida, eu colocaria sua fortuna em nome do comprador e não teríamos mais nada com o negócio!

- Certo. Depois que o patrão verificar que foram os meus bens os vendidos, seu parceiro receberá o dinheiro.

- É por aí!

- Sara! Como conheceste essas pessoas?

- Através de Paulo Sérgio, meu namorado!

- Pois é! Mônica havia dito alguma coisa sobre Paulo Sérgio.

- O que, por exemplo?

- Não sei, Sara, mas creio que você sabe. Trata-se de pessoa estranha. Mônica acha que ele faz parte do grupo que matou meu pai.

- É o que suspeitamos Ernesto Pedro, mas devemos tomar cuidado. Ele nunca me deixou claro que participa do grupo!

- Eu posso aceitar, Sara. Mas gostaria que não fosse dada nenhuma informação a esse seu homem, sobre minha identidade. Prefiro que as informações sejam claras quando estivermos engajados profissionalmente no episódio. Espero contar contigo, Sara!

- Com todo prazer, fofura!

- Sara, você está alta? Amedrontou-se Mônica.

- Imagine! É apenas elogio, Mônica!

- Como pretende agir, caso seu patrão descubra a manobra das procurações?

- O que você sugere?

- Cautela, Sara. Pense melhor sobre todas as possibilidades. Se for como Mônica fala, o grupo não se deixa

convencer com facilidade, meio peneira ao sol. Deve haver muita segurança na estratégia. Não se deve pensar que seu patrão é o único interessado. No momento pode haver alguém verificando a origem de todos os bens.

- Ernesto Pedro não seja pessimista. Como os negócios são complicados! Será que eu tenho que perder minha parte do negócio?

- Melhor que perder a vida, querida!

- Você sabe alguma coisa sobre aquela gente, Ernesto Pedro?

- Grupo que matou meu pai! Imagino a frieza das ações.

- Mas tenho garantia de proteção desse rapaz que está vendendo os bens e é certo que ele faz parte do grupo!

- Então ótimo, faça tudo direitinho, pois o fim dum empreendimento começa com intrigas entre seus membros. Temos muitas informações sobre a organização. Precisamos de paciência.

- Há um episódio pendente de acerto. Quando o avião aterrissar em Foz do Iguaçu e um dos pilotos não estiver a bordo, haverá um grande abalo na empresa.

- Não fique feliz, Sara. Esses homens procuram todas as causas. Reze para não ser incluída nas investigações!

- Meu namorado não vai deixar que meu patrão faça alguma pressão sobre mim!

- Seu patrão pode ficar de fora, Sara, mas outros podem te procurar. Ou você acredita que o grupo tem poucos bandidos?

- Não vou desistir, Ernesto Pedro. Entrei sem pensar neste caso, agora vou continuar até chegar ao fim. Conto contigo!

- Está certo, Sara. Meu pai morreu e tenho que encontrar a causa.

- Sara, por que não deixar tudo? Intrometeu-se Mônica.

- Não, Mônica, os covardes usam os caminhos mais diversos para fugirem da justiça. Há um grupo de pessoas querendo se beneficiar com empreendimentos clandestinos. Não há risco. Vamos escolher as direções contrárias às tomadas por eles. E quando estivermos munidos de todos os argumentos que comprometam o grupo, vamos procurar as autoridades.

- Que discurso! Ameaçou aplaudir Mônica. A cerveja subiu e conhecemos uma justiceira.

- Mônica! Quer me levar mais a sério!

- Sara, contente-se com pouco por enquanto, Ernesto Pedro quer investigar o caso. Nós, Sara, nascemos para dar amor e ter mordomias! Não é assim que você sempre diz?

- Verdade, Mônica, sabe que tens razão? Para mim está de bom tamanho a colaboração de Ernesto Pedro, concluiu Sara.

Tomaram mais umas cervejas e beliscaram os petiscos. À noite Sara em sua cama, teria só um travesseiro. Mas não podia atrapalhar o novo casal que por poucos dias estariam juntos na ilha.

Há horas que nem mesmo os ânimos noturnos dos sonhadores conseguem ouvir as clarinadas. São momentos de deixar a nossa lembrança vagar sem rumo.

Capítulo Trinta e Um

Paulo Sérgio tomou todos os cuidados necessários para que Otávio aterrissasse com segurança, e livre de qualquer imprevisto na fiscalização da carga.

Otávio comunicou o horário provável de chegada, antes de decolar de Corumbá a Foz do Iguaçu. Tudo como haviam planejado.

Ubaldo, como de costume, aguardava no escritório, após determinar todas as coordenadas para Paulo Sérgio.

- Tome cuidado com Otávio, Paulo Sérgio. Evite perguntas. Não deixe perceber que estamos investigando seus passos. Procure disfarçar se Francisco estiver a bordo. Senão, depois de colocar a carga a salvo, traga Otávio aqui para o escritório. Quero saber se ele tem mesmo coragem de enfrentar as conseqüências de seu ato impensado.

- O senhor tem mesmo certeza que Otávio quer atrapalhar a empresa? Será que sua briga não é apenas com Francisco e Gilberto?

- Se fosse com os dois, por que vender os bens?

- Bem, como já falei! Negócios! Mesmo assim, ele pode colaborar. Talvez até fosse melhor! O empreendimento não estaria sob o olho da fiscalização e ninguém se ocuparia, a saber, de onde provêm seus lucros.

- Por essa razão quero ter uma conversa com Otávio e saber se foi ele que propôs a venda dos bens!

- Assim fico mais tranquilo, Ubaldo. Meu medo é pensar que Sara pode estar ajudando Otávio. Não queria que acontecesse uma desgraça.

- Paulo Sérgio, Sara não é ingênua. Quando me disse que tinha os bens à venda, disse-me de forma tão clara, que percebi no ato qual a pessoa interessada. É só seguir os passos de Otávio e saber, tratar-se do vendedor?

- Por haver uma rixa entre Otávio, Francisco e Gilberto é que deduziste ser o vendedor?

- Tive a confirmação da idéia quando ele exigiu que Francisco o seguisse. Foi o início de seu plano. Vender os bens, acabar com seus companheiros e morar num local onde nós não o procurássemos.

- E para isso, usou Sara, talvez sabendo que o senhor compraria de imediato seus bens?

- Seu erro foi imaginar que eu não saberia da venda. Confiou a Sara. Tanto é que não quis colocar em nome da imobiliária, mas sim um anúncio discreto só com o telefone e a pessoa de contato.

-Como ele conheceu Sara? Eu mal a apresentei, eles nunca conversaram!

-Otávio é um bandido muito esperto, Paulo Sérgio. Algum episódio fez com que procurasse Sara. Ele tem certeza que ela sabe alguma coisa sobre nosso empreendimento! Como você é o homem dela! Claro que convenceu Sara a vender os bens.

-Agora, como devo agir?

-Primeiro temos que salvar o conteúdo da carga. Para tanto, temos que preservar Otávio até que tudo esteja encaminhado. Quando o lucro da venda estiver na minha conta, vou fazer um contato direto com Otávio. Vou cuidar do pagamento e propor algumas condições. Se obtiver um acordo convincente, ele continuará na rota por mais algumas viagens. Enquanto isso, Paulo Sérgio, tens que treinar para ser o futuro aviador, não vamos mais usar esses nossos companheiros. Temos que conseguir uma forma de nos livrarmos deles e inclusive de Sara, se o futuro confirmar que ela quer nos trair.

Sinto muito tio, mas temos que preservar Sara. Como já disse, eu a amo e farei de tudo para mantê-la em segurança.

-Neste caso haverá sempre o perigo de sermos ameaçados pela lei! Sara neste momento já deve ter sido informada por Otávio do verdadeiro objetivo da imobiliária e não medirá esforços para obter lucros, enquanto estiver sob tua proteção.

-Ela não precisa de dinheiro tio, garanto a ela uma boa mesada. Sinto que ela também me ama.

-Ama! Sorriu Ubaldo. Também ama a outros, desde que lhe dêem carinho e bens para usufruir!

- O que estás insinuando? Preocupou-se enciumado.

- Que talvez ame Otávio, por confiar em seus préstimos e a mim por ser o patrão!

- Não, por mais que seja uma mulher experiente, ela não me trairia, sinto que me ama e seu amor é verdadeiro, estou convencido.

- Está bem sobrinho! Sara tem a proteção que desejas! Lavo as mãos!

- Obrigado tio, agradeço.

- A paixão pode matar! Alertou Ubaldo.

- É amor! Concluiu Paulo Sérgio.

- Tens que ir ao aeroporto esperar Otávio.

- Está tudo certo, tomarei todas as providências para o descarregamento, junto aos guardas e os ficiais. Tudo está sob controle, quanto a esses detalhes. O tio não precisa se preocupar.

- Não tenho queixas. Sei que és muito eficiente!

- Tem outro assunto, tio, quase ai me esquecendo. Sara telefonou. Disse-me que tem um interessado na compra dos imóveis. É de uma imobiliária de Florianópolis.

- Primeiro quero conferir o nome do proprietário. Se for de Otávio posso autorizar Sara que efetue a venda.

- Disse-me também que o dono tem pressa do dinheiro e está em Florianópolis para efetuar o negócio.

- Não estou entendendo! Como esta em Florianópolis? Então quer dizer que há mesmo dono? Não é Otávio?

- Pelo menos é o que Sara me informou. Disse-me que se o senhor não desejar mais comprar, há outros interessados e pode retirar de Sara a incumbência da venda!

- Isso é muito preocupante! Otávio pode ter passado seus bens a outra pessoa, neste caso livrando-se de perdê-lo. Tenho a obrigação de comprar o quanto antes, mas para tanto efetuar o pagamento do cheque combinado com Sara.

- Isso prova que Sara não é tão ingênua como o senhor pensa, e talvez não fosse mesmo Otávio quem a procurou!

- Pode sobrinho! Como já comentei, Otávio é um bandido esperto, entende de lei e preveniu-se bem para os negócios. Isso não quer dizer que temos que confiar em Sara, pois poderia nos contar o nome do dono, ao menos para mim, que sou seu patrão e a você, que é seu namorado.

- Mas o contrato que firmou reza que se o sigilo fosse violado, ela perderia a sua percentagem no negócio!

- Está mais ou menos claro. Mesmo assim, logo após a colocação das mercadorias aqui em Foz do Iguaçu, traga Otávio para uma conversa. Depois vá a Florianópolis e faça tudo como Sara determinou. Compareça na hora da assinatura dos contratos e preste bem atenção no vendedor. Depois autorize Gilberto o manter a espreita. Quero uma informação detalhada deste homem. Quem é? Para quem serve? Como obteve esses bens e com quem anda. No final mande fazer um relatório para que possamos tomar as devidas providências.

- Pode deixar tio. Tão logo Otávio desça do avião, vou dizer-lhe para comparecer aqui no escritório.

- Faça isso, veja se trouxe Francisco. Caso afirmativo, comunique-me para saber como agir na hora que Otávio estiver aqui.

- Tudo certo, posso então marcar a hora com Sara, para comparecer ao cartório onde faremos os contratos?

- Espere Otávio. Depois de estar certo dos detalhes, fale com Sara.

- Valeu!

- Mais um lembrete. Solicite a Gilberto que esteja também acompanhando o negócio, para conhecer o homem e o seguir.

- Está bem.

- Feito isso, peça a Sara que me ligue. Preciso tratar dos detalhes da revenda dos bens. Depois pode comunicar que os serviços dos helicópteros devem retornar ao normal. Não deixe Rosana sem trabalho. Mande auxiliar Sara quando estamos precisando dos pilotos. Temos que manter os vôos.

- Quanto à Mônica?

- Ocupe-a na imobiliária. Pode alternar os turnos. Até o fim das transações, elas poderão servir para algumas tarefas junto a Sara.

- Não seria melhor deixá-las aos cuidados de Sara? Ela poderia discutir com as garotas se estão dispostas a atuarem neste ramo.

- Está bem, mande Sara dialogar com as garotas e ver se elas têm interesse futuro na imobiliária. Mesmo porque quero retirar meu nome daquele empreendimento e passá-lo em seu nome, Paulo Sérgio!

- Que retorno isso daria?

- Pelo menos eu me livro de um empreendimento o qual me ocupa muito, sobra mais tempo para minhas atividades de melhor retorno.

- Enquanto isso eu me torno proprietário de um empreendimento fora da minha ocupação.

- E qual é a sua ocupação definida, Paulo Sérgio? Encolerizou-se momentaneamente Ubaldo.

- Comércio e atividades de grandes lucros.

- Bela resposta. Você é jovem e pode muito bem diversificar seus empreendimentos. Depois, não queres que Sara tenha uma ocupação? Cuidado, mulher muito sozinha fica a mercê da tentação!

- Eu estarei sempre por perto.

- Abra o olho!

- Está bem, então estou indo ao aeroporto. Concluiu.

Mais uma preocupação a Paulo Sérgio. O amor por Sara e suas atividades. Antes, quando conhecia alguma mulher e sentia que ela ocuparia seu tempo, ele por qualquer motivo, desvencilhava-se e não sobrava qualquer vestígio daquele amor. Agora, mal Ubaldo referia-se a Sara, ele preocupava-se em procurar mantê-la sob seus cuidados.

Reconhecia que Sara estava envolvida perigosamente numa questão melindrosa, mas que ele, com pouca conversa, poderia desviar o assunto dos cuidados de Ubaldo, retirando da amante todo desconforto.

Capítulo Trinta e Dois

O aparelho que Otávio pilotava aterrisou como um pássaro apressado e, tão logo no solo, Otávio dirigiu-se ao hangar onde o caminhão de transporte receberia o conteúdo da carga.

Paulo Sérgio sentiu certa aflição, ao perceber que Francisco não estava na cabina. Avistou somente o comandante Otávio.

Sério, sem demonstrar nenhuma alteração, Otávio desvencilhou-se dos cintos de segurança e dirigiu-se ao local onde estava Paulo Sérgio e dois chapas que fariam a descarga do avião e carregariam o caminhão.

-Fez boa viagem, Otávio?

-Não como planejamos, mas o conteúdo está salvo!

-O que houve com Francisco?

-Perdeu-se na Bolívia e não compareceu na hora marcada. Deixei um recado no aeroporto e obriguei-me a decolar.

-Então quer dizer que ele ainda pode estar vivo?

-Lógico! Por que essa preocupação? Peguei o telefone de um amigo e deixei o meu para que ele entre em contato, tão logo Francisco apareça no aeroporto.

-Quanto tempo ficou esperando para decolar?

-Em torno de uma hora. Como comandante de vôo fiquei preocupado. Poderia aparecer a fiscalização e nós perderíamos todo o trabalho.

-Está certo, vou checar essas informações, você pode descansar Otávio, depois tens que comparecer ao escritório. Ubaldo quer que o visite.

-Com todo prazer, Paulo Sérgio! Vou a casa, tomo um banho, descanso e depois compareço à reunião.

-Faça isso que vou cuidar dos outros detalhes.

Enquanto Otávio dirigia-se ao carro, Paulo Sérgio supervisionava o carregamento, aproveitando para fazer a ligação a Ubaldo. Primeiro precisava cuidar dos detalhes, despacharem a mercadoria a salvo. Essa era a sua incumbência naquele instante. Depois cuidaria das buscas a Francisco. Pois os argumentos de Otávio não o convenceram.

Para certificar-se das artimanhas de Otávio resolveu telefonar ao suposto amigo boliviano.

- Alô! Atendeu um homem com sotaque castelhano.

- Queria somente uma informação. Sou Paulo Sérgio, amigo de Otávio, gostaria de saber se um rapaz chamado Francisco esteve aí?

- Oh, sim dom Paulo, ademas perdeu-se pelo caminho de Bolívia.

- Como assim? Não havíamos combinado que a carga devia estar no campo de pouso?

- Sim, mas o companheiro Francisco adentrou por camino desconhecido e até agora non volveu!

- Está bem, será que não podemos mandar alguém procurar?

- És mejor esperar, nós otros non podemos.

- Está certo, um abraço. Adeus.

Havia sido uma boa estratégia de Otávio, mandar Paulo Sérgio telefonar para um companheiro, supostamente pago para dar aquelas informações. Submisso, Paulo Sérgio restava apenas informar Ubaldo da confirmação do informante e esperar a decisão do patrão. Resolveu ligar.

- Ubaldo?

- Sim!

- O homem estava sizzinho, disse-me que Francisco está na Bolívia.

- Bolívia? Eu já sei que ele o matou e deve ter inventado essa história!

- Telefonei ao número que Otávio me passou. Um rapaz atendeu e disse-me que Francisco se perdeu na Bolívia e até então, não havia retornado.

- Ora! Otávio inventa essas asneiras! Gritou Ubaldo. Você não deu seu parecer! Esbravejou. Mandou comparecer em minha presença?

- Mandeí. Estranho é que Otávio estava muito calmo, agradeceu-me quando disse que o senhor queria contatar com ele.

- Como disse, Otávio é muito inteligente e tenho que me preparar para um bom negócio.

- Eu posso viajar?

- Pode, faça o que mandei. Dê lembranças às garotas e peça a Sara que me ligue. Espere o resultado da minha reunião com esse polaco. Depois determino o que vamos fazer com Sara.

- Farei tudo direito, tio.

- Vá com Deus, sobrinho, e não se demore na Ilha, temos muito que fazer aqui em Foz do Iguaçu.

- Um abraço.

Capítulo Trinta e Três

Há hábitos que se adquirem no decorrer do tempo e por mais que nos afastemos deles, voltam e nos cobram o antigo.

Foi assim que Sara sentiu um louco desejo de convidar Ernesto Pedro a seu apartamento. Quando o conheceu não houve ensejo de aproximar-se, já que Mônica havia se interessado pelo garoto.

Agora, com o vazio deixado pelas constantes viagens de Paulo Sérgio, desde que havia estado com Mônica e Ernesto Pedro para tratarem de negócios, Sara sentiu que o garoto precisava ser tratado com certo cuidado especial, que só as amantes mais experientes sabem proporcionar.

Aproveitando-se da desculpa de tratar de assuntos sobre a venda dos bens de Otávio, Sara imaginou que poderia atrair Ernesto Pedro para seu apartamento. Primeiro não havia interesse, mas supondo que Mônica não estava ainda apaixonada e sendo poucos os dias que o garoto ficaria na Capital, poderia ser que ele aceitasse uma noite diferente; deliciando-se com o aconchego que Sara dispunha-se a lhe oferecer.

Quando estudavam, Mônica apresentava seus garotos à Sara com todo orgulho, para que eles conhecessem a colega. Havia em Mônica sempre a ânsia de saber a opinião dela sobre seus namorados.

Sara então, dispondo de tais ofertas acalentava os mais gostosos no seu ninho, tirando-os do caminho de Mônica e, com o tempo descartava-os conforme lhe convinha.

Ultimamente, com o apego a Paulo Sérgio e o suposto amor que sentia, além do envolvimento com todas as questões, não lhe chamavam a atenção os rapazes que as colegas lhe apresentavam.

Sara queria perpetuar seu amor por Paulo Sérgio. Mas as investidas de Otávio e os constantes galanteios de Ubaldo aumentavam as incertezas do amor. Todas essas facilidades trouxeram à tona o espírito matreiro que sempre a dominou nas horas de aproximar-se de algum amigo. Muito mais quando esses eram apresentados por Mônica e Rosana. Sentia-se feliz se ocorresse que os amigos de suas colegas tecessem elogios a seus atos, em detrimento ao desempenho das outras.

Agora, após um período de ausência, Mônica agracia-lhe com esse belo garoto, com espáduas atléticas, com certa cultura, alto, olhos azuis e lábios de tirar o fôlego de qualquer amante. Sara não consegue respeitar os sentimentos de Mônica e após aquela noite em que foi apresentada, apesar da boa vontade da amiga referente à venda dos bens de Otávio, não resiste e o convida para seu apartamento.

Era grande a impulsividade e a confiança de Sara ao traçar planos quando desejava saciar-se de algum amigo das garotas. Sara não pensou nas conseqüências que poderiam advir se Paulo Sergio descobrisse: seria o fim de todos os sonhos.

Ornamentou o apartamento com todo o enxoval que havia guardado para um encontro especial. A mesa com toalha rendada, talheres de prata e copos de cristal. Na cama os lençóis e colchas recendiam a perfume francês, convidando ao amor.

Sara havia dispensado a empregada, decidindo fazer uma janta á moda.

Ernesto Pedro desconhecia o motivo que levava Sara convidá-lo para uma noite em seu apartamento. O máximo que poderia esperar de Sara era amizade, por ser amiga de Mônica. Certo disto aceitou o convite tendo todo cuidado para agradá-la, e à Mônica, que segundo consta, Mônica lisonjeava-se ao saber que Sara agradava-se dos préstimos oferecidos.

Ser convidado por Sara era uma honra por tudo que Sara representava, pelo carinho dispensado à Mônica, tanto no passeio, quanto no serviço em que ela atuava.

Sara o recebeu com os costumeiros três beijinhos. O breve sorriso e o roçar dos lábios rente a boca de seu conviva foi o prenúncio de grande desejo.

-Sente-se, Ernesto Pedro, fiz um prato especial para esta noite!

-Não mereço nada especial, Sara

-És meu convidado!Gosto das visitas, elas me são raras.

-Penso que são muitas. Mônica não se cansa de citar teu nome e de amigos que tens!

-Ultimamente foram se afastando, praticamente ando abandonada. Meu companheiro vem só visitar-me e as amigas estão ocupadas.

-Fim de ano, a formatura, os trabalhos ocupam nosso tempo, talvez seja isso que afastou os amigos!

-Pode ser! O importante é que estás aqui e isso me faz muito feliz!

-Será que mereço tanto apreço?

-Com certeza! Veja o quanto tens me ajudado. Contudo devo todo meu carinho.

- Estaria talvez, querendo falar o certo de tanto agrado?

-Acho que logo vais compreender o motivo, tenhas calma, não se apresse. Vou buscar uma cerveja, enquanto o prato esquenta. Sorriu mirando veemente aos olhos do garoto.

Sara se deliciava da forma corriqueira com que tudo se encaminhava. Os cumprimentos, a mesa, as primeiras reclamações e alguns elogios. Agora a cerveja.

-Está bem gelada, espero que nossa amizade se inicie neste brinde! Levantou o copo em direção ao garoto.

-Saúde! Acompanhou Ernesto, tocando os cristais.

Sara sentiu impulso momentâneo de tocar os lábios de Ernesto Pedro, tão logo se ouviu o som dos copos se tocando, aproveitando-se do momento romântico criado pela cerveja, serrou os olhos, encostando os lábios ao alcance de seu pretendente e esperou que Ernesto Pedro correspondesse à iniciativa.

Foi um breve beijo, talvez se pudesse dizer: acanhado.

-Agora vamos saborear o jantar. Espero que te agrades fiz com todo carinho. Você merece o melhor prato!

-Assim você me acanha, não estou acostumado com tanta amabilidade.

- Precisa ir se acostumando, meu caro, as gatas vão lhe oferecer muitos jantares, agora que tu és um homem de negócios!

- Qual nada. Um estagiário!

- Que será um líder!

- Tem tanta certeza assim, Sara? Surpreendeu-se.

-Toda, querido, deixa o tempo confirmar. Disse Sara, sorvendo um gole e dirigindo-se à cozinha.

-O prato está uma delícia! “Para que tanto agrado?” Perguntou-se Ernesto Pedro. Além da comida e da bebida, Sara é realmente uma gata conservada, linda, graciosa e sensual.

- Mônica ama você, Sara! Afirmou Ernesto Pedro, prestes a dizer que estava mesmo louco para agraciá-la com todos os elogios, usando a amiga.

- Ela é muito querida, Ernesto Pedro, você tem bom gosto!

- Gostei de seu prato, Sara, também de estar contigo!

- Que bom! Obrigada! Espero que tu venhas mais vezes!

- És muito gentil, não sei como agradecer!

- Não precisa! Acalmou-se Sara, colocando o indicador sobre seus lábios, com um olhar enamorado.

Não houve palavras nos seguintes segundos. O clima criado por Sara elevou a certeza que aquele jantar foi um pretexto. Agradável atração repentina, beijos, carinhos e como consequência, Sara conseguiu levar Ernesto Pedro à cama.

Foi um amor livre, casual e independente. Sara tirou com cuidado cada peça do vestuário de Ernesto Pedro, a procura do belo e do agradável. Sua ação era seguida de beijos e palavras carinhosas.

Ele, por sua vez, após haver sido despido, seguiu o mesmo ritual, desfrutando cada detalhe da modelo exposta a seus desejos.

Então o amor foi terno, forte, vibrante e feliz.

Sara procurou viver com Ernesto Pedro todas as delícias que as fantasias sugerem aos nossos sonhos. Nas noites que estamos distantes do nosso verdadeiro amor, aqueles cantos que envolvem saudade, sofrimento, engano, súplicas e horas vazias. Aquelas poesias que denotam angústias, desejos, anseios por um corpo que nos complete e nos deixe degustar de todos os sabores advindos de seus poros. Misto de calor, suor e prazer, que buscamos nos momentos das delícias do amor.

Para Ernesto Pedro, Sara confundia-se com a busca do prazer e o desespero da ausência de um homem que lhe dê segurança. Ela estava além do amor paixão. Sentia que sua volúpia alterava-se em relação às outras mulheres, inclusive ao amor fiel e simples de Mônica. Sara percorria todo seu corpo, com sua língua cálida, procurando cada espaço num frenético desejo de fazer o amante jamais esquecê-la. Ernesto Pedro sentiu-se o orbe central com afagos da melhor mulher, a mais forte, a mais delirante, bela e atraente, que se apoderou de seus braços e deliciou-se do seu corpo.

Quando ambos haviam atingido o mais profundo clímax, o momento da glória dos amantes: perceberam que havia uma pequena lágrima em cada olho. Então um beijo encerrou aquele ato.

Capítulo Trinta e Quatro

A campainha despertou Sara de um sono sereno que a tempo não dormia. A calma após uma noite do mais completo prazer.

Sara não imaginava que alguém pudesse, ainda naquela madrugada, recorrer a ela para buscar aconchego. Dormia e esperava que a noite findasse e um novo dia sorrisse. Com a brisa do amanhecer penetrando pela janela do apartamento.

Mas Paulo Sérgio quis mesmo chegar sem avisar, sentir os olhos sonolentos da mulher, surpresos ao vê-lo retornar.

Como Sara não o esperava, deixara todos os vestígios da noite de amor que passara com Ernesto Pedro sobre a mesa e a cama.

Na mesa os dois pratos e talheres, as garrafas e os copos com marcas de batom.

Na cama o suor, as manchas e o perfume diferente do outro amante, tudo exposto à análise de Paulo Sérgio. A ele bastava: entrar no apartamento, verificar os detalhes, olhar a amante, sacar o revólver e vingar-se. Tantos eram os pormenores que se apresentavam.

O toque apenas a despertou, mas pensou que seria um engano. Não havia possibilidade de alguém querer acordá-la.

Houve outro silvo, seguido de outro mais prolongado.

Então havia mesmo alguém querendo chamá-la.

-Sim! Alcançou o interfone meio contra gosto.

-Amor?

-Paulo Sérgio! Respondeu Sara, acometida de certo pânico. Não sabia se o recebia ou mandava esperar. Decidiu-se deixá-lo entrar.

Paulo Sérgio observou o ambiente. Sara deu-lhe todas as desculpas primárias. Volvendo-lhe com carinho. Sabendo que Paulo Sérgio desejava receber na chegada ao apartamento. Com muito cuidado, Sara o conduziu ao banheiro.

Foi o tempo suficiente para que ela recolhesse o conteúdo da mesa e trocasse as roupas de cama.

Agora Sara precisava representar. Paulo Sérgio a quer doce, fofa e deliciosa como sempre, mas ela estava saciada de tudo. Havia apenas a culpa. Fez tudo para agradar seu namorado, apenas para manter Paulo Sérgio crente ao amor que ela lhe prometera. Sara havia dado mostras de fidelidade a Paulo Sérgio, sem deslize. Ela cumpriu até que surgisse Ernesto Pedro. No instante que o namorado de Mônica apresentou-se indefeso, Sara viu o juramento e a promessa descer por suas entranhas e seu pensamento fixou-se no desejo de passar uma noite nos seus braços, ato consumado.

Sara sentia-se odalisca, ao usar o corpo como forma de proteção. Uma prostituta para agradar a Paulo Sérgio pelo resto da noite.

Quando Paulo Sérgio retornou do banho, Sara encaminhou-o à cama, enquanto lhe oferecia uma cerveja. Tomando um banho demorado, ela esperava lavar-se de toda angústia, e quando retornasse ao quarto representaria com fina desenvoltura o papel que Paulo Sérgio apreciava.

Esperar as visitas de Paulo Sérgio e servi-lo, fora a tônica que norteou o amor de Sara, depois que viera para a Rua Bocaiúva. Trabalhar durante o dia na imobiliária, cuidar de alguns negócios, preparar-se para o dia da formatura, fazer algumas compras e escapar à praia. No mais, noites de espera e sonhos inacabados. Quando resolve preencher uma dessas lacunas com uma agradável companhia, que surpreendentemente

sobressai-se com todas as vogais do complemento e do prazer, eis que surge seu homem, justamente na noite que ela menos o espera. E ele quer o amor, amor terno, forte, com todas as delícias para compensar uma longa abstinência. Sara também o quer, apesar da aventura com Ernesto Pedro. Sara sabe o que ele tanto deseja, e pretende esquecer Ernesto Pedro, devolvendo-o à Mônica.

Então a amante aproxima-se de Paulo Sérgio restabelecida. Seus olhos estão novamente límpidos e seu corpo carente de novos agrados. Sara sorri como de costume e põe-se a agradecer Paulo Sérgio com beijos e carícias.

Sara estava distante, sem graça. Paulo Sérgio notou logo no início dos afagos, percebeu a representação e quando seu corpo carecia de mais carícias e a voluptuosidade de sempre. Sara não pode atender com afinco seus desejos, vendo-se insaciado com as graças de Sara, ele mal pode reclamar. Ela virou-se e logo voltou a dormir.

“Como Sara mudou.” Pensou Paulo Sérgio, preocupado.

Sara não disfarçou o suficiente para enganar Paulo Sérgio. Cansada, ela apenas tivera forças para excitá-lo. Ele acostumado com os prolongados momentos de ternura e trocas de beijos, sentiu uma mulher fogosa nas primeiras carícias, mas que foi aos poucos esmorecendo até a indiferença total.

Sara não mais encontrou forças para agradá-lo, apenas esperou Paulo Sérgio terminar e virou-se, demonstrando ser incapaz de manter-se acordada para o diálogo.

Um cigarro foi o consolo de Paulo Sérgio. Vendo Sara a seu lado como uma flor adormecida. Com ternura ele pensa que talvez ela tenha bebido muito, esperando o sono chegar.

A fumaça sobe em caracol e com ela as dúvidas de Paulo Sérgio. Precisava preparar-se para os negócios do dia seguinte. Esquecer por instantes os problemas da mulher.

Contudo, a idéia de traição nem passa pela mente de Paulo Sérgio. Como Ubaldo sempre comentava, faltava-lhe o espírito intuitivo. Se fosse com Ubaldo, Sara estaria a caminho da garganta do diabo, mas Paulo Sérgio precisa de alguém para lhe abrir os olhos. Então sim, ciente dos fatos, Paulo Sérgio transforma-se num homem cruel e violento. Nesse caso, apenas Sara e Ernesto Pedro sabiam e jamais ousariam comentar. Sara pôde esconder tudo de Paulo Sérgio. Era o álcool o responsável pela impossibilidade de completar o amor.

Os deslizos de Sara e a idéia fixa de Paulo Sérgio no tocante aos capitais podem agravar o relacionamento. Eles pertencem a mundos distintos. Encontram-se, completam-se, mas aos poucos se distanciam. Cientes que tudo pode ser apenas aventura, não há amor.

Ao amanhecer Paulo Sérgio acordou Sara com um beijo no rosto.

-Sara!

-Meu bem, como passou a noite?

-Preocupado contigo!

-O que houve? Eu estou bem!

-Sim, mas ontem você bebeu.

-É! Não te agradei! Perdão havia bebido, não conseguia dormir, você devia ter avisado.

-Achei mais romântico!

-Não faz mal, outra vez o meu amor telefona que isso não vai acontecer.

-Está certo!

-Como estão os negócios? Perguntou Sara, mudando de assunto.

-Vim para as transferências dos bens. Ubaldo quer que efetue o pagamento na presença do vendedor.

-Que nesse caso sou eu!

-Não, Sara! O homem que te passou a procuração!

-Amor, deixe de bobagem, Ubaldo não vai saber se o homem estava ou não, na hora do negócio!

-Você quer que eu minta a Ubaldo que o vendedor estava no cartório e que eu lhe repassei o cheque? Afinal, quem é esse homem e por que você quer protegê-lo? Irritou-se, Paulo Sérgio.

-Calma, meu amor, se você quer mesmo que ele nos acompanhe, eu solicito sua presença, sem problemas!

-Acho ótimo, Sara assim as coisas não se complicam, e posso dar as informações que Ubaldo precisa.

-Está bem, vamos ao café. Depois telefono à Mônica e ela entra em contato com Ernesto Pedro, o vendedor.

-Ernesto Pedro?

-Sim, é o senhor que me procurou para os negócios!

-E por que você queria protegê-lo?

-Você é que está dizendo isso. Eu tenho um contrato com ele, no qual está escrito que perco uma percentagem no montante do negócio, se ele tiver que se envolver na transferência. Mas, como você não quer ajudar tudo bem, não vou mais reclamar. Perco minha parte!

-Não tem problema, meu amor. Ubaldo mandou você fazer os cálculos dos prejuízos, eu estou encarregado de te repassar a quantia. Você não vai perder nenhum centavo. O que está em jogo é a segurança de nosso empreendimento. Queremos saber se Otávio não está querendo encobrir o negócio através de um procurador. Sara, Otávio quer se livrar de todos! Sabia que o Francisco desapareceu?

-Oh! Não! Representou Sara.

-Sim! E aos poucos vamos todos!

- Está certo, vamos ao café?
- Sara! Você não está preocupada?
- Não, Paulo Sérgio. Acredito que se Otávio fosse tão perigoso assim, ele já teria acabado com o grupo, mas ao contrário, continua colaborando.

- Gostaria Sara, que tuas palavras fossem reais, então a tua tranquilidade poderia me ajudar! Mas não! Fico cada vez mais nervoso, não sei qual tua posição!

- Eu te amo, Paulo Sérgio, você esquece?
- Não tenho tanta certeza, Sara!
- Então espere, na hora da transferência dos bens terás a prova de que não estou mentindo. Haverá a presença da pessoa que eu te disse e Otávio não virá.

-Ele chegou a Foz do Iguaçu e marcou uma reunião com Ubaldo. Eu não estou duvidando que você possa trazer o vendedor! Minha preocupação é com a pessoa que Otávio escolheu para representá-lo.

- Esta pessoa não conhece Otávio, Paulo Sérgio!
-Tens certeza?
- Toda. Com a tua preocupação, eu fiz algumas perguntas a Ernesto Pedro. Ele adquiriu esses bens de outro procurador e Otávio não tem nada a ver com os papéis necessários às transferências.

- Como Ubaldo diz, Otávio é muito ladino. Sabe fazer negócios e nesta hora deve estar planejando alguma ação contra qualquer um de nós!

- Você está desesperado, Paulo Sérgio! Calma, deixe-os brigarem. Nós não precisamos nos envolver. Vamos ao café?

A empregada chegou cedo ao trabalho e quando Sara entrou na cozinha, o café estava pronto e a mesa arrumada.

- Vamos lá, Paulo Sérgio, tomamos o café e depois vamos ao cartório.

- Não vejo a hora do fim desse negócio!
- É meu primeiro negócio, amor!
- É verdade, mas trouxe transtornos suficientes para muitas noites mal dormidas!

- Só porque Ubaldo acredita que Otávio quer deixar a companhia.

- Isso mesmo!
- Não há razão para tanta preocupação. Ernesto Pedro vai assinar os documentos e em seguida todos os bens estarão em nome de Ubaldo.

-Os bens estarão todos registrados em meu nome. Ubaldo não quer mais se envolver com a imobiliária.

- Tudo bem, melhor, assim nós tratamos das vendas.
-Sara, as transações são questões minuciosas, requerem cuidados especiais, não é só uma questão de compra e venda. É preciso analisar a origem dos bens, a quem pertence e como foram adquiridos!

Eu sei amor! Verifiquei todos esses detalhes e não encontrei irregularidades. Os bens estão mesmo em nome de Ernesto Pedro.

-Depois que estiver de posse desses documentos, vou checar sobre teu desempenho.

-Se isso te parece importante, não tenho objeção!

-Sara, ainda continuo te achando distante, há algo estranho.

-Como assim?

-Este homem trouxe muita segurança a tua conduta, é o que me parece!

-Não é bom sentir-se segura de haver realizado um bom negócio?

-Veremos!

-Quem vai cuidar de Ernesto Pedro?

-Gilberto!

-Uma investigação?

-Lógico! Até se chegar a Otávio.

-Então, adquiridos esses bens, Otávio será policiado?

-Gilberto continuará trabalhando normalmente, mas será cauteloso, acho que os dias de Otávio serão abreviados.

-Ele não é um colaborador de confiança?

-Até então era. Mas quando nascem as dúvidas! Todos têm o mesmo fim.

-Não acho justo ou necessário. Alguns colaboradores precisam tomar suas próprias decisões!

-Desde que não se torne uma ameaça ao grupo.

-E onde está a cabeça desse grupo, Paulo Sérgio?

-Não se sabe meu bem! É melhor você esquecer esse assunto para não ser vigiada também. Ca entre nós: uma vez pensei que Ubaldo era a única pessoa, mas as resoluções são tão específicas para cada caso, que eu não tenho mais certeza de nada. Ubaldo me garantiu que somente coordena alguns setores, porque o negocio é muito grande.

Paulo Sérgio não sabia ao certo para que lado ela pendesse, todavia com aproximação da hora do desfecho das transferências, ele abria a conversação com Sara, dizendo-lhe todos os propósitos de Ubaldo.

Sara se fartava com as informações. Até mesmo o medo de expor Ernesto Pedro havia passado, pois Paulo Sérgio citou o homem destacado para seguir o vendedor: Gilberto.

Sim, agora Sara precisa avisar a Mônica que Gilberto estará vigiando Ernesto Pedro, que este deverá se apresentar no cartório para assinar os documentos e depois, se possível prestar atenção nos cuidados de Gilberto. Marcaria o início das investigações que ele tanto espera.

Se Ernesto Pedro continuar em Florianópolis, Gilberto poderá continuar suas atividades e, ao mesmo tempo seguir seus passos, descobrindo a verdadeira trama de Otávio e Sara. Assim com o retorno a Chapecó, Ernesto Pedro, além de livrar-se

momentaneamente de Gilberto, também ganha tempo para montar a equipe que fará as investigações sobre as atividades do grupo “Oligari” e sua possível participação nos episódios da Garganta do Diabo.

De posse dessas informações, com Paulo Sérgio sob controle e Otávio alerta, Sara pretende chegar ao cume do empreendimento. Quando Ubaldo for preso, Sara tem certeza que não mais condenara inocentes, mas sim terá seu dia inglorio perante a lei.

Capítulo Trinta e seis

A inquietação a fadiga e a expectativa revelam coisas que gostaríamos de guardar sob sete chaves.

Tensos, os envolvidos nas negociações dos bens compareceram ao cartório para a transferência de posse.

Paulo Sérgio trouxe Gilberto para conhecer Ernesto Pedro, pois o aviador fora encarregado de seguir os passos do Advogado. Conhecendo as verdadeiras intenções de Ernesto Pedro, cabia a Gilberto relatar a forma como Otávio repassou as procurações a terceiros.

De posse dessas informações, Paulo Sérgio consultará Ubaldo e esse por fim, determinará qual a ação seguinte.

Sara compareceu ao cartório na hora marcada acompanhada de Mônica e Ernesto Pedro, obedecendo tudo o que Paulo Sérgio determinou.

Antes das apresentações, Sara convenceu Paulo Sérgio a combinar os detalhes com Gilberto, enquanto ela se ocuparia dos demais envolvidos. Foi o tempo suficiente para que Ernesto Pedro recebesse as informações sobre o risco de ser perseguido por Gilberto.

Mônica, até então, não fazia idéia do que seria envolver Ernesto Pedro. Para ela, quando Sara pediu a colaboração do Advogado, imaginou ser apenas uma simples transferência de procuração. Não pensou na possibilidade de um envolvimento arriscado. Seria fornecer os dados pessoais, receber os bens e por fim, os trâmites normais.

Todavia, com a necessidade do comparecimento de Ernesto Pedro ao cartório na presença de Paulo Sérgio e Gilberto, Mônica sentiu um leve frio percorrer-lhe o corpo e, com isso notou que estavam mesmo envolvidos nas tramóias da empresa. Mônica chegou à conclusão que Sara expôs a todos a um emaranhado de problemas que podem causar danos inesperados.

- Sara! Refletiu Mônica, tão logo a colega chegou à residência da Agrônoma. Sabe que os negócios estão tomando rumos que eu não esperava?

Eu sei Mônica! Ninguém sabe como vão ficar as nossas vidas, mas fiquem tranquilos que estou tomando todas as providências.

- Será que Gilberto pode descobrir que Ernesto Pedro sabe dos episódios de Foz do Iguaçu?

- Não, Mônica, ele pode saber no futuro que eu me envolvi na questão das procurações. É melhor que ninguém aqui em Florianópolis seja vista com Ernesto Pedro. Ele terá que retornar a Chapecó até a formatura. Tens que evitar, pelo menos por enquanto de comentar sobre esse homem, muito menos ser vista saindo por aí com ele. É mesmo arriscado. Temos que fazer um sacrifício para ganhar tempo. Ademais, minha cara, é só eu avisar Otávio que Gilberto está nos prejudicando, que ele desaparecerá imediatamente. Otávio quer mesmo é se ver livre de Gilberto e, se eu demonstrar certa preocupação, meu amigo Otávio providenciará nossa segurança!

- Sara! Você está sendo cúmplice?

- É a vida. Descobri que auxiliando Otávio, ele pode aos poucos criar um caos no empreendimento. Depois eu contrato um bom Advogado e esclareço tudo.

- Tens certeza que nada vai acontecer com Ernesto Pedro?

- Se ele me obedecer!

- Sara, você age como assessora de Ubaldo. Só falta você condenar alguém.

- Se for preciso, Mônica! Tenho que ser forte. Estou envolvida com Paulo Sérgio e Otávio de tal forma que não tem escapatória.

- Parece até que esqueceu Paulo Sérgio?

- Não, mas de certa forma vejo em Otávio a segurança que falta a Paulo Sérgio.

- Há uma confusão na sua cabeça?

- Não, são dois homens distintos, não tenho afeição a Otávio. Noto que colaborando com ele posso mantê-lo do nosso lado. Paulo Sérgio me ama tenho certeza que ele confia em mim.

- Você perdeu o encanto por Paulo Sérgio?

- Sim, aconteceu algo estranho em nosso relacionamento. Tenho que representar para agradá-lo. Mas meu amor está de malas prontas e, conhecendo meu coração anjo, acho que terminou.

- Isso é grave, Sara! Todo o esforço para ter Paulo Sérgio, o trabalho, o apartamento, o amor!

- Pois é! Eu que acreditava que estava amando... Mas Paulo Sérgio foi se distanciando e então outras coisas começam a alugar a minha cabeça.

- Você não tem medo que Paulo Sérgio descubra?

- Calma Mônica! Também não é assim! Eu não estou me envolvendo com outros, apenas estou dizendo que aparecem tarefas, mas nada de amor.

- O que Ernesto Pedro deve fazer no cartório?

- Falar pouco, fugir das perguntas e demonstrar segurança no objetivo das vendas dos bens.

- Eu vou acompanhar, comigo ele pode sentir-se seguro.

- É bom, só que tu vais comigo, eles não devem saber que nós conhecemos Ernesto Pedro!

- Tudo bem, mesmo porque Gilberto é meu colega de trabalho.

- Sim, trabalho que está na hora de recomeçar. Paulo Sérgio comentou que Gilberto deve concluir uma transação, negócio com veículos que ele estava cuidando aqui na Capital e segundo Paulo Sérgio, o serviço está quase todo concluído.

- Então eu e a Rosana estamos recomeçando as atividades?

- Sim, Paulo Sérgio quer que vocês trabalhem na imobiliária. Ubaldo abriu mão do negócio, repassando a Paulo Sérgio.

- E esse?

- Naturalmente ele não vai querer tocar o empreendimento. Neste caso eu vou comandar. É claro que as mesmas pessoas que estão nas vendas e administrações vão continuar. Vocês vão aprendendo e auxiliando.

- Vou conversar com Rosana, Sara. Sabe, o Eduin está vindo para a formatura e, acho que aí vêm flores!

- É?

- Sim! Estão mesmo apaixonados, acho que vamos perder a colaboradora.

- Fico feliz que Rosana tenha encontrado o amor, tenho certeza que vai dar certo. Desde que os vi juntos percebi que se desejavam. Rosana só faltou subir no tablado e agarrar o homem. Se bem que eu também gostaria de ter um homem igual para desfrutar. Sorriu Sara.

- Sara!

- Você não sentiu algum impulso, Mônica?

- Primeiro achei que Eduin fosse querer ficar comigo, nós trocamos alguns olhares, mas Rosana se antecipou!

- Assim foi bom. Rosana combina melhor, ela adora o verde, os movimentos ecológicos, está envolvida com a Estrada do Colono, é política da esquerda, adora essas atividades e apaixonou-se por ele.

- E eu encontrei um pequeno príncipe discreto e simpático.

- E belo, forte, gostoso como nunca imaginou!

- Acho que o amo!

- Tens que o amar e cuide-se para não o perder!

- Sara, tenho medo que você envolva meu garoto em complicações e aconteça o pior. Se isso for acontecer quero que me levem antes.

- Calma, meu amor, não precisava defender teu homem com tanto empenho. Ele é um Advogado. Quanta vez estará envolvida com crimes e negócios? Tens que se acostumar com a

profissão que ele escolheu e esse estágio está lhe ensinando as primeiras lições.

- Sara, será que eu vou ter que carregar esta cruz? Ernesto Pedro vai me fazer sofrer?

- Todos os homens nos fazem sofrer, principalmente os mais belos, que nos causam inquietação. Temos que aprender a conviver com as adversidades.

- Você deve estar acostumada!

- Não, minha cara. Quando sinto que um desses vermes quer me devorar, tenho a tranquilidade de substituí-lo naturalmente e tenho encontrado soluções diversas.

- És mesmo especial, Sara. Eu não consigo deixar de amar um homem quando sei que ele me completa. Sofro muito, muito mais por saber que ele vai sofrer, de que por meu sentimento. Como com Ernesto Pedro. Mas a princípio não tocou, pensei que não mais o encontraria. Mas agora estou envolvida de tal forma que não pretendo ficar distante.

- É perigoso! Espere o tempo confirmar se o amor chegou, e só então defina o verdadeiro sentimento. Quantas vezes me enganaram, com uma paixão repentina? Foi assim com Marcos André. Depois soube que era casado e por sinal, as cataratas o engoliram. Você mesmo viu minha louca aventura com Paulo Sérgio. Agora, acabo descobrindo que é apenas mais um para se deitar e enganar. Faça um sacrifício, deixe Ernesto Pedro retornar a Chapecó. Até que se resolvam essas pendengas.

- Não Sara. Paulo Sérgio mudou muito, ele está numa encruzilhada por culpa de Ubaldo. É possível que ele um dia possa desvencilhar-se de todas essas loucuras e viver só para teu amor. Sara, sinto que você o ama. Quando tudo acabar vocês estarão unidos no amor. No momento há essas transações, a imobiliária, Ubaldo, tudo querendo ocupar o pensamento de Paulo Sérgio. Mas quando isso acabar Paulo Sérgio estará sob o domínio de teus sonhos.

- É difícil eu escolher entre um amor e outro, Mônica!

- Sim, mas por que desinteressar-se de Paulo Sérgio agora?

- Quem é que entende meu coração, Mônica!

-É muito inconstante este teu sentimento!

- Vontade de amor, querida, homens gostosos aparecem, a excitação aumenta e minha cabeça endoida.

-Talvez gostasse de ser livre como você, Sara! Mas meu sentimento cria raízes, tenho ciúmes do homem que amo. Concluiu Mônica.

*

No cartório, a confirmação de toda a trama de Sara. Paulo Sérgio convenceu-se que Ernesto Pedro estava representando, como Advogado apresentado, o proprietário

contratado por Otávio. Ernesto Pedro, pela aparência não poderia ser um verdadeiro homem de negócios.

De acordo com os termos pré-estabelecidos e com o vendedor diante de si Paulo Sérgio não tinha como deixar de efetuar o pagamento dos bens. Cabia a Gilberto o trabalho de desvendar o verdadeiro objetivo de Ernesto Pedro. O cheque foi nominal, com a quantia constante do contrato que Sara firmou com Ubaldo. Em seguida as assinaturas de Ernesto Pedro como vendedor. Sara como intermediária e Paulo Sérgio como adquirente dos bens. Já que Ubaldo o designou como proprietário daqueles imóveis. Paulo Sérgio devia colocar imediatamente os bens à revenda e, destacar Sara novamente como a responsável pelo negócio. Tudo como Sara havia combinado com Ubaldo.

Embora o papel desempenhado por Ernesto Pedro tenha sido à altura do esperado por Sara, Gilberto e Paulo Sérgio sabiam que Otávio estava por trás de tudo. Logo Ubaldo soubesse que Ernesto Pedro, ao invés de ser proprietário como Sara havia dito, era estagiário em Direito, com certeza a visita de Otávio terá outra conotação para Ubaldo. Gilberto não precisa perder tempo com Ernesto Pedro, mas sim, Paulo Sérgio informar o fato a Ubaldo. Depois acalantar a dúvida de Ubaldo quanto ao surgimento desse intermediário.

Capítulo Trinta e Sete

É de se imaginar o rumo das conversações entre Ubaldo e Otávio. Raras as oportunidades de se encontrarem, pois Paulo Sérgio, sempre evitou o contato. Com o bom desempenho de Otávio e os crescentes elogios de Paulo Sérgio, Ubaldo começou a sentir certo desejo apreço a esse seu principal assessor, mas por medida de segurança, mantinha-se distante da amizade com seus colaboradores.

Ubaldo, ao contrário do que pensava Otávio, conhecia a todos eles. Quando o aviador esteve como aprendiz nas fazendas do Mato Grosso, Ubaldo apresentou-se como estancieiro, oferecendo churrasco e bebida aos três amigos. Naquela ocasião Ubaldo sentiu a capacidade e desenvoltura de Otávio. Foi ele quem o designou para os vôos mais perigosos. Deviam ser efetuados pelo polaco, que era como Ubaldo se referia ao colaborador.

Com o passar do tempo, o bom andamento das operações e a regularidade nos transportes, Otávio passou a receber quantias elevadas, aplicando sempre em imóveis, naturalmente, com o conhecimento de Ubaldo e principalmente de Paulo Sérgio.

Julgando esse envolvimento com Sara, Otávio passou a merecer certo desconforto por Ubaldo e haveria de explicar ao seu chefe, quais as intenções de seu jogo.

Antes que Otávio comparecesse ao escritório da madeireira Oligari, Paulo Sérgio havia telefonado a Ubaldo,

informando-lhe sobre o Advogado contratado por Otávio, com todos os principais detalhes da transação. Sobre Ernesto Pedro conseguiram apenas apurar que estava estagiando em Florianópolis e que, provavelmente conhecera Otávio naquele período que, o aviador esteve em Florianópolis no preparo do vôo a Corumbá. Quanto à origem e em que lugar trabalhava Ernesto Pedro: Gilberto incumbiu-se de pesquisar.

Gilberto apurou que Ernesto Pedro fez mesmo todos os contatos, inocentando Sara no envolvimento com Otávio, obrigando Paulo Sérgio a desembolsar a quantia que Sara havia exigido para apresentar o vendedor.

Tudo se encaminhava para o bom andamento das negociações entre Ubaldo e Otávio.

Ubaldo desejava inteirar-se de todas as tramas que envolveram os últimos acontecimentos, concernente a vendas e procurações, mas teve dificuldade de arrancar de Sara qualquer informação. Havia de ser cauteloso com Otávio.

Até mesmo Debara havia sido dispensada naquela tarde.

Acostumado com os desafios, Otávio apresentou-se no escritório com toda cautela, a mesma que sempre tinha nos momentos de executar as tarefas.

Ubaldo o esperava apreensivo. Qualquer atrito com seu colaborador poderia representar um acúmulo de problemas para a organização, somando-se aos que já haviam surgido nos últimos dias.

Um toque no interfone. O esperado, e tudo agora dependem das palavras. As pedras começam a desfilar no tabuleiro em busca do xeque-mate. São as regras do jogo.

-Pode subir Otávio! Ordenou Ubaldo, tão logo ouviu a campanha.

-Boa tarde! Doutor Ubaldo! Parece que não somos tão estranhos. Surpreendeu-se o aviador ao avistar Ubaldo sentado no gabinete.

-Sente-se Otávio. Parece que meu amigo quer me desafiar. Temos que conversar, afinal sempre nos compreendeu bem e por que agora essa desavença? Estou muito desolado com esse atrevimento polaco. Desde a oportunidade que me apresentei como estancieiro.

- A começar não há desavenças, nem sei o motivo que o leva a querer me incriminar. Não fiz coisa alguma que venha acabar com nossa confiança. Respondeu libertino Otávio.

-Mas não foi para falar sobre isso que solicitei sua presença, Otávio temos assuntos muito mais relevantes para tratarmos!

- Imagino!

- Otávio, meu caro, Otávio! Comprei todos os teus imóveis, o que achas desse meu negócio?

- Não coloquei bens à venda, doutor!

- Ainda pretendes manter-se nessa posição Otávio?

- Como assim?

- Mande fazer uma pesquisa sobre teus negócios e descobri que na verdade, colocaste os bens á venda através de um Advogado. Tudo bem, não há objeção de minha parte. Acontece Otávio, que você não devia colocar pessoas comuns em tuas tramas. Veja bem, eu queria utilizar Sara para nossos negócios em Florianópolis e mantê-la longe de nossa contravenção. Sara, por ser bela e de certa forma desembaraçada, seria uma espécie de mediadora. Tenho planos para muitos anos de ação entre Florianópolis e Foz do Iguaçu, primeiramente linhas aéreas, como tu bem sabes.

- Meu negócio doutor, não tem intenção de prejudicar a empresa. Está certo, fui eu que coloquei os bens á venda, mas em nenhum momento pensei prejudicar. Pensei que através de Sara seria mais fácil vender, já que não conhecia outra imobiliária. Procurei um Advogado porque em Florianópolis não conheço ninguém para as transferências dos papéis.

- Por que não querem dizer que os bens eram seus?

- Queria preservar Sara de possível envolvimento, já que alguns daqueles apartamentos são roubados, eu obriguei os donos a assinarem os documentos na marra.

- Depois?

- Depois os matei e, como de costume, atirei-os no Iguaçu.

- Você tem mesmo muita coragem, Otávio!

- Sou capaz de qualquer negócio, patrão. Tenho muita calma Sabe! Ubaldo, sofri muito quando criança com a falta de dinheiro. Agora faço de tudo para não me pegar sem capital.

- Então pode ser que além da encrenca de haver adquirido seus bens, corro risco de acabar com a empresa por causa da sua rebeldia, agora fico sabendo que tenho que enfrentar possíveis transtornos com processos sobre a origem desses bens?

- Não, nada está enrolado. Quanto aos documentos nunca fui procurado, são todos registrados com testemunhas e assinaturas originais dos donos.

- Então por que vendê-los?

- Vou comprar uma fazenda no Pará.

- Se fosse o caso, Otávio, poderia comentar com Paulo Sérgio! Eu mesmo compraria a fazenda de melhor agrado, depois transariamos os bens!

- Faltou comunicação! Quando procuro negociar com o senhor, nunca tens tempo. Então resolvi fazer esse negócio! Saiu-se Otávio.

- Preservação, Otávio! Concordou Ubaldo.

- Pois é!

- Tenho certeza, Otávio, que a intenção verdadeira seria dar o fora! Tudo começou com Francisco. Ele deve estar no fundo de algum rio no trajeto de Foz a Corumbá. Onde o mataste e onde escondeste?

- Eu queria terminar com a vida de Francisco, Ubaldo! Acontece que antes de cometer qualquer ação contra o companheiro, ele se embrenhou Bolívia adentro e não retornou.

- Não é verdade, Otávio! Francisco esteve aqui em Foz do Iguaçu, antes de você voar a Corumbá. Não esqueça que tenho gente trabalhando no aeroporto. Vocês desceram aqui em Foz e, depois só você decolou!

- Isso não é verdade!

- É o que você fez Otávio. Nunca tente me enganar. E não diga que Sara não sabe que é você! Porque eu sei de toda sua trama. Ela perdeu minha confiança. Ainda assim, eu posso releva desde que você faça o mesmo trabalho sem Francisco.

- Quem são as pessoas que fazem as pesquisas, Ubaldo?

- Somos muitos, meu caro, não penses que uma fazenda no Pará seria um bom esconderijo para um colaborador da empresa Oligari! Acredito que a continuação de seu projeto só acarretaria em abreviar os seus dias de vida. Seria muito mais lucrativo se colocássemos uma pedra sobre todos os acontecimentos e pudéssemos continuar unidos para nosso próprio bem.

- Eu não falei em parar, vim aqui porque Paulo Sérgio me mandou. Só que meu dinheiro eu quero empregar na compra daquilo que sonho. Mesmo que o senhor não queira, vou comprar a fazenda.

- Quanto a isso tudo bem, acontece que preciso de você aqui por perto, Otávio!

- Está certo! Posso colocar alguém para cuidar de minha fazenda e quando eu estiver de folga, a visito.

- Ótimo assim podemos manter a continuidade das viagens!

- Se depender de mim, eu estou disposto!

- Foi uma pequena mostra de caráter forte entre ambos. Ubaldo, com poucas perguntas, conseguiu tirar de Otávio confissões importantes. A continuidade na empresa e a conseqüente permanência do avião em Foz do Iguaçu. Fácil para mantê-lo sob o olhar do grupo, diminuindo seu raio de ação. Qualquer deslize cometido, uma desconfiança, e o derradeiro vôo à Garganta do Diabo.

A mesma desconfiança ficou na mente de Otávio. Daria continuidade a seu projeto, mas agora sabe que Ubaldo estará à sua espreita.

Capítulo Trinta e Oito

O medo oriundo da fraqueza do ser, doença dos covardes e causador de inúmeras imperfeições, não pode habitar na alma de homens determinados e empreendedores.

Otávio saiu daquele encontro ciente que seus dias junto à empresa haviam acabado. Algo nos olhos e na expressão de

Ubaldo afirmava-lhe a suspeita. Restava a Otávio somente enfrentar, descobrindo aos poucos quais os planos de Ubaldo.

Para Ubaldo fora realmente um encontro decisivo. Otávio representa ameaça iminente. É preciso tomar uma decisão sobre o caso com certa urgência antes que seu aviador resolva intrometer-se no que há de mais frágil no empreendimento.

Tão logo Otávio deixou o escritório, Ubaldo ligou para Paulo Sérgio informando-lhe o conteúdo da conversa.

- Paulo Sérgio!

- Sim!

- Falei com o homem, nada de novo, tudo o que te falei ele me confirmou. Está tramando um golpe, quer se ver livre de nosso empreendimento e dar o fora.

- Eu sei, mas o que faremos?

- Ora! Tenho tudo planejado, vou colocar Gilberto para vigiá-lo. Sabes que Otávio pretende acabar com Gilberto, assim como tenho certeza que ele deu um fim a Francisco o que você acha?

- Ele confessou?

- Descobri que eles estiveram aqui em Foz antes de voar para Corumbá!

- Como?

- Na verdade têm uns segredos que não posso revelar a você, além dos campos que você conhece, o tio tem seus truques.

- Está certo, por que então o Gilberto?

- Sim, porque é lógico! Otávio quer se desvencilhar primeiro dos parceiros.

- Pois é! As coisas estão tomando rumos inesperados.

- Mas vão entrar logo nos eixos. É só o Polaco voltar à trilha, que voltamos a imperar.

- Será bom! O que faço com Gilberto?

- Calma, não comente antes que ele termine a tarefa que você já devia ter passado a ele!

- A questão dos carros?

- Sim, providencie a compra de uma boa oficina mecânica, de preferência São José ou Biguaçu, próximo a BR-101.

- Compra ou aluguel?

- Compra Paulo Sérgio, porque quero que os desmontes sejam feitos por nossa gente daqui. Assim podemos manter a equipe que atua na oficina. Se for aluguel é mais difícil tratar os acertos e os trâmites com os papéis.

- Agora ficou mais difícil, porque eu tinha incumbido Otávio dessa tarefa, inclusive ele havia observado alguns carros e estava pesquisando os horários melhores para o desmonte.

- Pois bem, carros não têm tanto mistério. Vou experimentar então uma nova aproximação com o Polaco. Se ele se manifestar favorável, vou determinar que conclua esse trabalho, mesmo que tenhamos que perder Gilberto. Afinal não sabemos qual a vantagem, manter Otávio como colaborador e

arriscar perder Gilberto, ou dar corda para que os dois se enfrentem.

- Neste caso sei que Otávio é muito mais capaz.

- Sei que tens preferência pelo Polaco!

- Os dois são bons.

- Procure Otávio, mande-o se encontrar comigo amanhã! Vou dar um pulo aí. Preciso conversar seriamente com Sara.

- Está certo, quanto a essa questão deixe que eu resolva.

- Eu o espero na imobiliária.

- Valeu! Quanto às garotas, elas resolveram colaborar com Sara? Aceitaram a parceria na imobiliária. Rosana anda ocupada com a formatura, passa a maior parte do tempo estudando. Tenho visto mais Mônica.

- Então a galega está mesmo feliz com o empreendimento?

- Sara conseguiu mantê-las sob seu domínio.

- É um grande passo, quero que designe à Rosana o escritório da Oficina Mecânica.

- É uma boa idéia, a garota está acostumada com nossos colaboradores.

- Mande o Gilberto voltar a Foz do Iguaçu. Enquanto Otávio estiver aí, quero manter o Gilberto na rota da região. E você então, preste atenção naquele Advogado contratado por Otávio.

- É bom! Assim Rosana passa a colaborar com Otávio.

- Ela o conhece?

- Sim, trabalharam juntos algumas vezes. Até trocam idéias!

- Quanto tempo falta para a formatura?

- Uma semana, inclusive andei lendo os convites de Sara, um é para o meu tio!

- Que bom, será um prazer participar da solenidade.

- Sara disse que Rosana está ansiosa, pois aquele francês estará presente!

- Eduin Garcia Salvatierra?

- Como o senhor sabe tão bem o nome? Admirou-se Paulo Sérgio.

- Conheço-o muito bem, sobrinho. Mas não quero que faça mais perguntas sobre Dr. Eduin. Faz de conta que não o conheço, está certo?

- Por quê?

- Sobrinho, mantenha-se neutro neste assunto. Assim, as meninas não vão fazer perguntas e o Dr. Eduin continuará dando suas palestras sobre ecologia pelo mundo.

- E Rosana, que está feliz porque o francês demonstrou interesse!

- Ótimo para Eduin, uma mulher meiga, jovem e bela, sempre será bem confortável.

- Mas estou falando de convite para matrimônio!

- Não tenho objeção! Ela precisa de amor, assim como Eduin de carinho e prazer!

- O meu tio acredita que Eduin só buscará isso? Rosana espera encontrar um grande amor.

- Eduin não é homem de perder tempo com loucas paixões, assim como você, sobrinho! Eduin busca o conforto, a elegância, o prazer da companhia. Nada melhor que uma garota brasileira. São as mais sedutoras e afetuosas.

- Esquivo tio! Parece que não usa bem o termo. As mulheres são belas, elegantes e inteligentes em qualquer canto do mundo.

- O sobrinho está infeliz no amor? Suspeitou Ubaldo.

- Fiz uma escolha duvidosa, agora sofro por não ser compreendido.

- Vá, vá!

- Sim, Sara anda esquisita. Eu sinto que ela está fria no amor e não quer dialogar sobre o declínio do nosso relacionamento.

- Oh! Sinto que meu sobrinho perdeu o tato. Sara anda confusa com os negócios, o trabalho sobre a Estrada do Colono e porque você também não a trata conforme ela deseja! Comentava sarcástico.

- O que posso fazer?

- Não tenho sugestão no momento, sobrinho, trate de compreendê-la!

- O senhor tem que falar com Sara, ela encontrou um interessado nos bens de Otávio.

- Já dei a minha palavra, sobrinho, vendam os bens!

- Mas parece que o acerto tem pendências.

- Resolva, Sara pode contratar aquele mesmo Advogado que fez o negócio com Otávio, depende de saber conversar!

- É que o interessado quer ofertar outros bens em troca.

- Neste caso tenho mesmo que analisar: pode ser até que melhore o relacionamento com Otávio, dependendo do lugar desses terrenos.

- Sara não quis adiantar, mas pela forma como comentou o assunto, trata-se de algo do agrado de Otávio, talvez mais uma trama do Polaco.

- Está bem, vou propor a Sara os valores. Dependendo da oferta tenho que conhecer melhor os termos do negócio.

- Seria bom, o tio precisa visitar a imobiliária de quando em quando.

- Falei que queria me ausentar! Mas noto que esse escritório está um pandemônio.

- Um pequeno contratempo! Uma pequena viagem.

- Tenho viajado muito, sobrinho, você que não sabe quantas viagens tenho feito.

- Meu tio é mesmo um homem de negócios!

- Isso mesmo, negócios, sobrinho. Muitos. E meu anjo da guarda tem me dado muito luz.

- O senhor acredita nisso?

- Não! É verdade! Não sei nem mesmo se eles existem!

- Pois eu desconheço por completo a existência.

- Pecador!

- Ubaldo!

- Faça o que mandei sobrinho! Irritou-se Ubaldo com o andamento das tolas perguntas.

- Já sei, amanhã vamos marcar a data do encontro com o comprador.

- Certo!

- O Gilberto pode levar o helicóptero?

- Não, ele pode deixar os aparelhos no hangar do aeroclube da Capital, afinal ainda temos a concessão do ponto e não podemos abrir mão daquela fonte de renda. Tenho interesse em contratar uma empresa para continuar o trabalho.

- Meu tio fala como se os projetos para Florianópolis estivessem acabando?

- São as estratégias, sobrinho, tudo deu certo. Hoje tenho o caminho aberto para os vôos. Logo teremos a linha conectiva entre Foz do Iguaçu e Florianópolis, podemos estender por todo o litoral sul.

- Se o tio diz isso já é o suficiente para efetivar os negócios, e por que agora o envolvimento com carros?

- Sobrinho, para atender as ramificações internacionais. As ações internas são para suprir a nossa necessidade, as ações com participação estrangeira representam a sustentação mundial do empreendimento.

- Onde fica o centro do negócio?

- Reclamo novamente que você faz muitas perguntas, sabe?

- Noto que ainda não confia no sobrinho?

- Está bem! Mas preste bem atenção, o tio é apenas um dos tentáculos de um grande polvo.

- Polvo?

- Sim! É assim que se denomina a organização. Trata-se de uma cabeça que detém as rédeas de todo o empreendimento, chama-se “Grande Corpo” e os demais líderes denominam-se: tentáculos.

- Por que polvo?

- Justamente por ser um animal com oito tentáculos. São ramos que se espalham pelo mundo. Apesar de ser grande, dá-se o nome de polvo pela fragilidade. Sabemos que o empreendimento não pode sofrer traições, senão acaba. Que isso sirva de alerta. Devemos estar sempre preparados para o pior. Esse animal deve ser alimentado e seu prato preferido são os grandes lucros, mesmo que para tanto tenhamos que sacrificar algum colaborador rebelado.

- Eu não faço parte dos oito tentáculos?

- No Brasil só teu tio faz parte! Você vai à busca de alimento.

- Sou o melhor colaborador!

- Não, pelo regulamento, meu sobrinho só faz parte da busca do alimento. O grupo todo conhece seu trabalho, mas eu não dei minha palavra como garantia.

- Meu tio não me ama o bastante?

- O sobrinho é incapaz de matar um colaborador. Tem o coração mole, é um ótimo alimento.

- Sei o quanto sou capaz. Nunca ordenou que eu desse cabo a alguém, só se preocupou em mandar contratar quem o fizesse. Reagiu resignado, Paulo Sérgio.

- Você é de matar a mulher para provar que um dia pode ser um tentáculo do grande polvo? Perguntou decidido, Ubaldo.

- Sara?

- Sim, ela está te enganando nos negócios e no amor! Segundo sua desconfiança.

- Sou capaz de matar Sara, sim, desde que tenha certeza que ela me engana nos negócios e no amor. Mas não tenho certeza disso e a amo muito de todo meu coração. Ninguém pode exigir que dê fim a uma mulher meiga, carinhosa e inteligente como Sara, simplesmente porque tenho que provar que posso ser um tentáculo! Por que meu tio não me submete a um outro teste?

- O sobrinho para ser tentáculo deve obedecer a todos os mandos do grande polvo. Se o tentáculo exige que o alimento faça o sacrifício de findar seu grande amor, como prova de sua coragem, para fazer parte do grande polvo, é assim que o alimento deve proceder.

- O senhor está dando ordens como tentáculo, ou sugere que eu me desvencilhe de Sara?

- Estou exigindo, mas posso conceder a oportunidade de você comprovar os fatos. Para tanto, junte todas as provas e depois oferte a grande obra ao alimento do grande polvo.

Para Paulo Sérgio as palavras de Ubaldo não tinham nexos. Sara não podia estar prejudicando a organização. Seu trabalho foi cuidar da imobiliária. Porém havia uma pequena mudança em Sara nos últimos dias de amor. Será que Ubaldo havia detectado o desinteresse de Sara, antes que ele próprio?

Capítulo Trinta e Nove

O amor nasce como uma pequena chama, um ponto luminoso perdido na noite escura. Quando se está com o ser que se ama, ele se conserva envolto e protegido pela paixão. Ao se abalar a confiança onde tudo parece enraizado, surge o medo, a angústia e a dor. Então a dúvida aflora e alastra-se dominando as ações e os passos, enchendo-nos de insegurança.

Assim, Paulo Sérgio não consegue entender a mudança repentina a que Sara se envolveu. Será o fim do seu amor? Amor

que ele já está acostumado a ostentar, Atribuir adjetivos a cada gesto de ternura que essa mulher lhe oferece. A maneira de representar nas horas de alegria. O humor nos encontros e nos passeios. O brilho de seus olhos nos instantes de carinho e o prazer de sua graça. Não, Sara precisa entender que ele a ama de fato. Há o ciúme e o perigo de compartilhar com a idéia de Ubaldo. Sara não o respeita, não o quer e ultimamente tem saído com colegas, retornando embriagada e cansada para o amor.

“Mas ela possui seus afazeres: a imobiliária, o trabalho de conclusão do curso e a preocupação com a formatura!” Refletiu conformado.

Paulo Sérgio precisa esperar o fim de semana e a Colação de Grau. No instante que seu grande amor receber o diploma e feliz sorrir-lhe com ternura, beijando-o após os parabéns, ele certificar-se-á que Sara ainda o ama. Ele deseja salvá-la do grande polvo.

Nesta noite Paulo Sérgio espera encontrar Sara meiga e afável como das outras, as quais havia amor prolongado, seguido de carícias e palavras ternas. A mulher cordial e perfumada como sempre. Bela, prestativa e interessada nos negócios.

Sara agora deixa Paulo Sérgio apreensivo. Ele sempre a defende, não quer que lhe aconteça nada de grave, acredita que ela precisa viver. Não lhe passa pela cabeça oferecer a mulher ao sacrifício para provar que pode ser um tentáculo. Mas parece que Sara já não o ama. Paulo Sérgio tem conhecimento de como as mulheres agem quando querem livrar-se dos maridos. Fora assim com as outras namoradas. As mesmas desculpas, os mesmos argumentos e quando vinham as solicitações de tempo! Consequências: desuniões, abandonos e indiferenças.

Paulo Sérgio sofrera outras decepções, mas perder Sara, a mais graciosa e bela de todas. Não! Ele devia estar enganado. Ela ainda não havia dito palavras que deixassem claro a idéia de separarem-se. Pode ser que não tenha chegado o momento certo para informar-lhe sua intenção.

Então seria o fim. Paulo Sérgio não suportaria conviver com uma mulher interessada em encontrar os caminhos para acabar com o grande polvo. É isso, Sara está aproximando-se de colegas seus que querem cortar os tentáculos do grande polvo e, como Ubaldo argumentou: Sara devia ser entregue pelo alimento, salvando o empreendimento, dando continuidade à vida do grupo. Como prêmio, Paulo Sérgio receberia de Ubaldo um ramo, talvez no futuro fosse o substituto, um novo tentáculo.

Paulo Sérgio encaminha-se ao banheiro, enquanto espera o retorno de Sara.

Paulo Sérgio pensava que Sara quer o rompimento do amor. Mas ela não deseja o fim do relacionamento. Precisava obter mais informações sobre todas as ações do grupo. Não seria inteligente romper com Paulo Sérgio, sem obter qualquer rumo no encaminhamento das pesquisas. Manteria as aparências mesmo que fosse um sacrifício, agradar Paulo Sérgio e Ubaldo.

Como um sonho, Sara entrou no apartamento sorridente e, quando seu homem saiu envolto na toalha, ela abraçou-o com afeto, beijando-o com ternura.

- Estava preocupado contigo, Sara. Vim cedo e não te encontrei.

- Mas agora está tudo bem, eu sabia que você estava aqui. Otávio me ligou dizendo que tinha um assunto para tratar ainda hoje, disse-me que você estava vindo para casa.

- Como? Otávio ainda continua negociando contigo, meu amor?

- Ele tem meu telefone!

- Quem forneceu a ele? E como ele sabe que eu estava vindo a teu apartamento?

- Ubaldo o procurou prometendo comprar-lhe a fazenda que ele tanto deseja. Para tanto Otávio precisa executar um trabalho que está sob tua responsabilidade.

- O que Otávio quer?

- Disse que Ubaldo autorizou você efetuar a compra de uma fazenda. Segundo ele, você tem um interessado no negócio!

- Eu?

- Sim! Disse que telefonou perguntando se podia negociar?

- Sei, mas era você que estava negociando!

- Pois bem! Então, sabendo disso, Ubaldo comunicou a Otávio que a fazenda estava incluída no negócio e autorizou-me fazer a venda dos bens.

- Ótimo, então quer dizer que o assunto não me diz mais respeito.

-Sim, porém Otávio quer tratar de outro assunto. Ele não quis me dar informação, apenas me prometeu um presente se os negócios derem certo.

- Otávio está proibido de te presentear, Sara!

- Amor, por que ciúme?

- Não é ciúme, Sara. Só que eu não quero ver Otávio dando presentes a você. Ele está se intrometendo nos meus assuntos!

-Não vejo maldade!

-Sara, compreenda. Otávio criou um problema com aquelas vendas. Não quero ver você novamente envolvida nos negócios desse homem!

- Está certo, vou procurar evitar o máximo que puder.

- Assim fico tranquilo, meu amor. Sabe, o presente que você precisa eu sou capaz de comprar. Só me diga o que te falta.

- Paulo Sérgio, não há nada que me falte, tens me dado do bom e do melhor, mas os presentes por menores que sejam sempre devem ser aceito com carinho.

- Então escolha um bom presente para a formatura que eu compro e te dou com todo carinho e amor!

- Não, meu amor, você tem bom gosto. Dê-me o amor, aquele amor que sempre espero; aquele que me atraiu desde o primeiro instante.

- Você disse que Otávio precisava conversar comigo?
Desconversou Paulo Sérgio.

- Sim, mas eu disse que hoje estávamos ocupados!

- Você não quer dizer onde esteve?

- Hoje foi um dia muito importante, Paulo Sérgio conclui minha defesa do trabalho e estou aprovada.

- Então posso entender o porquê de tanta alegria. Imagino o alívio de haver alcançado a nota necessária!

- Graças à Rosana e ao Doutor que fez a pesquisa.

- Rosana deve ser muito inteligente e dedicada aos estudos!

- Nunca a vi tão dispersa, o amor modificou completamente o comportamento de Rosana. Ela não vê a hora de encontrar-se com Eduin.

- Qual é o projeto?

- França, meu amor! Eduin está programando um estágio para sua princesa.

-Sara, Rosana vai conhecer um ecologista muito surpreendente. Um homem como jamais imaginou!

- Paulo Sérgio, você o conhece?

- Não posso informar detalhe sobre esse homem, mas tenho impressão que Rosana teria melhor sorte, se não se envolvesse tanto.

- Todas nós estamos apreensivas com a mudança, mas nada podemos fazer, ela acredita ser ele o homem certo.

- Não estou dizendo que o conheço, Sara, mas Rosana poderia continuar conosco, talvez tivesse um futuro promissor.

-Rosana sentiu-se atraída desde o primeiro olhar.

- Assim como nós!

- Eu sei!

- É por essa razão que uma festa de formatura pode marcar. Até Ubaldo interessou-se.

- Eu mandei um convite, faço questão de sua presença.

- Pode contar como certa a presença. Ubaldo gosta dessas formalidades. São nesses encontros que nascem os bons negócios e boas amizades.

- Tenho uma sugestão!

- Sobre?

- Vamos comemorar esse nosso novo encontro. Saímos depois vamos amar muito! Sorriram.

Capítulo Quarenta

Como rapina, Otávio percorre os principais estacionamento da grande Florianópolis em busca de carros mal guardados e de preferência os lançamentos.

Quando Sara chegou ao estacionamento da imobiliária encontrou Otávio esperando. Com ele havia um modelo importado Lamborghuni Diablo recém receitado.

Ainda sob o efeito da surpresa, Sara pôde notar que Otávio queria propor-lhe negócio.

- Oi, Otávio, como foi sua noite?

- Dei umas voltas e estou certo que algumas mercadorias são mesmo fáceis de obter.

- Esse carro?

- É de um amigo, estou testando, é o que há de mais moderno. Que tal o teu presente!

- Seria bom, um carro como esse eu jamais poderia comprar!

- Certamente que não, mas eu tenho condições de pelo menos tentar adquirir um exemplar, depois talvez emprestar a você!

- O que faria com um carro emprestado? Meu sonho seria ganhá-lo de presente.

- Depende de você! Sabes do que estou falando!

- Será que somos capazes de nos envolver no amor? Eu não estava pensando que chegaríamos a tanto! Mas, sabe que meu coração é grande!

- Acho muita pretensão, Sara!

- Essa sua vontade de me proteger, Otávio, não é novidade. Sei que farias de tudo para me levar à cama, coisa que não posso no momento corresponder. Quando notar que você merece uma noite especial! Serei eu que vou te convidar.

- E Paulo Sérgio? Mudou de assunto, Otávio.

- Foi acertar um negócio. Disse que você sabe do assunto e deve entrar em contato com ele.

- Estou aqui para resolver esses problemas, Sara. Por isso Paulo Sérgio devia ter vindo primeiro aqui na imobiliária.

- Se acalme Otávio! Vamos entrar; tomar um café e esperar.

- Está bem. Concordou Otávio.

- Sara, então quer dizer que minha fazenda está no papo?

- Conclui o negócio e Ubaldo vai passar o direito a você.

- Ótimo, meu amor, porque tenho interesse em investir na expansão. No futuro quero transformar todos os meus bens em fazenda e gado.

- Quem te deu essa orientação?

- Decidi por conta própria. Acho que meu sucesso está nesse ramo. Não quero ficar trabalhando por muito tempo aqui no Sul.

- Quem é que te deu a idéia de comprar terras no Pará?

- Pensei que longe dos olhos de Ubaldo e do grupo dele, eu seria independente para decidir o que fazer!

- Sim, mas você é peça interessante para Ubaldo. Afinal tu és o homem que sabe executar bem todas as tarefas!

- Mas tratei com Ubaldo que este será meu último trabalho. As divergências ele relevou e deu-me a palavra. É o meu último trabalho. Facilitou o negócio com as terras e ofereceu-se para de quando em quando, passar uma temporada em minha companhia.

- Vejo como Ubaldo confia mais em ti do que a Paulo Sérgio!

- Está enganada, Ubaldo protege Paulo Sérgio, e ao mesmo tempo deseja que ele se transforme em seu futuro sucessor. De nós Ubaldo quer só o trabalho e o cumprimento das incumbências.

- Você havia dito que nunca trabalharia para o grupo. O que te fez voltar atrás?

Sara! Eu pensava que a venda de meus bens fosse dar uma grande guinada na minha vida. Porém Ubaldo tem espiões que ninguém conhece. Com a descoberta que fizeram sobre as minhas pretensões, eu não pude continuar com o objetivo de me livrar do grupo. Então negocieei com ele. Ubaldo reconheceu que seria de suma importância para todos se eu continuasse colaborando. Em troca, ele me ofereceu a fazenda, solicitando que faça mais algumas viagens a Corumbá e conclua um trabalho que estava desenvolvendo aqui na grande Florianópolis.

- Depois disso, Gilberto seria teu substituto. Ou a idéia de acabar com ele continua?

- Meu substituto nos vãos será Paulo Sérgio. Ubaldo quer que teu homem faça as próximas viagens em minha companhia para aprender a rota. Já que sabe pilotar, falta apenas a prática. Quanto a minha idéia em relação a Gilberto continua a mesma. E sei que ele está sendo preparado para me vigiar, mas na primeira oportunidade eu defino a sorte dele.

- Então Ubaldo pode querer contratar alguém para se vingar de ti?

- Acho que o próprio grupo pretende que eu faça o trabalho. Afinal Gilberto representa quase nada ao empreendimento e Paulo Sérgio noutra oportunidade havia demonstrado interesse em se livrar dele.

- Será que Paulo Sérgio, não pensa o contrário agora?

- Certamente que não! Eu sempre inspirei muito mais confiança. Paulo Sérgio sabe que Gilberto não vai longe. Acredito que Paulo Sérgio vai procurar uma aproximação maior entre Gilberto e eu.

- Esta aproximação em que resultaria?

-É certo que ele precisa de nossa colaboração. Com a palavra de Ubaldo dada a mim, para que eu deixe o grupo, Gilberto pode assumir as tarefas, entrando em contato comigo. Se não der certo, Paulo Sérgio sabe que sou capaz de resolver o problema de Gilberto.

-Até onde vocês pretendem chegar?

- Não se sabe, Sara! As determinações vêm de Ubaldo. Eu cumprio ordens!

- Quanto aos termos da conversa que teve com Ubaldo, você sentiu se realmente é ele o grande chefe?

- Não, Sara, ele referiu-se toda hora a um grupo.

- Então quer dizer que Paulo Sérgio está mesmo envolvido com o grupo, Otávio?

- De uma coisa pode ter certeza, Sara. Ubaldo e Paulo Sérgio vivem em função do empreendimento. Não há separação.

- Sabe, Otávio, eu não simpatizo com Gilberto, talvez ele seja o mais desinteressante de vocês todos.

- Sara. Esse homem não pode saber das nossas pretensões! Ele pode acabar com tudo, não sabe viver sem Ubaldo e Paulo Sérgio. Por essa razão pode matar qualquer um. Mesmo você, se for o caso.

- Você me disse que ele espera os outros determinarem as ações!

- Quando não interessa a ele, mas é criminoso e capaz de qualquer coisa.

- Então posso acreditar que a permanência de Gilberto aqui em Florianópolis traz desconforto?

- Ele acumulou os trabalhos. Agora vai preparar o caminho em Foz do Iguaçu para o destino da mercadoria que vou enviar daqui.

- Como você fica sabendo das tramas de Gilberto?

- Quais?

- Que ele está te vigiando.

- Sara! Você mesma me contou que ele estava presente no dia que foram ao escritório. Se Ubaldo estava preocupado só com a origem dos bens, bastava a presença de Paulo Sérgio. Mas não, Ubaldo colocou Gilberto a procura de informações. Depois, no dia da reunião que tive com Ubaldo, notei a interferência de Gilberto. O velho me orientou no sentido de parar com a idéia de comprar fazendas longe de Foz do Iguaçu. Disse-me que não seria um bom esconderijo.

- Você tem medo, Otávio?

- Não, Sara, mas me preocupo com as ameaças abertas de Ubaldo. Ele pode colocar alguém em minha sombra, assim como é certeza que teus passos estão sendo seguidos!

- Meus?

- Sim, Sara, ou você acha que Paulo Sérgio acredita mesmo que você o ame?

- Eu nunca dei motivo para Paulo Sérgio pensar algo de mal com relação a meu amor, Otávio! Paulo Sérgio tem algo que me atrai, por mais que as pessoas pensem que eu sou capaz de enganá-lo, eu continuo acreditando na continuidade do amor dele.

- O teu acabou?

- Vacilou, após os teus negócios. Mas consegui me encontrar e sinto que há amor. A noite passada foi muito

importante pra nós. Paulo Sérgio foi tão doce e retornei aos braços dele.

- Parece-me um conto da bisavó! Ridicularizou Otávio.

- Não, eu voltei a sentir carinho por Paulo Sérgio e não quero pensar que algum mal possa lhe acontecer.

- Cuide-se Sara. Paulo Sérgio é calculista e quem pensar que ele não percebe quando alguém quer lhe enganar está muito por fora. Nem mesmo Ubaldo sabe do quanto teu homem é capaz! A única desvantagem de Paulo Sérgio em relação a Ubaldo seria um pouco de covardia, talvez o medo de ele próprio executar as tarefas.

- Você diz tarefas só no que se refere a crimes?

- Só quanto a matar, Sara. No mais ele é homem de confiança da organização.

- Por que eu deveria temer esse comportamento?

- Sara! Procure entender por que sempre tento te dizer as coisas: Paulo Sérgio tem a incumbência de cortar todos os males que porventura prejudiquem o grupo. Sendo assim, é óbvio que minha preocupação seria em te proteger. É claro que se você sempre agradar a Paulo Sérgio nada vai te acontecer. Agora se tentar prejudicá-lo, pode contar com teu fim.

- Mas eu precisava descobrir quais os membros superiores do grupo. Não imagino que Paulo Sérgio seja o responsável por tantas atrocidades!

- Sara, veja que minha revolta foi vã. Eu também pensei abandonar o grupo. Porém a lição que recebi é que os envolvidos não conseguem mais se desvencilhar. Então não havia escolha. Ubaldo colocou seus colaboradores a me vigiarem. Seria o meu fim.

- Então vais continuar colaborando?

- Assim como você, meu amor, na retaguarda. Se por acaso alguém me entregar, eu saberia a quem acusar. Seria abrir a boca e morrer!

- Otávio, você sabe alguma coisa referente a mim? É isso que te preocupa? Ubaldo deixou claro que tem receio quanto ao meu trabalho?

- Paulo Sérgio, Sara. É a ele que você deve temer. Ubaldo não cita teu nome, mantém-se indiferente quanto aos subalternos.

- Parece-me, Otávio, que tens ciúmes de Paulo Sérgio?

- Eu te amo, Sara. Que bom que você percebe que tenho ciúmes! Sorriu. Tenho só um trato contigo, Sara, dar-te o nome dos mandantes do crime!

- Faça isso Otávio! Enervou-se Sara.

- Prometo.

Otávio deixou mais uma incógnita para Sara decifrar. A que crime estava se referindo? Ele jogava os termos de tal modo que Sara não podia formular questões. O crime ao qual se referia poderia ser um dos que ele cometeu, ou talvez algum que Sara não podia saber no momento.

Paulo Sérgio e Gilberto haviam saído para negócios. Como os negócios do grupo quase sempre resultam em execução, para Sara as palavras de Otávio tinham ligação com a tarefa mencionada por Paulo Sérgio.

O quê poderia fazer Sara a tal situação? Procurar as colegas, buscar o olhar da lei e impedir que o grupo pratique mais um crime? Sair em busca de solução? Ou calar e esperar pelo presente que Otávio havia prometido? Mesmo que Paulo Sérgio não quer que ela receba tais agrados do parceiro, seria bom ganhá-los. Poderia dar à Rosana e Mônica. Afinal, são idéias.

- Estou novamente confusa, Otávio, mas meu desejo é que você, Paulo Sérgio e o grupo parem com essas ações.

- Seria ótimo, meu amor. Mas pertencemos a um mundo arriscado e não faz mais sentido parar. Vamos à busca das aventuras. Enquanto estão dando certo, gozamos. Quando falharem, que seja em plena ação. Espero receber a liberdade que Ubaldo prometeu. Depois é só criar meus bois.

Capítulo Quarenta e Um

A inconseqüência de Otávio amedronta e encoleriza Paulo Sérgio. Mal havia chegado a Florianópolis, Otávio andava pelas ruas visitando Sara; tratando de assuntos demorados com um carro furtado parado defronte à imobiliária.

Essa intromissão acabou com a tolerância de Paulo Sérgio. Otávio estava esnobando da função de colaborador, buscando incessantemente aproximar-se de Sara. Isso aumenta o ciúme de Paulo Sérgio que aos poucos procura livrar-se dos serviços do Polaco.

Quando Paulo Sérgio entrou na sala da imobiliária reservada às reuniões e encontrou Otávio conversando abertamente com a mulher: decidiu manter os dois a espreita. Queria acabar com todos os vínculos, todo relacionamento e, se possível, proibir Otávio visitar Sara.

- Oi, Otávio, procurei por você no hotel, pensei que iria me esperar lá!

- Vim ao local onde Ubaldo marcou. Como você não estava, Sara resolveu me fazer companhia!

- Estou vendo, Otávio. Aliás, parece que Sara continua agradando. Não bastaram as encencas que você arranhou? Arremessou pesado e decidido Paulo Sérgio.

- Como te falei, Sara está apenas sendo cortês. Você está inseguro e pensa que ela quer continuar negociando comigo!

- Quero só dizer, Polaco, que não gosto dessas tuas aparições aqui na imobiliária. Outra coisa, esse carro, por que trazê-lo aqui?

- O que há?

- Otávio! Ouvi no rádio que furtaram esse mesmo exemplar. Vi a placa e a cor. Coincidem.

- Está certo. Mas o carro é apenas um empréstimo. Você sabe do que estou falando! Piscou.

- Sei! Quanto a isso está aqui o endereço. Entregou-lhe um bilhete contendo o número da oficina.

- Quer dizer que estão escondendo as tramas, Paulo Sérgio? Intrometeu-se Sara.

- Não, meu amor. Otávio tem que entregar o carro ao amigo dele, porque está com problemas na documentação. Você percebe que este assunto não te diz respeito, Sara? Enervou-se.

- Como não! Se o meu amor está nervoso eu quero saber por quê? Otávio não vai devolver o veículo?

- Isso mesmo, Sara! Ubaldo mandou Otávio devolver o carro ao amigo ontem, e ele não o fez, por essa razão saiu nos veículos de comunicação que o carro havia sido furtado. Ainda bem que agora Otávio vai devolvê-lo, e acabar com o contratempo. Corrigiu Paulo Sérgio.

- Então não há razão para tanto espanto!

- Sara, você sabe o quanto Ubaldo é exigente nos negócios. Se ele ficar sabendo duma confusão dessas. Deus me livre!

- Bem garotos vão trabalhar! Levantou-se Otávio, determinado a levar o veículo ao primeiro desmanche.

Ao ficar a sós, Paulo Sérgio mencionou a Sara suas desconfianças a Otávio.

- Meu amor, esse homem quer acabar com todos os nossos sonhos. Cuide-se, meu bem!

Sara olhou demoradamente a fumaça do cigarro subindo lentamente, não quis ouvir nenhuma palavra advinda de Paulo Sérgio naquele momento. Foram intrigas demais para o dia. Queria apenas que seu homem procurasse seu rumo e seguisse seu trabalho. A ela bastavam os distúrbios gerados pela discussão. Agora não havia mais clima pra continuar conversando sobre o que era certo ou errado, nem se os dias poderiam ser melhores, Paulo Sérgio pode querer amenizar a situação, mas esgotaram-se os argumentos, precisavam esfriar o pensamento.

Quando Sara conheceu Paulo Sérgio, tudo parecia diferente. A vida trouxe-lhe muito mais segurança, o sonho havia se apossado de seu ser. Infiltrou-se num mundo cheio de aventuras. Agora acorda atônita, e vê-se num emaranhado de situações ambíguas. Pior. Todos os caminhos que procura para encontrar uma saída estão interrompidos. Os amigos nada fazem e suas amigas sentem-se incapazes de resolver os problemas.

Mônica limita-se a defesa do homem que adora. Trabalha como se a empresa lhe oferecesse um emprego seguro.

Rosana ocupa-se em telefonar a outro mistério: um homem que ora está apaixonado, ora evita contato. Quando ela pede algum conselho, reclama, e manda deixar os problemas serem resolvidos naturalmente. Evita intrometer-se em assuntos

referentes à organização. Se Rosana recorre a assuntos do trabalho, ele perde humor, mudando de assunto.

Sara conhece parte desse mistério, mas a vida continua lenta e calma por rumos cada vez mais indecifráveis.

Capítulo Quarenta e Dois

Bem instalada, com nome conhecido e usufruindo de bom conceito, a oficina do Zezinho foi a melhor escolha que Paulo Sérgio obteve. Localização, Instalações, Equipamentos e Qualidade.

Funcionários foram locados a outros postos. Com a chegada da equipe mecânica da organização Oligari. Gilberto fazia os primeiros contatos, organizando os passos para os desmanches.

Com a chegada de Otávio, os trabalhos passaram ao novo comando e a equipe pôe-se a postos para receber um bom número de veículo que o tentáculo espera enviar nos próximos dias a Foz do Iguaçu.

As delongas de Otávio e as dificuldades com os papéis, fizeram Paulo Sérgio um articulador incansável nos primeiros passos dessa nova aventura.

Agora Gilberto precisa retornar a Foz do Iguaçu. Gilberto, por solicitação de Ubaldo, deveria aguardar para resolver os detalhes da entrega das encomendas evitando o iminente risco de um atrito com Otávio.

Paulo Sérgio precisa organizar os colaboradores do grande polvo para que as encomendas cheguem sem transtornos ao destino final.

Esses afazeres aumentam a distancia entre Sara e Paulo Sérgio, diminuindo também o raio de ação da discórdia, da intriga e da indiferença.

Assustado com o procedimento de Sara, após a discussão na imobiliária, Paulo Sérgio vê-se em má situação. Nota que, por mais que se esforce para agradá-la, as tentativas ao invés de surtirem bom efeito, revelam uma mulher aquém da sonhada. Há um distanciamento cada vez maior, chegando ao cúmulo de haver apenas tolerância. Sara não mais o quer e isso o consome.

São problemas melindrosos que Paulo Sérgio precisa solucionar. A questão dos carros segue como de costume, com o bom desempenho de toda a equipe formada por Ubaldo: cada membro ocupando-se de seus afazeres garante êxito final.

A notícia que precisa dar a Sara, de que não vai continuar só na Capital e que de tempo a tempo deva ir a Foz poderá causar ainda mais constrangimentos.

Paulo Sérgio obteve muitos lucros com o empreendimento, uma soma incalculável de bens nesses anos de colaboração com a empresa. Mas não conseguia encontrar meios de ter o amor de Sara. Se pudesse desviar Sara do seu caminho,

se jamais a tivesse conhecido, talvez não sofresse tanto por um amor que fora incerto desde o primeiro olhar.

As dúvidas aumentam quando demora nas viagens. Então Ubaldo embute na cabeça que Sara deve ser eliminada. Paulo Sérgio pensa no pior, mas o amor cada vez se faz maior, e quanto mais às evidências se afrontam, mais o perigo de perder a mulher lhe assola. Seu medo agora surge quando lhe vem a lembrança de Dejana. No primeiro desconforto fechou-se no quarto de hóspedes e não cedeu às súplicas de amor. Então recebeu aquele pedido que a muito temia, e que por mais claro que parecesse ouvir, ele negava-se a escutar dessa mulher: O indesejado pedido de “tempo”.

- Vamos dar um tempo?

- Oh, não! Tempo não, meu amor, então mande me matar que não agüento viver pensando que recebi tal pedido! Sobressaltou-se.

- Tente entender Paulo Sérgio! Interpelou Dejana. Deixa-me resolver todos os meus problemas, não estou mais disposta a levar adiante um relacionamento assim, tão confuso. Quando é que você vai parar de se envolver só com os negócios? Eu cansei!

- Mas Dejana, eu te amo! Como vou aceitar um pedido desses? Eu não vou suportar, prefiro morrer!

- Eu não acredito nesse amor Paulo Sérgio! Você tem é muito ciúme e medo de que as pessoas saibam que não te quero mais. Mas ninguém é obrigado a ficar contigo!

- Você não me ama, Dejana?

- Acho que nunca te amei, foi uma grande atração, um sentimento impensado, uma ilusão.

- E aquelas vezes que dizias em meu ouvido, ainda sinto o calor de tua boca, que me amavas tanto. O que eram aquelas palavras? Querias algum capital? Querias só prazer?

- Como eu falei, não sei o que sentia. Podia até ser amor, mas preciso de tempo para pensar. Tente entender!

- É fácil Dejana, pedir um tempo! Mas eu não posso dar tempo. Eu quero que você releve tudo o que disse e volte para nosso quarto, Dejana eu te amo! Dá para pensar melhor? Volte para mim, querida, não me deixe triste, e vou te comprar aquele carro que sempre sonhou.

Dejana, porém, não respondeu. Virou-se e continuou sem dar atenção a Paulo Sérgio.

Foi a conversa definitiva para Dejana. Não se importando com o que seu homem poderia pensar.

Agora diante o perigo de ocorrer o mesmo com relação a Sara, Paulo Sérgio apressa-se a evitar o pior.

Pensamentos complicados apressam-se agora: esperar Sara se definir após a formatura. Caso o clima não se reverter quer pôr em análise aquilo que jamais imaginou ser capaz de praticar. Primeiro um fim drástico a Otávio, depois uma fatalidade com a mulher que povoara todos os seus sonhos.

Ainda antes de planejar o fim a Sara, sentiu um profundo desejo no coração: ela precisava descer as águas das Cataratas, mais precisamente cair nas rochas limosas da Garganta do Diabo. Seria a vingança pela rejeição do seu amor. Logo agora que ele prepara-se para obter o título de tentáculo do grande polvo. Mas ela não o quer. Então, vestida de branco, com o anel de formatura, iria se encontrar com as águas do Iguaçu. Sim, Sara terá que ser entregue ao grande polvo, e ele, Paulo Sérgio, precisa oferecer o sangue quente e sedutor da mulher, a qual sempre dedicou todo amor. A ela poderia oferecer todos os cuidados, mas Sara prefere o juízo final. Será então o seu prêmio, a entrega ao ser superior, ao grande polvo de fogo.

Será que Paulo Sérgio tem coragem de levar a cabo tamanho projeto?

Só o tempo se encarregará de responder.

Paulo Sérgio queria guardar só para si tal pensamento. Nem mesmo Ubaldo saberia da sua verdadeira intenção, A Ubaldo bastava que ele cumprisse as determinações e quando tudo estivesse concluído, haveria o momento propício para anunciar. Agora se Sara mudar e retornar a vida que planejaram. Paulo Sérgio apaixonado a tomará nos braços e esquecerá a mais dramática das resoluções. Ela não está com seus dias contados para o grande desenlace.

Quanto a Otávio, mesmo contra a determinação de Ubaldo não haverá misericórdia. Paulo Sérgio atribui ao aviador todos os seus problemas. Sara não teria mudado se Otávio ficasse distante. “O que será que Otávio quer com Sara? E se o Polaco insistir em visitá-la e oferece-lhe grandes presentes?”

São incógnitas que aumentam o ódio de Paulo Sérgio, contudo o fim de Otávio é parte da conversa que terá com Gilberto.

Veja que contradição: Ubaldo prefere que Otávio dê um fim a Gilberto. Agora devido às circunstâncias, Paulo Sérgio quer que Gilberto preste o favor de encaminhar Otávio ao passamento. Para Otávio: Paulo Sérgio nem deseja o fim na Garganta do Diabo. Ao alimento basta saber que Gilberto efetuou o serviço, não importa o paradeiro definitivo, mesmo porque essa tarefa não interessa ao grande polvo.

Antes da viagem a Foz do Iguaçu, Paulo Sérgio pesquisou a posição de Gilberto. Quis saber se Otávio ainda merecia um pouco de gratidão do colaborador.

- Gilberto o quê você pensa sobre Otávio?

- Eu sempre fui amigo dele, tem vezes que parece que ele está de mal, mas nunca discutimos. Ele ficou meio estranho depois que o Francisco desapareceu.

- Você não tem medo que ele queira acabar contigo também?

- Estou desconfiado, mas não acredito que ele queira qualquer briga comigo! Eu não sou Francisco, eu bato bem, e Otávio sabe disso, ele aprendeu comigo nos primeiros tempos.

- Bem, então tenho que informar a você, que essa viagem a Foz do Iguaçu não é só para receber as encomendas que Otávio vai enviar! Está indo porque Ubaldo sabe que Otávio foi a Florianópolis para acabar contigo. Como eu preciso de você em Foz do Iguaçu, resolvi te mandar e propor uma boa recompensa. Pode escolher um carro importado dos melhores que eu pago. Quero que dê um fim ao Polaco. Você acha que é capaz?

- O Doutor escolhe o lugar que quiser assistir a queda, estou pronto para tudo. Gostaria de esperar aquele Polaco na Garganta do Diabo, não é assim que o Doutor gosta?

- Bem, quero que saiba que essa tarefa é particular, é um desejo meu não tem nada a ver com as outras tarefas, por isso não há necessidade que atire o Polaco no Iguaçu, mas se você preferir!

- É lógico, Doutor! Vou jogar o Polaco no Iguaçu e quero esperar na Garganta do Diabo!

- Espero que dê tudo certo Gilberto. Depois tenho mais uma tarefa. Mas essa é especial, você só vai me auxiliar, eu vou fazer as encomendações, serei um grande tentáculo.

- De que o Doutor está falando?

- Quando chegar o grande dia, Gilberto, eu terei muito prazer em te comunicar. Será o dia da minha vingança e de minha premiação: vou me transformar no tentáculo do grande polvo de fogo, o gozo pelo sacrifício do amor! Suspirou Paulo Sérgio.

- Que polvo? Que diabo é esse tal bicho de fogo!

- É o animal, Gilberto, que quer te devorar, que quer o nosso fim, que quer estragar todos os nossos sonhos, que acabou com meu grande amor, do qual não podemos nunca mais nos desvencilhar! Por isso meu caro, temos que oferecer o ouro. O ouro, Gilberto, requer sangue, nós temos que alimentar o grande polvo, de ouro, senão ele requer o nosso sangue. O grande polvo não tem amor, Gilberto. Quando se tem um amor, ele faz com que esse se transforme em ouro e do ouro vem o sangue que é o fim de todo nosso amor.

- O Doutor está contrariado com o grande polvo ou quer se vingar do grande amor?

- Estou dizendo, Gilberto, que temos que trabalhar em prol do grande polvo e retirar todos os que querem desviar nosso empreendimento do caminho do ouro. Por isso, temos que dar um fim a Otávio. Depois tenho uma incumbência muito gloriosa. Oferecer o sangue do amor ao grande polvo de fogo.

- Então quer dizer que todos nós ainda estamos a perigo? Hoje é Otávio, amanhã seu amor, depois...

- É o nosso sacrifício amigo! Desolou-se Paulo Sérgio.

Capítulo Quarenta e Três

Nessa noite a grande Florianópolis e litoral Catarinense foram surpreendidas por uma onda de furtos de veículos.

A imprensa noticiou o acontecimento como principal destaque nas manchetes dos jornais de todo o Estado.

Segundo as notícias, os veículos foram furtados de madrugada, a maioria carros populares e nenhum proprietário havia tomado conhecimento do destino final. Segundo a análise do jornalista, foi um trabalho de equipe, após um longo estudo dos locais onde os veículos se encontravam.

Essa notícia foi lida por Ubaldo com todo o regozijo. Afinal Otávio e a equipe haviam praticado um bom trabalho, não deixando pistas do paradeiro de tanta mercadoria.

“Esse Polaco é mesmo uma raridade”. Pensou Ubaldo prestes a comunicar a Paulo Sérgio.

- Estou sabendo! Respondeu o alimento, tão logo o tentáculo ligou comunicando o fato.

- Amanhã as mercadorias estarão em Foz do Iguaçu. Quero ver a alegria de Otávio, Paulo Sérgio!

- Sim, tio, eu estarei colocando todo o esquema em funcionamento para que a encomenda chegue do outro lado da fronteira.

- Isso é o mais importante agora. Agilize teus homens, quero todos a posto para atender as determinações.

- Quanto a isso o tio não precisa se preocupar, os homens que estarão na conferência são todos colaboradores, inclusive já esquentei o caixa deles.

- Ótimo, depois passe para o acerto final.

- O tio não precisa mais ligar. Deixe que o resultado está definido, o perigo maior já passou!

- Que ótimo. Tenho impressão que estás prestes a merecer uma promoção. Começo a sentir firmeza nas suas estratégias.

- Meu tio ainda vai ficar muito surpreso pelo que há de vir!

- Nada mais me surpreende sobrinho. Todos os teus atos estão comprovando a tua capacidade. Só falta aquela oferta, que é um requisito definitivo para o prêmio.

- Não posso adiantar nada a esse respeito, mas afirmo que o tio vai saber de uma decisão que mudará os rumos de nosso relacionamento.

- Será um prazer dado a nossa paz! Espero que seja um grande passo teu.

- Meu tio pode esperar as mercadorias a salvo.

- Isso mesmo, sobrinho, a salvo! Outra coisa: dei minha palavra a Otávio vou deixá-lo visitar a fazenda no Pará. É um sonho dele e vale como prêmio ao trabalho que vem desenvolvendo.

- Se é desejo do senhor! Depois que chegar a Foz do Iguaçu com a mercadoria, Otávio pode viajar.

- Está certo, deixo a incumbência com você. Comunique a Otávio minha decisão e se você precisar é só mandar chamá-lo.

- O senhor considere a determinação como certa.

- Mais uma vez considero um ato de tua responsabilidade!

- Gostaria de lembrar sobre a formatura de Sara!

- Não só eu, como todos nós, com todo prazer vamos comparecer!

- Eu pensei que não irias comparecer!

- Como não? É nesta hora que devemos estar presente.

Você tem que acompanhar os passos dessa mulher, se ela tem mesmo intenção de viver contigo!

- Acho que minha presença nos preparativos vai atrapalhar o bom andamento da festa!

- Bobagem, garoto, a festa será um grande acontecimento. E depois, você vai garantir ao tio tudo aquilo que estou afirmando sobre Sara.

- Eu não gostaria de passar por constrangimento diante dos demais convidados.

- Eu exijo que você acompanhe de perto todos os passos. E a resolução é definitiva! Enervou-se, Ubaldo.

- Sara está chateada comigo, por isso queria ficar de fora.

- Ela quer teu comparecimento, mesmo estando triste. Você vai e não precisa prestar atenção. E só comparecer. Afinal, as colegas precisam ver você ao lado da companheira!

- Está bem. Talvez dê certo. Estarei presente.

- Faça isso, sobrinho!

- Estou começando a pensar no assunto.

- Quando Otávio chegar, sobrinho, evite o contato entre ele e Gilberto. Deixe os dois cuidando das mercadorias, mas evite uma aproximação!

- O senhor sabe que já tomei esses cuidados?

- Sim, mas você só pode ir à formatura se tiver certeza que Otávio viajou ao Pará.

- Disso meu tio não precisa ter dúvidas. Otávio sairá da cidade no mesmo dia.

Agora Paulo Sérgio sente que um remoinho de idéias havia entrado na cabeça do tio. O que ele quer com Otávio? Deixá-lo livre para cuidar da fazenda seria permitir que o Polaco montasse um grupo para se livrar de todos os oponentes.

Com a determinação de Ubaldo ficou mais difícil agir conta o Polaco, pois a qualquer momento poderia surgir uma nova tarefa, e Paulo Sérgio teria de procurar alguém para executá-la.

Não, mesmo que Ubaldo solicitasse Paulo Sérgio não poderia perder a oportunidade de oferecer Otávio à Garganta do Diabo. Afinal Gilberto poderia agir independentemente das

intenções do grupo. Poderia ser por conta de acertos próprios e eles têm muitas razões para se odiarem.

Munido desses dados, Paulo Sérgio precisava montar um esquema para o encontro definitivo dos companheiros.

Sabendo da astúcia de Otávio, Paulo Sérgio precisa estudar a melhor estratégia. Não seria plausível colocá-los frente a frente. Otávio possuía muito mais destreza. Qualquer desconfiança poderia resultar num fracasso e essa hora Paulo Sérgio não pode nem pensar em erro de cálculo. Para ele, Gilberto deve executar Otávio na mesma noite de entrega dos veículos.

Feita a análise, restava refletir sobre o caminho a ser seguido. O prazo para concluir o trabalho seria curto. Antes da formatura de Sara.

Capítulo Quarenta e Quatro

A imprudência pode ocorrer quando estamos julgando os nossos atos como derradeiros e empregamos o sentimento momentâneo em detrimento da razão.

Mais uma vez o grupo conseguiu êxito na entrega das mercadorias e todo o trabalho voltado para Florianópolis resultou em bons lucros.

Como Paulo Sérgio havia planejado, a oficina ficaria um bom tempo prestando serviços aos fregueses. Depois dessa operação por mecânicos ligados ao grupo, ela precisava continuar as atividades. Os antigos mecânicos foram indenizados com a promessa dos proprietários em remanejá-los a outras oficinas. Sem transparecer o verdadeiro objetivo da compra e nem deixar margem para futuras investigações.

Voltando às atividades de Foz do Iguaçu, Paulo Sérgio ocupava-se em saber o paradeiro de Otávio. Sabia que o Polaco quando em Foz do Iguaçu, passava as noites num de seus apartamentos, mas agora com a venda de seus haveres, não se sabia onde ele permaneceria.

Mas a melhor notícia Paulo Sérgio havia recebido de Gilberto: Otávio estava vindo a Foz do Iguaçu. Sim, com Otávio circulando pela cidade, o trabalho de Gilberto seria apenas seguir seus passos. Quando a certeza viesse de que o Polaco poderia estar num lugar seguro, Gilberto atacaria com plano bem traçado.

É muito mais compensadora uma perseguição se a vítima não estiver alerta. Fazia parte de sua estratégia, agir sem que a vítima esperasse.

Neste caso, ambas as partes almejavam recorrer à força para desvencilhar-se do oponente.

Antes de retornar a Foz do Iguaçu, mesmo contra a vontade de Paulo Sérgio, Otávio visitou Sara novamente. Nesta oportunidade discutiu sobre a questão entre ele e Paulo Sérgio. O ciúme de seu contratante e o sumiço repentino de Gilberto.

Sara preferiu não dar sua opinião a Otávio. Somente aceitou o presente que o Polaco lhe ofereceu e desejou-lhe bom descanso.

Otávio, sabendo que Gilberto poderia estar a sua procura, ao invés de permanecer em Foz do Iguaçu, dirigiu-se a Capitão Leônidas Marques. Segundo seus planos, descansaria esta noite, e na oportunidade de um regresso após a visita à fazenda no Pará acertaria a pendência. Otávio confessara a Sara que o plano não mais se resumiria a Gilberto, mas também se estenderia a Paulo Sérgio e Ubaldo. Com a queda dos três pouco restaria do grupo. Para tanto, alguns detalhes ainda precisariam ser resolvidos: o acerto referente aos papéis da fazenda, pois ainda não possuía nada em seu nome, o tocante a tarefa que acabou de executar e a seqüência de lucros da viagem a Corumbá.

Tão logo chegou a casa, Otávio sentou-se na varanda para contemplar o entardecer e tomar umas cuias de chimarrão. A seu ver, o caso deveria ser estudado com mais vagar. O momento não era propício para descobrir paradeiros e nem para cometer erros de estratégias. Nada melhor que um instante de reflexão, numa casa longe do olhar de Paulo Sérgio e Gilberto.

Ouvia-se o canto dos pássaros, aninhando-se sobre os galhos da árvore. Não havia alma respirando nos arredores. Era mesmo belo poder sentir-se livre contemplando o romance eterno do crepúsculo, com os raios do sol avermelhando as poucas nuvens do horizonte.

Há muito, Otávio não se sentava na varanda para descansar. Desde que começara os trabalhos juntos ao grande polvo, mesmo adquirindo os bens, não tinha tempo suficiente para descansar e gozar desses momentos de paz e lazer.

Seguia-se o ritual de todos os viventes que esperam inspiração no descanso, e diz-se que todos têm um pouco de sossego, antes de um grande abalo, de uma notícia má, ou de grande surpresa.

As idéias de Otávio tornaram-se nítidas, tudo lhe parecia lógico e certo. Devia esperar a noite se aproximar, para fazer uma pesquisa. Há muito havia pensado na busca de orientação e este pensamento voltava quando se lembrava de Adriana, o que Mãe Viviane havia dito sobre seu fim, citação que Otávio ouvira na hora que Adriana rogou-lhe para ser poupada.

- Pelo amor de Mãe Viviane. “Bem que mamãe me avisou.” “Soltem-me seus demônios do fogo!”

Por essa razão, Otávio não gostava de parar em lugares que lhe traziam lembranças. Recordava-se das súplicas de suas vítimas e a de Adriana era a mais nítida, cruel e vivaz.

Teve um repentino sobressalto. Não se conteve. Precisava munir-se de arma, parecia haver algo querendo lhe perturbar o pensamento. O frio apoderou-se de seu corpo. Ele, um homem forte, capaz de ferir de morte as mais suplicantes vítimas, coração fechado a qualquer contemplação; sentiu-se

indefeso diante do pressentimento que o acometeu. Um estranho aperto no coração, um aviso jamais notado. Sentiu medo, coisa que a muito não lhe acontecia.

Então Otávio decidiu-se parar com tais idéias. Deixando o lugar onde estava, entrou na casa em busca de sua adaga. Sim, sentia-se seguro com a arma de todas as ações, do cumprimento das tarefas. E era com esta mesma adaga, que planejava vingar-se daquilo que considerava resto do grande polvo de fogo, animal citado por Adriana. De posse da adaga, Otávio sentiu-se novamente forte, deixando os maus pensamentos e preparado a enfrentar qualquer obstáculo. Nada lhe causaria temor.

Gilberto sabia de alguns dos refúgios de Otávio: a casa de Capitão Leônidas Marques que havia visitado em outras ocasiões. O apartamento do centro e a casa de Céu Azul. Afora os bens que havia vendido a Ubaldo. Como sempre o Polaco muda seus paradeiros para despistar seus possíveis seguidores, Gilberto optou pela de Capitão. Primeiro seria uma simples visita. Talvez propor-lhe um acordo para chegarem a um termo comum que levasse a lucros e vida diversa a essa que Paulo Sérgio quer lhe oferecer. Que diabo de polvo de fogo é esse que seu patrão se refere? E qual é a opinião do parceiro?

Gilberto notou a presença de Otávio, tão logo deixou o carro na primeira quadra antes da entrada definitiva à rua procurada. Havia uma ruela ladeada por um bosque. No final encontrava-se a residência. Dava para observar a trilha deixada pelo carro de Otávio. Baseado nesses sinais: Gilberto orientou-se, com o revólver à espreita, valendo-se do descuido de Otávio, divisou toda a fachada da casa. Aproximou-se o quanto pôde. Ao sentir-se seguro, apontou a arma em direção à porta. Não sabia que recepção teria. Otávio havia dito a Paulo Sérgio alguma coisa sobre seu fim.

Não houve ao chegar nenhum movimento. O carro de Otávio permanecia estacionado defronte a casa. Aos poucos Gilberto sentiu-se tenso, assim como que de sobressalto. Houve uma pausa. Então os passos vieram em direção à porta o momento da aparição de Otávio aproximava-se. Todavia os passos silenciaram e Gilberto assustou-se, temendo ser notado. Houve um prolongado silêncio.

Parecia uma fígada. Um novo rumor no interior da casa.

- Está me esperando Gilberto? Disse Otávio. Mirando por uma pequena frincha da janela.

- Vim conversar contigo. Respondeu Gilberto, atônito com a destreza de Otávio.

- Largue a arma! Ordenou.

- Não quero usar Otávio! Precisamos primeiro conversar sobre tudo o que está atrapalhando nossa amizade. Posso entrar como amigo?

- Vá, diga a Paulo Sérgio que a tarefa foi concluída. Vou desaparecer.

- Gostaria de ter uma palavrinha. Não quero sair sem resolver o nosso desconforto.

- Jogue a arma Gilberto! Aqui na área.

- Será que deu uma chance a Francisco atirar a arma Otávio?

- Não me propôs acordo Gilberto! Simplesmente queria se beneficiar a minha custa. Vou abrir a porta com minha arma Gilberto, e não tente me surpreender! Concordou.

- Agradecido! Acreditou Gilberto dando um passo a frente, esperando que Otávio lhe abrisse a porta.

- Sei que não devia abrir, mas tenho que ouvir o que quer me falar. Estendeu a mão Otávio.

- Vim por parte de Paulo Sérgio, me mandou fazer o serviço, mas nessa hora o amigo não precisa se preocupar. Quero que me leve a comprar terras, e amontoar fazenda no Pará.

- Gilberto! Meu amigo! Que bom seria se soubéssemos como deixar esse grupo e conseguirmos comprar terras no Pará? Estamos na mão desse bicho chamado polvo, temos que destruir esse e depois sumir! Como vamos destruí-lo se vens aqui atacar justamente o homem que está pondo louco esse grupo?

- Louco estou ficando no meio desse fogo todo! Onde vamos chegar?

- De uma coisa tenho certeza! Eles não vão sossegar enquanto estivermos unidos, mas temos que agir assim. Enquanto eles pensarem que somos inimigos, podemos fazer o jogo deles. Eu sei quem pode destruí-los! É só por uma questão de tempo. Invente uma estória a Paulo Sérgio. Diga que soube que viajei ao Pará. Como? Não sabe! Deixe que a surpresa esteja reservada para o dia da formatura de Sara!

- Tenho que estar preparado? Perguntou confuso.

- Não, agora tens que continuar. Faça as vontades de Paulo Sérgio. Menos uma coisa! Fez ressalva: Sara. Não os deixe relarem nessa mulher! Ela irá nos salvar! Compreende? Estarei sempre te vigiando. Pestanejou resolutivo.

- Um dia vou te procurar. Agradeço. Essa conversa foi muito esclarecedora.

Capítulo Quarenta e Cinco

Como é belo, forte e vibrante, o momento em que recebemos os títulos almejados no decorrer da vida. Uma formatura recompensa o esforço que empregamos continuamente para conseguir os objetivos. Quantas horas de angústia, quantas noites perdidas, quantos lazeres adiados, em busca das pesquisas, das informações e aprimoramento. O estudo requer esforço e dedicação. É um contínuo buscar conhecimento, que deve ser seqüente e perseverante. A isso se soma o encanto do desenvolvimento.

No canto da Lagoa, aonde as águas límpidas vêm se embalar com o verde da encosta encontra-se a sede Lagoa Iate Clube, local onde, à noite, realizar-se-á o grande encontro de confraternização.

Ao estudarmos, encontramos os nossos colegas todos os dias letivos. Não percebemos que somos de mundos diferentes. Todos têm objetivo, embora com procedimentos, idéias e costumes diversos. No tocante ao esforço empreendedor humano cultivamos com o mesmo prazer a salutar alegria da amizade. A formatura é o grande sonho. Todavia, a partir daquelas poucas horas de beijos, abraços, apertos de mãos e felicitações, há o início de uma grande transformação. É como um clube que se desfaz é raro a ocasião em que poderemos, novamente, nos encontrar todos ao mesmo tempo no mesmo local. Cada qual segue seu caminho e os encontros serão difíceis.

Rosana esperou este momento como um pássaro prestes a voar. Para ela o sonho da formatura soma-se ao encanto da presença de seu amor. Sim, Eduin vem ter com ela dividindo a alegria e a paixão. Poderia talvez pensar na família que se faz presente. Nas colegas que ora se preparam para as despedidas e felicitações. Mas não. É o amor o que mais lhe interessa, e ele prontamente comparece. Para aumentar a alegria da manezinha da ilha, Eduin vem buscá-la. Ela viajará à França em companhia de seu homem, e segundo os planos de Rosana, para o eterno convívio amoroso, repleto de carinho, paixão e felicidade.

Sara está feliz. Recebeu a promessa de Otávio e ainda um belo presente de Paulo Sérgio, acompanhado de um reforço pelo comparecimento de Ubaldo.

Os formandos especiais eram Mônica e Ernesto Pedro. É salutar quando alguém que é convidado comparece à cerimônia. Sente-se a ternura de nossos amigos e isso reforça a nossa vontade de viver. A emoção aumenta quando temos do nosso lado a família. Assim, também os pais comparecem para o regozijo total.

“Por que Paulo Sérgio está tão educado, prestativo e feliz? O encanto demonstrado por Sara o faz pensar que ela o quer de verdade. Que delírios! E por que Gilberto também comparece? Veja que comportamento! Muito elegante está o grupo. Como Ubaldo aproxima-se de Eduin com tanta facilidade? Essas perguntas foram feitas por Mônica dialogando desconfiada com Ernesto Pedro.

Essa festa é mesmo mais uma na aconchegante sociedade ilhoa, que se orgulha de ter um povo simples, mas com espírito festivo. A imprensa procura cobrir tais acontecimentos à altura. Todos os detalhes são planejados para elevar a graça de tal festa. Os convidados, alegres, participam e esperam sempre contribuir para que tais acontecimentos se perpetuem na vida harmoniosa desse encanto de cidade à beira mar. Rosana é uma legítima representante do que há de mais belo e gracioso neste pequeno mundo, cercado de praias quentes, de praças ornadas, a

velha figueira, o calçadão da Felipe, os bares da Beira Mar, o verde das encostas e o azul do céu. Rosana é mesmo a soma de todas as emoções da vida ilhoa: a fertilidade, a malandragem e a vida solta. É a mulher elegante e bronzeada que alimenta o sonho de todos que visitam nossa Capital do amor.

- Como é bela a Lagoa Mônica! Admirou-se o apaixonado noivo Ernesto Pedro.

- Mas nem tudo são sonhos. Nossa população tem crescido muito. Os problemas crescem e o povo ganha uma nova preocupação. Ainda emana o amor a nossa Capital e assim espera-se que continue. Espera-se que a harmonia vença todos os obstáculos que querem invadir esse paraíso: o desenvolvimento desenfreado, a ganância e o descaso com a preservação. Resta a boa vontade do povo que reconhecidamente a ama. Respondeu Mônica

O salão está decorado com todos os ingredientes gastronômicos existentes para agradar os convivas, que aos poucos, vêm chegando.

Há um desfile de matizes e modelos que, segundo o padrão da moda vestem aquelas que vibram com a alegria e as apresentações. O coquetel tem início para quebrar a timidez. Por fim, o jantar.

Ubaldo, garboso, troca olhares com Sara, como a provocá-la ao diálogo.

- Seu Ubaldo, que prazer! Ofereceu-se Sara aos elogios.

- Você está divina, Sara. Já esperava te encontrar assim, elegante. Parabéns.

- Obrigada, fico agradecida pela sua presença.

- Não poderia deixar de comparecer! Eu adoro festas! Ainda mais de formatura.

- Estou lisonjeada Ubaldo. Respondeu e dirigiu-se a Paulo Sérgio, que não se conformava com as investidas de Ubaldo

- Você é linda meu amor! Sinto orgulho em te ver tão bela! Retornou zeloso Paulo Sérgio.

- O mesmo digo de ti, Paulo Sérgio! Estás muito elegante! Completou Sara, encostando-lhe o rosto no peito.

*

Em pouco, Rosana aproxima-se com Eduin a tiracolo, para as felicitações.

- Oi, Eduin!

- Sara! Suspira o francês, dirigindo-lhe um olhar de cobiça.

- Rosana estava ansiosa por tua visita. Completou Sara.

- E aqui estou! Respondeu Eduin, com o estrangeirismo de sempre.

- Sara sempre exagera nas formalidades! Ruborizou-se Rosana. Em seguida mostra um dos seus.

Gilberto toma o posto de Rosana.

- Vim a convite de Paulo Sérgio e Ubaldo, Sara! Mas muito me orgulho de poder estar contigo! Colocou Gilberto.

- Você já faz parte da turma, Gilberto. Desculpe-me esse lapso, mandei o convite a Ubaldo, mas você não estava mais aqui para receber. Respondeu, Sara. Tentando reparar o esquecimento. Cadê Otávio? Aproveita perguntar.

- Prometeu que compareceria! Revela Gilberto, diante do estarrecido noivo Paulo Sérgio incrédulo.

- Não minta Gilberto! Otávio viajou! Responde Paulo Sérgio.

- Otávio fez uma bela viagem Sara! Completou Gilberto, zombeteiro. Sabendo que Otávio estava nos preparativos ao comparecimento.

- Está bem, sinta-se a vontade, Gilberto!

- Obrigado! Retirando-se, acompanhando Paulo Sérgio.

*

Lógico que Sara precisa ver Ernesto Pedro.

- Parabéns, querida! Disse Ernesto Pedro ao felicitar Sara acompanhado da elegante Mônica.

- Vocês formam um casal perfeito! Observou a gauchinha, deleitando-se no encontro dos olhares, ao beijar a face do Advogado.

- Estava com saudades, Sara! Arriscou-se Ernesto Pedro.

- Muito mais estou eu. Vocês demoram a me visitar!

*

Sara recebe os amigos, dialoga e retorna acompanhar Paulo Sérgio. As demais colegas assentam-se junto aos familiares.

No pouco instante que Sara esteve observando os diálogos de Eduin nota haver contraste àquele homem que conhecera em Foz do Iguaçu. Naquela ocasião, Eduin dedicou o maior tempo observando Rosana, dialogando sobre os movimentos que havia sobre a Estrada do Colono, distante do convívio de homens iguais a Ubaldo.

Agora, Sara vê um homem preocupado a assuntos referentes às ocupações de Ubaldo, pouco dedicado a Rosana. Dirige constantemente o olhar em direção às outras mulheres, principalmente a ela. Bem que ouviu falar sobre o Francês.

A valsa ressoou, os pares tomaram a direção da pista de dança.

Os pais acompanhavam as filhas e as mães os filhos, naquele embalar que representa a fina apresentação dos novos cidadãos graduados.

Término da primeira música, os pais presentes dançam entre si.

Por último, cada formando apresenta-se com seu convidado especial.

Sara, neste momento, apresenta-se com Paulo Sérgio, mostrando à turma que esse homem apesar de todos os

problemas, ainda continua sendo seu companheiro admirado. Para não deixar o frio percorrer as entranhas do amor, ela espera um pouco de carinho deste, que ora lhe causa desgosto e repulsa, ora lhe oferece o corpo para o delírio do amor.

Nos encontros que a dança proporciona, na hora que os pares se cruzam, Sara pode ver a sutileza de Rosana e a felicidade de Mônica e Ernesto Pedro. Neste instante, Sara decidiu não mais direcionar o olhar a Eduin, dedicando o restante da noite a Paulo Sérgio. A ele havia dedicado seu pensamento nos últimos dias.

- Sara! Solicitou Mônica.
- O que houve? Perguntou a gauchinha.
- Tenho um assunto. Dá licença, Paulo Sérgio?
- Fiquem à vontade! Respondeu ele, retirando-se.
- Obrigada!
- Você viu algo estranho, Mônica?
- Percebi, Sara. Há outro homem acompanhando

Rosana.

- Quem?
- Otávio acaba de chegar!
- Meu Deus! Paulo Sérgio sente gana desse homem!
- O primeiro a recebê-lo foi Eduin. Vi que o repreendeu.

- Que tolice! Eduin o reconheceu?

- Sim, meu amor, a mim também! Acontece que não estou gostando nada do seu comportamento. Vejo que Rosana está prestes a interrogá-lo!

- O que você acha de tudo isso?
- Ernesto Pedro acha que Eduin está completamente certo que não ama Rosana, e quer tentar jogar o charme às outras garotas. Viste como ele te olhou?

- Sim, mas logo agora que tenho que manter as aparências com Paulo Sérgio e o patrão!

- Não vem me dizer que se fosse noutra ocasião você aceitaria a provocação? Enervou-se Mônica.

- Mônica, um homem como Eduin não devia conhecer Otávio. Estou dizendo que estou surpresa com tudo isso e com medo que estraguem nossa formatura!

-Sara minha amiga, pelo amor de Deus, não me faça pensar coisas mesquinhas, vai!

- Está certa, Mônica, o momento não é propício, Rosana estava sendo precipitada com relação a esse homem. É preocupante!

- Por que agora esse estrangeiro insiste em conversar com Ubaldo?

- Esse é um mistério que Rosana pode descobrir!

- Será que ela tem consciência disso que está acontecendo?

- Não, ela está apaixonada, assim é impossível descobrir algo além do amor.

- Pode ser, mas apesar de tudo, ele já fez o convite a ela! Conformou-se Mônica.

- Isso não quer dizer nada, minha cara. Se Eduin está mal intencionado, na festa de formatura! O que Rosana espera encontrar na França?

- O que mais me preocupa é o contato com Ubaldo.

- Isso é mesmo estranho. Será que Paulo Sérgio não sabe do que se trata? Eu tenho condições de descobrir.

- Faça isso, Sara! Talvez Paulo Sérgio deixe escapar alguma coisa!

Paulo Sérgio trouxe um copo de cerveja para Sara.

- Amor, você conhece o namorado de Rosana? Ela perguntou.

- Assim como você, Sara!

- Ubaldo é conhecido dele. O que os dois têm em comum?

- Ubaldo, Sara, gosta de fazer amizades. Principalmente com pessoas como esse homem! Afinal os dois foram apresentados por Rosana.

- É verdade, meu amor. Rosana o apresentou a Ubaldo, os dois sorriram e iniciou-se uma grande amizade! Ridicularizou Sara.

- Não é por aí!

- Então eu não estou mais entendendo nada sobre amizade!

- Sara, tem coisas que ninguém me conta. Se Ubaldo conhece Eduin deve ser um daqueles segredos, que desconheço! Concluiu.

Então Sara neste momento recebeu mais uma grata informação. Se Paulo Sérgio acha que Ubaldo pode guardar um segredo em relação a Eduin, isso explica as constantes investidas do ecologista. Sara decidiu manter contato com Eduin. Se há algo de importante e se Eduin insiste, mesmo acompanhado de Rosana, o assunto lhe diz respeito.

O raciocínio de Sara foi correto. Eduin passou por ela e disse-lhe:

- Sara, preciso tratar um assunto contigo.

- Pois não, Eduin!

- Gostaria de estar contigo em algum lugar seguro, tenho um projeto e quero propor a você.

- Pode ser no meu apartamento amanhã? Paulo Sérgio vai a Foz do Iguaçu e Rosana pode te acompanhar!

- Sara, é um assunto entre nós, entende? Rosana não pode saber, por enquanto.

- Está certo, amanhã no meu apartamento!

- Ótimo! Respondeu Eduin, profissionalmente.

Vendo que os dois concordaram no que diziam, Mônica e Rosana impressionaram-se com a desenvoltura de Sara.

- O que houve dessa vez, Sara?

- Gatinhas! Estamos chegando perto do fim. Só mais umas conversas e a chave de todo o mistério estará em nossas mãos! Sorriu Sara feliz.

- Dessa vez não haverá perdão, Sara. Se Eduin revelar alguma coisa, precisamos agir! Precipitou-se Mônica.

- O que Eduin sabe, Sara? Você não pode revelar? Atacou Rosana.

- Nada, Rosana. Eduin está querendo dizer algo, mas não o faz com medo de estarmos envolvidas.

- Eu não sei de nada, Sara! Retirou-se Rosana.

- Todas sabem, nós não temos dúvida alguma que Paulo Sérgio e Ubaldo são os principais articuladores de todos os crimes, mas por enquanto, estamos tirando proveito da situação!

- Sara! Eu gostaria que você revelasse tudo a Ernesto Pedro. Sabe, é questão de segurança!

- Mônica, amanhã à noite, eu vou telefonar a você. Espero que esteja em condições de atender esse teu pedido.

- Paulo Sérgio vai te passar algumas coordenadas?

- Não Mônica, Paulo Sérgio estará em Foz do Iguaçu. É um outro encontro, amanhã eu telefono.

- Está certo. Vamos ver se Rosana pode viajar com as coisas já definidas.

- Rosana pode viajar com toda calma. A revelação sairá amanhã e Rosana não sabe ainda a data da viagem.

- Segunda. Afirmou Mônica. Eduin tem encontro marcado com seus amigos em Foz.

- Tudo bem, está combinado.

Como sempre, após o jantar muitos formandos costumam deixar a festa. Em pouco não restou muita gente na sala. Via-se que os convidados se despediam, entre eles Ubaldo, Eduin e Rosana.

Ubaldo estava satisfeito. Como havia previsto, era uma noite de muitos negócios e novas amizades.

Então surge Otávio, ele tem um plano para deixar essa festa perpetuada e miraculosa. Traçou uma estratégia de mestre que nem Ubaldo, muito menos Paulo Sérgio poderiam imaginar.

Enquanto Ubaldo se preocupou com a confraternização, Otávio veio à festa de helicóptero e combinou com Gilberto toda sua ação. Quando Paulo Sérgio entreteve-se na conversa com Eduin e Ubaldo. Otávio, neste ínterim, procurou Sara para expor sua decisão.

- Sara! Não disse que compareceria? Sorriu.

- Otávio! Eu estou nervosa! Tens idéia do que pode acontecer se Paulo Sérgio nos ver juntos?

- Vamos ter uma grande surpresa meu amor! Sara trate de esconder-se na casa de seu Advogado que esta noite vai acontecer algo que muito lhe agradará. Por favor, não faça perguntas e nem queira saber o certo. Só quero te proteger é o que lhe prometi. Ouvi Ubaldo conversando com o francês. Tenho certeza que vão lhe procurar no apartamento. Querem seu fim.

Portanto me obedeça e não faça perguntas a Paulo Sérgio porque ele está no plano. Acredite e veja o encerramento de tudo.

- Você vai estragar nossa formatura! É isso?

- Tem que ser nesta oportunidade! Está tudo esquematizado! Faça rápido o que te recomendei. Procure Mônica, diga a ela que precisa passar a noite fora de casa. Estou decidido e não posso perder tempo. É pro seu bem e de suas amigas.

Sara mal teve tempo de raciocinar, decidiu-se informar a Ernesto Pedro e Mônica.

- O que esse homem quer contigo mais uma vez, Sara? Interpelou Paulo Sérgio ao vê-la tão preocupada.

- Só quis me felicitar!

- Não quero esse homem de conversa contigo! Ele é muito atrevido. Não foi convidado.

Nisto Otávio retornou ouvindo as últimas palavras de Paulo Sérgio.

- Fui convidado sim Paulo! Mas meu convite é muito especial. Venha! Quero ter uma conversa sobre os nossos negócios. Sara dá licença. Ordenou.

- Por que agora Otávio? Repreendeu Paulo Sérgio. Eu não quero tratar de negócios! Estou na formatura de minha mulher!

- A festa acabou! Sara já se foi! Ubaldo e Eduin se foram! Veja minha mão! Mostrou-lhe a famosa adaga.

- Otávio! Tem coragem de me apontar uma arma aqui dentro? Assustou-se Paulo Sérgio.

- Me acompanhe sem alarde senão tenho que usá-la aqui mesmo.

- Um acordo! Um acordo! Suplica Paulo Sérgio.

- É isso que eu quero meu patrão. Vamos sair?

- Tudo bem! Vamos.

Sara e Mônica saíram às pressas antes do desfecho desse acordo. Otávio e Gilberto acompanharam Paulo Sérgio até o hangar da Lagoa. Foi o último vôo do alimento até Foz.

Otávio traçou a rota sem nenhum conhecimento do grupo. Enquanto se prepararam à festa. Ele vendo o helicóptero no hangar pensou logo nessa aventura. Que parece ter sido muito astuta e proveitosa.

A adaga simplesmente resvalou no peito de Paulo Sérgio. Tão logo adentraram no helicóptero.

- Bem quieto Patrão! Ordenou Otávio. Vai ser uma noite inesquecível. Ate as mãos e a boca deste homem Gilberto. Sorriu sarcástico Otávio. Eu não disse que vou acabar com esse grupo?

Chegando à coordenada da ponte de Capitão Leônidas Marques. Otávio desceu até rente as águas e ordenou Gilberto arremessar o corpo do alimento.

- Com todo prazer meu camarada! Respondeu Gilberto. Deixando cair Paulo Sérgio com as mãos e a cabeça atadas contra as rochas do rio Iguaçu.

- Amanhã vamos ao espetáculo da Garganta do Diabo. Sorriu Otávio, imaginando a fúria de Ubaldo e seu grupo.

Capítulo Quarenta e Seis

Se fosse outra ocasião e outra circunstância. Rosana poderia dar-se ao luxo de transformar este encontro em um tributo ao prazer e ao amor. Todavia, Ela portou-se como uma grande dama de negócios. Nem Eduin imaginava encontrar Rosana assim tão determinada à compreensão do que estava ocorrendo.

Depois das frases iniciais repetindo o que Sara comentou, na ânsia de obter informações sobre o motivo que tal resolução havia de ser tomada naquela hora. Rosana decidiu-se enfrentar o francês e exigir que lhe dissesse sobre o envolvimento com Ubaldo.

- Você deve ter ouvido alguém dizer sobre algum golpe. Por isso a indicação de refugiar-se aqui, nada mais. Descansa! Eles não sabem que você veio. Amanhã eu procuro saber. Disse Eduin ao encaminhar-se ao primeiro diálogo após a festa ainda num bar da Lagoa.

- Nem sei sobre o quê está falando Eduin! Queira ser mais claro e me deixe a par de tudo!

- Rosana! Está bem! Só que isso requer que tenhamos uma garantia mútua de amizade e confiança. Geralmente não se faz essas revelações, mas noto pelo que acompanhei nos últimos episódios, que você é digna de merecer um convite deste tipo. Acrescento uma palavra de alerta! Gostaria de saber Rosana se, mesmo que o assunto não lhe interesse: posso contar com sua palavra que isso não sairá dessas paredes, disso tudo que tratarmos?

- Tens a minha palavra, Eduin!

- Rosana! Tenho que medir os termos para sua melhor compreensão. O alerta é que um deslize seu acarretaria prejuízo a todos, principalmente a você e suas amigas! Colocou Eduin com o estrangeirismo.

- Estou esperando! Se não fosse assim não teria perguntado.

- Está bem, Rosana, tenho que começar a narrativa:

Há alguns anos passando por Foz do Iguaçu, conheci Ubaldo, que naquela ocasião comercializava madeiras e ninharias com algumas lojas da região Oeste Paranaense e Paraguai.

Eu não tinha intenção de convidar Ubaldo pra ser meu sócio. Rosana, nosso empreendimento chama-se “polvo”, do qual, como sou o fundador, tenho a alcunha de “corpo de comando”, enquanto meus sócios, que são oito, um em cada país. Chamo de tentáculo, e os colaboradores são os “alimentos”. Por exemplo: Ubaldo é o tentáculo do Brasil e Paulo Sérgio, o

alimento. Veja bem, Rosana, não era nossa intenção cometer crimes e subversões. Ubaldo, preocupado com a queda da organização por tudo que fazia de errado, teve que praticar tais atos. Eu nada podia fazer, pois temia que Ubaldo pusesse tudo a perder. Surgiu então uma mulher chamada Sara e essa se mostrou capaz de desafiar toda a organização. Agora todo dia Ubaldo me telefona e exige que determine alguém para desarmar, ou seja, pressionar Paulo Sérgio para que dê fim a Sara. Eu não a conheço. Fiz uma viagem a Foz do Iguaçu, aproveitando a época do seminário. Ubaldo havia feito recomendação do meu trabalho para o evento. Conheci Mônica, Sara e Rosana, passando a admirá-las. Determinei que lhe fosse dada oportunidade de trabalhar com o grupo e aqui estamos nós. Suspirou Eduin.

- Sara, não ama Paulo Sérgio?

- O quê você acha?

- Tenta amá-lo!

- Está bem! É o que Ubaldo argumenta. A ele, Paulo Sérgio precisa terminar para no futuro ser um tentáculo.

- Ele não tem coragem!

- É o que você pensa. Paulo Sérgio pode ser orientado!

- Paulo Sérgio ama o tio.

- Mas ama mais Sara e a vida boa de tentáculo.

- Onde vamos parar?

- Calma Rosana! Eu sei que você será a minha melhor companheira e damos por encerrado a minha explicação.

Rosana respirou. Sentiu um leve calor, sua boca estava seca.

- Entendi! Sorriu. Mas completamente disposta a terminar o namoro.

- Muito bem, agora vamos viajar tranquilos. Afirmou Eduin. Convencido que Rosana aceitaria sua posição.

- Você vai encontrar alguém que queira fazer essa viagem!

- Como assim Rosana?

- Não posso me relacionar com uma pessoa como você Eduin! Respeite minha resolução. Dei minha Palavra que não vou revelar o conteúdo de nossa conversa, mas acabou pra mim.

- Ponha a cabeça para funcionar. Prometeu amor! Eu estou disposto a viver contigo.

- Estou admirada, Eduin! Quer dizer que o corpo do grande polvo de fogo, que Paulo Sérgio cita, é você?

- Sou eu! Sorriu.

- E saber que Paulo Sérgio não sabe! E Ubaldo tanto teme!

- Temem não a mim, à organização!

- O que posso fazer?

- Você deve ser muito útil. Trata-se de mulher muito educada, agora Sara precisa de você!

- Infelizmente não dá. Agora me de licença que preciso ir descansar.

- Rosana! É melhor pensar! Você está envolvida com a organização. Se realmente tomar essa resolução eu lavarei minhas mãos se algo vier a lhe acontecer.

- Ameaça Eduin?

- Cautela Rosana. Pestanejou.

Mesmo assim Rosana manteve sua resolução, chorando não quis despedir-se.

Capítulo Quarenta e Sete

Quando Sara telefonou a Paulo Sérgio, ele não estava em condições de atendê-la. Otávio tinha tomando as últimas providências, ao lado de Gilberto, para o grande desenlace.

- Sara! Atendeu Otávio ainda no hangar. Paulo Sérgio não pode lhe atender ao telefone. Estamos partindo. Você fez tudo o que lhe recomendei? Perguntou com tranquilidade.

- Sim Otávio! Estou com Mônica como combinamos, mas estou muito preocupada com a segurança do meu amor! Você não está interessado em fazer alguma besteira com Paulo Sérgio?

- Amor, Sara! Depois tenho um trabalho para você!

- Que negócio é esse?

- Ligue a Ubaldo e diga que venha a Foz. Não diga onde você está senão ele irá lhe buscar. Diga só isso! Que eu estou esperando.

- Marquei um encontro com Eduin no meu apartamento temos que conversar. Recebi um aviso e ele tem que ser estudado.

- Entendo, Sara! Agora não é mais Ubaldo que determina as tarefas?

- Lógico que deve ser, mas eu preciso saber o que Eduin tem de importante para me propor.

- Deixe Eduin Sara! Fique com Mônica por enquanto. Mande seu Advogado pegar o primeiro avião a Foz. Amanhã tudo estará resolvido.

- Você vai esperar Ubaldo?

- Com certeza! Quando ele souber que seu apartamento está vazio não vai resistir. Sabendo que vim a Foz de helicóptero saberá que eu e Gilberto estamos rebelados.

- Estou nervosa Otávio. Disse que eu nada tinha com seus negócios, agora não deixa Paulo Sérgio me atender!

- Fique calma! Está dando tudo certo. Prometi que ficarias com grande capital, isso requer sacrifício. Estou desligando.

Embora a incumbência dada a Gilberto e Otávio, na hora que chegaram à festa, fosse dar fim a Sara. Otávio mal ouvia o que Ubaldo e Eduin incutiam na sua cabeça. Ela não! Pensou. Já tinha planejado outro fim a todo aquele alvoroço.

Desde o início desse plano, quando Sara começou suas incursões pelas entranhas do grupo. Ubaldo havia contatado com Otávio a espreitar as manobras da modelo. A aproximação fez Otávio sentir algo diferente no relacionamento, culminando no acordo da venda dos imóveis. Agora Sara detém o nome em todos os bens de Paulo Sérgio. Também a imobiliária e os terrenos de Ubaldo.

Baseado nessa informação. Diante da oferta de Gilberto em colaborar no desfecho desse consórcio, Otávio resolveu por em prática o plano iniciado na venda dos bens. Libertar-se do Grupo e comprar terras no Norte.

*

Após a festa, certo que Otávio e Gilberto dariam grande presente ao polvo. Ubaldo pensando descansar não quis mais referir-se aos seus. Deitaria e esperaria a notícia como sempre ao amanhecer. Não contava com o telefonema no meio da madrugada tirando-o do sono tranquilo. Sara o despertou anunciando o sumiço de Paulo Sérgio e transmitindo-lhe o recado de Otávio. Muitas vezes ela precisou representar para arrancar de Ubaldo favores e ele prontamente atendia. Com a representação da festa de formatura e esses novos carinhos, mal podia acreditar no que estava acontecendo.

- Sara você me acordou só para dizer que Paulo Sérgio desapareceu e que Otávio me chama? Reclamou o tentáculo ainda por refazer-se do susto.

- Sim! Não é bom saber de seus negócios? Acho que levaram Paulo Sérgio! Isso não lhe causa surpresa?

- Você está aonde? Vou logo te encontrar! Espere no seu apartamento. Vou levar os papéis para que me passe os bens. Preciso dar um fim nessa espera, depois vou me encontrar com aqueles dois traidores. Mande fazer um serviço e eles me traíram! Sara espere, por favor, no apartamento. Vamos juntos a Foz. Tens que ir. Suplicou.

- Tenho, sim. Mas só vou te propor amanhã. Hoje preciso colocar as idéias no lugar, e com você aqui, não posso.

- Otávio continua orientando, Sara?

- Ele me salvou a vida, não foi Ubaldo? Perguntou Sara, excitada com a probabilidade de lhe propor o assunto.

- Ninguém quer seu fim amor! Sara eu sofro muito quando você diz que já não me ama.

- Eu estou sabendo que mandou me matar! Paulo Sérgio me confessou que quer meu fim sem dúvida. Amanhã vou conversar com meu Advogado e pedir proteção

- Se Paulo Sérgio lhe falou isso ele não tem mais minha amizade Sara. Acredito que Otávio já tenha colocado ele na Garganta do Diabo. Vou encontrar contigo depois vamos dar fim àqueles dois bandidos.

- Prometo que estarei em Foz, Ubaldo. Não vou encontrar contigo essa noite. Estou fora do apartamento e não pretendo retornar por enquanto.

- Eu imagino onde esteja e vou bater aí! Será melhor me esperar no apartamento. Ameaçou esperançoso que ela fosse acreditar, porém ela desligou o telefone e preferiu convidar Mônica a dormirem num hotel.

- Será que Ubaldo vai estragar o empreendimento e vai querer enfrentar a lei Sara? Perguntou Mônica apavorada querendo acionar a lei.

- Temos que fazer esse sacrifício Mônica! Senão fico sem os bens. É certo que Otávio vai me dar esse presente. Se chamar a lei eles prendem Ubaldo e seu grupo e meus bens se vão. E é certo que tenho alguma culpa. Serei cúmplice.

- Vamos nos arriscar Sara?

- Saímos e vamos a um hotel! São tantos. Ubaldo vai querer chegar a Foz o mais depressa possível.

- Tens alguma arma Ernesto Pedro?

- Tenho amor! Mostrou-lhe o celular. Só com uma ligação meus amigos saberão tomar conta desse grupo.

- Por que ainda não se decidiu amor? Apressava-se Mônica.

- Sara tem razão! Vamos dar um crédito a Otávio. Esse grupo preso irá continuar cometendo atrocidades. É melhor que resolvam suas pendengas e colocamos na cadeia os que sobrarem.

*

Então o medo se fez presente novamente, porque ao descer na garagem Sara ouviu barulho de veículo aproximar-se do prédio. Na certa seria Ubaldo. Então ela devia avisar o porteiro. Ele tomaria as providências.

Divisou a rua e no estacionamento conseguiu reconhecer o veículo de Eduin. Não teve mais dúvidas de que Ubaldo estava mesmo ligado a esse homem.

- Tudo pode nos acontecer Mônica! Vejo Eduin a nosso encalço. Será melhor chamar o porteiro. Não temos mais tempo de sair daqui do prédio. Estamos nas mãos de Ubaldo. Apavorou-se Sara.

- Ernesto Pedro! Apura chame seus amigos. Sugeriu Mônica.

- Calma! Eles não sabem que estamos aqui. Na certa o porteiro vai lhes dizer que estamos na praia. Afinal o carro de Sara eu retirei aqui da garagem. Enquanto vocês dormiam tomei minhas providências. Levei-o a outro estacionamento. Estamos tranquilos.

- Meu amor! Como te agradecer? Otávio sabia que contigo nós estaríamos salvas. Observou Sara ainda em dúvidas sobre a desistência de Eduin.

- Com certeza veio apenas para averiguar nossa presença. Não é aqui que o grupo gosta de agir. Vamos nos encontrar na certa na Garganta do Diabo. É pra lá que Otávio quer direcioná-los.

- Você tem coragem de comparecer, Meu amor?
Perguntou completamente fria Mônica.

- Foi lá que mataram meu pai. Lá quero me vingar.

Sara olhava pela frincha da janela e não acreditava que Eduin acompanhava Ubaldo com afinco. Viu quando os dois reportaram-se ao porteiro, deram uma olhada no estacionamento, balançaram a cabeça e retornaram ao veículo.

Segundos depois o telefone voltou a chamar. Sara olhou no visor e compreendeu que Ubaldo não havia desistido de procurá-la.

- Oi Ubaldo! Perdeu o sono?

- Amanhã estarei na Garganta do Diabo para ver a queda de seu amor. Amor que você mandou matar e se escondeu. Vou acabar com seus comparsas que você não sabe a troco de que conseguiu comprá-los. Depois a bulha será só nossa. Ou eu ou você Sara. Eu te odeio de morte.

- Graças a Deus Ubaldo! Jamais gostaria de ser amiga de homem tão cínico. Saiba que estou cuspiendo, nojento.

- Pois então pense. Você acha que está segura?

- Tanto quanto a ti! Tenho a lei do meu lado! Tens um grupo frágil como Paulo sempre me alertava.

- Então veremos. Desligou.

Quem ouvisse o diálogo, poderia perceber que Sara representava. Ela tremia com as palavras. O próprio Ubaldo se esforçava a descobrir o esconderijo. Louco a por fim às buscas, antes que fosse a Foz.

Ao desligar, logo Rosana ligou desesperada.

- Sara corro perigo. Eduin quer saber onde estou e se você está comigo! Parece que está a pane. Diz que Otávio o está ameaçando. Tenho medo de te falar tudo o que sei sobre ele e Ubaldo. Estou nas mãos do grupo.

- Calma Rosana! Já sei tudo a respeito de Eduin! Gilberto me passou as coordenadas. Você bem que pode se livrar desse homem. Vão a Foz, amanhã a cúpula terá uma reunião extraordinária estou sabendo. Otávio me garantiu com detalhes porque ouviu as conversas. Será o grande dia, eu e Ernesto Pedro vamos levar provas para nos garantir o grande trunfo.

- Eduin está me procurando, ele pensa que você e Mônica estão comigo! Acabo de receber a ligação.

- Pegue um taxi e vá a um hotel. Dá tempo, eles acabaram de sair aqui do prédio. Não atenda o celular, desligue-o.

- Está bem! Eu conheço um amigo. Amanhã te ligo.

Todavia quando Rosana dirigiu-se ao portão de casa notou que Eduin estava aguardando. Não houve tempo de se esquivar.

- Rosana! Quer me acompanhar sem alarde, por favor! Disse Eduin. Com a costumeira calma, mas deixando Rosana apreensiva.

- Nós já conversamos o bastante Eduin! Quer fazer favor de me deixar em paz?

- Vamos a Foz, Rosana! Amanhã haverá uma reunião sobre nossa empresa, todos devem estar presentes. Principalmente você. Pegue suas coisas e apresse-se que nosso vôo está prestes a sair.

- Não vou mesmo! Tentou volver-se apressada.

- Vai sim Rosana! Respondeu Eduin, apontando-lhe uma arma.

- É seqüestro! Ofendeu-se Rosana.

- Trata-se de um acordo. Venha que depois vai compreender. Dê-me o telefone e não faça mais perguntas, estou ficando irritado.

Rosana sentiu que não podia reagir. Entrou acompanhada por Eduin, colocou alguns pertences na mala e seguiu as orientações de seu oponente.

Capítulo Quarenta e Oito

Gilberto desconhece por completo o verdadeiro sentido de justiça. Não distingue amor de ódio, paz de guerra. Com uma boa lábia e garantia de lucros ele poderia executar aquilo que é do interesse de Sara, garantindo a continuidade do polvo de fogo.

- Gilberto, é um prazer contar contigo! Disse Sara resoluta. Após uma noite sem dormir pensando nos próximos passos, resolveu telefonar e propor um acordo.

- O prazer é sempre meu, Sara. A senhora pode falar que estou escutando.

- Gilberto, você gosta muito de Ubaldo, eu sei. Mas gostaria de dizer que o grande chefe de vocês, não será mais Ubaldo.

- O que a senhora quer dizer?

- Quero dizer, Gilberto, que você não precisa se preocupar, eu estou sendo o mais simples possível, pra você entender. Se essa organização continuar nas mãos de Ubaldo, nós todos vamos perder a vida, ou parar na cadeia. Acontece que eu ouvi você e Otávio comentarem sobre quem é o verdadeiro chefe dos chefes, aquele que manda em Ubaldo e a nós!

- Como a senhora sabe?

- Eu gostaria que você promettesse, que tudo o que ouvir de mim, não vai contar a ninguém!

- Pode falar! Prometeu Gilberto, beijando os dois indicadores em cruz.

- Gilberto, eu sei que Ubaldo quer me matar, assim como também sei que você foi contratado para pilotar o helicóptero na hora de me soltarem na Garganta do Diabo.

- Quem falou?

- Ubaldo contou ao grande chefe e o grande chefe me contou! Mentiu Sara.

- Isso não é verdade, eu nunca disse a ninguém!

- Então de que forma, vocês iam me jogar no Iguaçu?

- Está certo, assim como a senhora falou.

- Gilberto, você me disse que Otávio fez uma ótima viagem, quando eu perguntei lá na festa.

- Sim!

- Pois bem, não só eu, como muitos colegas da faculdade, ouvimos você e Paulo Sérgio dizerem que Otávio fez ótima viagem.

- Sim!

- Pois bem, se você e Paulo Sérgio me jogarem na Garganta do Diabo, nosso grande chefe será o primeiro a comunicar a lei.

- O que tenho com isso?

- Você e Otávio, mataram Paulo Sérgio e ainda vão assistir a queda nas Cataratas!

- Está certa! Preocupou-se.

- Veja que não quero brigar. Estamos aqui para a continuidade de nossas vidas! Eu gostaria de saber quanto queres para jogar Ubaldo e Eduin na Garganta do Diabo. Ou melhor, vou entregar a você a fazenda que Otávio queria no Pará. Sabes que tenho uma procuração em meu nome? Se eu desaparecer acaba o contrato. Mas se entrarmos num acordo, eu te dou a fazenda e ainda você vai ser meu protetor, vais ter o mesmo cargo que Paulo Sérgio, um alimento.

- A doutora é capaz disso tudo?

- Nós, Gilberto somos os únicos herdeiros de todo o empreendimento! Agora, se você persistir nessa idéia de colaborar com Ubaldo. Tens que saber que nosso chefe, o corpo do polvo, terá que ser descoberto por Otávio. Ele me prometeu que assim faria, senão será o fim de vocês dois.

- Acho que a Doutora não sabe, mas eu e Otávio estamos sabendo quem é o grande chefe! Quando Ubaldo mandou nós executar uma tarefa. Ele apresentou a Otávio o senhor Eduin dizendo que ele comandava todo grupo e nós receberíamos grande recompensa pelo serviço. Ubaldo foi meu patrão durante esses anos todos e tenho meu capital graças a ele.

- Eu sei Gilberto, é uma traição, não resta dúvida! Acontece que você já traiu Paulo Sérgio, traiu muita gente inocente e eu gostaria que cometesse mais duas traições: Eduin e Ubaldo. Depois, se eu não cumprir o acordo, então a questão fica a teu critério! Disse Sara.

- Sara! Exclamou Gilberto. Pensativo.

- Então? Sorriu Sara, excitada.

- Eu sou um bandido, mulher! Advertiu Gilberto.

- Sei más todo bandido pode ter um sonho!

- Sabe, Sara, que quando Ubaldo me convidou para essa tarefa não senti prazer. A senhora é muito inteligente e muito bela. Não me senti bem, mas foi o que meu patrão pediu!

- Pois é Gilberto! Será que Otávio é mesmo capaz de cumprir esse acordo entre vocês? Ele te deu garantias que essa resolução pode dar certo? Nada está sendo precipitado? Eu adoraria que essa tarefa desse certo!

- A senhora fala como uma bandida!

- Não, Gilberto. Depois disso, nosso empreendimento nunca mais precisará cometer crimes. Temos capital bastante para montar uma grande empresa. Com o fim de Ubaldo acabam as atividades clandestinas. Nós não estamos envolvidos em nenhum negócio.

- Quer dizer que se eu colaborar com a senhora estou livre e posso cuidar do gado de Otávio, tranquilo?

- Isso mesmo!

- A senhora pode contar comigo! Só que não quero trair Otávio! Ele salvou nossas vidas! Fale com Otávio. Se ele concordar me comprometo a jogar Eduin e Ubaldo na Garganta do Diabo.

- Muito bem, alimento, é assim que a partir de hoje serás chamado! Sorriu, Sara.

As palavras de Gilberto deixaram Sara pensativa. “Por que pedir a Otávio que execute Ubaldo se Gilberto pode ser sigiloso e fazer os dois trabalhos?”

Sara devia pensar melhor quando fosse falar com Otávio. Devia sondar o assunto. Se o homem não concordasse, ela possuía a alternativa. Gilberto havia dado a palavra. Ela precisava dessa certeza para enfrentar os momentos de angústia.

Sara precisava encontrar-se com Otávio. Não se sentia segura longe de sua proteção. Decidiu ir com Ernesto Pedro a Foz.

Baseada nessas acertadas idéias é que Sara não dispensou Otávio. Queria a presença dele por perto. A partir daquela hora, Otávio seria o guarda particular de Sara. Ainda restava a última tentativa: o amor se transformaria em graça, e Sara poderia receber os benefícios de Otávio. Ela sabe que um homem apaixonado faz o possível para agradar a mulher, em busca da conquista

Capítulo Quarenta e Nove

O derradeiro ato de amor é caprichoso, terno, forte e sedutor.

Para Sara restava a lembrança da noite que havia comunicado a Paulo Sérgio a conclusão do curso. Fora vibrante, sem medo e carente de todo afeto. Depois, um adeus sem piedade. Amor bandido, assim Sara poderia classificar o envolvimento com esse homem.

Desde o início Sara sabia que esse romance só lhe traria transtornos. Os avisos foram em bom número e Sara foi se distanciando daquilo que parecia impossível acabar. No início houve amor, sempre acompanhado das incertezas futuras. Então surgiu Otávio, e com ele os problemas mal resolvidos. Paulo Sérgio começou a ser zeloso e exigente, tirando a liberdade de Sara.

Isso marcou o fim de qualquer ato de ternura. Então Sara sentiu que alguém pressionava Paulo Sérgio contra ela. Talvez Ubaldo, o grande chefe. Até que veio a confirmação e Gilberto revelou que havia uma ordem de Ubaldo para ser executada. Sara de posse dessas informações, agora pode entender os motivos que causavam certas discussões nos diálogos com Paulo Sérgio. Após o amor Sara induziu Paulo Sérgio a conversar:

- Paulo Sérgio tem certeza que é de mim que você gosta?

- Quantas vezes a mesma pergunta, Sara?

- É que todas as vezes que nos encontramos há assuntos que trazem dúvidas, por isso sempre pergunto!

- Você sabe, Sara que quando penso sobre nós não acredito que você me ame! Às vezes penso que você representa quando estamos juntos!

- É por isso que nós brigamos, por causa desse teu defeito. Eu sempre aqui te esperando e você pensando que meu amor não é sincero!

- Que conversa querias ter comigo? Mudou Paulo Sérgio.

- Sim, amor. Queria só tirar uma dúvida. Você acha que Ubaldo um dia vai te dar a oportunidade de assumir o cargo de tentáculo?

- Sara! Surpreendeu-se, Paulo Sérgio. Como você sabe desse nome?

- Paulo Sérgio, eu conheço toda hierarquia da organização. Mentiu. Você não quer que repita os cargos do grande polvo de fogo! Sei inclusive quem é o corpo do grande polvo, coisa que Ubaldo nunca vai te revelar!

- Meu tio confia mais em você? Enervou-se.

- Seu tio, Paulo Sérgio, não te ama. Ele manda você executar as tarefas e te promete que isso vai te promover. Mas o que ele quer é se perpetuar no poder, querendo o cargo superior. Só que ele quer preparar uma outra pessoa para tentáculo. Você não serve, ele não confia em você.

- Sara de quem você obteve essas informações?

- Eu sinto Paulo Sérgio, que você foi designado por Ubaldo, para me jogar no Iguazu, assim como é do costume. Mas o grande chefe, o chefe do polvo, o grande corpo me orientou, prevenindo-me da possível tragédia. Sei Paulo Sérgio, que você aceitou a incumbência, pensando que Ubaldo iria reconhecer a tua boa ação, dando-lhe o mérito do cargo. Mas você já

raciocinou de que forma Ubaldo poderia desocupar o posto? Não, Paulo Sérgio, a mesma pessoa que iria auxiliá-lo em meu fim está determinada a providenciar o teu trágico desaparecimento! Não é assim que se encaixam as coisas?

- Sara! Não sei o que dizer. Meu tio é capaz de tudo, mas não me passou essa incumbência! Que interessante, Sara! Sorriu Paulo Sérgio, olhando-a sarcástico. Alguém conseguiu fazer você pensar que eu seria capaz de tal ato. Segundo a proposta você desapareceria e a organização aceitaria meu nome! Brincou, ridicularizando a idéia.

- Bem, Paulo Sérgio, eu tentei ajudar, você não quis. Agora se algo acontecer comigo, saiba você que eu não sou a única pessoa que conhece todo o emaranhado do grupo! Será o fim de toda a organização. Você tem a escolha que eu estou te propondo. Faço isso porque é o meu homem! A escolha é tua! Lavo as mãos!

- Eu sabia que alguém poderia abrir aquela matraca. Pensei que fosse mesmo história da tal mulher. Deveria prever que aquele bandido iria atrapalhar meus planos.

- Paulo Sérgio, teus planos não foram atrapalhados por conhecido recente. Eu namorei Marcos André. Teu tio tem domínio sobre os teus atos. A intenção dele é acabar com nosso amor, acabar com teus sonhos, e sempre contar com tua colaboração. Só que os colaboradores estão cansados desses crimes e querem dar um basta nessa onda de violência praticada por vocês!

- Você me escondeu esse tempo todo Sara? Marcos André deve ter orientado sobre toda nossa organização! Por isso você joga como quer com Ubaldo! Eu confesso que amo meu tio. Assim, você sabe o quanto é difícil agir contra ele. Não consigo acreditar que o homem que me deu tudo, agora deva ser traído. Mesmo que o grande chefe ache que eu deva assumir o cargo de tentáculo, ele que me dê outra tarefa a cumprir, estou fora.

- Está bem, Paulo Sérgio, assim eu posso ficar mais tranqüila. Você deixa o grande corpo decidir o que fazer. Enquanto isso nós continuamos vivendo. Posso contar com a tua palavra que não queres mais meu fim?

- Pode, Sara. Eu aguardo uma definição. Concluiu Paulo Sérgio.

Paulo Sérgio é incapaz de agir contra o tio, mas também não encontra forças para dar um fim em Sara.

Agora pensativa, vê que a oportunidade se aproxima. Deve agir como uma verdadeira líder. Com pouca conversa fez Paulo Sérgio desistir de levar a cabo um projeto elaborado por Ubaldo. O que poderia Paulo Sérgio pensar, diante de todas as evidências expostas por Sara? Sara não tinha dúvidas e seu objetivo era o cargo de tentáculo. Queria surpreender as colegas, quando chegasse com a chave daquele luxuoso prédio e informar aos subordinados que na falta de Ubaldo ela assumiria o comando do empreendimento no Brasil. Via-se frente à Dejara,

feliz e comunicativa, falando sobre os acontecimentos e marcando os passos do grande Polvo. É um desejo que não passa de grande sonho e que agora está prestes a acontecer. Viu Sara que Paulo Sérgio recebeu aquela informação como um jato d'água fria. Não esboçando qualquer reação, encostou-se nas cordas da arena, esperando que o gladiador lhe desse o golpe de misericórdia. Um alimento jamais será tentáculo.

Capítulo Cinquenta

Alcançar um sonho requer dedicação e fé. Derrota é o termo que não deve habitar no pensamento daquele que almeja um posto que lhe dê a plenitude do gozo da conquista.

Imagina-se o regozijo da Garganta do Diabo na hora de receber o corpo do seu mais desejado troféu. Como não havia de ser belo o instante que Ubaldo descesse aquela cachoeira revolta, hábil em devorar as vítimas do grande polvo. Gilberto e Otávio serão os únicos membros do grupo a apreciar aquela queda. Como Paulo Sérgio, também desceu, ele foi autor dos mais hediondos cálculos, das mais frias execuções cujas vítimas inocentes suplicavam por justiça.

Não foi por prazer, muito menos por vingança que o romance com Paulo Sérgio teve desfecho. Sara sabia que Paulo Sérgio devia, há muito, ter largado o tio e procurado um meio de vida honesta, livre desses embustes que levam a um fim trágico. Porém Paulo Sérgio amava o tio e a ele dedicava todos os méritos de seu progresso. Desde o início Sara discordava dos métodos do tentáculo, Paulo Sérgio não a quis ouvir, preferindo dar continuidade ao amor doentio do garboso tio. Assim, como Paulo Sérgio jamais previu, seu próprio auxiliar encarregou-se de exterminá-lo.

Sara, Ernesto Pedro e Mônica chegaram novamente a Foz do Iguaçu. Que surpresa não sentiria Ubaldo ao saber que sem sua comunicação eles haviam chegado.

Foi apenas o impulso de Sara. Ela não sabia que Rosana estava sob o poder de Eduin, e que Ubaldo quer usar esse trunfo para persuadir Sara assinar a desistência dos bens em seu poder.

Ernesto Pedro trouxe os relatórios de suas investigações, e a pedido de Sara, aguardava o desfecho dessa reunião, para depois entregá-los à lei.

Tão logo desembarcou no aeroporto, Sara ligou a Otávio que a estava esperando cheio de novidades.

- Que prazer! Regozijou-se Otávio. Hoje vamos surpreender Foz! Sorriu. Que bom contar com suas visitas. Saudou-os.

- O prazer é nosso! Beijou-lhe Sara. Viemos a essa tão sonhada reunião. Espero que nosso plano dê certo.

Nisso o telefone soou. Sara viu o nome de Ubaldo surgir no visor.

- Alô!

- Sara tenho uma notícia nova para essa manhã! Jogou Ubaldo.

- Não estava querendo me incomodar tão cedo Ubaldo! Mas já que insiste a estragar meu humor! Diga?

- Não sentiu falta de Rosana?

- Ela não me ligou! Desinteressou-se naquele instante, mas ocorreu-lhe da preocupação da noite anterior. O quê aconteceu com ela?

- Ela está aqui! Eduin a trouxe para nossa reunião! Está ansiosa por novidades! Sorriu antes de desligar.

- Eles a seqüestraram Otávio! Como vamos salvá-la.

- Ficou um pouco mais complicado. Mas isso não vai mudar nosso plano. Vou mandar Gilberto espreitar esses dois. Nós não vamos precisar de reuniões. Marque um local para encontrarem-se. Vou surpreender Ubaldo e vocês aceitem as propostas de Eduin. Ubaldo não vai aparecer com Rosana e Eduin. Ele a tem escondida. Conheço o caminho que usa quando quer negociar. Muita calma e aguarde a colocação de Gilberto. Dê um tempo no hotel. Depois de meu aviso, entre em contato com Ubaldo, em seguida marque outro encontro com Eduin. Neste caso já sabem que Ubaldo estará sob meus cuidados.

- Você tem certeza! Adiantou-se preocupado Ernesto Pedro. Não quer que chame a lei?

- Só se meu plano falhar! Mas garanto que vai dar certo. É o presente que prometi a Sara. Sorriu convencido com suas investigações.

Epílogo

Tudo que é construído com obsessão, as riquezas materiais e os confortos sociais, não passam de valores negativos, se utilizarmos de meios ofensivos aos nossos semelhantes para consegui-los.

O auge, a glória e o capital, tudo não passa de ilusão ao tentáculo, que com seu modo subversivo de somar bens, perde aquilo que lhe é mais precioso: o amor. As três companheiras que haviam convivido com ele jamais lhe entregaram o amor terno, divino e feliz. Por isso as separações foram inevitáveis. Viviam prevendo um final infeliz a este homem, que não havia percebido que o verdadeiro encontro dos seres culmina no amor.

Então, Ubaldo cercou-se de todo o conforto e comandou seus subalternos para conseguir ditar os caminhos daquilo que considerava o eterno viver.

Todavia há os percalços. Quando menos se espera, a sorte foge entre nossos dedos e aquilo que jamais é lembrado nos vem de supetão, acabando com todos os encantos que nos cercam.

Ubaldo como de costume, compareceu ao escritório e orientou Dejara sobre os pormenores da reunião. Descuidou-se

dos percalços a seu redor. Não contava que ao deixar a sala com Dejera havia alguém o esperando em seu impenetrável gabinete.

- Otávio! Quem te deu ordem de adentrar sem me comunicar? Esbravejou incrédulo.

- Eu sei de todos os seus movimentos Ubaldo! Diz que é muito astuto nos seus negócios, mas chego à conclusão que sem mim, não és nada. Venha, acompanhe! Ordenou. Mostrando-lhe a adaga.

- Otávio! Eu sou o seu Patrão. Tentou persuadir amedrontado.

- Venha! Não quero sujar esta sala nem causar transtornos. Chegou a sua vez Ubaldo! E veja que estou na sua cara.

Porém Ubaldo não se entregou. Jogou-se violentamente na direção de seu oponente, tentando arrancar-lhe a faca.

Otávio recuou-se como de costume, com presteza e antes que Ubaldo lhe alcança a mão desferiu-lhe um golpe certeiro no estômago. Contrariando tudo o que Otávio desejou. Não podia mais jogar Ubaldo nas Cataratas. Em meio àquela desolação surgiu uma idéia. Correu até a porta onde se encontrava Dejera e pela frincha da porta notou que ela não ouviu o diálogo. Retornou ao veículo e o estacionou diante da porta do prédio. Arrastou Ubaldo pelas escadarias e o arremessou no bagageiro sem importar-se com os vestígios. O que lhe importava era o desfecho final.

Bastou apenas Dejera perceber a chamada de Eduin, no telefone de Ubaldo e notar a lista de sangue descendo desde a sala de Ubaldo e por todo corredor até a frente do prédio. Não conseguia descrever o alvoroço deixado por todos os cantos daquela sala. Quem era Eduin? Perguntou-se. O quê está acontecendo! Ubaldo! Paulo Sérgio! Onde foram que não respondem? Preocupou-se.

Nisso chegou Gilberto.

- Olha esta sala Gilberto! Desesperou-se Dejera.

- Dejera! Deixe tudo como está. Vá para sua casa e não deixe ninguém perceber que veio trabalhar hoje. Não comente nada até as coisas serenarem. Ubaldo está morto e Paulo Sergio também. Vamos sair e deixar as coisas acontecerem. Eu não vi você aqui e vice-versa.

Otávio planejou outra forma de eliminar Ubaldo. Não queria que fosse ao escritório, mas Rosana estava a perigo e Otávio precisava certificar-se que o tentáculo estava naquele lugar. Sabia que Ubaldo ficaria perturbado, vindo ao seu encontro preparado para qualquer desforra

O Último pensamento de Ubaldo, agora que não possui mais colaborador: atrair Sara a Foz e ele próprio jogá-la na Garganta do Diabo. Ubaldo regozijou-se com a certeza de receber a notícia da vinda de Sara. Nos últimos dias poucos acontecimentos haviam ocorrido para que Ubaldo prestasse atenção. Talvez a falta repentina de notícias de Otávio, o sumiço

de Paulo Sérgio. Mas o sonho de ver Sara descendo as águas das Cataratas mudavam todo o curso do seu pensamento.

- Por que, Sara. Simples e singela como pareceu no início, havia se transformado naquele monstro forte e destruidor? Quem dava informações a essa mulher?

Ubaldo mesmo a princípio forneceu meios para facilitar a ascensão de Sara. Parecia-lhe uma mulher frágil, mimosa, carente de afeto e muito ingênua. Porém o contraste se deu logo no primeiro impasse, quando da venda dos bens de Otávio. Sara saiu-se como uma verdadeira mulher dos negócios. Então Ubaldo não podia mais aceitar em facilitar as coisas, senão Sara poderia conhecer as tramas da organização e em breve assumir o comando.

Pensando assim, Ubaldo determinou a Paulo Sérgio que sacrificasse a mulher. Seria um bem a todos. Paulo Sérgio, um rapaz muito benquisto entre as mulheres, na falta de Sara, poderia encontrar centenas de mulheres para lhe fazer afagos. Mas Paulo Sérgio se portou como um homem medíocre, um serviçal, um administrador que perdeu a voz de comando. Sara era o objeto de todos os desejos deste homem e isso foi deixando Ubaldo nervoso.

Para provar que Sara poderia estar certa de que a amizade não foi abalada, Ubaldo compareceu à festa de formatura. Naquele dia até que Paulo Sérgio se portou como um grande cavalheiro, merecendo a confiança. Desde que cumprisse a determinação de Ubaldo, tudo bem. Naquela ocasião Ubaldo notou que Mônica e Ernesto Pedro formavam um casal que com o tempo poderia trabalhar auxiliando o grande polvo, e Rosana seria, apesar de todo seu envolvimento com os movimentos de reabertura da Estrada do Colono, uma dama à altura, para as representações de Eduin.

Todos os caminhos para a glória de Ubaldo estavam dentro dos conformes, até a derrocada de Otávio e Gilberto. Quando o tentáculo convidou os dois a dar fim a Sara, Houve o início de sua desgraça. Percebeu a armadilha no telefonema de Sara. Ainda tentou amenizar, mas Sara não aceitou. Então Eduin sugeriu usar Rosana como o último trunfo a salvar o comando da organização.

Eduin está prestes a ter um ataque. Ubaldo não atende ao telefone, nem liga para dizer o horário do encontro com Sara. O que fazer com Rosana? Ela na certa vai entregar o grupo. Oito horas se passam sem que alguém lhe dê algo a comer e beber. Escondida num apartamento incomunicável num dos prédios de Ubaldo.

Sara sofre sem notícias, aguardando a chamada de Otávio. Nessa hora até mesmo um chamado de Ubaldo poderia colocar fim a agonia da espera.

Gilberto foi o primeiro a se manifestar.

- Dona Sara! Estive no escritório e acho que Otávio já fez o serviço.

- Você encontrou com Rosana? Perguntou aflita, sabendo que ela seria culpada por qualquer desgraça da colega.

Nada! Perguntei a Debara e ela desconhece completamente o esconderijo. Mas fique tranqüila por enquanto que estou procurando o gringo. Ele não vai andar muito se aparecer na rua. Vou agarrar seu pescoço e fazer dizer onde Rosana está. Garanto que mal eles não vão fazer até conversarem contigo.

Eduin resolveu acabar com a espera. Disfarçado sai de seu esconderijo e busca Rosana. A ele Ubaldo resolveu entregar-se e deixar que tudo recaia sobre os ombros de quem detém a guarda de Rosana. Ligou ao aeroporto e reservou uma passagem à França. Deixaria as águas turbas serenar, depois resolveria o destino da organização. Rosana deve ser sacrificada. Decidiu.

A temperatura está baixa, auxiliando na vestimenta. Um ponche gauchesco serve para essas horas. Somente o bastante à saída do prédio até o veículo e dele ao aeroporto.

Pôs-se a descer as escadarias sem perceber os olhos de Gilberto que o aguardavam. Armou-se a dar fim a Rosana. Já que tudo parecia não haver solução. Não recorreu ao amor dispensado por Rosana. Ela devia ter dito a Sara tudo que havia ocorrido na noite de formatura. Rosana o traiu. Sara deve estar sabendo que ele é o corpo de comando.

Resoluto atravessa o quarteirão que o separa do apartamento onde se encontra Rosana. Para, olha o movimento. Há poucas pessoas neste instante a circular pelas intermediações. Tudo a mercê de um final desejável. Anda sem perceber, nem imaginar que alguém o está seguindo às escondidas. Apressa-se ao adentrar no novo prédio, ainda por ser ocupado. Apenas o apartamento onde está Rosana é mobiliado, mas ninguém o habita.

Eduin abre a porta, chama Rosana, aponta a arma.

Gilberto encosta-lhe o revolver na cabeça e ordena que solte a arma. Enquanto Rosana atira-se ao assoalho, procurando abrigo.

- Quem você pensa que é Gilberto? Volveu-se com golpe marcial, desvencilhando-se momentaneamente da arma de Gilberto. Contorcendo o braço esquerdo de seu agressor.

Gilberto, porém aproveitando-se do embrulho que as vestimentas faziam nas manobras de Eduin. Chutou-lhe as pernas e empurrando o outro braço nas costas, volveu-lhe de forma a despencar no assoalho. Eduin deixou cair a arma que portava nos pés de Rosana, que a agarrou friamente sem o saber manusear. Eduin perdeu o controle da mão de Gilberto. Levando uma forte coronhada na cabeça, com isso os sentidos. O bastante a que o silêncio reinasse. Gilberto como havia prometido a Sara, cumpriu seu trabalho. Libertou Rosana, que desmaiou tão logo Eduin caiu sobre seu corpo. Contudo Gilberto conduziu Eduin a fazer companhia a Ubaldo, na Garganta do Diabo.

O primeiro a discar foi Otávio.

- Sara! Estou indo ao seu encontro. Ubaldo está descendo a Garganta do Diabo.

- Está bem Otávio. Venha me proteger! Estou com medo de perder Rosana.

- Vamos procurá-la.

Gilberto teve o capricho de ligar a Sara, comunicando o ocorrido. Logo ao atirar o corpo de Eduin na ponte de Capitão Leônidas Marques.

- Sara?

- Sim!

- Está tudo como você esperava. Eduin está a caminho das Cataratas. Esse deu muito trabalho.

- Não acredito Gilberto! E Rosana! Como vamos encontrá-la?

- Eduin queria eliminá-la, mas cheguei a tempo. Temos que levá-la ao hospital. Está em estado de choque. Eduin chegou a agredir. Está mal.

- Diga onde ela está que Ernesto Pedro e Mônica vão levá-la ao Pronto Socorro.

- A senhora está convidada ao espetáculo das águas.

- Sim, agora estou indo para as despedidas, quero que as águas do Iguaçu lhes sejam bem leves e que as rochas da Garganta do Diabo os iluminem.

Houve até uma chuva torrencial para as águas das Cataratas aumentarem. Com isso a Garganta do Diabo ficou mais alegre e volumosa. O estrondo fez-se mais forte e as rochas encobriam-se traiçoeiras. Pareceu-se ouvir um regozijo de vozes, enquanto Ubaldo apenas deslizou e perdeu-se no leito informe...